



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de São José do Rio Preto

Juliane Camila Chatagnier

**Feminilidades e masculinidades: ressignificação e criação de novas  
identidades em romances contemporâneos**

São José do Rio Preto  
2018

Juliane Camila Chatagnier

**Feminilidades e masculinidades: ressignificação e criação de novas  
identidades em romances contemporâneos**

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Teoria da Literatura, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cláudia Maria Ceneviva Nigro

Apoio: CAPES

São José do Rio Preto  
2018

Chatagnier, Juliane Camila.

Feminilidades e masculinidades : ressignificação e criação de novas identidades em romances contemporâneos / Juliane Camila Chatagnier. -- São José do Rio Preto, 2018  
197 f.

Orientador: Cláudia Maria Ceneviva Nigro

Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Literatura - História e crítica - Teoria, etc. 2. Literatura - Séc. XX-XXI - História e crítica. 3. Identidade de gênero na literatura. 4. Feminilidade. 5. Masculinidade. I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. II. Título.

CDU – 8.015

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE  
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

**Feminilidades e masculinidades: ressignificação e criação de novas  
identidades em romances contemporâneos**

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Teoria da Literatura, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto.

**Comissão Examinadora**

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cláudia Maria Ceneviva Nigro  
UNESP – São José do Rio Preto  
Orientadora

Prof. Dr. Anselmo Peres Alós  
UFSM – Santa Maria

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Cleide Antonia Rapucci  
UNESP – Assis

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Flávia Andrea Rodrigues Benfatti  
UFU – Uberlândia

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Giséle Manganelli Fernandes  
UNESP – São José do Rio Preto

São José do Rio Preto  
16 de fevereiro de 2018.

*Dedico este trabalho a minha amada  
família - Edna, Waldir, Joaquim,  
Cristiane, Junior e Emanuelle - por ser  
calmaria em meio às tempestades.*

## AGRADECIMENTOS

*“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.  
Deixam um pouco de si e levam um pouco de nós!”  
(Antoine de Saint-Exupéry)*

Quatro anos se passaram! Hoje, uma trajetória repleta de sonhos, desafios, medos e aprendizados se finda, deixando, no lugar, uma bagagem de conhecimento imensurável. Ao encerrar este belo capítulo, arrisco-me, de forma singela, a expressar minha eterna gratidão a tod@s que contribuíram para o meu crescimento. Durante esse tempo, inúmeras pessoas fizeram-se presentes e, direta ou indiretamente, importantes para a concretização deste trabalho. Em meio a tantas vozes de incentivo, o espaço torna-se pequeno para nomear cada um. Assim sendo, elenco apenas quem, dia a dia, caminhou ao meu lado, dando-me força e suporte.

*A Deus e a Nossa Senhora Aparecida*, por terem me agraciado com o dom da vida e me abençoado a cada dia para que seguisse em frente, guiando sempre meus passos rumo à evolução.

À *professora doutora Cláudia Maria Ceneviva Nigro*, pela honra de ter compartilhado comigo numerosos momentos, desde a Iniciação Científica até o Doutorado. Obrigada por ter sido a principal responsável por minha formação, não só acadêmica, mas também pessoal. A você, Cláudia, minha eterna admiração, pelo exemplo de ser humano que és!

À *banca do exame de qualificação*, formada pelas professoras doutoras *Flávia Andrea Rodrigues Benfatti* e *Giséle Manganelli Fernandes*, pela leitura minuciosa e atenta ao meu trabalho, e à *banca examinadora da defesa*, composta pelos professores doutores *Anselmo Peres Alós*, *Cleide Antonia Rapucci*, *Flávia Andrea Rodrigues Benfatti* e *Giséle Manganelli Fernandes*, pelas valiosas contribuições para o aprimoramento de minha pesquisa.

*Aos professores do Programa de Pós Graduação em Letras da Unesp/Ibilce*, pela forma cortês com que sempre me trataram e por todo o ensinamento transmitido.

*Aos funcionários da Seção de Pós Graduação, da Biblioteca e demais servidores do Instituto*, pela colaboração e disponibilidade constantes.

À *CAPES*, pela confiança e fomento nesta pesquisa.

*Aos meus pais, Edna e Waldir*, por serem sempre presentes, mesmo quando tudo parecia não ter solução. Agradeço pelo apoio incondicional, pela paixão que sempre nutriram pela Educação (em especial, a minha). Vocês são minha fonte de inspiração diária. Obrigada por toda renúncia em favor de meu crescimento!

*Aos meus avós Eduardo e Jandira (presentes na memória e no coração)*, por, mesmo em outro plano, participarem de minhas vitórias e me enviarem energias positivas quando algo parecia estar errado.

*Ao meu esposo, Joaquim*, por cada palavra de incentivo, por cada crítica construtiva, por cada silêncio consolador. Gratidão eterna a todos os planos que vem construindo ao meu lado, pela confiança a mim dedicada e pela paciência infundável durante meus momentos de fraqueza.

*A minha irmã, Cristiane, e ao meu cunhado, Junior*, por dividirem comigo segundos preciosos, compreendendo minhas ausências e comemorando minhas conquistas.

*A minha afilhada Manu*, pelo brilho que traz a minha vida, ensinando-me a ser uma pessoa melhor dia a dia. Pequena grande menina, agradeço por cada sorriso e cada carinho que fizeram meus dias mais doces.

*Ao meu tio Edis*, por desde o início da graduação ter acreditado em meu potencial e me incentivado a seguir a carreira acadêmica, muito obrigada pela companhia de sempre.

*As minhas queridas primas Flávia Selman*, pela palavra certa para meus questionamentos, pelas transmissões de pensamento e pelos "puxões de orelha" nos momentos apropriados e *Marcela Brancalião*, pelos sábios conselhos e direcionamentos.

*Aos colegas de caminhada*, em especial, à *Ana Caroline de Lima Parreira*, à *Daiane Rassano* e à *Maraíza Ruiz de Castro*, por compartilharem comigo o amor pelas *Letras* e a paixão pelo café, tornando os dias desta caminhada mais leves. Agradeço também à *Manoela Navas*, ao *Davi Silistino de Souza*, ao *Lucas Marques*, ao *Fernando de Moraes*, ao *Guilherme Louzada*, à *Monelise Vilela*, à *Suelen Najara* e à *Michelle Rubiane da Rocha Laranja*, pelos momentos de descontração, pela companhia e pelas trocas literárias durante os congressos que presenciamos/organizamos junt@s.

*Aos meus alunos*, pelas palavras de incentivo e pela oportunidade que me deram de crescer como ser humano, buscando sempre o melhor.

Às demais pessoas que contribuíram para a elaboração desta tese ou que apenas passaram por minha vida durante este período, acrescentando algo positivo ou, simplesmente, ensinando-me a ser mais forte... MUITO OBRIGADA!

*“Tornar-se humano’ não é tarefa simples,  
e nem sempre é claro quando  
nos tomamos humanos  
ou se conseguimos.  
Ser humano parece ser o mesmo que estar  
em um uma situação impossível de  
ser resolvida”.*  
*(J. Butler, 2015b)*

## RESUMO

A contemporaneidade tem colaborado com as mudanças na forma como as questões de gênero e sexualidade são vistas na sociedade. Padrões tradicionais vêm sendo quebrados e algumas formas de preconceito não se encaixam mais na comunidade. Hoje, muitos homens e mulheres não têm mais uma identidade única e fixa, e não configuram um par dual, e essa fragmentação das identidades de gênero possibilita a criação de outras nomenclaturas. Com base nesse contexto de mudanças, as personagens de nosso corpus formam-se mulheres, homens, *gays*, lésbicas, e a construção do gênero é vista, então, como estratégia narrativa, na qual as escritoras procuram mostrar que há possibilidades para formação de gênero distinta dos padrões impostos pela matriz heteronormativa. Assim, realizamos uma análise de como essas configurações de gênero, masculinos ou femininos, são representadas na literatura, partindo da premissa de que as identidades de gênero sofrem rupturas com os modelos tradicionais e estão deslocadas, devido às diversas orientações sexuais presentes na contemporaneidade. Como corpus deste trabalho, escolhemos cinco obras, de escritoras norte-americanas, brasileiras e inglesas, a partir da década de 1970, a saber: *Rubyfruit Jungle* (1973), de Rita Mae Brown; *The Front Runner* (1974), de Patricia Nell Warren; *Hotel Dulac* (1984), de Anita Brookner; *Duas iguais* (1996), de Cíntia Moscovich e *Sapato de salto* (2006), de Lygia Bojunga. A configuração da identidade de gênero das personagens é analisada sob a luz da teoria da performatividade, de Judith Butler (1993; 2003; 2004; 2015), segundo a qual o gênero é constituído por meio da repetição de atos estilizados que se tornam inerentes ao indivíduo. Butler, juntamente à Rubin (1975), Wittig (1982; 1993) e Connell (2000), embasa, também, as questões relativas à construção da masculinidade e/ou feminilidade e Laclau (1990; 2004), Ortiz (1998; 2006) e Santos (1993; 2001), dentre outros, fundamentam o estudo a respeito das modificações ocorridas na sociedade, bem como essas interferem na construção da identidade de gênero.

**Palavras-chave:** Contemporaneidade. Questões de gênero. Performatividade. Feminilidades. Masculinidades.

## ABSTRACT

*Contemporaneity has contributed to changes in the way gender and sexuality issues are seen in society. Traditional patterns have been broken and some forms of prejudice do not fit into current society anymore. Today, some men and women have no longer a single, fixed identity, and no longer form a dual pair, and this fragmentation of gender identities makes it possible to create nomenclatures. Based on this context of change, the characters of our corpus are women, men, gays, lesbians, and the construction of gender is seen, therefore, as a narrative strategy, in which women writers try to show that there are possibilities for gender formation which differs from the patterns imposed by the heteronormative matrix. Thus, we perform an analysis of how these configurations of gender, male or female, are represented in literature, starting from a premise that gender identities suffer ruptures from traditional models and are displaced, due to diverse sexual orientations present in contemporary times. As a corpus of this work, we chose five works by American, Brazilian and English writers, beginning in the 1970s: *Rubyfruit Jungle* (1973) by Rita Mae Brown; *The Front Runner* (1974), by Patricia Nell Warren; *Hotel Dulac* (1984), by Anita Brookner; *Duas iguais* (1996), by Cíntia Moscovich and *Sapato de salto* (2006), by Lygia Bojunga. The configuration of the characters gender identity is analyzed in the light of Judith Butler's theory of performativity (1993, 2003, 2004, 2015), according to which gender is constituted through the repetition of stylized acts that become inherent to individual. Butler, along with Rubin (1975), Wittig (1982, 1993) and Connell (2000), also addresses issues related to the construction of masculinities and/or femininities, and Laclau (1990, 2004), Ortiz (1998, 2006) and Santos (1993), among others, ground the study on the changes that occurred in society, as well as these interfere in the construction of the gender identity.*

**Keywords:** *Contemporaneity. Gender issues. Performativity. Femininities. Masculinities.*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>FEMINILIDADE X MASCULINIDADE: REPRESENTAÇÕES BINÁRIAS .....</b>	<b>23</b>
1.1. Ser mulher x ser homem – o gênero segundo a biologia.....	28
1.2. A normatização da masculinidade nos moldes patriarcais, em <i>Sapato de salto</i> ..	35
1.3. Convenções sociais: mulheres, imposições e marcas, em <i>Hotel Dulac</i> .....	45
1.4. A persistência das convenções: submissão, prostituição, loucura e morte, em <i>Sapato de salto</i> .....	67
1.5. A reiteração dos padrões: o patriarcalismo sob a ótica feminina, em <i>Rubyfruit Jungle</i> .....	88
1.6. A perpetuação do discurso de ódio em <i>The Front Runner e Rubyfruit Jungle</i> .	100
<b>FEMINILIDADES E MASCULINIDADES:REPRESENTAÇÕES OUTRAS ....</b>	<b>115</b>
2.1. Ser mulher e/ou ser homem – o gênero segundo o desejo.....	119
2.2. A desconstrução de padrões hegemônicos e a reconstrução de lugares masculinos, em <i>Sapato de salto</i> .....	127
2.3. Crise e rejeição: a homofobia em contexto familiar, em <i>Sapato de salto</i> .....	133
2.4. A quebra de estereótipos de gênero, em <i>The Front Runner</i> .....	145
2.5. Passividade e subversão, em <i>Duas iguais</i> .....	161
2.6. A subversão de padrões heteronormativos, em <i>Rubyfruit Jungle</i> .....	169
<b>ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>182</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>191</b>

## INTRODUÇÃO

Feminilidade ou masculinidade? Homem ou mulher? Macho ou fêmea? Como é possível, hoje em dia, classificar o ser humano utilizando apenas as identidades de gênero binárias obsoletas, que não representam mais o existente? Como aplicar conceitos estanques a corpos desviantes do, inicialmente, imposto como padrão? A princípio, como afirma Butler (2015a), em *Problemas de gênero*, o desejo esteve sempre ligado às práticas heterossexuais, excluindo toda e qualquer possibilidade de escolha fora do permitido:

A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e de “fêmea”. A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” – isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”. Nesse contexto, “decorrer” seria uma relação política de direito instituído pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade (BUTLER, 2015a, p. 44).

Como é possível observar, a identidade de gênero só pode ser compreendida a partir do momento cujas práticas do desejo procedem da consonância entre sexo e gênero. Nota-se, porém, que isso é resultado da imposição social de uma matriz heteronormativa seguida a todo custo. No entanto, ao falar de gênero na atualidade, é necessário levar em conta, antes de tudo, que estamos lidando com vidas que, nem sempre, querem (ou podem) permanecer presas a um manual de instruções, obrigando-as a assumir uma identidade dentro de uma hierarquia na qual homens heterossexuais são exaltados e mulheres e homossexuais “marginalizados”. Butler inova na definição de gênero e desvincula a relação sexo-gênero de forma a não considerar apenas o desejo ligado à prática heterossexual como sendo válido:

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. A genealogia política das ontologias do gênero, em sendo bem-sucedida, desconstruiria a aparência substantiva do gênero, desmembrando-a em seus atos constitutivos, e explicaria e localizaria esses atos no interior das

estruturas compulsórias criadas pelas várias forças que policiam a aparência social do gênero (BUTLER, 2015a, p. 69).

A partir da noção de *performance* proposta acima, os corpos ganham maior liberdade para se expressar, não obrigatoriamente seguindo os conceitos de macho-masculino ou fêmea-feminino. O gênero é então visto como algo social, criado a partir da repetição de atos do sujeito identificado conforme a situação, não devendo estar ligado ao determinismo biológico, pois:

quando a ‘cultura’ relevante que ‘constrói’ o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (BUTLER, 2015a, p. 29).

Sendo assim, a perspectiva adotada por Butler vê o gênero como um construto social, não biológico.

Com base no exposto acima, um dos propósitos desta tese é mostrar como vozes, há muito silenciadas pela cultura heteronormativa, ganham espaço na literatura, seja ela brasileira, norte-americana ou inglesa. Não é aceitável que ainda pensemos a literatura apenas como forma de perpetuação de um cânone ligado à história do homem, branco, heterossexual, de classe média-alta. Hoje, as histórias múltiplas e irregulares ganham mais visibilidade. É preciso verificar não apenas se os homens têm realizado feitos dignos de louvor. Mulheres, gays, lésbicas protagonizam histórias agora lidas por mais leitores, uma vez que somos humanos e merecedores de lugares de destaque.

A partir do ensaio proposto por Regina Dalcastagnè, “A personagem do romance brasileiro contemporâneo”, é possível observar a dominação masculina por muito tempo posicionando o homem como o principal herói em romances mais lidos, deixando demais grupos à “margem”:

De um modo geral, esse tipo de ausência costuma ser creditada à *invisibilidade* desses mesmos grupos na sociedade brasileira como um todo. Neste caso, os escritores estariam representando justamente essa invisibilidade ao deixar de fora dos seus livros aqueles que são deixados à margem de nossa sociedade. A pergunta que surgia então era se para fazer isso não seria preciso, muito mais do que excluir esses grupos de suas histórias, mostrar alguma tensão existente, provocada pelos que *não parecem* estar ali (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 15).

O problema da invisibilidade mencionado acima não acontece apenas na literatura brasileira, mas na literatura em geral. A falta de personagens com alguma característica considerada “marginalizada” é uma constante. Dentro desse viés de “marginalidade”, encaixam-se grupos:

A partir dessas ausências, foram-se constatadas outras, entre as personagens mesmo – das crianças, dos velhos, dos homossexuais, dos deficientes físicos e até das mulheres. Se eles estão pouco presentes no romance atual, dão ainda mais reduzidas as suas chances de terem voz ali dentro. Os lugares de fala no interior da narrativa também são monopolizados pelos homens brancos, sem deficiências, adultos, heterossexuais, urbanos de classe média... (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 15).

Pode-se dizer que, por meio da análise do corpus escolhido para este trabalho, o rumo da literatura apresenta alguma mudança. As autoras dos romances trazem para os leitores histórias antes silenciadas com o intuito de dar início a um processo de valorização das experiências “marginalizadas” e os leitores as recebem com outro olhar, mais humanizado, ou seja, houve um acréscimo de obras literárias sobre o assunto e uma mudança na postura dos leitores. Os romances analisados apresentam personagens pertencentes a classes menos apreciadas e realizam o que Dalcastagnè intitula como “reconhecimento das múltiplas expressões culturais de grupos subalternos”. Para a autora:

o reconhecimento do valor da experiência e da manifestação desta experiência e da manifestação desta experiência por trabalhadores, mulheres, negros, índios, *gays*, deficientes. A literatura é um espaço privilegiado para tal manifestação, pela legitimidade social que ela ainda retém (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 20).

Ao verificarmos, em nosso corpus, a literatura transformada em palco para a representação de expressões de gênero diversas, notamos lidar com uma quebra de perspectiva na forma de cada romance. *Rubyfruit Jungle* (1973), de Rita Mae Brown, *The Front Runner* (1974), de Patricia Nell Warren, *Hotel Dulac* (1984), de Anita Brookner, *Dois iguais* (1996), de Cíntia Moscovich e *Sapato de salto* (2006), de Lygia Bojunga não se fazem literatura por pertencerem ao cânone internacional, mas sim por serem desafios à leitura tradicional. Pode-se dizer que cada um desses textos causa estranhamento por propor uma realidade antes escondida. Muito dificilmente o leitor

sente-se indiferente ao se deparar com narrativas de estupros, discriminação, prostituição, abusos, violência, exclusões – sendo que todas essas são causadas pela imposição de padrões que devem ser seguidos a todo e qualquer momento. O fazer literário das autoras escolhidas para a presente análise sobressaem-se dos demais, pois levam aquele que lê a refletir na condição de vida dos seres abjetos e questionar se essa divisão de dominador/dominado deve realmente continuar sendo perpetuada na sociedade atual.

A leitura de cada obra permite observar uma subversão na forma do romance, na qual o homem branco heterossexual deixa de ser protagonista e dá lugar às mulheres e aos homossexuais. Essa inversão permite ao público entrar em contato com diferentes expressões de masculinidades e feminilidades também, visto que a relação corpo-feminino/mulher ou corpo-masculino/homem não é seguida a risca pelas autoras. Como será observado a seguir, todos os romances se interconectam no que diz respeito à maneira como as autoras discorrem sobre os problemas vivenciados por corpos abjetos, de modo a buscar a representatividade para grupos subalternos, ao invés de apenas “falar em nome do outro” com o intuito de impor um discurso, pois como pontua Dalcastagnè (2005, p. 16): “falar por alguém é sempre um ato político, às vezes legítimo, frequentemente autoritário”. Assim sendo, ao contrário dessa imposição de verdades, verificamos na intenção das autoras, a criação de “redes de solidariedade” – conceito caro à Butler – visando chamar a atenção para os problemas vivenciados pela "minoría", de forma que isso evite a perpetuação do preconceito e da discriminação.

É válido ressaltar que, apesar de a temática das obras abranger não só a formação identitária de mulheres, mas também de homens, *gays e lésbicas*, a escolha por cinco autoras não foi proposital. Os livros foram selecionados pela relação que tinham entre si no que concerne às questões de gênero e a percepção de que são, coincidentemente, escritos por mulheres, ficou em segundo plano. No entanto, considerando que realizei, na pesquisa de mestrado em 2014, um estudo sobre a formação da identidade feminina em *bildungsromane* contemporâneos e versei sobre a escrita feminina, verificando de que maneira a mulher consegue espaço na literatura, desde a tradição, acredito que trazer essa escrita de mulheres para o doutorado é uma forma de afirmar politicamente a preocupação da mulher com questões que vão além do âmbito feminino – reivindicar posições e questionar comportamentos de outros corpos (sejam eles masculinos ou homossexuais, por exemplo) e, acima de tudo, mostrar minha

adesão ao humano. Pensar o humano, sem/com distinção de sexo e/ou gênero e sem/com priorizar a importância de um sobre o outro, é a base do pensamento de Judith Butler e, dessa maneira, peça-chave para a nossa tese.

A partir do ideal feminista de desnaturalizar as diferenças biológicas entre homens e mulheres, seguido por Butler, os pensamentos começam a tomar outro rumo e, seres antes considerados “patológicos”, por não se encaixarem na “essência” feminina ou masculina, ganham visibilidade e tem seus problemas questionados. Ao trazer o conceito de abjeto à tona, Butler consegue incluir inúmeros corpos que, até então, não pertenciam, simplesmente por não fazerem parte de um padrão social instituído com o propósito de hierarquizar identidades. Para Butler (2001, p. 161), o ser abjeto não “se restringe de modo algum a sexo e a heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’”. Em outras palavras, a teoria de Butler vem nos mostrar que todo corpo importa e deve se tornar socialmente visível, independente de classe, gênero ou raça.

A respeito da escrita feminina escolhida sabemos e afirmamos a presença de protagonistas mulheres na literatura há tempos (vide *Pamela*, *Jane Eyre*, etc.). No entanto, as autoras do corpus inovam. A transformação estaria, então, em elevar mulheres e homens comuns à categoria de humanos, por meio da linguagem mais informal e objetiva. Ao longo dos textos é possível observar que as personagens não ficam presas à gramática normativa. Pelo contrário: há uma simplificação da linguagem com o intuito de fazer com que o texto alcance mais leitores, possibilitando assim que o tema tratado seja mais difundido. As construções dos parágrafos são intercaladas com diálogos, trazendo ao texto maior veracidade e confiabilidade. As figuras de linguagem utilizadas não são as metonímias ou as metáforas, responsáveis, algumas vezes, pelo ofuscamento ou ambiguidade do texto, mas sim a ironia, nesse caso com função política de mostrar a luta dos que procuram espaço na sociedade. A linguagem, como afirma Rorty (1981),<sup>1</sup> é colocada nos textos das autoras como um ponto de acesso para a compreensão do texto dentro de um contexto. Conforme ele afirma, “todos os problemas, tópicos e distinções são relativos à linguagem - os resultados de ter escolhido usar certo vocabulário, de propor determinado jogo” (RORTY, 1981, p.

---

<sup>1</sup> Todas as traduções de trechos de obras em língua estrangeira citadas foram feitas por mim, sob supervisão de minha orientadora, para fins exclusivos desta tese.

140).<sup>2</sup> Observamos, então, que o vocabulário escolhido propõe ao leitor um jogo e este é aceito com o intuito de impactar as estruturas silenciadas. Como propõe Nigro (2017, p. 17), “palavras são poderosas. Ao escolhê-las nos damos conta do impacto causado ao que pensamos sobre os outros e sobre nós mesmos”. As palavras são poderosíssimas nos textos analisados, pois é a partir delas que a luta se inicia.

Outro ponto importante a se destacar na forma como as autoras tecem as histórias é a focalização, pois a ideologia está muito mais presente no discurso do narrador do que no discurso das personagens. Ainda dentro da perspectiva da forma, lembramos que os textos estão escritos no presente do indicativo, também conhecido como presente histórico, e as autoras lançam mão dessa estratégia a fim de atingir o objetivo de questionar padrões – ao colocar o texto no presente, tudo fica mais real e, assim, mais fácil de ser vivenciado. Estes aspectos mencionados são importantes na construção do sentido das obras, porém não é este o enfoque de nossa análise. Procuramos trabalhar nesta tese com o conteúdo/tema trazido em cada narrativa. Desta maneira, não nos aprofundaremos na questão da forma. A seguir apresentaremos, resumidamente, de que maneira as escritoras contribuem para que os corpos importem e, assim, atinjam os objetivos citados.

Em *Rubyfruit Jungle* (1973), Rita Mae Brown evidencia a história de Molly Bolt para mostrar os desafios sofridos pela mulher lésbica em meio à sociedade preconceituosa. Molly passa por uma infância difícil: é adotada e não tem um relacionamento saudável com a mãe, Carrie, personagem perpetuadora da tradição misógina contra as mulheres. Molly, desde pequena, não se identifica com o gênero biológico com que nasceu. Para ela, é difícil encaixar-se nos padrões de ser uma mulher sensível, feminina e dócil. Pelo contrário, ainda criança, Molly questiona o porquê de as mulheres terem de se submeter aos homens e, por exemplo, assumirem cargos menos prestigiados do que eles. A protagonista também não consegue vestir-se com vestido rosa para firmar-se como “menininha”, agravando ainda mais o mal-estar com a mãe.

Ao assumir-se lésbica Molly vai de encontro à sociedade homofóbica, procurando estratégias para desestabilizar o discurso tradicional, propagador de formas de preconceito. Como afirma Galbiati:

---

<sup>2</sup> Cf.o original: “all problems, topics and distinctions are language-relative – the results of our having chosen to use a certain vocabulary, to play a certain game” (RORTY, 1981, p. 140).

Molly Bolt reivindica o direito de ser e de falar como mulher e lésbica: preocupada prioritariamente com sua orientação sexual, Bolt acaba sendo marginalizada pela sociedade. De qualquer forma, movendo-se no seu mundo (embora separado dele) e instigando polêmica, as personagens de Brown – como Molly Bolt – têm a função de ensinar outras mulheres a reclamarem o direito de ter voz e vez (GALBIATI, 2013, p. 21).

Dessa maneira, ao instigar outras mulheres à luta, Molly inicia uma rede de solidariedade em favor dos sem voz, evitando, assim, a perpetuação do discurso de ódio contra seu grupo. Muito mais do que expor a relação amorosa entre duas mulheres, Rita Mae Brown arquiteta uma narrativa capaz de prender a atenção do público possibilitando aos leitores se identifiquem com a protagonista.

Patricia Nell Warren lança o primeiro livro de ficção *gay*, parte da lista de *best-sellers* americanos, ao trabalhar a questão da aceitação do casal homossexual na sociedade tradicional. Em *The Front Runner* (1974) coloca o leitor frente ao relacionamento afetivo entre dois homens, tendo como plano de fundo o meio esportivo. A questão, na década de publicação, é ainda um tabu. No entanto, Warren permite ao protagonista, Harlan Brown, vivenciar situações de preconceito, a fim de conscientizar sobre a necessidade de mudança nessas atitudes. Harlan é vítima de atitudes homofóbicas ao ser expulso do local de trabalho, após denúncia de abuso sexual contra alunos. Harlan consegue novo emprego e inicia uma jornada, objetivando inserir um atleta *gay* na equipe de atletismo olímpico norte-americana. Ao contrário de Harlan, ainda discreto no que concerne à orientação sexual, o jovem atleta Billy Sive não tem problemas em discutir abertamente sua orientação.

Já em *Hotel Dulac* (1984), Anita Brookner questiona o papel da mulher na sociedade contemporânea ao colocar Edith Hope como protagonista de uma trama pretensamente romântica. Ao se aprofundar no texto, o leitor percebe, na verdade, a busca de Edith, a todo momento, de fugir da idealização da mulher e encontrar uma forma de se autofirmar como dona do próprio destino. Brookner insere na narrativa diversas figuras femininas para explicitar a diferença no modo de agir da mulher tradicional, representada por Iris e Jennifer, e a mulher transgressora dos ideais de subalternização, como é o caso de Edith.

Os relacionamentos da protagonista não são bem sucedidos, fugindo a qualquer norma de conto de fadas, nas quais o final deve ser sempre feliz. Edith inicia a trama em um relacionamento “ilegal”, sendo amante de David, passa por uma tentativa frustrada

de casar-se com Phillip, percebendo estar vinculada a um homem para garantir sua felicidade. Por não ser uma relação viável, Edith foge do padrão quando escolhe viver sozinha e feliz ao invés de submeter-se a um casamento de aparências. A escolha de Edith não condiz com a ideia de que para ser uma mulher completa é necessário casar-se e constituir família. A ideia de Brookner é inusitada ao propor essa ruptura ainda na década de 1970.

*Duas iguais* (1996), de Cíntia Moscovich, apresenta uma temática parecida com *Rubyfruit Jungle*, porém, a forma como as protagonistas (Ana e Clara) agem muito se diferem da forma de Molly. Ana e Clara são amigas de infância e descobrem o amor uma pela outra, ainda adolescentes. Como previsto, sofrem o preconceito de ser “diferentes” do que todos costumam ver – na escola não são bem aceitas e em casa carregam o peso do julgamento negativo da família. A vontade de ficar juntas, no entanto, não supera as convenções sociais: Clara casa-se com Vitor, mesmo contra a vontade, e Ana é mandada para o exterior a fim de concluir os estudos. Apesar de algumas recaídas, o relacionamento das meninas não se concretiza e elas seguem rumos distintos, provando que, infelizmente, a sociedade ainda influencia negativamente as escolhas pessoais.

No último romance analisado, *Sapato de salto* (2006), de Lygia Bojunga, os problemas de gênero são expostos de modo frutífero para esses estudos. No texto, conseguimos trabalhar com identidades masculinas e femininas fora dos ideais de que homem deve seguir a linha viril e mulher deve ser sempre frágil. Bojunga apresenta-nos Leonardo, um homem contemporâneo sem medo de expor seus sentimentos e Paloma, uma mulher, submissa no início da narrativa, com consciência de sua força, revelando-se uma heroína, cheia de vontades e certezas. A autora também nos traz a história de Andrea Doria, um menino *gay*, ainda cheio de incertezas. Andrea sofre o preconceito direto por parte do pai, Rodolfo, típica figura do homem tradicional, que não aceita nada fora do normatizado.

Podemos verificar na narrativa a história de quatro mulheres da mesma família vítimas de imposições sociais que as penalizam. A primeira delas é Maristela, grávida aos dezessete anos de um homem casado. A triste trajetória inicia-se com o abandono do parceiro. Por não ter condições de criar a filha sozinha, deixa a criança no orfanato e se suicida. A segunda é dona Gracinha, mãe de Maristela, também abandonada pelo marido, que a abandona em busca de um futuro promissor longe da família. Após o

suicídio da filha, dona Gracinha enlouquece, mostrando um dos possíveis fins de mulheres desprotegidas, cujos casamentos são interrompidos e as vidas dilaceradas. A terceira é tia Inês, ensejando um futuro melhor, torna-se prostituta e morre nas mãos do cafetão que não a perdoa por querer sair da prostituição. A quarta, porém não menos importante, é Sabrina, uma criança de nove ou dez anos, vítima do estupro e da prostituição como formas de manter a si e a avó, dona Gracinha. Sabrina, mesmo pequena, entende que não tem muita chance de sobreviver se não se submeter às regras impostas às mulheres. Ao aceitar dinheiro em troca de sexo, a menina passa a fazer parte de um sistema autoritário sexista, tirando das mulheres o direito de uma vida digna. Ao contrário da avó, da mãe e da tia, Sabrina tem a chance de ter o destino mudado por meio da compaixão de Paloma, que a adota como filha e lhe oferece chances de crescer longe da vida de prostituição.

Como é possível observar, o texto de Bojunga é muito rico e diversificado e nos permite analisar as situações sob o ponto de vista de cada personagem marginalizado. Bojunga nos desafia a refletir em uma maneira de alterar a situação de cada um deles e, a partir disso, questionar a sociedade em que vivemos.

De modo geral, podemos dizer que o desconforto sentido ao ler cada obra é fruto da estratégia das autoras ao trazerem as histórias para o presente, mostrando a realidade a partir dos olhos de quem a vivencia.

A fim de expor todas essas histórias dentro da perspectiva adequada, esta tese encontra-se dividida em dois grandes blocos embasados em uma ideia em comum: o primeiro deles relaciona-se à noção do binarismo sexo/gênero dentro da tradição heteronormativa, segundo a qual é possível que aja apenas uma forma de feminino e uma de masculino, pautados sempre na biologia. Já a segunda seção apresenta as ideias que rompem com a tradição, ou seja, a nova categorização de gênero seguindo o ideal da *performatividade*, mostrando a possibilidade de existir masculinidades e feminilidades diversas.

A organização do trabalho prioriza, então, no primeiro capítulo, intitulado “Feminilidade x masculinidade: representações binárias”, a noção de sexo e gênero vinculada à biologia e toda a implicação que este sistema trouxe à sociedade patriarcal. Dentro dessa visão, são analisados os romances *Sapato de salto*, *Hotel Dulac*, *Rubyfruit Jungle* e *The Front Runner*. No primeiro, cuja personagem Rodolfo é adepta aos costumes da sociedade tradicional, é possível também observar a loucura, criada pela

heteronormatividade, como forma de destituir a culpa do homem e culpabilizar a mulher pelos próprios transtornos, e a prostituição e a morte como saída (induzida) para problemas femininos. No segundo, as mulheres ainda se submetem às vontades dos homens, como é o caso de Iris e Jennifer, e sofrem por fazer parte de um sistema que privilegia apenas os homens. No terceiro, é possível analisar a propagação do discurso machista por meio das próprias mulheres, além de observar o discurso de ódio presente nas atitudes contra a personagem principal. *The Front Runner* juntamente à *Rubyfruit Jungle* serão analisados a fim de observarmos a maneira como os indivíduos são tratados quando não se encaixam nos padrões impostos e toda a disseminação do discurso de ódio direcionada a eles.

O segundo capítulo, “Feminilidades e masculinidades: representações outras”, prioriza a contextualização da nova concepção de gênero proposta por Judith Butler, na qual a ideia de gênero não se liga mais à biologia, mas sim ao desejo. Desta maneira, o ser homem ou o ser mulher não necessita mais estar vinculado ao gênero de nascença. Nota-se que aqui utilizamos a noção de feminino e masculino no plural, pois estas características não são exclusivas apenas da mulher ou do homem, respectivamente, mas sim de qualquer indivíduo que opte por utilizá-las. Seguindo esse ideal, nesta seção, trabalhamos com todas as obras, no entanto, focalizando agora os comportamentos que rompem com o tradicional. Para tanto, analisamos como o homem perde espaço com a saída das mulheres do âmbito privado. Como exemplo, temos a personagem Leonardo, de *Sapato de salto*, que se mostra um homem bem mais “feminilizado” do que os demais. É importante notar o homem que não perde sua categorização como “homem”, apenas abre uma possibilidade de inserir uma forma nova de agir dentro de todo aquele construto social ao qual a formação do homem está vinculada. A homofobia também será trabalhada a partir da história de Andrea Doria, de *Sapato de salto*, pois as implicações deste comportamento têm gerado inúmeras tragédias. Em *The Front Runner* é possível analisar o relacionamento entre Harlan e Billy como uma forma de quebrar estereótipos, pois ambos se encontram no âmbito esportivo, e a tendência é que apenas homens másculos possam fazer parte dessa categoria. O romance *Dois iguais* é retomado para analisar as ações subversivas de Clara e Ana, mesmo em pequena proporção, em favor do relacionamento delas, como características de um início de mudança na forma como a relação entre iguais é vista.

Por fim, o romance *Rubyfruit Jungle* encerra as observações trazendo a personagem Molly como subversora dos padrões heteronormativos.

Após apresentação das obras e descrição do cronograma da tese, fica mais fácil realizar as conexões necessárias e pensar como a literatura é capaz de agir em nosso meio, criando representações outras. Para finalizar, trago uma citação de Nigro para ratificar essa afirmação:

[...] Dentro desse conceito de representação, ainda subiste, delegada de poderes. Irá falar apenas o que interessa para o outro. As discordâncias serão radicalmente apagadas. Para o subalterno ter voz, teria que falar dentro das representações existentes e criar novas representações. Empoderar-se.

Onde fazer isso? Na literatura. Na contemporaneidade. Com abordagens não apenas imanentes do texto, como os estudos de gênero, as abordagens sociopolíticas, as complexas relações estabelecidas pelo ato de fala, desviante e propiciador de aberturas das normas prescritas, e os estudos subalternos, principalmente o latino-americano (NIGRO, 2017, p. 22).

Certos de ser a literatura um dos caminhos para conseguirmos modificar ideias e abrir espaços para novos pensamentos, passemos agora para a análise das obras, enquadrando-as dentro da perspectiva que melhor as avalia.

## CAPÍTULO 1

### FEMINILIDADE X MASCULINIDADE: REPRESENTAÇÕES BINÁRIAS

Quando utilizamos a palavra “gênero”, de acordo com o discurso heteronormativo, somos levados a considerá-la sob duas perspectivas<sup>3</sup> – ambas fixas e duais. A primeira refere-se ao binarismo sexo/gênero que, contraditoriamente, relaciona “sexo” ao que for “dado biológico”, “natural ao ser humano”, e “gênero” àquilo que é socialmente construído. Esse sistema foi cunhado por Gayle Rubin, no artigo “Traffic in Women”, em 1975, no qual a autora questiona a “real” necessidade de se criar um sistema no qual a biologia é o destino, como fator primordial para a constituição do social:

No entanto, eles fornecem ferramentas conceituais com as quais é possível construir descrições da parte da vida social que é o lócus da opressão das mulheres, das minorias sexuais e de certos aspectos da personalidade humana dentro dos indivíduos. Eu nomeio essa parte da vida social de “sistema sexo/gênero”, por falta de um termo mais elegante. Como uma definição preliminar, um “sistema de sexo/gênero” é o conjunto de combinações pelas quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos de atividade humana e em que essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas (RUBIN, 1975, p. 159).<sup>4</sup>

Sendo assim, é possível observar que Rubin responsabiliza o sistema pela opressão das minorias sexuais, pois se apenas o “sexo” biológico deve ser considerado e seguido, qualquer manifestação fora do padrão é ignorada. É aqui, então, que abrimos caminho para a segunda concepção da palavra “gênero”: o dualismo entre “homem/mulher”. Nesse binarismo, homens, seres supremos, devem ser sempre os representantes da espécie, criando, desta forma, uma hierarquia social. De acordo com a teoria de Louis Dumont, “a hierarquia é uma necessidade lógica de ordenamento social”

<sup>3</sup> Vide Nicholson (2000), *Interpretando o gênero*.

<sup>4</sup> Cf. o original: *Nevertheless, they provide conceptual tools with which one can build descriptions of the part of social life which is the locus of the oppression of women, of sexual minorities, and of certain aspects of human personality within individuals. I call that part of social life the "sex/gender system," for lack of a more elegant term. As a preliminary definition, a "sex/gender system" is the set of arrangements by which a society transforms biological sexuality into products of human activity, and in which these transformed sexual needs are satisfied* (RUBIN, 1975, p. 159).

(HEILBORN, 2006, p. 47), que exige, automaticamente, a existência de um “englobante” e um “englobado”. Nas relações de gênero, dentro deste princípio, o masculino, visto como englobante, “está investido dos significados de representação da totalidade, ao mesmo tempo em que possui a qualidade de um gênero frente ao outro” (HEILBORN, 2006, p. 52), explicando séculos de subordinação feminina, na qual o homem é o onipotente.

Nota-se, portanto, que uma concepção está implicitamente ligada à outra. O binarismo sexo-gênero está conectado à divisão da sociedade em homem-mulher, macho-fêmea, masculino-feminino. Dentro da visão biológica, homens e mulheres devem assumir papéis de acordo com as genitálias, sem considerar aquele(a)s que nascem com as duas em um mesmo corpo ou com órgãos inomináveis:

O termo “sexo”, por exemplo, significava, originalmente, simplesmente, “o resultado da divisão da humanidade no *segmento* feminino e no *segmento* masculino”. Referia-se, naturalmente, às diferenças entre homens e mulheres, mas também à forma como homens e mulheres se relacionavam (WEEKS, 2016, p. 41).

Tendo em vista a concepção biológica, a tradição patriarcal ganha força e é responsável pela perpetuação do domínio masculino sobre o feminino. Por meio dela, a identidade sexual do homem está amparada na virilidade. Desta forma, ser homem, na sociedade em questão, significa preencher o papel de macho, que se define por: provedor, reprodutor e másculo (todas as características na mais perfeita harmonia). Caso contrário, o homem deixa de assumir o papel de varão e ganha atributos considerados “femininos”. Já ser mulher restringe-se a ser bem comportada, submissa e estar sempre disponível para satisfazer o varão da família – em qualquer instância. A mínima manifestação que desagrade, como, por exemplo, determinação, força e/ou outra característica “masculina” é, também, reprimida.

Baseada na teoria de Marx, Rubin explica a opressão sob o gênero feminino, mostrando ser possível uma forma de surgimento através da distribuição do trabalho: de quem deve cuidar da casa e quem deve buscar sustento. Em âmbito maior, aquele que dita as regras e aquele que obedece:

É exatamente este “elemento histórico e moral” que determina que ser “esposa” está entre as necessidades de ser trabalhadora, que as mulheres, ao invés dos homens, fazem tarefas domésticas, e que o

capitalismo é herdeiro de uma longa tradição na qual as mulheres não são herdeiras, mulheres não lideram, e nas quais as mulheres não falam com Deus. É este “elemento histórico e moral” que apresenta o capitalismo com um patrimônio cultural de formas de masculinidade e feminilidade. É dentro deste “elemento histórico e moral” que todo o domínio do sexo, da sexualidade e da opressão sexual foi concebido (RUBIN, 1975, p. 164).<sup>5</sup>

Como afirma uma das feministas da primeira fase, Catherine Mackinnon, “a sexualidade é para o feminismo o que o trabalho é para o marxismo: o que nos pertence mais e, no entanto, nos é mais alienado” (MACKINNON, 1982, p. 515). Desta maneira, ser “esposa” encaixa-se como uma forma de trabalho herdada pela mulher com o intuito de se manter “fora de cena”, ou alienada, – deixando todo e qualquer holofote direcionado ao homem.

Verifica-se, então, como as normas de comportamento social vinculadas ao gênero são impostas por uma sociedade que perpetua o discurso do correto/incorreto, do possível/impossível, não considerando o quão antiquado ou sem sentido isso venha a ser. Rubin compara a fome à construção do gênero, dentro da categoria “sexo”, e a maneira como a sociedade exerce poder nas escolhas de cada ser:

Fome é fome, mas o que conta como alimento é determinado e obtido culturalmente. Toda sociedade tem alguma forma de atividade econômica organizada. Sexo é sexo, mas o que conta como o sexo é igualmente determinado e obtido culturalmente. Toda sociedade tem um sistema de sexo/gênero – um conjunto de arranjos pelos quais a matéria-prima biológica do sexo e da procriação humana é moldada por uma intervenção humana, social e satisfeita de forma convencional, por mais bizarra que essas convenções venham a ser (RUBIN, 1975, p. 165).<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Cf. o original: *It is precisely this "historical and moral element" which determines that a "wife" is among the necessities of a worker, that women rather than men do housework, and that capitalism is heir to a long tradition in which women do not inherit, in which women do not lead, and in which women do not talk to god. It is this "historical and moral element" which presented capitalism with a cultural heritage of forms of masculinity and femininity. It is within this "historical and moral element" that the entire domain of sex, sexuality, and sex oppression is subsumed* (RUBIN, 1975, p. 164).

<sup>6</sup> Cf. o original: *Hunger is hunger, but what counts as food is culturally determined and obtained. Every society has some form of organized economic activity. Sex is sex, but what counts as sex is equally culturally determined and obtained. Every society has a sex/gender system – a set of arrangements by which the biological raw material of human sex and procreation is shaped by human, social intervention ad satisfied in a conventional manner, no matter how bizarre some of the conventions may be* (RUBIN, 1975, p. 165).

Esse conjunto de “acordos”, a respeito de como é ser “homem” e como é ser “mulher” em determinada sociedade, assinado pelo indivíduo antes mesmo que tenha conhecimento sobre si, é, ainda hoje, passado de geração em geração, reiterando práticas hegemônicas que oprimem o diferente. Para Guacira Lopes Louro, no artigo “Pedagogias da sexualidade” (2016), um dos principais meios, se não o mais influenciador, de propagar comportamentos duais, femininos ou masculinos, é a escola. Nesta instituição, segundo a autora, a criança é exposta à diferença entre os sexos e aprende, assim, a como se comportar dentro do permitido para o gênero que lhe cabe – sendo este, sem dúvidas, idêntico ao sexo biológico. A produção de corpos femininos e/ou masculinos dá-se em grande escala graças às normas as quais as crianças são expostas, e seguem, formando, ou apenas “aceitando”, uma “identidade sexual” esperada pelos demais:

Todas essas práticas e linguagens constituíam e constituem sujeitos femininos e masculinos; foram – e são – produtoras de “marcas”. Homens e mulheres adultos contam como determinados comportamentos ou modos de se parecerem ter sido “gravados” em suas histórias pessoais. Para que se efetivem essas marcas um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias. A produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente (LOURO, 2016, p. 25).

Encaixar-se nos padrões: essa é a regra!!! Louro (2016, p. 26) ainda completa: “Um homem e uma mulher ‘de verdade’ deverão ser, necessariamente, heterossexuais e serão estimulados para isso”. O estímulo, como visto anteriormente, pode vir de casa, da escola, da mídia, de qualquer lugar em que ensine, pregue, que é preciso conhecer o diferente e sentir desejo por ele. Aliás, desejo não deve ser considerado nesta perspectiva, por ser algo já determinado e imposto.

Neste capítulo, vamos centralizar nossa atenção apenas na construção de seres homens/masculinos e/ou mulheres/femininos, como sendo as únicas identidades de gênero possíveis – mais do que isso: aceitáveis. Nossa discussão está embasada na crítica do gênero binário, presente no pensamento de *Gayle Rubin* e transcrito abaixo:

O gênero é uma divisão dos sexos imposta socialmente. É um produto das relações sociais da sexualidade [...] Elas, portanto, transformam machos e fêmeas em “homens” e “mulheres”, cada um com uma metade incompleta que só pode encontrar a totalidade quando unida à outra. Homens e mulheres são, é claro, diferentes. Mas eles não são tão diferentes como dia e noite, terra e céu, *yin* e *yang*, vida e morte (RUBIN, 1975, p. 179).<sup>7</sup>

Assim sendo, faremos uma contextualização de como masculinidade e feminilidade são definidas, dentro da matriz referencial heterossexual. Iniciaremos nossa trajetória nos aprofundando no determinismo biológico e em todas as implicações que este trouxe para a divisão dos gêneros. Em seguida, discutiremos a construção das personagens de quatro romances, utilizados como base deste trabalho, que se encaixam nessas configurações de gênero tradicional. A princípio, verificaremos como Rodolfo, personagem do romance *Sapado de salto*, constitui a figura do homem tradicional moldado por padrões patriarcais. Neste trecho, contrastaremos Rodolfo com questões da masculinidade presentes na personagem Molly, de *Rubyfruit Jungle*. Em seguida, partiremos para a construção do feminino, ainda visto como submisso e preso às convenções sociais que ditam a norma de como uma mulher deve proceder. Como exemplo, em *Hotel Du Lac*, teremos Edith Hope e as demais mulheres que se encontram no Hotel. Em *Sapato de salto* continuaremos a analisar as convenções sociais, mas que, agora, muito interferem no destino das personagens, justamente por serem mulheres, como, por exemplo, a prostituição de Sabrina e Inês, a gravidez precoce e o suicídio de Maristela, a loucura de Gracinha e a submissão/subserviência de Paloma. Questionaremos, a seguir, a visão de Carrie, personagem de *Rubyfruit Jungle* que, apesar de mulher, perpetua a tradição patriarcal. E, por fim, já encaminhando nossa leitura para a perspectiva de gênero contemporânea, analisaremos situações em que o discurso de ódio se faz presente e vitima seres antes inexistentes (ou invisibilizados), nas obras *Rubyfruit Jungle* e *The Front Runner*.

---

<sup>7</sup>Cf.o original: *Gender is a socially imposed division of the sexes. It is a product of the social relations of sexuality [...] They therefore transform males and females into "men" and "women", each an incomplete half which can only find wholeness when united with the other. Men and women are, of course, different. But they are not as different as day and night, earth and sky, yin and yang, life and death* (RUBIN, 1975, p. 179).

### 1.1. Ser mulher x ser homem – o gênero segundo a biologia

Considera-se o homem, sujeito varão, como representante da espécie há tempos. Basta nos atentarmos ao fato de sermos todos/as classificados/as, taxonomicamente, no masculino. Ao assumir o título de sujeito universal, é a ele permitido englobar o feminino e representá-lo em quaisquer circunstâncias. Como afirmam feministas da estirpe de Beauvoir e Butler: “a pessoa universal e o gênero masculino se fundem em um só gênero, definindo com isso as mulheres nos termos do sexo deles e enaltecendo os homens como portadores de uma personalidade universal que transcende o corpo” (BUTLER, 2015a, p. 31). Na sociedade tradicionalmente binária, a universalidade do masculino implica na invisibilidade do feminino – motivo pelo qual, como veremos no próximo capítulo, novos questionamentos surgem a respeito da ruptura aos modelos patriarcais no escopo da teoria de gênero.

Na discussão sobre o próprio termo *gênero* sugerida por Butler, pautada nas ideias de Mitchell e Rose, o masculino foge a qualquer classificação, já que o *status* de universal basta. Assim, só os homens podem ser considerados “pessoas” e dignos de uma posição privilegiada:

O gênero é o índice linguístico da oposição política entre os sexos. E gênero é usado aqui no singular porque sem dúvida não há dois gêneros. Há somente um: o feminino, o “masculino” não sendo um gênero. Pois o masculino não é o masculino, mas o geral (MITCHELL & ROSE, 1982, p. 55).

Por não possuírem lugar dentro da tradição misógina, cabe, às mulheres, apenas a posição da margem, de serem classificadas como “mulheres” e assumirem todas as sanções sociais que isso implica. Como afirma Butler (2015a, p. 31): “as mulheres são o ‘sexo’ que não é ‘uno’. Numa linguagem difusamente masculina, uma linguagem falocêntrica, as mulheres constituem o *irrepresentável*, o sexo que não pode ser pensado, uma ausência e opacidade linguísticas”. Como visto anteriormente, o gênero está intrinsecamente ligado ao sexo, constituindo o que Foucault chama de “ideal regulatório”. O sexo, ao se materializar, é responsável pela construção de corpos regulamentados – presos à essência das normas que devem reiterar:

A categoria do “sexo” é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de “ideal regulatório”. Nesse sentido, pois, o “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, os corpos que ela controla. Assim, o “sexo” é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. Em outras palavras, o “sexo” é um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o “sexo” e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas (BUTLER, 2016, p. 153-154).

Seguindo esta concepção, as mulheres estão sujeitas a seguir um “ideal regulatório” mantenedor da posição em patamar inferior, sem visibilidade.

Mesmo nos estudos da medicina no mundo ocidental depois de Cristo, há apenas o homem: único, supremo e inabalável (teoria de Galeno, século II d.C.). Esse modelo do sexo único perdura por dois milênios. O sistema reprodutor feminino não tem importância e funciona apenas em função do masculino. A mulher é considerada como a inversão defeituosa do homem, “cuja vagina era vista como um pênis interno, os lábios como o prepúcio, o útero como o escroto e os ovários como os testículos” (LAQUEUR, 2001, p. 16). A suposta má formação feminina ocorre graças à falta de um calor vital, existente só nos sujeitos masculinos. Já que possui esse calor, o homem assume o topo da hierarquia, restando à mulher, a base subordinada. Masculino e feminino constroem-se, então, como categorias sociais marcadas por duas únicas opções. Os papéis de cada gênero devem ser preservados, sempre com o masculino como modelo. Segundo Laqueur (2001), ainda no século II, há separação de gêneros<sup>8</sup> que correspondem ao único sexo – esta noção de gênero, tradicional, continua a ser utilizada por muitos grupos ainda hoje. Em nosso trabalho, como explicado anteriormente, faremos uso desta concepção no primeiro capítulo, a fim de dar conta da análise das personagens encontradas em nosso corpus. No entanto, não consideramos essa concepção como acertada, conforme será explicitado, oportunamente, ao longo do trabalho.

---

<sup>8</sup> No sentido tradicional do termo, segundo Piscitelli (1997, p. 49), gênero refere-se “às construções sociais, culturais, psicológicas que se impõem sobre essas diferenças biológicas. Gênero designa um conjunto de categorias às quais outorgamos a mesma etiqueta, porque elas têm alguma conexão com diferenças sexuais”.

Apesar de inúmeras contradições, o modelo único perdura até o século XVIII, quando, a partir da influência de ideias iluministas, cria-se o modelo de dois sexos, sendo possível distinguir masculino de feminino. O cenário metafísico de dominação masculina cede espaço ao modelo anatômico, no qual, segundo Silva (2006, p. 125), “de homem invertido, a mulher passa, então, a ser o inverso do homem e em seu lugar, entraria o que hoje denominamos homossexuais”. Dessa maneira, o lugar da mulher passa a ser repensado na sociedade. A partir de então, as desigualdades sociais entre homens e mulheres são reconhecidas e a diferença entre os sexos também ocupa o âmbito do gênero tradicional, possibilitando que o par dicotômico, homem/mulher, seja associado sempre a oposições, como respectivamente: sujeito/objeto, razão/emoção, ativo/passivo, público/privado, dentre outros. Nota-se que o papel da mulher permanece do lado negativo do par. As diferenças biológicas são responsáveis pela organização social acima representada.

As diferenças são essenciais, já que, uma das primeiras categorias na qual o ser humano é classificado é o gênero. Só se torna “inteligível”, reconhecível, quando é rotulado ou como “homem” ou como “mulher”. Desta forma, não é possível permanecer imparcial: a pessoa assume a identidade masculina ou a feminina. Essa identificação acontece, conforme sugere Butler, pois a formação de um sujeito exige que haja consonância entre sexo e gênero:

Seria errado supor que a discussão sobre a “identidade” de gênero, pela simples razão de que as “pessoas” só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade do gênero [...] No próprio discurso filosófico, a noção de “pessoa” tem sido analiticamente elaborada com base na suposição de que, qualquer que seja o contexto social em que “está”, a pessoa permanece de algum modo externamente relacionada à estrutura definidora da condição de pessoa, seja esta a consciência, a capacidade de linguagem ou a deliberação moral (BUTLER, 2015a, p. 42-43).

Como afirma Carrie Paechter, antes mesmo de um bebê nascer, já lhe é atribuído um sexo, ou melhor, já o nomeamos. Por meio dessa nomeação, a criança fica presa a uma série de convenções às quais deve seguir pelo resto da vida. É algo a que não se pode escapar:

Quando atribuímos um sexo a um bebê, nós nomeamos o sexo do bebê, realizamos um ato que coloca o bebê em uma categoria clara da qual esperamos fazer previsões sobre seu futuro. Este ato performativo de nomeação (Bourdieu, 1991) é extraordinariamente poderoso: é um ponto crucial na vida da criança que atribui, na maioria dos casos, para sempre, uma categoria social importante a que a criança agora é considerada pertencer. A distinção entre homem e mulher é fundamental para a compreensão de nós mesmos como seres humanos. Essa distinção governa como os indivíduos são tratados, os papéis que eles podem assumir na sociedade e como eles devem se sentir ou se comportar (PAECHTER, 2007, p. 6).<sup>9</sup>

Em resumo, o estabelecimento destas categorias sociais é importante, pois assegura que os seres humanos sejam compreendidos como tal. Nos modelos tradicionais, os gêneros inteligíveis, masculino e/ou feminino, expressam as únicas opções na qual o sujeito pode manifestar o desejo sexual de acordo com o sexo biológico e o gênero culturalmente construído:

Gêneros “inteligíveis” são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só são concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual (BUTLER, 2015a, p. 43 - 44).

Desta maneira, ao produzir esses efeitos, o indivíduo encontra-se em uma sociedade cujos modelos devem ser seguidos: a observação é a maneira utilizada para que novos “meninos” ou “meninas” sejam criados. Ao seguir modelos já existentes, de feminino ou masculino, meninos e meninas, vistos como “aprendizes”, dão continuidade ao legado patriarcal no qual haverá sempre um dominante e um dominado:

---

<sup>9</sup> Cf.o original: *When we assign a sex to a baby, that is when we name the baby's sex, we perform an act which places the baby into a clear category from which we then expect to make predictions about his future. This performative act of naming (Bourdieu, 1991) is extraordinarily powerful: it is a crucial point in the child's life which assigns, in most cases, for ever, a major social category to which the child is now considered to belong. The distinction between male and female is fundamental to how we understand ourselves as human beings. It governs how individuals are treated, roles they can take in society, and how they are expected to feel or behave (PAECHTER, 2007, p.6).*

Quando um bebê é nomeado como menino ou garota, ele ou ela está assim colocado em uma constelação de comunidades locais de sobreposição da prática de masculinidade ou feminilidade, por meio das quais ele ou ela aprenderá, por meio de membros do grupo mais estabelecidos (como pais e irmãos) o que é ser homem ou mulher em uma comunidade. Assim, os meninos podem ser vistos (amplamente) como aprendizes, aprendendo, por meio da observação dos homens que eles encontram e da participação periférica em atividades, o que significa ser um homem nas comunidades locais de prática em que vivem. As meninas, da mesma forma, são aprendizes de mulheres, participando com mulheres adultas em atividades pertencentes à feminilidade nas comunidades. Ao mesmo tempo, as crianças são membros completos em comunidades de práticas de masculinidade ou feminilidade infantis ou adolescentes, e terão suas próprias formas de ser dominantes e subordinadas (PAECHTER, 2007, p. 7).<sup>10</sup>

Essa apropriação do masculino ou do feminino é realizada de forma diferente por homens e mulheres, “mas certamente é plausível argumentar que a criação da ‘feminilidade’ nas mulheres no decurso da socialização é um ato de brutalidade psíquica, e isso as marca com um imenso ressentimento da supressão a que foram submetidos” (RUBIN, 1975, p. 196).<sup>11</sup> Rubin sustenta-se na teoria de Lacan, sobre a simbologia do falo, fazendo-se possível compreender que a constituição da identidade feminina é dada pela falta, como poder ser visto em: “o falo é, por assim dizer, uma característica distintiva que diferencia ‘castrados’ e ‘não castrados’. A presença ou a ausência do falo traz as diferenças entre dois estados sexuais, ‘homem’ e ‘mulher’” (RUBIN, 1975, p. 191).<sup>12</sup> A existência do falo, então, possibilita que o homem seja o dominador. Conforme Rubin aponta, “a teoria psicanalítica da feminilidade considera que desenvolvimento feminino é baseado, em grande escala, na dor e na humilhação, e é preciso alguns esforços imaginários para explicar o porquê alguém deveria gostar de ser

---

<sup>10</sup>Cf. o original: *When a baby is named as boy or girl, he or she is thus placed in a constellation of overlapping local communities of practice of masculinity or femininity, through which he or she will learn, from more established group members (such as parents and siblings) what it is to be male or female in that community. Thus boys can be seen (broadly) as apprentice men, learning, through observation of the men they encounter and peripheral participation in their activities, what it means to be a man in the local communities of practice in which they live. Girls, similarly, are apprentice women, taking part with adult women in activities pertaining to womanhood in those communities. At the same time, children are full members of child or adolescent communities of masculinity or femininity practice, which will have their own dominant and subordinate ways of being* (PAECHTER, 2007, p. 7).

<sup>11</sup> Cf. o original: *"but it is certainly plausible to argue instead that the creation of 'femininity' in women in the course of socialization is an act of psychic brutality, and that is leaves in women an immense resentment of the suppression to which they were subjected"* (RUBIN, 1975, p. 196).

<sup>12</sup>Cf. o original: *"the phallus is, as it were, a distinctive feature differentiating 'castrated' and 'noncastrated'. The presence or the absence of the phallus carries the differences between two sexual statuses, 'man' and 'women'"* (RUBIN, 1975, p. 191).

mulher” (RUBIN, 1975, p. 197),<sup>13</sup> mostrando que, desde os anos 70, já é possível perceber um descontentamento em ser mulher e ter de seguir normas beneficiadoras do Outro masculino.

É possível observar que, de acordo com certa “teoria da feminilidade”, a mulher sempre é construída em meio à dor e humilhação. Na teoria de Freud é possível observar como a sociedade domestica a mulher. A forma de construir uma mulher pode trazer inúmeros danos psicológicos a elas, cujo destino é sempre tornar-se “uma mulherzinha – feminina, passiva, heterossexual” (RUBIN, 1975, p. 198).<sup>14</sup> Desta maneira, a mulher segue o destino, cumprindo o papel com louvor:

Neste ponto, nas discussões clássicas, a biologia faz um retorno triunfante. O esforço elaborado consiste em afirmar que encontrar prazer na dor é adequado ao papel das mulheres na reprodução, pois o parto e o estupro são “dolorosos”. Não faria mais sentido questionar todo esse processo? Se as mulheres, ao se encaixarem no sistema sexual, são privadas de libido e forçadas ao erotismo masoquista, por que os analistas não debatem novos arranjos, ao invés de racionalizar os antigos? (RUBIN, 1975, p. 197).<sup>15</sup>

Rubin afirma que a sexualidade infantil não está construída antes de a criança tornar-se consciente do complexo de Édipo. Ao buscar em Freud uma possível explicação para a construção do gênero, Rubin afirma que “a crise edípiana é precipitada por determinadas informações. As crianças descobrem as diferenças entre os sexos, e cada criança destina-se a um ou outro gênero” (RUBIN, 1975, p. 193).<sup>16</sup> É nessa fase que ocorre a divisão dos sexos, considerada aqui como uma forma de regulação imposta por um sistema de identificação, presente na ideia do parentesco:

Os sistemas de parentesco exigem uma divisão dos sexos. A fase edípiana divide os sexos. Os sistemas de parentesco incluem conjuntos de regras que regem a sexualidade. A crise edípiana é a assimilação

---

<sup>13</sup>Cf.o original: “the psychoanalytic theory of femininity is one that sees female development based largely on pain and humiliation, and it takes some fancy footwork to explain why anyone ought to enjoy being a woman” (RUBIN, 1975, p. 197).

<sup>14</sup> Cf.o original: “a little woman – feminine, passive, heterossexual” (RUBIN, 1975, p. 198).

<sup>15</sup>Cf.o original: At this point in the classic discussions biology makes a triumphant return. The fancy footwork consists in arguing that finding joy in pain is adaptive to the role of women in reproduction, since childbirth and defloration are “painful”. Would it not make more sense to question the entire procedure? If women, in finding their place in a sexual system, are robbed of libido and forced into masochist eroticism, why did the analysts not argue for novel arrangements, instead of rationalizing the old ones? (RUBIN, 1975, p. 197).

<sup>16</sup> Cf.o original: “The Oedipal crisis is precipitated by certain itens of information. The children discover the differences between the sexes, and that each child must become one or the other gender” (RUBIN, 1975, p. 193).

dessas regras e tabus. A heterossexualidade compulsória é o produto do parentesco. A fase edipiana constitui desejo heterossexual. O parentesco baseia-se numa diferença radical entre os direitos dos homens e das mulheres. O complexo edipiano confere direitos masculinos aos meninos e obriga as meninas a se conformarem na falta de direitos (RUBIN, 1975, p. 198).<sup>17</sup>

É durante a fase de reconhecimento da diferença entre os sexos que os meninos adquirem supremacia sobre as meninas. Como dito anteriormente, tudo ainda gira em torno da questão de ter ou não o falo. É assim que a biologia determina quem pode ou não mandar:

O menino troca sua mãe pelo falo, símbolo que mais tarde pode ser trocado por uma mulher. A única coisa que lhe é exigida é um pouco de paciência. Ele mantém sua orientação libidinal inicial e o sexo de seu objeto de amor original. O contrato social ao qual ele concordou acabará por reconhecer seus próprios direitos e lhe oferecer uma mulher.

O que acontece com a menina é mais complexo. Ela, como o menino, descobre o tabu contra o incesto e a divisão dos sexos. Ela também descobre algumas informações desagradáveis sobre o gênero ao qual ela está sendo designada. Para o menino, o tabu no incesto é um tabu com determinadas mulheres. Para a garota, é um tabu contra todas as mulheres. Uma vez que ela está em posição homossexual frente à mãe, a regra da heterossexualidade que domina o cenário torna sua posição totalmente insustentável. A mãe e todas as mulheres, por extensão, só podem ser devidamente amadas por alguém “com um pênis” (falo). Como a menina não tem “falo”, ela não tem “direito” para amar sua mãe ou outra mulher, uma vez que ela própria está destinada a algum homem (RUBIN, 1975, p. 193-194).<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup>Cf.o original: *Kinship systems require a division of the sexes. The Oedipal Phase divides the sexes. Kinship systems include sets of rules governing sexuality. The Oedipal crisis is the assimilation of these rules and taboos. Compulsory heterosexuality is the product of kinship. The Oedipal phase constitutes heterosexual desire. Kinship rests on a radical difference between the rights of men and women. The Oedipal complex confers male rights upon the boy, and forces the girl to accommodate herself to her lesser rights* (RUBIN, 1975, p. 198).

<sup>18</sup>Cf.o original: *The boy exchanges his mother for the phallus, the symbolic token which can later be exchanged for a woman. The only thing required of him is a little patience. He retains his initial libidinal organization and the sex of his original love object. The social contract to which he has agreed will eventually recognize his own rights and provide him with a woman of his own. What happens to the girl is more complex. She, like the boy, discovers the taboo against incest and the division of the sexes. She also discovers some unpleasant information about the gender to which she is being assigned. For the boy, the taboo on incest is a taboo on certain women. For the girl, it is a taboo on all women. Since she is in a homosexual position vis-à-vis the mother, the rule of heterosexuality which dominates the scenario makes her position excruciatingly untenable. The mother, and all women by extension, can only be properly beloved by someone "with a penis" (phallus). Since the girl has no "phallus", she has no "right" to love her mother or another woman, since she is herself destined to some man* (RUBIN, 1975, p. 193-194).

Nota-se, então, que a formação do eu-feminino está repleta de tabus que interferem diretamente na construção de uma identidade dominante. A mulher é, dentro desta teoria, submissa. E nada lhe conferirá outra posição. A subversão dessa hierarquia é algo inimaginável até meados do século XX.

Em nosso corpus, deparamo-nos com personagens que ainda seguem o binarismo sexo/gênero e, assim sendo, proferem um discurso amalgamado nas raízes do pensamento sexista e excludente, no qual ninguém pode superar a supremacia masculina heterossexual. Esse discurso poderá ser visto desde a mulher, submissa, que deve se casar para manter a tradição social, como é o caso de Paloma, Clara, Edith, até situações familiares em que se evidencia o preconceito justamente pela falta de compreensão das escolhas sexuais realizadas por Molly, Andrea, entre outros. Observaremos, nesta análise, que o discurso machista, misógino e homofóbico não é perpetuado apenas por homens, mas também por mulheres, presas aos princípios tradicionais, ao eternizarem comentários ofensivos que apoiam apenas a sobreposição de um gênero sobre o outro. Nesta perspectiva, destacamos o discurso de Carrie, mãe de Molly, cuja função é apenas criticar as escolhas da filha adotiva, com o intuito de mantê-la dentro de uma ordem já prevista e assegurada. Edith Hope, no início da trama, mostra-se também propensa a veicular um discurso carregado de tradição e conservadorismo. Dito isto, vamos primeiramente analisar de que maneira o homem se constrói dentro de um universo patriarcal, utilizando como exemplo Rodolfo, de *Sapato de salto*, e a insistência em propagar ideias moralistas e preconceituosas. Vejamos também como a masculinidade pode estar presente em Molly, de *Rubyfruit Jungle*.

## **1.2. A normatização da masculinidade nos moldes patriarcais, em *Sapato de salto***

Após observarmos a forma como a dominação masculina é vista na perspectiva biológica, discutiremos agora como e a que(m) se aplica o conceito de masculinidade. Conforme mencionado anteriormente, homens e mulheres são diferenciados pela anatomia, segundo a teoria de gênero tradicional: homens são considerados naturalmente mais fortes e as mulheres, por sua vez, submissas. A mulher é vista como inferior por não ter o direito de escolher o próprio destino. No trecho a seguir, Nye observa que o ser humano torna-se responsável por suas ações, desde que, para isso, seja ele do sexo masculino:

O homem se torna o que ele escolhe ser, e o que ele escolhe não decorre automaticamente da hereditariedade, do meio, de traços da personalidade preestabelecidos nem da estrutura social. O que ele vem a ser depende de suas decisões livremente tomadas no sentido de agir e pensar de certa maneira (NYE, p. 1995, p. 102).

No romance *Sapato de salto* (2006), de Lygia Bojunga, podemos encontrar uma figura masculina tradicional, que apesar de viver no século XXI, ainda perpetua um discurso repleto de estereótipos e preconceitos. Rodolfo é criado, segundo padrões normativos, para socialmente assumir a masculinidade, por meio da configuração de práticas que o colocam como superior, e assim garantem-no uma posição de dominador em relação à Paloma. Rodolfo apenas segue o que lhe foi ensinado: ser membro de uma sociedade patriarcal. Tomaremos a definição de Barreto para estabelecermos o conceito de patriarcalismo:

uma estrutura sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. É caracterizado por uma autoridade imposta institucionalmente, do homem sobre mulheres e filhos no ambiente familiar, permeando toda organização da sociedade, da produção e do consumo, da política, à legislação e à cultura. Nesse sentido, o patriarcado funda a estrutura da sociedade e recebe reforço institucional, nesse contexto, relacionamentos interpessoais e personalidade, são marcados pela dominação e violência (BARRETO, 2004, p. 64).

Todas estas características são observadas em *Sapato de salto*, pois a autoridade de Rodolfo é, até certo ponto, inquestionável – a ele foi dado o poder e à Paloma e Andrea a obediência. Regras ensinadas, regras cumpridas! De acordo com Butler, tanto o menino quanto a menina passam por “rituais” de formação de gênero ligados à identificação aos pais. E assumem as chamadas importâncias simbólicas em virtude do complexo de Édipo:

Esta importância simbólica da origem da criança na heterossexualidade é entendida como essencial para a cultura pelo seguinte motivo. Se a criança entra na cultura por meio do processo de assumir uma posição simbólica, e se essas posições simbólicas forem diferenciadas em virtude da Edipalização, então a criança provavelmente assumirá um gênero na ocasião em que a criança ocupar uma posição em relação às posições dos pais que são proibidos como objetos sexuais abertos para a criança. O menino se tornará menino na medida em que ele reconhece que não pode ter sua mãe,

que ele deve encontrar uma mulher que a substitua; a menina se tornará menina na medida em que reconhece que não pode ter sua mãe, substitui essa perda por identificação com a mãe, e então reconhece que não pode ter o pai e substitui um objeto masculino por ele. [...] Ser parte dessa cultura significa ter passado pelo mecanismo de diferenciação de gênero deste tabu e atingir tanto a heterossexualidade normativa quanto a identidade discreta de gênero ao mesmo tempo (BUTLER, 2004, p. 31-32).<sup>19</sup>

É assim que, para fazer parte de uma cultura, meninos e meninas devem superar esse mecanismo e alcançar o papel de gênero dentro da heterossexualidade normativa. O discurso de Rodolfo encontra-se bem calcado nas tradições patriarcais que separam o mundo feminino do mundo masculino. A personagem é, certamente, criada dentro de moldes tradicionais, nos quais deve agir como “macho”, não demonstrar sentimentos, em suma, assumir seu papel de homem. Por esta razão, Rodolfo impõe resquícios de tudo o que aprendeu na criação do filho, Andrea Doria:

– Tá fazendo uns três meses que o Rodolfo chegou em casa feito louco: disse que tinha passado lá pelos lados da estação e viu, de longe, o Andrea Doria e um amigo dele, o Joel (um amigo que é uns cinco ou seis anos mais velho que o Andrea), pescando no rio. Ficou espiando e lá pelas tantas viu os dois se beijando. Na boca. E o Rodolfo ficou olhando pra mim, feito pedindo uma explicação. Aí eu falei, pois é, o Andrea Doria agora anda empolgado pelo Joel; e não deu tempo de dizer mais nada: o Rodolfo começou a me acusar de ter criado o filho dele pra ser *gay* [...] (BOJUNGA, 2011, p. 68-69).

Em “Rodolfo começou a me acusar de ter criado o filho dele pra ser *gay*” notamos o antigo discurso de que, como Andrea havia nascido menino, deveria seguir seu caminho como homem, praticando atividades consideradas tradicionalmente masculinas. Rodolfo mostra-se muito rígido ao culpabilizar Paloma pelo fracasso na criação do filho: para ele, a esposa induz o menino a ter comportamento afeminado, graças às atividades de menina que o ensinara a fazer.

---

<sup>19</sup>Cf. o original: *This symbolic importance of the child's origin in heterosexuality is understood to be essential to culture for the following reason. If the child enters culture through the process of assuming a symbolic position, and if these symbolic positions are differentiated by virtue of Oedipalization, then the child presumably will become gendered on the occasion that the child takes up a position in relation to parental positions that are prohibited as overt sexual objects for the child. The boy will become a boy to the extent that he recognizes that he cannot have his mother, that he must find a substitute woman for her; the girl will become a girl to the extent that she recognizes she cannot have her mother, substitutes for that loss through identification with the mother, and then recognizes she cannot have the father, substitutes a male object for him. [...] To become part of culture means to have passed through the gender differentiating mechanism of this taboo and to accomplish both normative heterosexuality and discrete gender identity at once* (BUTLER, 2004, p. 31-32).

Resquícios da tradição heteronormativa são notados quando o pai diz ao filho para jogar futebol, culturalmente visto como “coisa de menino”, e não dançar, atividade restrita às meninas. Rodolfo é, aqui, um representante da classe dos homens-machos, reforçando o que Breines & Connell (2000, p. 2) definem como sendo a masculinidade:

o padrão ou a configuração de práticas sociais ligadas à posição dos homens na ordem do gênero, e socialmente distintas das práticas relacionadas com a posição das mulheres. A masculinidade, entendida como uma configuração de prática do dia a dia, é substancialmente uma construção social. Masculinidade refere-se a corpos masculinos (por vezes simbólica e indiretamente), mas não é determinado pela biologia do sexo masculino. (É, portanto, perfeitamente lógico falar sobre mulheres “masculinas”, quando as mulheres se comportam ou apresentam-se de forma que a sociedade considera essas atitudes “provenientes” dos homens).<sup>20</sup>

Nota-se que a masculinidade está ligada a uma ideia socialmente constituída de que o homem precisa seguir determinadas tendências para justificar ou confirmar seu papel, como afirma Silva (2006, p. 124): “a norma social construída é clara: o homem deve comportar-se como o modelo histórico e social definido pela maioria e enquadrar-se nele, dirigindo sua sexualidade para o sexo oposto ao seu”. Ser homem (de acordo com supostos padrões) pressupõe afastar de si quaisquer comportamentos femininos e internalizar apenas normas sociais que interessem ao universo masculino. No processo de formação de gênero, o menino é cobrado e pressionado a agir como homem e seguir certas atitudes típicas do grupo.

Por isso, Connell (2005, p. 77-81) classifica a masculinidade em duas categorias: (i) hegemônica, na qual apenas determinado grupo sustenta a posição de liderança, como no caso do homem branco heterossexual de classe média/alta. Nesse caso, apenas uma forma de masculinidade é exaltada e, a partir dessa visão, o patriarcado é legitimado; (ii) subordinada, na qual há relações de gênero específicas de dominação e subordinação em grupos de homens, como é o caso da subordinação homossexual à matriz de referência heterossexual. O conceito de masculinidade hegemônica é

---

<sup>20</sup>*Cf.*o original: I mean the pattern or configuration of social practices linked to the position of men in gender order, and socially distinguished from practices linked to the position of women. Masculinity, understood as a configuration of practice of everyday life, is substantially a social construction. Masculinity refers to male bodies (sometimes symbolically and indirectly), but is not determined by male biology. (It is, thus, perfectly logical to talk about “masculine” women, when women behave or present themselves in a way their society regards as distinctive of men) (BREINES & CONNELL, 2000, p. 2).

suficiente neste momento. As demais serão trabalhadas posteriormente, em análise das identidades ditas desviantes.

A masculinidade tem existência dentro de uma sociedade heteronormativa, construída com marcas de um passado injusto, no que se refere à forma como o homem foi colocado no poder. Como afirma Santos, ao mesmo tempo em que se mostra inovadora e aberta a novas possibilidades, ainda é possível observar estereótipos de gênero, responsáveis pela supremacia masculina, e como estão incrustados no discurso de uma maioria que parece não ter se desvinculado da tradição patriarcal:

Quando examinamos o problema da sociedade, escreveu Bukharin (1972: 235), “encontramos à nossa frente tipos históricos definidos de sociedades. Isso significa que não há uma ‘sociedade em geral’, mas que uma sociedade existe sempre sob um invólucro histórico determinado. Cada sociedade veste a roupa de seu tempo” (SANTOS, 2014, p. 25).

Um dos problemas da atual sociedade pode estar ligado à heteronormatização das relações humanas. Dessa forma, a heteronormatividade dita parâmetros de como se comportar a cada indivíduo: nasce fadado a cumprir uma série de normas instituídas a fim de se manter a ordem dentro do que é considerado padrão.

Os códigos de identidade, desde sempre, levam meninos/homens a “optar” por símbolos que os tornem másculos e viris, já que, neste caso, a manutenção deste processo deve ser algo constantemente vigiado, uma vez que há uma cobrança social para que o menino/homem não subverta sua condição de dominador, ao demonstrar fraqueza ou algo visto como feminino. Essa cobrança pode ser verificada quando Rodolfo obriga o filho a fazer parte de um universo masculino. No entanto, o comportamento machista e autoritário de Rodolfo não fica apenas no âmbito da palavra. Também utiliza da força para “corrigir” os desvios da identidade do filho:

– Pra você deixar de ser um fresco! (primeira chibatada); pra aprender a ser homem! (segunda chibatada; na terceira, a Paloma se meteu no meio, e, se não é o Andrea Doria empurrar ela, tinha sobrado pra ela também. Rodolfo atirou o chicote longe e saiu batendo a porta. Quando voltou não se trocou nenhuma palavra dentro de casa. No dia seguinte, o Andrea Doria evitou se encontrar com o pai, e a Paloma passou o dia entregue ao papo com ela mesma (BOJUNGA, 2011, p. 226-227).

É possível observar que, segundo a personagem, há uma receita para se aprender a ser homem: se esta não é seguida por bem, o indivíduo deverá ser punido para que aprenda de outra forma. Na fala de Andrea “o Joel tem razão: você é um patriarca moralista e preconceituoso” (BOJUNGA, 2011, p. 226 - 227) nota-se que o filho se incomoda com as atitudes do pai, afastando-se cada vez mais dele.

Na obra de Bojunga, é possível notar que os discurso de Rodolfo está totalmente vinculado ao estabelecimento de códigos da boa conduta masculina. Como se pode observar no excerto abaixo, Rodolfo insere no discurso elementos referentes ao papel do homem na sociedade:

– [...] E nesse dia que ele viu o Joel e o Andrea se beijando ele ficou doidinho: disse que ia dar uma surra no menino pra ele aprender que homem não é coisa de outro homem beijar na boca. E quanto mais eu pedia calma e mostrava pra ele que o Andrea Doria estava ali perto ouvindo, mais ele me acusava de não ter cortado, desde pequenininho, esse gosto que o Andrea tem pra dançar, “tem mais é que jogar futebol! Tem mais é que chutar bola pra aprender a ser homem!”. Ah, Léo, foi uma cena horrível (BOJUNGA, 2011, p. 72-73).

Rodolfo pune comportamentos masculinos considerados fora da tradição e julga uma aberração a relação entre dois homens. O comportamento de Rodolfo se iguala ao de muitos. Não aceitar uma exceção à regra tem feito da vida de muitos homossexuais uma tragédia. Neste pensamento patriarcal heterossexista, a punição e o abandono são vistos como remédios a uma “doença” que, por pior que pareça, ainda tem cura. Na situação descrita, Rodolfo apresenta-se como dominador e Andrea como dominado, ou seja, oprimido, pois conforme Wittig:

a sociedade heterossexual é a sociedade que não oprime apenas lésbicas e homossexuais, ela oprime muitos diferentes/outros, oprime todas as mulheres e muitas categorias de homens, todas e todos que estão na posição de serem dominadas(os). Para constituir uma diferença e controlá-la é um “ato de poder, uma vez que é essencialmente um ato normativo. Todos tentam mostrar o outro como diferente, mas nem todos conseguem ter sucesso a fazê-lo. Tem que ser socialmente dominante para se ter sucesso a fazê-lo” (WITTIG, 1992, p. 55).

Por fazer parte da maioria dominadora, Rodolfo consegue oprimir o filho. Dessa maneira, é possível afirmar que o olhar de Rodolfo para o filho é abissal: intolerante e

incompreensivo, não cogita a possibilidade de um relacionamento fora do âmbito tradicional-dual em que foi educado. Boaventura Souza Santos (2007, p. 79) descreve o pensamento abissal como sendo uma forma de ignorar tudo o que se encontra após os limites da fronteira: “a divisão é tal que ‘o outro lado da linha’ desaparece como realidade, torna-se inexistente e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer modo de ser relevante ou compreensível”.

A heterossexualidade é naturalizada, conforme Butler afirma, quando se leva em consideração que a reprodução de uma cultura está associada a relacionamentos entre sexos opostos:

A relação entre heterossexualidade e unidade e, implicitamente, a pureza da cultura não é funcional. Embora possamos ser tentados a dizer que a heterossexualidade assegura a reprodução da cultura e que a patrilinearidade assegura a reprodução da cultura na forma de um todo que é reproduzível em sua identidade ao longo do tempo, é igualmente verdade que a presunção de uma cultura como autossustentável e autorreplicante apoia a naturalização da heterossexualidade e a totalidade da abordagem estruturalista da diferença sexual emblematiza esse movimento para garantir a heterossexualidade por meio da temática da cultura (BUTLER, 2004, p. 36).<sup>21</sup>

A naturalidade da heterossexualidade começa a ser discutida quando se percebe que o não cumprimento de sua norma leva à violência. Como algo que é natural e inerente ao ser pode não ser seguido? A violência contra aqueles que fogem desse “padrão” apenas reafirma que a heterossexualidade é algo imposto, e não natural. Como exemplo disso, notamos que, em *Rubyfruit Jungle*, Molly, ao confessar não se sentir atraída por homens, tem consciência de que será julgada pela “Inquisição da Heterossexualidade”, como ela mesma nomeia a forma como a sociedade condena qualquer fuga à regra:

---

<sup>21</sup> Cf.o original: *The relation between heterosexuality and the unity and, implicitly, the purity of culture is not a functional one. Although we may be tempted to say that heterosexuality secures the reproduction of culture and that patrilinearity secures the reproduction of culture in the form of a whole that is reproducible in its identity through time, it is equally true that the conceit of a culture as a self-sustaining and self-replicating totality supports the naturalization of heterosexuality and that the entirety of the structuralist approach to sexual difference emblematizes this movement to secure heterosexuality through the thematics of culture* (BUTLER, 2004, p. 36).

– “Vamos parar com isso. Eu amo mulheres. Nunca me casarei com um homem e nunca me casarei com uma mulher também. Sou uma lésbica indiferente”.

Leota respirou fundo. – “Você deveria fazer um exame de cabeça, garota. Pessoas como você são descartáveis. Você precisa de ajuda”.

– “Sim, eu conheço pessoas como você que fazem pessoas como eu desaparecer. Antes de chamar os acólitos da ‘Inquisição Heterossexual’, estou indo” (BROWN, 1977, p. 220).<sup>22</sup>

Adrienne Rich, no ensaio intitulado “Compulsory Heterosexuality and the Lesbian Existence”, publicado em 1980, discute como o poder masculino faz tudo girar em torno da ideia de que as relações devem acontecer entre dois indivíduos de gêneros distintos. Conforme ela afirma:

Eu não tenho intenção de psicologizar aqui, mas sim identificar, sobretudo, as fontes de poder masculino. Acredito que um grande número de homens poderia, de fato, desempenhar o cuidado das crianças em maior escala sem alterar radicalmente o peso maior do poder masculino em uma sociedade identificadamente masculina (RICH, 1993, p. 23).

Ao citar o papel do homem, Rich busca em Lessing argumentos para garantir que:

Biologicamente, os homens possuem apenas uma orientação inata – a sexual, que os dirige para as mulheres – enquanto as mulheres possuem duas orientações inatas, a sexual dirigida para os homens e a reprodutiva dirigida para sua prole (LESSING, 1977, p. 480).

Considerando Rich, não existe outra forma de relação que não a heterossexual, o desejo entre sexos iguais não é sequer pensado. Só é válido que o homem aja como “homem” e a mulher como “mulher”. As maneiras de viver são naturalizadas de acordo com a inscrição do feminino ou do masculino materializadas no corpo biológico. Os corpos devem alinhar sexo biológico (como dado empírico) e gênero (apenas cultural).

---

<sup>22</sup> Cf.o original: *Let's stop this shit. I love women. I'll never marry a man and I'll never marry a woman either. I'm a devil-may-care lesbian.*

*Leota took her breath in sharply. You ought to have your head examined, girl. They put people like you away. You need help.*

*Yes, I know people like you who put people like me away. Before you call down the acolytes of Heterossexual Inquisition, I'm splitting (BROWN, 1977, p. 220).*

Nota-se que a heterossexualidade compulsória, cunhada por Rich, refere-se à imposição de um modelo de relacionamento, entre homens e mulheres, que define as relações sociais pela diferença naturalizada dos sexos. Conforme afirma Lacan:

O importante é isto: a identidade de gênero não é outra coisa senão o que acabo de expressar com estes termos, “homem” e “mulher”. É claro que a questão do que surge precocemente só se coloca a partir de que, na idade adulta, é próprio do destino dos seres falantes distribuírem-se entre homens e mulheres. [...] Para o menino, na idade adulta, trata-se de parecer-homem. E isso que constitui a relação com a outra parte (LACAN, 2009, p. 30-31).

Conforme observado na citação anterior, o pensamento de Lacan sobre a construção de homens e mulheres que perpetuam o ideal da heterossexualidade está conectado ao que Rich pensa a respeito de o sistema heterossexual ser o responsável pela supremacia masculina e a criação de um sistema no qual as mulheres são tradicionalmente controladas, seja pela família nuclear ou pela exploração econômica. Com base nas ideias de Gough, Rich elenca oito categorias, que vão desde a negação do prazer sexual feminino até a violência sexual, segundo as quais o poder masculino objetifica e marginaliza as mulheres:

Esses são alguns dos métodos pelos quais o poder masculino é manifestado e mantido. Observando todo o esquema, o que certamente impressiona é, sobretudo, o fato de que nós não estamos confrontando apenas a manutenção simples da desigualdade e da posse de propriedade, mas também um feixe difuso de forças que abarcam desde a brutalidade física até o controle da consciência, o que sugere que uma enorme contra força potencial vem sendo restringida (RICH, 1993, p. 25).

De acordo com essa concepção, nota-se, então, que os modelos de masculinidade hegemônica tendem a ignorar as demais formas de masculinidades e colocam-se como únicos e universais, já que não há possibilidade de conviverem ao lado de masculinidades submissas, assemelhando-se ao pensamento abissal, no qual essa coexistência também não existe:

a característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha. O universo 'deste lado da linha' só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante: para além da linha há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética (SANTOS, 2007, p. 79).

Essa impossibilidade de coexistência cria a exclusão social de grupos considerados fora do padrão, como no caso da homossexualidade de Andrea e Joel. O que está além das imposições do patriarcado não tem direito a voz e está sujeito à violência e discriminação. E isso garante, como afirma Garcia, a perpetuação de uma masculinidade hegemônica que é a:

configuração de gênero que incorpora a resposta atual aceita para o problema da legitimidade do patriarcado, garantindo a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres hegemonia será estabelecida somente se existir correspondência entre o padrão cultural e o poder institucional, seja ele coletivo e/ou individual (GARCIA, 1998, p. 46).

A relação de dominação não se dá apenas em âmbito masculino-feminino ou heterossexual-homossexual: homens heterossexuais também são alvos de exclusão quando sua masculinidade não é a viril propagada, o que o aproxima de um simbólico de feminilidade. O papel do homem/masculino está, então, ameaçado pelas mudanças sociais e:

quando as condições para a defesa do patriarcado mudam, as bases para a dominação ou hegemonia de uma masculinidade particular são gradualmente destruídas. A hegemonia é vista como historicamente mutável (GARCIA, 1998, p. 46).

Sendo assim, podemos pensar que a masculinidade hegemônica, calcada no princípio do homem macho, viril e heterossexual redefiniu-se por inúmeros modelos de masculinidades, antes subordinadas, que surgem a fim de suprir as necessidades da sociedade moderna. Refletiremos este aspecto no próximo capítulo.

A seguir, verificaremos como se dá, dentro da visão heteronormativa, a construção identitária feminina de personagens como Edith Hope, de *Hotel Dulac*, presa a princípios machistas e submetida, a maior parte da vida, às normalizações propostas pelo sistema dual, e Paloma, de *Sapato de salto*, cuja vida encaixa-se perfeitamente nos padrões tradicionais de mãe e esposa, – ou seja, Paloma abre mão do próprio destino para proporcionar conforto à família.

### 1.3. Convenções sociais: mulheres, imposições e marcas, em *Hotel Dulac*

Segundo a concepção de gênero tradicional, a mulher não deve estar ligada à posição de destaque. Graças a suas características inferiores a dos homens, como afirmado por Laqueur, à mulher cabe estar presa aos resquícios de uma vida privada, longe de qualquer chance de sucesso na vida social.

Ser mulher, dentro da sociedade patriarcal, significa ter comportamento delicado e ser cheia de atributos que possam fazê-la uma bela mercadoria, que encha os olhos de um possível “comprador”. Nigro (2017) questiona o lugar dessas mulheres e reitera o título de “mercadoria” a elas atribuído:

Se, no entanto, são os homens aqueles que falam por elas, quem as comandam, onde estariam as mulheres?

Em espaços demarcados para satisfazerem os papéis delas esperados: amante, mãe, enfermeira, cozinheira, professora, etc. Guardadas dentro das casas, podem ir por vezes às janelas, para, como produtos em prateleiras, serem “compradas” por parceiros masculinos. Para atrair os compradores para esse “produto sem valor”, vale tudo: enxoval e dote, além de toda uma preparação para ser “do lar”. A preparação inclui leitura de romances, pinturas, poesias, música, até mesmo uma formação acadêmica em alguma área, com o único objetivo de ser mais interessante ao parceiro. Sem mencionar o valor da beleza e juventude (NIGRO, 2017, p. 23).

Com isso, percebemos que a mulher nunca deixa de ser escrava das tradições, das imposições sociais. Beauvoir afirma, então, que a mulher se torna uma “escrava do lar”, pois a seu papel de gênero são destinados apenas trabalhos domésticos, incluindo a maternidade. Por viver apenas no meio privado e não ter acesso a mais possibilidades, deve cumprir a função social, sem reclamar:

Pelo casamento, a mulher não é mais emprestada por um clã a outro; ela é radicalmente tirada do grupo em que nasceu e anexada ao do esposo; ele compra-a como compra uma rês ou um escravo e impõe-lhe as divindades domésticas; e os filhos que ela engendra pertencem à família do esposo. Se ela fosse herdeira, transmitiria as riquezas da família paterna à do marido: excluem-na cuidadosamente da sucessão (BEAUVOIR, 1970, p. 103).

Conforme Chatagnier (2014),<sup>23</sup> a partir da citação anterior, nota-se que ser mulher é depender, primeiramente, do pai, e, após o casamento, do marido. Ser mulher, neste entendimento, é sinônimo de dependência, obediência e submissão, visto que não encontra forma de se desvincular da figura masculina, estando submetida às suas vontades.

Edith Hope, protagonista de *Hotel Dulac* (1984), encaixa-se perfeitamente nesse perfil de mulher “domesticada”:

[...] sou uma dona de casa; pago meus impostos; sei preparar o trivial variado e entrego os originais bem antes do prazo; assino qualquer coisa que coloquem diante de mim; nunca telefono para meu editor; e não me gabo das coisas que escrevo, ainda que perceba que tenham sido boas. Venho mantendo essa personalidade um tanto baça e honesta há um tempo considerável, e embora decerto já tenha importunado outras pessoas, não me seria permitido importunar a mim mesma (BROOKNER, 1984, p. 8-9).<sup>24</sup>

A princípio, conhecemos Edith sob seu próprio ponto de vista: uma mulher simples, dedicada à carreira, que está sempre dentro da lei, pois paga impostos em dia, e não costuma incomodar (mais) outras pessoas. Em resumo: a mulher correta, calma e humilde, esperada dentro da sociedade tradicional.

Pode-se notar, também, que Edith encontra-se perdida e em meio a uma confusão mental, graças a um “deplorável deslize”, “escândalo” ou “ato aparentemente medonho”, ainda desconhecido ao leitor, que a perturba:

Meu temperamento era considerado simples, e os que julgavam me conhecer concordavam que deveria permanecer assim. E sem dúvida, após um período de cura nesta solidão cinzenta (e noto que as folhas daquela planta estão inteiramente imóveis) me autorizarão a voltar, a fim de retomar minha existência pacata e retornar ao que eu era antes de cometer aquele ato aparentemente medonho, ainda que,

---

<sup>23</sup>Dados recuperados de minha dissertação intitulada “O gênero em questão: crítica e formação nos *Bildungsromane The Secret Life of Bees*, de Sue Monk Kidd e *Sapato de salto*, de Lygia Bojunga”, na qual foi analisada a construção da identidade feminina em consonância com a forma do romance das obras.

<sup>24</sup> Cf.o original: *I am a householder, a ratepayer, a good plain cook, and a deliverer of typescripts well before the deadline; I sign anything that is put in front of me; I never telephone my publisher; and I make no claims for my particular sort of writing, although I understand that it is doing quite well. I have held this rather dim and trusting personality together for a considerable length of time, and although I have certainly bored others I was not to be allowed to bore myself* (BROOKNER, 1984, p. 8-9).

francamente, depois de cometê-lo não tenha mais pensado a respeito. Entretanto, agora penso. Realmente (BROOKNER, 1984, p. 9).<sup>25</sup>

Edith é induzida pelos amigos a se “exilar” em um hotel às margens do Lago Genebra, na Suíça, a fim de se recuperar do trauma e voltar para a vida pacata sem indícios do deslize:

no entanto, era a sua casa, ou antes, o seu lar [...] quando os amigos lhe sugeriram umas férias breves, permitindo ser levada de carro ao aeroporto por sua amiga e vizinha, Penelope Milne, que, de lábios cerrados, só estava disposta a perdoá-la se ela desaparecesse durante um período razoável e regressasse mais madura, mais racional e reconhecendo suas culpas. Não me desculparão meu deslize, como se eu fosse uma menina ingênua, pensou ela; e por que desculpariam? (BROOKNER, 1984, p. 8)<sup>26</sup>

Percebe-se na iniciativa dos amigos da protagonista a necessidade de retirá-la de cena, única e exclusivamente, por ser mulher e ter agido fora do esperado. A precisão em ser perdoada e reconhecer a culpa mostra como a mulher é obrigada a se submeter a situações desnecessárias a fim de se encaixar naquilo que pensam ser o comportamento feminino. O “período de cura”, como ela mesma chama, ou o “exílio”, nada mais é do que uma punição por ter abandonado o noivo no dia do casamento – fato ainda não revelado ao leitor. Toda essa situação faz Edith sentir-se fora do lugar, retirada à força do âmbito familiar. Ao afirmar: “Eu não deveria estar aqui! Estou deslocada!” (BROOKNER, 1984, p. 10)<sup>27</sup> e “Por um instante entrei em pânico, mas já sou eu mesma agora, tanto quanto fui antes, embora o fato não fosse admitido” (BROOKNER, 1984, p. 10),<sup>28</sup> é possível perceber que a protagonista passa por um período de autorreflexão,

---

<sup>25</sup> Cf.o original: *My profile was deemed to be low and it was agreed by those who thought they knew me that it should stay that way. And no doubt after a curative stay in this grey solitude (and I notice that the leaves of that plant are quite immobile) I shall be allowed back, to resume my peaceable existence, and to revert to what I was before I did that apparently dreadful thing, although, frankly, once I had done it I didn't give it another thought .. But I do now. Yes* (BROOKNER, 1984, p. 9).

<sup>26</sup> Cf.o original: *But it was home, or, rather, 'home', [...], when her friends had suggested a short break, and had allowed herself to be driven to the airport by her friend and neighbour, Penelope Milne, who, tight-lipped, was prepared to forgive her only on condition that she disappeared for a decent length of time and came back older, wiser, and properly apologetic. For I am not to be allowed my lapse, as if I were an artless girl, she thought; and why should I be?* (BROOKNER, 1984, p. 8).

<sup>27</sup> Cf.o original: *“I should not be here. I'm out of place”* (BROOKNER, 1984, p. 10).

<sup>28</sup> Cf.o original: *“For a moment I panicked, I am myself now, and was then, although this fact was not recognized”* (BROOKNER, 1984, p. 10).

no qual tem que se culpabilizar a fim de renascer como outra mulher, dentro dos parâmetros impostos.

O casamento sempre foi uma instituição social de poder – que beneficia, no pensamento patriarcalista, o homem. Nesta relação de poder, a mulher, submissa, curva-se à vontade do macho para que possa estar segura. Como assevera Beauvoir, ser mulher é ser propriedade, não ter direitos e ser tratada como serva:

Tem o pai todos os poderes sobre ela; com o casamento, ele os transmite em sua totalidade ao esposo. Como é sua propriedade, como o escravo, o animal de carga, a coisa, é natural que o homem possa ter tantas mulheres quantas lhe apraza; somente razões de ordem econômica limitam a poligamia; o marido pode repudiar suas mulheres segundo seus caprichos, a sociedade não lhes outorga quase nenhuma garantia. Em compensação, a mulher é adstrita a uma castidade rigorosa (BEAUVOIR, 1970, p. 103).

A mulher está, desta maneira, destinada a se guardar para o marido e ao mesmo tempo aceitar qualquer tipo de traição por parte dele, sem ao menos ter o direito de reclamar. Se reclamar não é permitido, abandonar o marido em pleno altar, então, é um ato totalmente inimaginável, porém de muita coragem. No entanto, coragem aqui é vista como loucura, e será comentada a seguir. Antes disso, é válido lembrar como Rubin avalia a questão do casamento para a contraparte feminina.

Em “*The Traffic in Women*”, a autora comenta as formas como as mulheres são roubadas de seus destinos e forçadas a viver dentro de um padrão de regras, consideradas corretas:

A troca de mulheres é um conceito sedutor e poderoso. É atraente ao colocar a opressão das mulheres dentro dos sistemas sociais, ao invés da biologia. Além disso, sugere que buscamos o último lócus da opressão das mulheres no tráfico de mulheres, e não dentro do tráfico de mercadorias. Certamente, não é difícil encontrar exemplos etnográficos e históricos do tráfico de mulheres. As mulheres são dadas em casamento, utilizadas em batalha, trocadas por favores, enviadas como tributo, negociadas, compradas e vendidas. Longe de ficarem confinadas ao mundo “primitivo”, essas práticas parecem apenas tornar-se mais pronunciadas e comercializadas em sociedades mais “civilizadas”. Os homens são, naturalmente, também traficados - mas como escravos, jogadores, estrelas atléticas, servos ou como algum outro status social catastrófico, e não como homens. As

mulheres são negociadas como escravas, servas e prostitutas, mas principalmente por serem mulheres (RUBIN, 1975, p. 174-175).<sup>29</sup>

Dentro das inúmeras formas de tráfico envolvendo as mulheres, Rubin destaca o tráfico simplesmente por ser mulher. É esse caso, sob este ponto de vista, que ela discute o status de objeto dado à mulher. Dessa forma, a mulher é entregue nas cerimônias de casamento – um presente do pai ao futuro marido. A mulher, elegantemente, é oferecida a outro homem em cumprimento ao regimento social. Edith nega-se a cumprir a regra: talvez por medo, ou por rebeldia. Fato é que fazer parte dessa instituição apenas por conveniência não agrada à protagonista.

Ao longo da narrativa, é possível verificar diversas visões sobre o casamento. Cada personagem mostra um conceito, todos baseados em experiências próprias, pautadas no discurso tradicional. Temos a impressão de que a obra gira em torno dos relacionamentos e da forma como os casais lidam com essa convenção social. Em aula ministrada na Universidade de Yale, a professora Amy Hungerford discorre a respeito de mecanismos narrativos, cuja trama é desenvolvida com base na história do casal protagonista. Tudo o que acontece, de alguma forma, associa-se à possibilidade ou não de ambos ficarem juntos. A esta estrutura é dado o nome de “The Marriage Plot”:<sup>30</sup>

O *Marriage Plot* é aquele motor de narração de histórias segundo o qual pendurara a estrutura de um casal e a questão de se se ficarão juntos ou não nos romances. Agora, existem vários estágios no desenvolvimento da narrativa. Os casais são da mesma classe social? Eles são de lugares próximos geograficamente? Eles têm personalidades que combinam? Os pais concordam? Eles estão relacionados um ao outro secretamente (sempre um problema)? Há todos os tipos de coisas que podem dar errado para um casal tentando se juntar, e o romance vitoriano foi muito bom em gerar narrativas a partir de todos esses tipos de complicações. Então, existem diferentes tipos de resultados que se pode ter no romance regido pelo *Marriage Plot*. Um é a comédia. Esse acontece quando há um casamento ao final, quando o casal realmente se casa. Há também a tragédia: eles

<sup>29</sup> Cf.o original: *The exchange of women is seductive and powerful concept. It is attractive in that it places the oppression of women within social systems, rather than in biology. Moreover, it suggests that we look for the ultimate locus of women's oppression within the traffic in women, rather than within the traffic in merchandise. It is certainly not difficult to find ethnographic and historical examples of trafficking in women. Women are given in marriage, taken in battle, exchanged for favors, sent as tribute, traded, bought, and sold. Far from being confined to the "primitive" world, these practices seem only to become more pronounced and commercialized in more "civilized" societies. Men are of course also trafficked – but as slaves, hustlers, athletic stars, serfs, or as some other catastrophic social status, rather than as men. Women are transacted as slaves, serfs, and prostitutes, but also simply as women* (RUBIN, 1975, p. 174-175).

<sup>30</sup> Transcrição da aula disponível na íntegra em: <http://oyc.yale.edu/transcript/491/engl-291>

não se casam, e não deveriam ter casado, e todos sabemos disso. Então, *Orgulho e Preconceito* seria um exemplo do primeiro tipo; *Anna Karenina* talvez seja um exemplo do último tipo, mesmo que seja realmente um romance sobre adultério. Depende totalmente das convenções do *Marriage Plot*.<sup>31</sup>

*Hotel Dulac* assemelha-se bastante a estrutura apresentada já que, como mencionado, não apenas o casal protagonista (Edith e David) é responsável pelo enredo, mas as demais personagens também servem como fator essencial para que a trama se desenvolva. Todas as complicações, como veremos adiante, resultam, no caso do romance analisado, no que a professora de Yale considera um exemplo de tragédia. Entendamos o porquê.

A primeira noção de casamento é a de Jennifer Pusey. Temos aqui o estereótipo da mulher elegante. Mesmo tendo trinta e nove anos, assim como Edith, apresenta uma vantagem: mostra-se mais nova e mais inocente do que de fato é. Leva uma vida devotada à mãe, Iris Pusey, com quem, inclusive, passa uma temporada no hotel. Jennifer é o tipo de mulher que não precisa se casar, pois encontra na mãe refúgio para tudo. Na visão de Edith, a personagem não tem pressa para se casar, pois não encontrou, ainda, o homem certo. Por não ser preciso dar este passo, Jennifer opta por ser dama de companhia da mãe:

Jennifer não tem pressa alguma de deixar o regaço da mãe (ou pelo menos é o que me garante), e entrementes todas nós fazemos de conta, serenamente, que o homem certo há de aparecer e no momento exato. No momento, não há homens. Com exceção o marido da Sra. Pusey (que não parece ter outro título ou vocativo, mesmo porque não há necessidade de nenhum, isso está implícito), estamos sós (BROOKNER, 1984, p. 46).<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> Cf. o original: *The Marriage Plot is that engine of storytelling that makes novels hang on a structure of a couple and the question of whether they will get together or not. Now, there are all kinds of stages in that development, the development of that narrative. Are the couples from the same social class? Are they from geographically contiguous places? Do they have personalities that match? Do their parents agree? Are they related to each other secretly (always a problem)? There are all kinds of things that can go wrong for a couple trying to get together, and the Victorian novel was very good at generating narrative from all those kinds of complications. Then, there are different kinds of outcomes that you can have in the novel governed by the Marriage Plot. One is the comedy. That's when you get married at the end, the couple gets married. Then there's the tragedy: They don't, and they should have, and we all know it. So, *Pride and Prejudice* would be an example of the former kind; *Anna Karenina* perhaps an example of the latter kind, even though that's a novel really about adultery. It totally depends on the conventions of the Marriage Plot.*

<sup>32</sup> Cf. o original: *Jennifer is in no hurry to leave her mother, or so her mother assures me, and in the meantime we are all peaceably pretending that the right man will come along in due course. At the moment, there are no men at all. Apart from Mrs Pusey's husband (who seems to have no other title or appellation, none being needed, it is implied) we are on our own.* (BROOKNER, 1984, p. 46).

Jennifer deve ter um namorado em algum lugar, e a menor evidência sugere que ela tenha, mas de alguma forma parece improvável. Eu acho que ela é o tipo de garota que nunca vai deixar a mãe (BROOKNER, 1984, p. 82).<sup>33</sup>

Na verdade, vejo a vida conjugal de Jennifer como uma extensão de seu presente. Simplesmente, devem ser três ao invés de dois. O único rito de passagem será o casamento, e isso será visto principalmente como o pretexto para comprar mais roupas. Este homem, o marido da Jennifer, ocupará uma posição equidistante entre os dois, de plantão nas duas direções. Ele será necessariamente o homem da família, mas não será um Pusey (BROOKNER, 1984, p. 86).<sup>34</sup>

Nota-se que Edith tem uma opinião um tanto quanto recalcada da vida matrimonial de Jennifer. Para a protagonista, a presença de um homem na relação entre as Puseys seria apenas acessória. O possível namorado teria de manter um relacionamento amigável com Iris, a fim de continuar beneficiando a relação mãe-filha – sem intromissão. Edith desconfia que Jennifer tenha um *affair*, em algum lugar. Essa desconfiança confirma-se ao fim da narrativa, quando Edith descobre o caso secreto da personagem.

Em resumo, Jennifer assume, dentro da tradição sexista, o papel de cuidadora, o que é perfeitamente aceitável para a década de 1970, quando a história é narrada. Pensando nos papéis de gênero que a mulher é obrigada a exercer, é válido lembrar que, conforme Diniz e Santos:

Mulheres passaram a ser, sistematicamente, preparadas para serem mães e esposas notáveis: elas foram convocadas a se dedicarem ao papel de “rainhas do lar”. Ocorre, dessa forma, um movimento de idealização e valorização do exercício desse papel. Inseridas nesse modelo, mulheres foram aparentemente reconhecidas por seu desempenho no espaço privado. Uma família “perfeita” era produto do trabalho de uma esposa exemplar. Tal idealização dificultou ou desqualificou a inserção de mulheres em outros espaços sociais (DINIZ e SANTOS, 2011, p. 139).

---

<sup>33</sup>Cf. o original: *Jennifer might have a boyfriend somewhere, and the higher reason suggests that she must have, but somehow it seems unlikely. I think she is the sort of girl who will never leave her mother.* (BROOKNER, 1984, p. 82).

<sup>34</sup>Cf. o original: *In fact I see Jennifer's married life as being an extension of her present one; simply, there will be three of them instead of two. The only rite of passage will be the wedding, and as this will be seen primarily as the pretext for buying more clothes its ultimate significance will be occluded. This man, Jennifer's husband, will occupy a position equidistant between the two of them, on call in both directions. He will perforce be the man of the family, but he will not be a Pusey* (BROOKNER, 1984, p. 86).

Estar presa ao lar e cuidar estritamente do que diz respeito ao espaço privado mantém as mulheres oprimidas e escondidas por muito tempo. Quando tem a chance de sair do casulo, são direcionadas a funções que nada mais são do que a extensão do serviço exercido em casa:

Na antiguidade, como afirma Remer (2010), coube à mulher – livre – apenas as funções de procriação e cuidados com a casa, podendo, exercer funções específicas como costureira, modista, professora, enfermeira, entre outras. Já para as escravas, cabe-lhes a função serviçal e a de proporcionar prazer aos homens. O conhecimento, a arte e a política, por serem mais sofisticados, estão restritos ao universo masculino.

A mulher ganha o espaço público, como ocorre após a Revolução Industrial ou no pós-guerra mundial, por exemplo. Sai, então, de casa, para suprir o espaço deixado pela falta do marido. Surgem assim mulheres operárias, secretárias etc.: cargos que não são hierarquicamente superiores, mas são extensões dos serviços feitos no lar (CHATAGNIER, 2014, p. 30).

Dentre os citados, destaco a professora – a mãe sempre foi responsável pela educação do filho, logo pode ensinar os demais –, e a enfermeira – ou cuidadora, como observamos na função de Jennifer. As filhas são preparadas tanto para casar quanto para cuidar dos pais/filhos/maridos.

A senhora Pusey, mãe de Jennifer, também afirma ter uma visão bem tradicional do casamento. Para ela, casar-se nada mais é do que concretizar um sonho. O marido sempre fora atencioso e correto, fazendo tudo para vê-la feliz. A passagem a seguir ilustra essa situação:

– “Ah, se você soubesse como eu sinto falta dele”, ela contou a Edith.  
 – “Ele me deu tudo o que eu queria. Minha vida matrimonial era como um sonho. Ele costumava dizer: – ‘Iris, se isso te deixa feliz, compre. Eu lhe darei um cheque em branco. Não gaste tudo na casa. Gaste com você’. – Mas, claro, minha linda casa veio primeiro. Como adorava aquela casa”. (BROOKNER, 1984, p. 40)<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup>Cf. o original: *'Oh, but you can't think how I miss him,' she confided to Edith. 'He gave me everything I could possibly want. My early married life was like a dream. He used to say, "Iris, if it'll make you happy, buy it. I'll give you a blank cheque. And don't spend it all on the house. Spend it on yourself" But of course my lovely home came first. How I adored that house'* (BROOKNER, 1984, p. 40).

A felicidade é para Iris nada mais é do que um cheque em branco e o casamento é, aqui, apenas um acordo social no qual o homem ganha a esposa em troca de mantê-la feliz financeiramente.

Em outro excerto é possível verificar o discurso tradicional nas palavras da Sra. Pusey. Para ela, casamento está relacionado com amor e considera-se sortuda, pois tem um casamento feliz pautado na adoração do marido. Observa-se também que seja um dos papéis da mulher ser admirada pelo esposo, como se isso fosse um dos atributos exigidos para que obtenha sucesso na instituição:

Mas a Sra. Pusey, depois de mexer distraidamente nas páginas dos suplementos colorido, suspirou e disse: – “Um mundo tão feio. Ambição e sensacionalismo. Sexo barato. Nada de bom gosto. Nada interessante. Você pegaria meu livro no andar de cima, querida?”

– “Tenho medo de ser romântica”. Com este pronunciamento, ela sorriu para eles, enquanto que relutantemente entregou o *Observer*, o *Sunday Times*, o *Sunday Telegraph*.

– “Você vê, fui criada para acreditar nos valores corretos”.

Lá vamos nós, pensou Edith, engolindo um pequeno bocejo.

– “O amor significa casamento para mim”, afirmou Sra. Pusey. “Romance e namoro estão sempre juntos. Uma mulher deve saber fazer com que um homem a adore”.

Neville inclinou a cabeça, interessando-se pela conversa.

– “Bem, talvez eu tenha tido a sorte”, acrescentou a Sra. Pusey com uma pequena risada, olhando para baixo para reorganizar a gola de sua blusa de seda.

– “Meu marido me adorava. Obrigada, querida”, disse ela, enquanto Jennifer entregava-lhe um livro de bolso com um perfil impressionante de Art Nouveau na capa.

– “Este é o tipo de história que eu gosto”, continuou ela.

Ela conseguia falar mesmo enquanto estava lendo, observou Edith (BROOKNER, 1984, p. 65).<sup>36</sup>

---

<sup>36</sup>Cf. o original: But Mrs Pusey, after flicking distractedly through the pages of the colour supplements, gave a sigh and said, 'Such an ugly world. Greed and sensationalism. Cheap sex. And no taste. Not a sign. Run upstairs and get my book, would you, darling?' 'I'm afraid I'm a romantic.' With this pronouncement she smiled at them, as, reluctantly, they surrendered the *Observer*, the *Sunday Times*, the *Sunday Telegraph*. 'You see, I was brought up to believe in the right values.' Here we go, thought Edith, swallowing a tiny yawn. 'Love means marriage to me,' pursued Mrs Pusey. 'Romance and courtship go together. A woman should be able to make a man worship her.' Mr Neville inclined his head, giving polite consideration to this view. 'Well, perhaps I've been fortunate,' Mrs Pusey added with a little laugh, looking down to rearrange the bow of her silk blouse. 'My husband worshipped me. Thank you, darling,' she said, as Jennifer handed her a paperback with a straining Art Nouveau profile on the cover. 'This is the sort of story I enjoy,' she went on. She was able to talk even when she was reading, Edith noted (BROOKNER, 1984, p. 65).

Com base no trecho anterior, Iris assume-se romântica e contra os novos ideais libertários dos papéis femininos. Segundo afirma – fora criada para viver dentro dos valores corretos ditados pela sociedade.

Phillip Neville, homem distinto e focado no trabalho, também apresenta uma visão do casamento bem próxima à tradicional. Phillip, um dos únicos personagens masculinos da obra, encontra-se no Hotel Dulac em férias. Edith considera-o um homem de qualidades:

Suponho que o Sr. Neville é o que chamamos de homem de qualidade. Ele se comporta graciosamente. Ele é elegante. Por fora, pensou, examinando o chapéu de panama e a jaqueta de linho. Ele é mesmo bem bonito: um rosto do século XVIII, bom, discreto, lábios carnudos, com um leve brilho azulado de barba, visível sob a pele saudável. Um homem sem coração, eu acho. Furiosamente inteligente. Conveniente (BROOKNER, 1984, p. 68).<sup>37</sup>

A partir da fala de Edith é possível perceber que Phillip é bonito e inteligente. Para ele, o casamento nada mais é do que um acordo social no qual o homem encontra uma companhia e a mulher assume determinada posição social. Após dias de convívio, o belo encanta-se por Edith e propõe que se casem. No entanto, nenhum resquício de amor e afeto é demonstrado no pedido. Neville, que já fora traído e abandonado pela esposa, sugere à Edith que sejam parceiros, já que o amor não é algo necessário e indispensável:

– “Você está errada ao pensar que não pode viver sem amor, Edith”.  
 – “Não, não estou errada”, disse ela, devagar. “Não posso viver sem isso. Oh, não estou dizendo que definharia, ou desenvolveria sintomas estranhos, me tornaria uma caricatura. Quero dizer algo muito mais grave. Quero dizer que não posso viver sem amor” (BROOKNER, 1984, p. 199).<sup>38</sup>

– “Sim, eu sei que você acha que sabe melhor do que eu”, disse ele,  
 – “Mas você está errada. Você não precisa de mais amor. Você precisa

<sup>37</sup>Cf. o original: *I suppose Mr Neville is what was once called a man of quality. He conducts himself altogether gracefully. He is well turned. Out, she thought, surveying the panama hat and the linen jacket. He is even good-looking: an eighteenth-century face, fine, reticent, full-lipped, with a faint bluish gleam of beard just visible beneath the healthy skin. A heartless man, I think. Furiously intelligent. Suitable* (BROOKNER, 1984, p. 68).

<sup>38</sup>Cf. o original: *'You are wrong to think that you cannot live without love, Edith.'* *'No, I am not wrong,' she said, slowly. 'I cannot live without it. Oh, I do not mean that I go into a decline, develop odd symptoms, become a caricature. I mean something far more serious than that. I mean that I cannot live well without it* (BROOKNER, 1984, p. 99).

de menos. O amor não fez muito bem, Edith. O amor tem te tornado enigmática, quieta, talvez desonesta?"

Ela assentiu

– “O amor te trouxe ao Hotel do Lago fora de temporada, para se sentar com as outras mulheres e falar sobre roupas. É isso que você quer?"

– “Não”, disse ela. “Não”.

– “Não”, ele prosseguiu. “Você é uma mulher inteligente, muito inteligente para não perceber o que está perdendo. Aqueles minúsculos prazeres domésticos, aqueles jogos de cartas de que você fala, logo você se cansa”.

– “Não”, ela repetiu. “Nunca”.

– “Sim. Oh, o seu romantismo pode manter os pensamentos pesados por um tempo, mas os pensamentos vencerão. E então você descobrirá que você tinha muito em comum com todas as outras mulheres descontentes, e você começará a ver muito sentido na posição feminista, e se recusará a ler qualquer coisa exceto os romances de mulheres...”.

– “Eu os escrevo”, ela lembrou.

– “Não é esse tipo”, disse ele. “Você escreve sobre amor. E você nunca escreverá nada diferente, eu suponho, até que você comece a olhar mais para si mesma” (BROOKNER, 1984, p. 88 - 89).<sup>39</sup>

Neville mostra-se bem assertivo ao considerar que o amor tem causado efeitos colaterais em Edith. Ela, por sua vez, não aceita a visão da personagem e acredita fielmente que o amor seja o caminho mais fácil. Neville mostra-se insistente na proposição e apresenta ideias carregadas de um machismo explícito, segundo a qual a mulher deve estar ligada a um casamento a fim de que possa existir dentro da sociedade. Nesta perspectiva, a personagem analisa Edith com o intuito de mostrar a ela que, caso não aceite o pedido, continuará fadada à infelicidade e ao desconhecimento:

---

<sup>39</sup>Cf. o original: *'Yes, I know you think you know better than I do,' he said, as her head shot up in alarm. 'But you are wrong. You do not need more love. You need less. Love has not done you much good, Edith. Love has made you secretive, self-effacing, perhaps dishonest? She nodded 'Love has brought you to the Hotel du Lac, out of season, to sit with the other women, and talk about clothes. Is that what you want?' 'No,' she said. 'No.'*

*'No,' he went on. 'You are a clever woman, too clever not to know what you are missing. Those tiny domestic pleasures, those card games you talk about, they would soon pall.'*

*'No,' she repeated. 'Never.'*

*'Yes. Oh, your romanticism might keep rueful thoughts at bay for a time, but the thoughts would win out. And then you would discover that you had a lot in common with all the other discontented women, and you'd start to see a lot of sense in the feminist position, and you'd refuse to read anything but women's novels ... !'*

*'I write them,' she reminded him.*

*'Not that sort,' he said. 'You write about love. And you will never write anything different, I suspect, until you begin to take a harder look at yourself' (BROOKNER, 1984, p. 88 - 89).*

– “Estou facilitando pra você. Eu vi você, tentando falar com aquelas mulheres. Você está desolada. E sem o amor próprio que eu tanto te falei, você nunca vai aprender, ou você vai aprender muito tarde e tornar-se amargo. E quando você achar que está sozinha, sua expressão será cheia de tristeza. Você enfrentará um exílio”.

– “Mas por que você me acha um caso perdido?”

– “Você é uma *lady*, Edith. Elas estão bastante fora de moda nos dias de hoje, como você pode ter notado. Como minha esposa, você se daria muito bem. Solteira, temo que em breve você pareça um pouco tola”.

Ela o analisou com tristeza. – “E o que vou fazer na sua bela casa, quando você estiver ausente?” ela perguntou. “E quando você estiver?”, ela pensou, mas se calou.

– “Faça o que quer que seja agora, mas faça melhor. Você pode escrever, se quiser. Na verdade, você pode começar a escrever melhor do que você pensa que pode. Edith Neville é um bom nome para uma autora. Você terá uma posição social, que você precisa. Você ganhará confiança, sofisticação. E você terá a satisfação de saber que você está me dando crédito. Você não é o tipo de mulher a que os homens temem” [...] (BROOKNER, 1984, p. 148-149).<sup>40</sup>

Para Neville, é necessário que Edith tenha amor próprio e aprenda as regras estando, desta forma, inserida nos padrões sociais. No discurso supracitado, é possível verificar em “como minha esposa, você se daria bem. Solteira, acredito que logo se sentiria uma tola”, que Neville deseja Edith apenas para funcionar como um bibelô – disponível para satisfazer-lhe e aparecer com ele publicamente. Nota-se aqui o típico papel da mulher tida como adorno, como visto anteriormente. Mesmo sob essa condição, Edith mostra-se propensa a aceitar. Neville quer, a todo custo, mostrar que casamento é sinônimo de felicidade, pois sem o matrimônio, Edith permanece infeliz.

Outra vantagem do casamento listada por Neville, além da posição social, necessária a todas as mulheres, é que Edith também poderá contar com seu sobrenome – “Edith Neville é um ótimo nome para uma autora. Você terá posição social, que você

---

<sup>40</sup>Cf. o original: *I am making it easier for you. I have watched you, trying to talk to those women. You are desolate. And without the sort of self-love which I have been urging on you, you are never going to learn the rules, or you are going to learn them too late and become bitter. And when you think you are alone, your expression is full of sorrow. You face a life of exile of one sort or another.' But why should you think me such a hopeless case?' 'You are a lady, Edith. They are rather out of fashion these days, as you may have noticed. As my wife, you will do very well. Unmarried, I'm afraid you will soon look a bit of a fool.'* She studied him sadly. *'And what will I do in your fine house, when you are away?' she asked. And when you are not away, she thought, but kept the thought to herself. 'Whatever you do now, only better. You may write, if you want to. In fact, you may begin to write rather better than you ever thought you could. Edith Neville is a fine name for an author. You will have a social position, which you need. You will gain confidence, sophistication. And you will have the satisfaction of knowing that you are doing me credit. You are not the sort of woman of whom men are afraid [...]* (BROOKNER, 1984, p. 148-149).

precisa. Você ganhará confiança, sofisticação”. Observamos nesta tradição uma forma de o homem empossar-se da mulher – da mesma forma como faria com um objeto. Ao assumir-se Neville, Edith insere-se dentro das propriedades do esposo e deve, assim, prestar-lhe conta de tudo. Além disso, Edith também ganhará confiança e sofisticação – como se só fosse possível adquiri-las após o casamento.

Edith, além de romântica, é inofensiva por não estar inserida no rol das mulheres históricas: “Você não é o tipo de mulher de quem os homens temem” é possível observar, novamente, o machismo na fala de Neville, classificando as mulheres como históricas por elas se vangloriarem das próprias conquistas. Percebe-se que mulher, aqui, deve ser sinônimo de subserviência e obediência, a fim de não amedrontar os homens.

Pensando no machismo contido na obra, é válido apresentar, agora, outra personagem masculina que perpetua essa tradição. Trata-se de Geoffrey Long, ex-pretendente de Edith, abandonado no altar. Para muitos, é o homem ideal: capaz de suprir todas as necessidades de uma mulher – já que é generoso, romântico, apegado à mãe (ou às memórias dela), respeitoso e leal. Oferece, assim, uma vida perfeita à Edith, como se observa em “ele ofereceu a ela uma vida completa, uma nova casa para se mudar, novos amigos, até uma casa de campo, luxos que ela nunca teria pensado em adquirir”.<sup>41</sup> No entanto, em seus ideais machistas, cultua o mito de que a mulher não pode trabalhar e, no caso particular de Edith, critica-a por gastar dinheiro com a sua produção escrita:

E Geoffrey Long, aquele homem amável que tinha se produzido para ela naquele jantar não muito distante e que tinha estado tão solitário desde que sua mãe morreu: o que poderia ser mais excelente para um futuro seguro e sensato? Apenas um homem muito inocente, pensou ela, poderia ser o pretendente tradicional tão claramente, e como todos estavam impressionados, principalmente Penélope, mas, no final, até a própria Edith, pela sua devoção, sua generosidade, suas flores sem fim, seus cuidados espalhafatosos, e, finalmente, o sombrio anel de opala de sua mãe. E ele lhe ofereceu uma vida completa, uma nova casa para se mudar, novos amigos, até uma casa de campo, luxos que ela nunca havia pensado para si mesma. E ele era um homem admirável, um pouco antiquado em seus pontos de vista: ele, por exemplo, não aprova que mulheres trabalhem, e ele a incomodava a respeito do tempo que gastava com os livros. E havia algo tão alegremente direto, mesmo cômico, sobre seu namoro. E todos

---

<sup>41</sup> Cf. o original: “*he had offered her a complete life, a new home to move into, new friends, even a cottage in the country, luxuries which she would never have thought to procure for herself*”.

disseram como ele havia sido bom com sua mãe. Todos disseram que sua esposa seria sortuda. Todos disseram que sorte Edith tinha, Penélope disse. Com esse ar fraco e hipotizado que implicava que ela própria teria sido uma destinatária mais digna. E Edith foi constantemente lembrada de sua boa sorte. E, na verdade, não era necessário renunciar a nada disso. Ela teve sorte. Tenho sorte, lembrou-se, olhando aquele rosto atraído no copo de sua penteadeira (BROOKNER, 1984, p. 105-106).<sup>42</sup>

É válido ressaltar, com base no que fora citado acima, que, apesar de Geoffrey perpetuar o machismo, isto não é avaliado como defeito. Ele é apenas, na voz do narrador, um pouco antiquado. Isso pode, perfeitamente, ser esquecido e deixado de lado, pois é um homem bom. Todos exaltam apenas o quão sortuda Edith é por tê-lo encontrado. Ao final da citação, é possível perceber o quanto a protagonista é manipulada pela visão dos demais, tentando convencer-se da sorte que tem.

Edith tortura-se por algum tempo tentando encaixar-se no padrão social de mulher dona de casa, com o intuito de agradar Geoffrey, mas, finalmente, no dia do casamento, decide encerrar uma etapa que constituiria o início de seu fracasso como escritora:

Talvez ela nunca mais escreva. Ela teria então a vida que outras mulheres têm: fazer compras, cozinhar, organizar festas, encontrar amigos para o almoço. Todos aqueles conhecidos do mundo que tinham sido tão gentis com seus convites para pequenas reuniões [...] Eu não paguei minhas dívidas, ela disse para si mesma, no dia em que ela olhou com tímido prazer em sua cozinha nova e espaçosa (BROOKNER, 1984, p. 109).<sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> Cf. o original: *And Geoffrey Long, that kind man who had been produced for her at that not too far distant dinner party, and who had been so lonely since his mother died: what more excellent guarantee could anyone produce of a safe and sensible future? Only a very innocent man, she thought, could play the traditional suitor so openly, and how impressed everyone had been, principally Penelope, but in the end even Edith herself, by his devotion, his generosity, his endless flowers, his fussy care, and finally his mother's gloomy opal ring. And he had offered her a complete life, a new home to move into, new friends, even a cottage in the country, luxuries which she would never have thought to procure for herself. And he was a personable man, if a little old-fashioned in his views: he did not, for example, approve of women working, and he teased her about the amount of time she gave to her books. And there was something so agreeably straightforward, even comic, about his courtship. And everyone said how good he had been to his mother. Everyone said how lucky his wife would be. Everyone said how lucky Edith was Penelope, said. It with that faintly nettled air that implied that she herself would have been a more worthy recipient. And Edith was constantly reminded of her good fortune. And, really, there was no need to disclaim any of this. She was lucky. I am lucky, she reminded herself, looking at that drawn face in the glass of her dressing table* (BROOKNER, 1984, p. 105-106).

<sup>43</sup> Cf. o original: *Perhaps she would never write again. She would have that life that she supposed other women have: shopping, cooking, arranging dinner parties, meeting friends for lunch. All those worldly acquaintances who had been so kind with their invitations to little gatherings [...] I have not paid my*

Ao ponderar a impossibilidade de continuar escrevendo para dar vida a uma mentira, Edith reconsidera a decisão de se casar e decide por fim a tentativa de assumir o papel de doméstica – comprando, cozinhando, preparando festas e reuniões de amigos – sem levar em conta os riscos na decisão:

Ela se dirigiu direto para a sala de desenho e colocou a mão no ombro de Geoffrey.  
 – “Geoffrey”, disse ela, “desculpe”. Ele olhou para cima, e retirou sua mão.  
 – “Não tenho mais nada para te dizer, Edith”, ele respondeu. – “Você me fez de palhaço”.  
 – “Eu acho, Geoffrey, que você descobrirá que a palhaça sou eu”.  
 Ele a ignora. – “Estou apenas agradeço que minha pobre Mãe não tenha vivido para ver essa cena”.  
 Ambos olharam para o anel opala, que Edith tirou e entregou a ele. Então ela disse: – “Adeus, Geoffrey”, e saiu da sala (BROOKNER, 1984, p. 116).<sup>44</sup>

Geoffrey ignora qualquer possibilidade de diálogo por se sentir humilhado. Ainda acusa Edith por tê-lo constrangido. A protagonista mostra-se destemida ao encerrar uma situação que não tem chance de ser bem sucedida. No entanto, não havia pensado que seria tão julgada pelos amigos e conhecidos como fora, como é possível observa no excerto abaixo:

Ela foi condenada é claro. Por horas ouviu Penélope e a Deputada Dempster discorrerem sobre sua depravação moral, sua infância, sua falta de dignidade, confiança, lealdade e sensibilidade feminina e decência. Ela então ouviu dizer-lhe que teve sua última chance. Que não havia futuro para ela. Eles perguntaram como poderia levantar cabeça. Que o melhor que poderia fazer seria sair até que ela tivesse chegado a seus sentidos e pudesse fazer uma reparação decente para a sociedade pela indignação que cometeu (BROOKNER, 1984, p. 116-117).<sup>45</sup>

---

*dues, she said to herself, on a day when she had looked with timid pleasure at her new and spacious kitchen* (BROOKNER, 1984, p. 109).

<sup>44</sup> Cf. o original: *She made her way straight to the drawing room and put her hand on Geoffrey's shoulder. 'Geoffrey,' she said, 'I'm sorry.' He looked up, and with momentous dignity removed her hand. 'I have nothing more to say to you, Edith,' he pronounced. 'You have made me look a laughing stock.' 'I think, Geoffrey, that you will find that it is I who am the laughingstock.' This he ignored. 'I am only grateful that my poor Mother did not live to see this day.' They both looked at the opal ring, which Edith removed and handed to him. Then she said, 'Goodbye, Geoffrey,' and left the room* (BROOKNER, 1984, p. 116).

<sup>45</sup> Cf. o original: *She was condemned out of hand, of course. For what seemed like hours she listened to Penelope and Mrs Dempster discoursing on her moral turpitude, her childishness, her lack of dignity, trust, loyalty, and decent feminine sensibility. She then heard them tell her that she had had her last*

Ao abandonar Geoffrey, automaticamente, Edith abdica de todas as possibilidades de um futuro promissor. Percebe-se que é condenada pela própria amiga, Penélope, que a classifica como infantil e sem dignidade. Novamente, a tradição patriarcal julga a mulher e exime o homem de qualquer culpa. Edith, por loucura e insensatez, erra ao não aceitar as qualidades do ex-futuro esposo. Ninguém ao menos questiona as razões pelas quais a protagonista toma a decisão. É relevante pensar que Edith é vista como criminosa, considerando a necessidade de pagar pelo ultraje cometido contra a sociedade.

Após o ocorrido, Edith tenta contatar David e, ao ser atendida ao telefone, surpreende-se, ou assusta-se, ao notar que seu feito será ainda lembrado por muito tempo, causando-lhe embaraço:

- “Você não se casou então?” perguntou Stanley, sem surpresa.
- “Não”, disse ela. “Eu mudei de ideia”. [...] Pois esse delito insignificante dificilmente poderia ser negligenciado, inevitavelmente causaria toda uma reação em cadeia de diversão. As discussões podem ser inventadas; o constrangimento pode nunca ser esquecido. Edith previu, infelizmente, que ela se tornaria um constrangimento (BROOKNER, 1984, p. 117).<sup>46</sup>

Caso haja possibilidade de o casamento não vir a realizar-se, muitas mulheres são julgadas e estereotipadas como “solitárias”, “amargas”, “incapazes” e “solteironas”. Um dos principais aspectos tratados por Brookner, no romance em questão, é a visão da sociedade sobre mulheres que falharam em um dos principais projetos de uma vida “normal”. Quando chega ao Hotel Dulac, para cumprir sua pena, Edith depara-se com diferentes mulheres que carregam consigo diferentes realidades. No entanto, todas são conectadas pelo fracasso dentro do enredo do casamento.

Romântica inabalável, Edith abre o leque das mulheres solitárias que passam a vida em busca de amor. A protagonista tem uma vida dupla, dividida entre a carreira de

---

*chance. That there was no future for her in that line, whatever she may think. That they wondered how she could hold up her head. That the best thing she could do would be to go away until she had come to her senses and could make decent reparation to society for the outrage she had committed* (BROOKNER, 1984, p. 116-117).

<sup>46</sup> Cf. o original: *'Didn't you get married then?'* asked Stanley, unsurprised.

*'No,' she said. 'I changed my mind.'* [...]

*For this misdemeanour could hardly be overlooked, would inevitably cause a whole chain reaction of amusement, caution, withdrawal. Quarrels can be made up; embarrassment can never quite be forgotten. Edith foresaw, sadly, that she would become an embarrassment* (BROOKNER, 1984, p. 117).

escritora, sob o pseudônimo de Vanessa Wild, e a devoção a David, um homem casado, que nada tem a oferecer, a não ser solidão. David é um homem de negócios, respeitado e casado. No entanto, isso não impede Edith de criar expectativas emocionais com ele e colocá-lo no centro de sua vida:

– “David Simmonds? Ele é chefe da empresa familiar, agora. Simmonds, a casa de leilões. Eles lidam com muitas das maiores vendas de casas de campo. Um gato, não é? Ele sempre esteve um pouco interessado em mim, mas ele é tão difícil esses dias. Ele perguntou sobre você, a propósito”.

– “Como você o conhece?” pergunta Edith.

– “Estudei com a esposa dele”, disse Penélope. “Priscilla. Você sabe. Você a conheceu. Você sabe, Edith. Alta, loira, muito bonita. Ela não pôde vir hoje” [...] (BROOKNER, 1984, p. 59-60).<sup>47</sup>

No excerto abaixo, David sai do plano imaginário e passa a compartilhar momentos com Edith, deixando-a ainda mais apaixonada por ele. Nota-se, por meio dos detalhes da cena, que a protagonista modifica a própria rotina a fim de atendê-lo bem:

Mas aquelas adoráveis refeições que ela tinha feito para David, aqueles fetiches, que ele sempre exigia quando finalmente saíam da cama, [...] Isso era o que ele fazia todas as manhãs, enquanto sua esposa chamava as crianças para não se atrasarem. E, finalmente, sentiu que não o conhecia, embora observasse por detrás da cortina quando ele corria para o carro, apressava-se e rugia para a noite. Sempre sentiu como se ele fosse para sempre. Mas ele sempre voltaria. Mais cedo ou mais tarde, ele voltaria (BROOKNER, 1984, p. 29-30).<sup>48</sup>

Gradativamente, a espera de Edith por David aumenta. No início, isso é observado pela imaginação, depois pelo preparo cuidadoso das refeições e, por fim, a

---

<sup>47</sup> Cf. o original: *'David Simmonds? He's head of the family business, now. Simmonds, the auction house. They handle a lot of the bigger country house sales. Rather a pet, isn't he? He's always been a bit keen on me, but he's so hard to get hold of these days. He asked about you, by the way.'* *'How do you know him?'* said Edith.

*'I was at school with his wife,'* said Penelope. *'Priscilla. You know. You've met her here a dozen times. You know, Edith. Tall, blonde, very good-looking. She couldn't come today.'* [...] (BROOKNER, 1984, p. 59-60)

<sup>48</sup> Cf. o original: *But those lovely meals that she had cooked for David, those heroic fry-ups, those blow-outs that he always seemed to require when they eventually got out of bed [...]; this was what he did every morning while his wife called to the children who were going to be late. And finally she felt she hardly knew him at all, although she watched from behind the curtain as he ran out to the car, hasty now, and roared off into the night. It always felt as if he had gone forever. But he had always come back. Sooner or later, he had come back* (BROOKNER, 1984, p. 29-30).

longa espera, diária de Edith por seu amado. Mais uma vez, observa-se que a personagem deixa de lado os afazeres para passar o tempo esperando David:

Pareceu-lhe que as horas do dia passaram simplesmente e ela estava esperando por ele. E, no entanto, havia cinco romances, de tamanho razoável, para provar que ela não passara seu tempo olhando pela janela, como a Senhora de Shalott. Era, ela reconheceu, uma existência de tartaruga, apesar da indústria. Foi por isso que ela escreveu para tartarugas, como se fosse para ela mesma (BROOKNER, 1984, p. 29-30).<sup>49</sup>

A partir das citações anteriores, é possível notar que, ao invés de corresponder às expectativas da amante, David a deixa mais solitária ainda, pois passa os dias aguardando com que ele volte (Cedo ou tarde, ele voltaria). Nesta longa espera, a sensação de que o conhecia cada dia menos é uma constante (Então ela sentiu que o conhecia cada vez menos). Na cena em que os encontros são descritos, é perceptível a posição de subserviência que Edith assume ao servir David. Vive em função das vontades (alimentícias e sexuais) do companheiro, porém, é vista pela sociedade – não tendo acesso à vida secreta dele – como uma solteirona. Edith vive uma mentira, assim como David, com a grande diferença de que, para ele, a mentira é consentida e saudável. Não há nada de errado em ter uma amante e enganar a família, como pode ser observado na citação abaixo. Já para ela, o caso deve mesmo ficar escondido. A diversão fora do casamento é algo permitido aos homens dentro da sociedade patriarcal, pois isso não fere o status de pureza, pelo contrário, apenas reafirma a sua masculinidade:

David, ela sabia, não mentia tão bem, até mesmo induziu a esposa, em uma dessas perigosas brigas deles, que ele poderia encontrar em outro lugar. Sua esposa riu com desprezo, sabendo que ele estava sobrecarregado com responsabilidades - casas, filhos, posição profissional - que ele não podia perder. Seus amigos eram indulgentes com ele: ele era atraente e eles lhe concederam licença para se divertir um pouco. Mas eles suspeitaram que ele se divertia com secretárias ou com outras esposas. Nunca com ela [Edith] (BROOKNER, 1984, p. 75).<sup>50</sup>

<sup>49</sup> Cf. o original: “It had seemed to her that the daylight hours were spent simply waiting for him. And yet there were five novels, of some length, there to prove that she had not spent her time gazing out of the window, like the Lady of Shalott. It was, she recognized, a tortoise existence, despite the industry. That was why she wrote for tortoises, like herself” (BROOKNER, 1984, p. 29-30).

<sup>50</sup> Cf. o original: David, she knew, lied not quite so well, even dropped hints to his wife, in one of those dangerous quarrels of theirs, that he might look elsewhere. His wife laughed scornfully, knowing him to

Apesar de estar à frente de muitas mulheres da década de 1970, no aspecto profissional, uma vez que trabalha para se manter, o pensamento de Edith permanece enraizado nas tradições sociais no dever de tornar o relacionamento com um homem em forma de completude. Não deseja passar apenas momentos de paixão avassaladora, mas, sim, ter a “simplicidade da rotina” e dividi-la com alguém que, mesmo não sendo o amor verdadeiro, seja companheiro:

– “Você é romântica, Edith” - repetiu o Sr. Neville, com um sorriso.  
 – “É você quem está errado”, ela respondeu. “Eu tenho ouvido essa acusação durante a maior parte da minha vida. Eu não sou uma romântica. Eu sou caseira. Não suspiro e anseio por exposições extravagantes de paixão, por grandes *affaires*, o mundo perdido por amor. Eu sei tudo isso, e sei que isso deixa você solitário. Não, o que desejo é a simplicidade da rotina. Uma caminhada à noite de braços dados, um bom tempo. Um jogo de cartas. Tempo ocioso para conversar. Preparar uma refeição juntos” (BROOKNER, 1984, p. 98).<sup>51</sup>

Para Edith, o amor verdadeiro não é tão importante, pois não idealiza o parceiro – para ela, o importante é ter alguém com quem possa contar. Como é possível perceber na citação anterior, a protagonista não aceita ser chamada de romântica, pois tem noção dos malefícios que um amor pode causar para uma mulher – como, por exemplo, a solidão. Em resumo, ao mesmo tempo em que se aproxima da tradição, por desejar ter um companheiro, afasta-se, ao perceber os danos que um relacionamento amoroso pode causar.

Em outro momento da narrativa, Edith divide as mulheres em duas categorias: as lebres e as tartarugas, conforme a fábula de Esopo. Para ela, as mulheres “lebres” são as modernas, aquelas que vivem apenas o momento e tiram vantagem da situação. Ao contrário disso, as mulheres “tartarugas” são as tradicionais, que assumem a vida social

---

*be burdened with responsibilities – houses, children, professional standing – that he could not shed. His friends were indulgent towards him: he was attractive and they granted him licence to enjoy himself a little. But they suspected that he enjoyed himself with a succession of tough young secretaries, or with other men's wives. Never with her* (BROOKNER, 1984, p. 75).

<sup>51</sup> Cf. o original: *'You are a romantic, Edith,' repeated Mr Neville, with a smile. 'It is you who are wrong,' she replied. 'I have been listening to that particular accusation for most of my life. I am not a romantic. I am a domestic animal. I do not sigh and yearn for extravagant displays of passion, for the grand affair, the world well lost for love. I know all that, and know that it leaves you lonely. No, what I crave is the simplicity of routine. An evening walk, arm in arm, in fine weather. A game of cards. Time for idle talk. Preparing a meal together.'* (BROOKNER, 1984, p. 98).

ao lado de alguém, devotando-lhe a vida. Na comparação feita pela protagonista, na ficção, as tartarugas são sempre as vencedoras, mas, isso não acontece na vida real, considerando que as lebres são sempre as mais rápidas e assertivas. Por este motivo, indiretamente, Edith assume o lugar, como mulher tradicional, e afirma ter como público alvo as tartarugas, justamente, por elas necessitarem de consolo, ao contrário das lebres, preocupadas com as caçadas:

– “A tartaruga ganha sempre. Esta é uma mentira, é claro”, disse ela, agradavelmente, mas com autoridade[...] – “Na vida real, é claro, é a lebre que ganha. Toda vez. Olhe a sua volta”. [...] – “As lebres não têm tempo para ler. Elas estão muito ocupadas ganhando o jogo. A propaganda é do outro lado, mas apenas porque é a tartaruga que precisa de uma solução”.

– “Como os mansos que herdarão a terra” – acrescentou, com um breve sorriso (BROOKNER, 1984, p. 25).<sup>52</sup>

Em conversa com o editor, Edith mostra-se convicta de que não perderá tempo fazendo literatura para as mulheres da moda, reafirmando o quão tradicional ainda é nas questões amorosas:

– “Eu gosto da ideia do novo”, disse Harold, depois de uma longa pausa. – “Embora eu tenha que lhe confessar que o mercado romântico está começando a mudar. É o sexo que chama atenção para a jovem executiva agora” [...]

– “Harold”, disse Edith, – “eu simplesmente não conheço ninguém que tenha esse estilo de vida. O que isso significa? [...] Elas querem acreditar que serão descobertas [...] exatamente quando pensarem que tudo está perdido, por um homem que lutou por vários continentes, abandonando o que ele pudesse atrapalhar sua chegada para recuperá-las” (BROOKNER, 1984, p. 24).<sup>53</sup>

Ainda dentro dos papéis sociais tradicionais, desenvolvidos pelas mulheres, encontramos a solidão existente na vida da personagem Monica, atual hóspede do Hotel

<sup>52</sup> Cf. o original: *The tortoise wins every time. This is a lie, of course,' she said, pleasantly, but with authority, [...]. 'In real life, of course, it is the hare who wins. Every time. Look around you. [...] 'Hares have no time to read. They are too busy winning the game. The propaganda goes all the other way, but only because it is the tortoise who is in need of consolation. Like the meek who are going to inherit the earth,' she added, with a brief smile.* (BROOKNER, 1984, p. 25).

<sup>53</sup> Cf. o original: *'I like the idea of the new one,' said Harold, after a longish pause. 'Although I have to tell you that the romantic market is beginning to change. It's sex for the young woman executive now [...]' 'Harold,' said Edith, 'I simply do not know anyone who has a lifestyle. What does it mean? [...] They want to believe that they are going to be discovered [...] just when they thought that all was lost, by a man who has battled across continents, abandoning whatever he may have had in his in-tray, to reclaim them.* (BROOKNER, 1984, p. 24).

Dulac. Sua estadia, assim como a da protagonista, está relacionada à resolução de problemas conjugais: Monica, incapaz de conceber um herdeiro ao marido, é enviada para lá para que se recupere e volte apta a exercer a função social. Caso isso não ocorra, a ideia de exílio, agora apenas temporário, tornar-se-á permanente e ela será, de fato, excluída da sociedade que tanto lhe cobra um filho:

Ela odeia e teme ao marido, mas só porque ele não a protegeu, e ela se vê condenada à solidão e ao exílio. Nisto, ela é previsível. Eu a vejo, alguns anos depois, paga para viver no exterior, em um hotel desse tipo, em vários hotéis do lago, seu rosto lindo, magro e desdenhoso, seu cachorro permanentemente embaixo do braço. Sua última arma será um esnobismo inflexível, o que já está em evidência. Ela repugna a família do marido [...] (BROOKNER, 1984, p. 71-72).<sup>54</sup>

Monica mostra-se muito decepcionada com o marido e questiona um futuro incerto que, possivelmente, será de muita tristeza e solidão – já que, com certeza, terá de enfrentar um divórcio, graças à (possível) infertilidade. Notamos aqui, mais uma vez, a sociedade patriarcal e misógina ditando as regras na vida da mulher.

A última personagem a ser descrita como solitária é Comtesse de Bonneuil. Nesta história, somos colocados diante de uma das brigas mais comentadas e instigadas da história: a rivalidade entre sogra e nora. A sociedade, ainda hoje, coloca essas duas figuras femininas uma contra outra, com o intuito de perpetuar o ódio feminino e, assim, garantir o status machista da sociedade, uma vez que, na relação conflituosa, a mãe, na maioria das vezes, concebe um ódio inexplicável pela nora, colocando-a como aquela que rouba sua cria. No caso de nossa personagem, notamos um ato de autossacrifício, pois a condessa, após falhar no papel de sogra, e não se dar bem com a nora, opta por se isolar no Hotel, ao invés de atrapalhar a felicidade do filho. Edith ouve a história da condessa indignada com tamanha crueldade:

– “Por que ela está aqui?” perguntou a Edith.

[...]

– “A sra. De Bonneuil tinha uma bela casa perto da fronteira francesa: é uma boa família, aliás. Naturalmente, a nora queria a casa para si

---

<sup>54</sup> Cf. o original: *She hates and fears her husband, but only because he has not protected her, and she sees herself condemned to loneliness and exile. In this she is prescient. I see her, some years hence, a remittance woman, paid to live abroad, in such a hotel, in various Hotels du Lac, her beautiful face grown gaunt and scornful, her dog permanently under her arm. Her last weapon will be an unyielding snobbishness, which is already in evidence. She despises her husband's family [...]*(BROOKNER, 1984, p. 71-72).

mesma. Então a velha tinha que ir. Ela não suporta a esposa, é claro. Despreza-a. Muito bem. Ela mora aqui porque não quer ver o filho infeliz” (BROOKNER, 1984, p. 62 - 63).<sup>55</sup>

Como é possível observar, a disputa entre sogra e nora, mesmo após ter vivido em função da criação do filho, leva a condessa a pagar o preço pela ambição da nora. A questão do isolamento aqui é evidente, já que, por já ter certa idade, a condessa não tem expectativas de um futuro promissor após o ocorrido.

Conforme análise anterior, percebemos que a narrativa de cada personagem feminina do texto de Brookner é trágica, pois está estruturada em um sistema que hostiliza a mulher. Para finalizar tais narrativas, a obra culmina com o desfecho da história de Edith, quando a protagonista descobre o caso secreto de Neville e Jennifer e começa, então, a questionar como seria possível sua vida com ele, caso tivesse aceitado a proposta do casamento:

Ela sentou-se lentamente na cama, sentindo-se um pouco fraca. E se eu me casasse com ele, ela disse para si mesma, sabendo disso, sabendo também que ele poderia tão fácil e tão rapidamente procurar em outro lugar, [...], talvez seja o que ele pretendia, pensou; que eu deveria substituir o que estava faltando. E para mim, esses prazeres que são ligeiramente chamados de física permanecerão onde foram há tanto tempo agora, tanto tempo para mim que eles se tornaram minha vida. E eu deveria perder a única vida que eu sempre quis, mesmo que nunca fosse minha a minha própria chamada. E o sorriso do Sr. Neville, tão infalivelmente ambíguo, sempre me lembraria disso (BROOKNER, 1984, p. 163).<sup>56</sup>

É possível considerar que Neville, mesmo apresentando algumas ideias modernas, está preso à tradição e só quer, como afirmado anteriormente, a presença de Edith como um adorno, a fim de expor em compromissos sociais.

O destino de Edith, porém, é incerto. Ao libertar-se da ideia do casamento com

---

<sup>55</sup> Cf. o original: *'Why is she here?' asked Edith. [...] Mme de Bonneuil had a beautiful house near the French border: it's quite a good family, incidentally. Naturally, the daughter-in-law wanted the house to herself. So the old girl had to go. She can't stand the wife, of course. Despises her. Quite right. She lives here because she doesn't want to see the son unhappy.'* [...] (BROOKNER, 1984, p. 62 - 63).

<sup>56</sup> Cf. o original: *She sat down slowly on the bed, feeling a little faint. And if I were to marry him, she said to herself, knowing this, knowing too that he could so easily and so quickly look elsewhere [...] But perhaps that is what he intended, she thought; that I should replace the item that was missing. And for me, those pleasures which are lightly called physical would remain where they have been for so long now, so long for me that they have become my lifetime. And I should lose the only life that I have ever wanted, even though it was never mine to call my own. And Mr Neville's smile, so unfailingly ambiguous, would always remind me of this.* (BROOKNER, 1984, p. 163).

Neville, decide libertar-se também do exílio e retornar ao lar. Durante toda a narrativa a protagonista dedica-se a escrever uma carta para David, contando detalhes do que acontece no Hotel. É, exatamente com o encerramento da carta, que temos o desfecho da narrativa: “Mas, depois de um momento, ela pensou que isso não era inteiramente exato e, riscando as palavras ‘Retornando para casa’, escreveu simplesmente, ‘Retornando’” (BROOKNER, 1984, p. 163).<sup>57</sup> Assim, podemos, apenas, pressupor que Edith segue para o destino (casa), mas não podemos afirmar que esteja, de fato, liberta de David e, assim, da necessidade de manter um relacionamento que a completasse.

A partir da análise realizada, podemos verificar que ser mulher até meados do século XX é sinônimo de estar ligada a um homem, por meio do matrimônio. Sem casamento, todas as expectativas de um futuro promissor, para a contraparte feminina, são descartadas. Mas, o que dizer quando, dentro do próprio casamento, essas possibilidades esvaem-se meio ao autoritarismo do marido? Quando estar ao lado do tão esperado/sonhado marido vira sinônimo de solidão e agonia? Lygia Bojunga, com um olhar crítico e preciso, discute o papel da mulher dentro de um relacionamento abusivo, no qual o respeito se perde em um ambiente nocivo. Vejamos, no próximo item, como a personagem Paloma busca a autorrealização e enfrenta a imposição de limites de uma sociedade machista e preconceituosa, na qual pouco importa o sentimento, valendo mais o que fora instituído tradicionalmente.

#### **1.4. A persistência das convenções: submissão, prostituição, loucura e morte, em *Sapato de salto***

Por ser algo recorrente, a submissão feminina nunca deixa de ser tema da literatura. Porém, o lado contado pelo cânone é sob o ponto de vista masculino, enfatizando, sempre, a necessidade de colocar a mulher em patamar inferior. É válido lembrar que, se pensarmos em escrita feminina, esta se encontra em anos de desvantagem da masculina, uma vez que:

a questão da escrita feminina como sendo um ato de dar voz à mulher também é comentado por Spivak (1993) em *Can the Subaltern Speak?*, no qual é questionado se a mulher, juntamente com outras minorias, tem o direito de falar, de se expressar: “o subalterno pode falar? O que a elite tem que fazer para tomar cuidado com a contínua

<sup>57</sup> Cf. o original: “But, after a moment, she thought that this was not entirely accurate and, crossing out the words ‘Coming home,’ wrote simply, ‘Returning’” (BROOKNER, 1984, p. 163).

construção do subalterno? A questão da ‘mulher’ parece mais problemática neste contexto, claro, se você é pobre, negra e feminina, você o é de três maneiras” (p. 294).<sup>58</sup> Para ela, o fato de ser mulher piora ainda mais a situação, pois ninguém quer dar voz ao sexo frágil (CHATAGNIER, 2014, p. 57).

Em *Can the Subaltern Speak?*, Spivak discute o *status* desfavorecido da mulher no que concerne a não permissão de expressar suas ideias, sua história. Este é o perigo de conhecermos apenas uma história única. Para a escritora Chimamanda Ngozi Adichie, a sociedade é criada por meio da história narrada apenas de acordo com a visão dos favorecidos. Uma história é criada e, por meio da repetição, passada adiante por gerações. O que incomoda é a versão apresentada estar sempre ligada ao poder, ou melhor, aos detentores do poder que se sentem no direito de contar a história do outro, mesmo essa não sendo realmente a verdadeira:

Então, é assim que se cria uma única história: mostre a um povo como é uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão. É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é "nkali". É um substantivo que livremente se traduz: "ser maior do que o outro". Como nossos mundos econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do "nkali". Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa.<sup>59</sup>

Com a história das mulheres é assim! O homem assume o poder e conta apenas o condizente ao que devemos saber, dentro de uma visão patriarcal:

Para ter assegurado o direito de falar, enquanto o outro é silenciado, o sujeito que fala se investe de um poder advindo do lugar que ocupa na sociedade, delimitado em função de sua classe, de sua raça e, entre outros referentes, de seu gênero, os quais o definem como o paradigma do discurso proferido. Historicamente, esse sujeito imbuído do direito de falar é de classe média-alta, branco, e pertencente ao sexo masculino (ZOLIN, 2009, p. 106).

<sup>58</sup> Cf.o original: “Can the subaltern speak? What must the elite do to watch out for the continuing construction of the subaltern? The question of ‘woman’ seems most problematic in this context, Clearly, if you are poor, black, and female you get it in three ways” (SPIVAK, 1993, p. 294).

<sup>59</sup> Discurso de Chimamanda Ngozi Adichie, "O perigo de uma única história", disponível na íntegra em: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?share=17a9a8607a&language=pt-br](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?share=17a9a8607a&language=pt-br)

Mas, para quebrar tais normas, citamos o trabalho de Lygia Bojunga, escritora brasileira, cuja obra volta-se para a perspectiva do “marginalizado”, seja ele mulher, criança, homossexual. É interessante perceber, como nas obras de Bojunga, até mesmo um dos mais violentos atos, como o estupro, é exposto de forma suave, porém carregado de emoção, a fim de reforçar, ainda mais, a problematização do tema – como se a descrição literária, vista por muitos como infantil, machucasse mais o leitor do que se o caso fosse contado friamente (em relatos policiais, por exemplo), fazendo-o realmente refletir sobre o assunto. Desta maneira, Bojunga consegue desvelar e denunciar preconceitos com uma escrita peculiar.

*Sapato de salto*, publicado em 2006, é um dos livros mais famosos da escritora, por tratar de problemas sociais enraizados na sociedade brasileira, tais como a prostituição, o estupro, a violência contra os homossexuais e a submissão feminina. Por conter um variado leque de temas importantes em nosso trabalho, optamos por tratar de um tópico por vez, deixando para esta seção a análise da personagem Paloma, contanto que essa se encaixe no repertório das personagens tradicionais, podendo ser analisadas sob a visão tradicional do par dual sexo/gênero. No entanto, faremos uma contextualização das outras personagens, objetivando dar sentido à narrativa de Paloma.

É possível verificar que Bojunga, em *Sapato de salto*, inclui a história de várias mulheres, assim como em *Hotel Dulac*, com trajetórias diferentes, porém conectadas pelo fator da submissão ou da violência presentes em seus destinos. De modo geral, é narrada, na obra, a busca de Sabrina – uma pequena menina, de nove anos, estuprada pelo pai adotivo. Aos dez anos a criança descobre a prostituição como forma de sustento – por um lugar digno, no qual possa viver realmente a infância. Sabrina é basilar na história de Paloma, pois, por conta da menina, decide arrancar as amarras que a forçam a seguir sempre o socialmente imposto.

Apesar de criança, Sabrina é vista como adulta e vive um não-lugar. É órfã e, ao ser adotada, torna-se empregada da família, tendo de assumir uma casa e sofrendo maus tratos de Matilde, a “mãe” adotiva. O “pai” adotivo, Sr. Gonçalves, que se mostra mais confiável a princípio, esconde para si segundas intenções. Ao questionar o direito de estudar, verificamos como o machismo está enraizado nas falas de Matilde e Gonçalves, pois ambos consideram o estudo, para uma menina como ela, perda de tempo:

– Lá no orfanato a gente estudava um pouco; o senhor quer continuar me ensinando?

Ele alisou o cabelo dela:

– Você vai ser uma mulher muito bonita, não precisa estudar.

– Ah, eu não quero ficar burra. – E lançou mão de um argumento mágico: – A gente estuda baixinho.

[...]

Dona Matilde se zangou:

– Que absurdo perder tempo com essa menina! Parece até que você não tem mais nada pra fazer.

[...]

– E pra que que essa menina quer aula? Ela é empregada!

(BOJUNGA, 2011, p. 18-19).

Primeiramente, é possível notar a associação da beleza com a burrice: já que a menina tem outros atributos, e se garante com eles, estudar não será necessário, pois, muito dificilmente, terá de se preocupar em utilizar a inteligência para alguma coisa. Em segundo lugar, vemos que Matilde se interessa apenas em manter a menina como empregada e, ser instruída, nesse caso, pode ser arriscado. As chances de Sabrina prosperar são, assim, minimizadas pelo casal, e ela nem ao menos tem direito de escolha sobre isso.

É desta forma que Bojunga inicia a exposição de violências contra a mulher. Apesar de estarmos falando de um livro contemporâneo, datado de 2006, notamos que ser mulher continua sendo perigoso. Mais perigoso ainda quando se é órfã e se deve favor ao “patrão”. Sr. Gonçalves, mesmo casado, não se prende à tradição da fidelidade e vê em Sabrina uma forma satisfazer-se sexualmente. Verificamos, aqui, mais uma das tradições patriarcais, na qual o homem tem o direito de dominar o corpo feminino e tomá-lo mesmo sem consentimento. Entrando no universo infantil, do conto de fada e da imaginação, Sr. Gonçalves finge estar criando um segredo com a menina, a fim de credibilizar esses atos:

A curiosidade era grande: Sabrina progredia tanto nos estudos que o seu Gonçalves quis ver se outras aulas iam ser tão bem assimiladas assim. Entrou uma noite no quarto dela e se instalou na cama com jeito de quem está inventando uma nova brincadeira. Quando Sabrina foi gritar de susto, ele tapou o grito com um beijo. E depois cochichou:

– Esse vai ser o nosso maior segredo, viu? – e foi brincando de roçar o bigode na cara dela.

Sabrina sentiu o coração disparando. O bigode desceu pro pescoço. Sabrina não resistiu: teve um acesso de riso. De puro nervoso.

[...]

– Que que há, Seu Gonçalves? Não faz isso pelo amor de deus! O senhor é que nem meu pai. Pai não faz assim com a gente. – Conseguiu se desprender das mãos dele. Correu pra porta. Ele pulou atrás, arrastou ela de volta pra cama:  
 – Vem cá com teu papaizinho.  
 – Não faz isso! Por favor! Não faz isso! – Tremia, suave. – Não faz isso!  
 Fez (BOJUNGA, 2011, p. 22-23).

Nota-se que em nenhum momento Bojunga explicita o estupro, mas, de forma discreta, descreve a invasão sofrida por Sabrina e toda a angústia da menina ao pedir que o "pai" se afaste. Como afirmam Nigro, Chatagnier e Laranja (2017, p. 142), “a violência do corpo tomado sem consentimento sangra incapacidades, impulsos e sonhos, e na ausência do empoderamento pelo discurso, sujeitos são e estão estuprados”. A violência, aqui, é vista como uma forma de perda do infinito. Por não ter voz, nem direito a ela, mais uma vez, todas as possibilidades se esvaem e resta apenas a sensação de perda e confusão:

[...] Estremeceu: e agora? continuava falando baixinho com ele? sumia dali? olhava a dona Matilde no olho? sumia pra sempre? brincava com a Marilda e o Betinho? sumia pra onde? Quando o dia se levantou ela sentiu que ia ficar. Sem planos, sem escolha. Só com o instinto dizendo que, apesar de tudo, era mais fácil ficar (BOJUNGA, 2011, p.21).

Infelizmente, Gonçalves concretiza o ato e faz desta uma rotina na vida da pequena. Todas as noites, insiste em entrar no quarto de Sabrina e violentá-la. A violência, no entanto, perde a gravidade e, por meio de manipulações emocionais, o que antes não era consentido, é acrescido aos afazeres da menina. Neste caso, mais vantajoso para ela, pois recebia por isso:

– Hoje não deu tempo de comprar.  
 – Ah!...  
 – Mas guarda esse dinheiro. – Saiu.  
 Sabrina levantou, pegou o dinheiro, levou para junto da janela, examinou, largou pro lado, sentou. Ficou olhando pro chão. Pegou de novo o dinheiro, dobrou devagar a nota, enfiou lá no colchão. E, na outra noite, quando seu Gonçalves já ia saindo:  
 – Ei!! E o dinheirinho?? (BOJUNGA, 2011, p. 26).

Inconscientemente, Sabrina utiliza-se da prática sexual a seu favor. E é punida por isso. Como se não bastasse a dor de ser silenciada e violentada, ainda tem de acertar

as contas com Matilde, para quem, mais uma vez, dentro da tradição patriarcal, deve assumir a responsabilidade por conquistar o marido alheio. Assim como em *Hotel Dulac*, não cabe ao homem nenhum castigo pela traição (neste caso, traição e estupro, o que agrava ainda mais a situação):

Dona Matilde deu pra repreender Sabrina cada vez com mais aspereza. Botou ela pra lavar prato, arear panela, esfregar chão, limpar vidro, varrer jardim. Na hora de cuidar das crianças a Sabrina não conseguia mais vencer o cansaço e volta e meia cochilava. Dona Matilde começou a bater na Sabrina cada vez que pegava ela cochilando (BOJUNGA, 2011, p. 26-27).

Nota-se que Matilde explora Sabrina da forma mais cruel: por meio do serviço doméstico. Certa de que a menina não poderia reclamar, utiliza-se dessa estratégia para não ser descoberta pelo marido. Sabrina fica sem entender se Matilde sabe ou não do “caso” que mantém em segredo. Até que, no dia de sua despedida:

Quando Sabrina chegou mais perto pra dar um beijo de despedida, recebeu uma bofetada na cara:  
– É pra você não se esquecer que eu não vou me esquecer. – E bateu a porta com a mesma força da bofetada (BOJUNGA, 2011, p. 39).

A bofetada representa a libertação de Matilde: é dessa forma que ela se livra do fantasma da menina que assombra sua vida conjugal. A protagonista certifica-se, então, que, como desconfiava, Matilde tinha conhecimento do segredo e, tudo o que fez, fora, de fato, uma forma de punição.

Quando Sabrina muda de casa e passa a viver com a tia e a avó, Bojunga nos apresenta três histórias, nas quais as mulheres protagonizam horrores causados pela imposição de valores tradicionais. As três histórias estão interligadas pelo laço familiar. Sabrina conhece a Tia Inês, uma prostituta, a avó Gracinha, uma senhora histérica, e, por meio de lembranças, a mãe Maristela, jovem, grávida e suicida. Podemos notar que nenhuma das qualificações anteriores nos surpreende. Dentro do plano patriarcal:

nos romances canônicos, conforme bem pondera Schmidt (1999), as leis que regiam o casamento, a sexualidade e a dependência feminina eram tão insistentes a ponto de se poder identificar sequências narrativas recorrentes, como casamento, adultério, loucura e morte. Trata-se, no dizer da ensaísta, de um aparato ideológico com vistas “à socialização das personagens femininas dentro de limites legais,

econômicos e sexuais, inscrevendo os desejos individuais num código coletivo de ações, cujas sequências reforçam comportamentos psicologicamente introjetados e papéis socialmente legitimados” (p. 673) (ZOLIN, 2009, p. 109).

Escolha não faz parte do dicionário das mulheres. Fora do casamento, instituição supervalorizada conforme exposto anteriormente, seja por renúncia ou por fracasso, não pode levar a outro fim senão morte e/ou loucura.

Ao focalizarmos a trajetória de Dona Gracinha, percebemos que o destino é bem cruel ao fazer dela uma mulher abandonada pelo marido, obrigada a trabalhar para sustentar a si e as filhas, sendo que estas são levadas à prostituição e à morte precoce, justamente pela falta de opções que a sociedade patriarcal oferece ao sexo feminino. Na descrição abaixo, Inês conta à Sabrina o motivo pelo qual a avó enlouquece:

- Mas o que aconteceu pra ela ficar virada criança?
- Sei lá! Um troço qualquer se desarrumou lá dentro da cabeça dela. Perguntei pr’um médico que examinou ela: por quê?! Ele começou a falar umas coisas que eu não entendi direito, e pela cara dele acho que ele também não, e acabou dizendo que isso às vezes acontece. Aí, na hora de tomar banho, em vez de se lavar ela fica brincando de fazer bolha de sabão; na hora de lavar roupa (ela sempre lavou roupa pra fora), em vez de pendurar a roupa no varal, ela começa a pendurar nada, quer dizer, no começo eu achei que era nada, depois eu fui entendendo que ela pendura as coisas que ela fica lembrando. Ela lembra demais da Maristela...
- Quem que era?
- A tua mãe.
- Ah!! – E o coração de Sabrina pulou mais alto que o *ah!*
- A pedra não sai da cabeça dela, então ela vai e pendura a pedra, feito ela tava todo dia pendurando a roupa no varal pra secar.
- Que pedra?
- A que a tua mãe amarrou no peito pra afundar mais depressa no rio (BOJUNGA, 2011, p. 56-57).

Inês deixa claro que a possível causa da loucura da avó é a morte de Maristela. Sabrina surpreende-se ao descobrir da morte da mãe, porém sente-se acolhida na companhia da tia. Ao retomar o passado, Inês toca no fato de Gracinha ter sido abandonada pelo marido, que se fora em busca de novas oportunidades no mar. Para Inês, a mãe agiu com garra e determinação e fez de tudo para criar as filhas. Afinal, a responsabilidade é dobrada: mãe solteira tem de dar conta do sustento dos filhos, pois, no patriarcado, isso nada mais é do que uma prova de fracasso. A mulher não consegue ter sucesso no projeto matrimonial e falha ao perder o companheiro:

- Só sei que desde que o meu pai largou nós três...
- Nós três?
- A dona Gracinha, a Maristela e eu. Desde que a gente ficou largada num sufoco medonho de grana, a dona Gracinha se virou ainda mais com esse negócio de lavar roupa. Ficava dia e noite lavando, passando, engomando, tirando mancha, entregando aquela rouparia toda pra fulana, pra beltrana. Você não tem ideia do que que a dona Gracinha se esfalfou pra nos dar casa, comida e educação: ela queria porque queria que a gente estudasse, que a gente aprendesse, que a gente fosse coisa de se firmar nas pernas e não coisa que qualquer um chuta pra lá e pra cá (BOJUNGA, 2011, p. 89-90).

Nota-se, no excerto, que dona Gracinha está ciente da necessidade de criar duas filhas decentes, que não sejam vergonha para a família. A mãe, mais uma vez, falha: perde a filha mais velha para as normas sociais que dizem que, para ser mãe, é preciso ser casada e seguir fielmente o papel de esposa:

O choque deixou dona Gracinha pregada no chão. Ela olhava da pedra pro grupo que tinha chegado: dois homens na frente, uma moça atrás. A Maristela, tão linda nos seus quinze anos! Tinha, afinal, aparecido outra vez, o mas o corpo...  
 – Já estava decomposto – os homens disseram.  
 ... o corpo não existia mais, só existia a pedra, a pedra, a pedra que ela tinha amarrado no peito pra afundar mais depressa no rio. Ela? Ela! A Maristela, tão bonita que ela era, de cabelo castanho claro, liso feito o cetim, de olho tão acompanhando a cor do cabelo, quinze anos! Quinze anos! Recém preparando pra vida; e aquela risada gostosa que ela tinha; e aquela mão generosa sempre pronta pra uma carícia; e aqueles seios crescendo pra alimentar a criança que ia nascer; quinze anos, gente, quinze anos! E nada mais dela sobrando; só uma pedra e nada mais? (BOJUNGA, 2011, p. 94).

O narrador mostra-se, também, indignado com a morte precoce de uma mulher que nem ao menos tem a chance de terminar a própria formação. No bilhete que deixa, antes de tirar a própria vida, é possível notar como Maristela fora vítima da sociedade. Após engravidar de um homem casado, e mais velho, este a rejeita e se isenta de qualquer responsabilidade. Essa atitude típica e aceitável é prevista dentro do contexto patriarcal, já que o homem está apenas exercendo o papel de procriador. Os sonhos de Maristela são despedaçados: a vontade de ser professora é interrompida por uma gravidez indesejada, que culmina com um fim trágico:

Minha mãe,

Pari. É uma menina. Quem me botou prenha não quer mais saber de mim e não quer ver a filha que fez, só disse, vire-se. Eu queria ser professora, feito a senhora sempre quis. Mas agora só quero morrer. Não tenho coragem de pedir para a senhora tomar conta da menina. Vai dar despesa. Vai dar trabalho. Vai dar ainda mais chateação do que já dei. Acho melhor levar a minha filha comigo. Só que eu não sei se vou ter coragem, quem sabe um dia ela pode ser feliz. Desculpe qualquer coisa viu?

Benção,

Maristela (BOJUNGA, 2011, p. 95-96).

A carta de Maristela mostra que o destino se cumpre graças às amarras com o sistema patriarcal que julga violentamente àquelas mulheres que não seguem à tradição de casar-se e, então, ter filhos. Esse discurso da tradição está totalmente presente na fala de dona Gracinha, verificada na próxima citação, ao descobrir que a filha está grávida. Nos dois excertos abaixo é possível observar como a mãe culpabiliza Maristela pelo ocorrido, além da vergonha sentida ao querer esconder a gravidez de todos:

– É impressão minha ou tu tá de barriga?

A Maristela desviou o olhar e ficou enrolando uma ponta do cabelo no dedo [...] A Maristela olhou pra Dona Gracinha e fez que sim:

– Já vai pra seis meses.

A dona Gracinha botou as mãos na cabeça:

– Seis meses?! E tu não me diz nada??

– Tava sem coragem.

– Quem é ele?

– O meu namorado.

– Que namorado é *esse* que eu nunca vi?

– Ele nunca quis ser apresentado pra senhora.

– Já se vê. Já se vê o que que ele queria de ti. Já se vê.

– Não é pra senhora ficar chateada.

– Ah, não?! Ah, não? Tu ficou maluca é? Uma menina que ainda nem fez quinze anos! Recém-começando a se preparar pra ser professora! Prenha de seis meses! Dum salafrário que não quer nem conhecer a família dela! Depois de todo sacrifício que venho fazendo desde que tu nasceu [...]

– Eu não queria ter ficado prenha. Mas fiquei. Fazer o quê?

– Isso não podia ter acontecido! Você não podia ter deixado isso acontecer. Ele vai casar com tu?

– Ele é casado.

– O quê! Tu te meteu com homem casado! Tu ficou maluca de vez?

– É que eu me apaixonei, mãe.

– Mas e agora? Vai virar mãe solteira, com quatorze anos? Ele vai te sustentar? É isso? Todo o meu sacrifício de cada dia, cada mês, cada ano, pra te dar estudo e uma vida arrumada, vai tudo pro ralo?! É isso? Mal começa a vida e já tá abrindo perna pra homem! Foi isso que te ensinei? (BOJUNGA, 2011, p. 97-98).

O desespero de dona Gracinha cresceu:

– Isso também, é? Isso também? E agora? Tu tem que sair da escola! Antes de todo mundo saber que tu tá prenha. Se é que já não sabem... A cabeça de Maristela ia fazer que sim, mas parou no meio do caminho.

– ... e eu, muito burra, ainda querendo achar que essa barriga aí era de tanta batata frita que tu gosta de comer. E agora? E agora? O que que tu tá pensando da tua vida? O que que tu tá imaginando fazer? (BOJUNGA, 2011, p. 99).

O discurso da mãe reforça ainda mais os estereótipos perpetuados por uma sociedade intransigente que prefere levar jovens moças à morte, do que à vergonha de assumirem uma gravidez, sem o apoio do pai.

Além de grávida e abandonada pelo companheiro, Maristela, sem qualquer possibilidade de escolha, apela para a prostituição como forma de conseguir sustento. No excerto a seguir, Maristela, já desesperada, envia uma carta à amiga Marlene. A carta é reproduzida na narrativa como forma de demonstrar os esforços da personagem em conseguir um emprego:

Querida Marlene, não está dando para te pagar. Minha vida está difícil. O Zeca me abandonou. E só me deu uma mixaria que logo acabou. Com essa barriga não arranjo emprego. Tentei babá, faxineira, de tudo. Mas não deu. Não tenho coragem de voltar para casa. O jeito foi aquele mesmo que você conhece. Tem homem que gosta, não é? De trepar com mulher de barrigona. A criança está para nascer. Fico com muita fome. Fazer o quê? Assim que der eu te pago. Muitos beijos, Maristela (BOJUNGA, 2011, p. 107).

É triste notar, mas este acaba sendo o destino de inúmeras mulheres marginalizadas, sem perspectiva alguma de um futuro digno.

Depois de descobrir a história da mãe, Inês torna-se a única referência de Sabrina. Ela se apega à tia, sem sabe que esta também já havia se entregado à prostituição. Neste caso, o que falou mais alto fora o sentimento. Inês se livra do cafetão, que pensa ter morrido, mas em determinada altura da narrativa, ele reaparece, exigindo que volte a viver com ele:

– Você me jogou no mais baixo que uma mulher chega! Só porque eu me apaixonei por você...

[...]

– Durante sete anos você tirou de mim tudo que uma puta apaixonada pode dar, já tirou que chega!

[...]

– Já tirou que chega! Some da minha frente jááááá! Antes que eu perca a cabeça e acabe contigo aqui mesmo. – Segurou o pescoço dele querendo enterrar as unhas lá dentro.

Com um safanão violento ele derrubou a tia Inês no chão.

– Tá pensando o quê? Que mulher é páreo, é? (BOJUNGA, 2011, p. 140).

Inês não mostra mais interesse em se manter na prostituição. Para ela, já havia descido muito baixo por causa do cafetão. Mas “num gesto rápido, o Assassino agarrou a mão que segurava a arma, desvio ela pra tia Inês e, de dedo comandando o gatilho, disparou uma, duas, três vezes” (BOJUNGA, 2011, p. 141) e “a tia Inês está morta; a tia Inês perdida pra sempre; a tia Inês pra nunca mais” (BOJUNGA, 2011, p. 144). A morte mais uma vez levando as filhas de dona Gracinha. Temos, nesta ocorrência, um feminicídio, que marca o desfecho de um relacionamento abusivo. Essa violência contra a mulher está em todos os casos em que o homem não aceita o término da relação e, como forma de vingança e/ou punição, sente-se no direito de tirar a vida da mulher. Esse sentimento doentio que acomete muitos homens é fruto de uma sociedade machista que incita homens a serem donos de suas companheiras e façam dela apenas um objeto, um brinquedo.

Neste momento, Sabrina encontra-se sozinha e responsável pela avó. O que fazer? Resta-lhe apenas calçar os sapatos de salto da tia e trilhar o mesmo caminho em busca de dinheiro/sobrevivência. No entanto, a menina não sabe é que seu destino poderá ser mudado com a ajuda de Paloma, principal foco de nossa análise.

Sabrina e Paloma se conhecem quando Andrea Doria, filho de Paloma, opta por fazer aula de dança com Inês. O contato das duas é restrito, mas Paloma sente um grande carinho pela menina. Como já mencionado no item 1.2., Paloma é casada com Rodolfo, típico exemplo do homem tradicional.

O casamento sob diversas óticas foi analisado no tópico anterior. No entanto, aqui, estar casada significa, para a personagem, o mesmo que estar sozinha. Desta maneira, observamos que, mais uma vez, a instituição social vista como perfeita, é sinônimo de fracasso.

A união entre Paloma e Rodolfo acontece por amor. Porém, ao descrever vários acontecimentos que têm interferido na vida conjugal, Paloma queixa-se que o amor já não está ocupando um papel de destaque na relação. Todas as informações obtidas a

respeito sobre o tema são dadas por Paloma já em um estado de total insatisfação e questionamento da vida que leva:

Foi daí pra frente que eu comecei a questionar essa paixão que eu senti por ele desde que a gente se encontrou pela primeira vez. E quando, afinal, um dia, eu concluí que não gostava mais dele, eu descobri que tinha engravidado novamente. Isso, no começo, pareceu até que ia renovar nossa relação. Eu me senti tão feliz de ter, afinal, concebido a minha Betina! Mas aí o Andrea Doria começou com essa amizade com o Joel e o Rodolfo logo cismou com isso. [...] Ah, Léo! O que que eu faço pra sair dessa angústia, desses pressentimentos, desse medo, me diz! Eu tô me sentindo perdida demais (BOJUNGA, 2011, p. 82).

Paloma pede ajuda a Léo, irmão mais novo e um dos exemplos de novo homem que será descrito no próximo capítulo. Podemos notar que o sentimento de angústia citado acima tem início com a dificuldade de engravidar. Como já verificamos anteriormente, ser estéril pode ser um motivo de vergonha para a família. A seguir, notamos que, enquanto não consegue outro filho, Rodolfo chega a desprezar a esposa, mais uma vez mostrando o caráter patriarcal de suas atitudes, cobrando dela apenas a procriação:

Desde que o Andrea nasceu que ele tá querendo mais filhos. Mas, você sabe, eu fiz tudo que os médicos mandaram fazer pra engravidar e não consegui. E disso também ele começou a me acusar. Sobretudo depois que ele deu pra ficar com raiva dessa história do Andrea ser “diferente” feito ele diz. Quantas mil vezes eu disse pra ele: mas você pensa que eu também não morro de vontade de ter mais filhos? De, pelo menos, ter uma filha? A filha que eu sempre sonhei ter? O último médico que eu consultei disse que eu não sou bem formada pra parir. Eu comecei a sentir que o Rodolfo me desprezava por causa disso. Ah! Léo, você não imagina como isso me fez sofrer (BOJUNGA, 2011, p. 80-81).

No excerto abaixo, é possível confirmar o temperamento explosivo e machista de Rodolfo. Ele não aceita a tendência à homossexualidade do filho e precisa culpar alguém por isso. A culpa recai sobre Paloma, que incentivava o menino a realizar tarefas femininas enquanto criança:

[...] Nessa hora o Andrea Doria chegou em casa. E você pensa que o Rodolfo parou de falar? Desatou a gritar. De propósito pro Andrea Doria ouvir. Disse que eu devia estar muito satisfeita: eu não botava o

menino pra lavar louça? Pra fazer a cama? Eu não vivia dizendo que machismo não dá pé? Eu não tinha aproveitado uma viagem longa que ele teve que fazer pra Portugal, quando foi resolver a herança do avô, justo pra escolher sozinha (e isso ele fica repetindo: sozinha! Sozinha! Você nunca me consultou) o nome que eu ia dar pro filho dele? E que eu, muito louca, tinha escolhido um nome de mulher?! (BOJUNGA, 2011, p. 68-69).

A intolerância de Rodolfo inicia-se com a escolha do nome do filho. Para ele, Andrea é nome de menina e Paloma, mesmo tendo escolhido o nome, embasada em razões históricas, deveria ter sido sensata e escolhido um nome masculino e que não influenciasse na identidade de gênero do filho. Em seguida, é possível notarmos a intenção de Paloma, ao nomear Andrea. Antecipemos a citação da página 138. Parte dela, já utilizada, está sinalizada com o [...]. Consideremos agora o restante do trecho, onde podemos notar como Paloma é silenciada e não tem direito à voz na relação:

– [...] se um dia tiver um filho ele vai se chamar Andrea Doria. E nem por um momento me ocorreu que alguém pudesse achar que Andrea Doria era nome de mulher.  
 – Mas o Rodolfo achou.  
 – E até hoje acha. E sempre que a gente discute, ele bate outra vez nessa tecla. E nesse dia [...] Ah, Léo, foi uma cena horrível. Eu queria argumentar com ele, pedir, por favor, pra gente conversar do assunto de outro jeito, mas tudo que eu queria falar acabou trancado aqui na garganta, feito, feito... – E outra vez trancou: Paloma não conseguiu falar mais nada; fechou a boca com força (BOJUNGA, 2011, p. 72-73).

Ao afirmar que não consegue externar o que sente perante o companheiro, percebemos o quanto a personagem é oprimida. A falta de palavras revela um ambiente hostil, em que apenas uma verdade absoluta deve ser seguida. A verdade de Rodolfo segue o padrão heteronormativo e tende a criticar tudo o que estiver fora do estabelecido. Paloma, apesar de se encaixar, obrigatoriamente, no papel de mulher subserviente, tem a mente mais aberta e, em determinada cena, tenta mostrar ao marido que não há nada de errado no comportamento homossexual. Para tanto, ela recupera uma história do passado na qual se encanta por outra mulher. Ao tentar usar o fato para justificar as atitudes do filho, é incompreendida por Rodolfo, que, como esperado, não concorda com a situação:

– Eu queria contar pro Rodolfo o que que eu sentia pela Astrid pra ver se ele entendia melhor o que que o Andre Doria anda sentindo pelo

Joel. Mas ele maliciou tudo. Aí contei pro Andrea Doria. Eu vi que ele ficou muito perturbado com aquela cena que o Rodolfo fez e então eu achei que devia contar essa paixão que eu tive pela Astrid, pra ele não ficar se achando assim, sei lá, diferente, esquisito. Só que... – Parou de falar.

– Só quê...?

– É que... bom, é que... às vezes, me parece que essa história do Joel está bem diferente da história da Astrid... – Foi saindo de mansinho do abraço. - Não sei. No princípio eu achei que era só empolgação de ter um amigo mais velho, metido a intelectual, mas... – olhou pro Leonardo – Mas agora eu ando sentindo que essa empolgação virou uma grande perturbação pro Andrea Doria (BOJUNGA, 2011, p. 77).

Paloma mostra-se, no excerto acima, preocupada com a situação do filho, porém, procura compreendê-lo ao invés de julgá-lo e/ou violentá-lo. As crises de pânico da personagem, ocasionadas especialmente pelo comportamento grosseiro de Rodolfo, agravam-se, mesmo depois da tão esperada gravidez:

[...] – Betina. Gostei do nome. Quem que escolheu?

– Desta vez fiz questão que o Rodolfo escolhesse.

De repente, ela se agarra com tanta força no braço do Leonardo, que ele se volta surpreso. E se surpreende ainda mais ao ver o medo que tomou conta da cara da irmã. Mais que medo: um quase pânico. Ela vai sentando outra vez devagar e, por um momento, ficam assim: um de olho no outro. Paloma se segura nas duas mãos dele:

– Eu to com medo, Léo, eu to com muito medo! A gente não se entende mais, o Rodolfo e eu; parece que a gente pensa mais diferente. Eu sei que a gente sempre pensou diferente, mas eu sempre fui louca por ele, então nunca me custou tanto assim abandonar meus sonhos de viagem, profissão, disso e daquilo, porque no fundo, o que eu queria mesmo era viver sempre com ele, ter filhos com ele, uma família feliz com ele, com ele! Mas não tá dando mais (BOJUNGA, 2011, p. 80 - 81).

Observamos, na citação anterior, Paloma confessar que abriu mão de uma vida cheia de sonhos e prosperidade, para casar-se com Rodolfo. No início, não via problema, pois, como visto, o amor era suficiente. A partir do momento que o amor perde lugar, as diferenças começam a aparecer e o convívio desgasta-se a cada dia. Paloma percebe, neste momento, que devota a vida ao esposo. Tudo é em função “dele”. Todo o mecanismo do casamento levou a isso. Só que, agora, não faz mais sentido aguentar calada todos os maus tratos que sofre:

– Léo?

– Tô aqui.

– Ele disse que eu cometi um crime.

– O médico?

– O Rodolfo. Ele... - Ficou outra vez em silêncio. E depois: – Ele disse que foi a minha teimosia de mula que matou a filha dele. Que eu sou a culpada. Que eu cometi um crime.

Outra vez um silêncio comprido entre os dois. Quando a Paloma voltou a falar, a voz estava quebrada. Falou com dificuldade:

– Desde o princípio ele e o doutor Rui queriam que eu marcasse uma cesárea... Mas eu queria demais um parto normal! ... Durante os meses todos que a Betina viveu dentro de mim, eu cansei de conversar isso com ela...

[...]

– Quando me abriram foi preciso tentar respiração artificial na Betina (BOJUNGA, 2011, p. 147, 148 - 149).

Percebemos no trecho citado que Paloma falha, na visão de Rodolfo, na tentativa de ser mãe. Por teimosia, perde a criança tão desejada por ele. De forma intransigente, mais uma vez, culpa a esposa pelo ocorrido. É interessante notar que o homem, em geral, exime-se de qualquer culpa ou falha no ambiente familiar. A esposa, por assumir o comando da casa, deve ser culpabilizada por qualquer desvio da ordem natural e esperada:

– O resto não foi minha culpa! Foi destino; aconteceu um acidente nessa hora: explodiu um caldeirão de gás perto de onde a gente estava [...] Quando o Dr. Rui voltou correndo a Betina já tinha morrido. Eu não vi nada, não ouvi nada, tava dopada, tão bom que tava eu dopada! Sem ter que ficar vendo ela ali, mal nascida e já morta, sem ter que ouvir depois do Rodolfo que a culpa era minha, quer a culpa era minha, que era só ter marcado o dia e hora pra cesárea que agora ia estar todo mundo curtindo a Betina, e aaaaaah!... – Era um gemido gritado, que foi gritando e gritando até enfraquecer e virar silêncio (BOJUNGA, 2011, p. 149).

Infelizmente, o trauma da perda de Betina não é fácil de ser esquecido, mas é a partir daí que Paloma se questiona ainda mais. A personagem mostra-se disposta a sumir, seguir “novos rumos”, como afirma abaixo:

– É... acho que pra gente protestar a gente precisa, antes de mais nada, achar que *pode* mudar o rumo das coisas. - E como é que ela ia agora poder mudar a vida dela? Sumir, sumir! A única vontade que ela tinha era de sumir! Nem que fosse por uns tempos. Ah! Não ter mais que aguentar o Rodolfo, não ter que ver no olhar do Andrea Doria toda a perturbação em que ele andava mergulhado desde que começou aquela história com o Joel, não ter mais que resolver o que vão-comerou-deixar-de-comer no almoço, no café, no jantar. A toda hora o dinheiro acabando: Rodolfo, o dinheiro acabou; outra vez?; outra vez, sim! A gente não tá sempre comendo, vestindo, calçando, pagando

escola, luz, gás, telefone, ou será que até hoje você não reparou nas mágicas que eu faço pro dinheiro dar?! E ainda ter que fingir que não via o jeito irritado dele abrir a carteira pra tirar o dinheiro (BOJUNGA, 2011, p. 152 - 153).

A forma como Paloma descreve o comportamento de Rodolfo em relação ao dinheiro também não nos surpreende. O macho alfa provedor vai à caça em busca do sustento, porém prefere não ser incomodado quando o dinheiro não é suficiente. Com o despertar que teve, Paloma agora se incomoda com tarefas usuais que costumava fazer: não quer mais ser “escrava do lar” e viver em função da casa e do marido.

Mais uma vez a personagem se queixa de ter largado a carreira para seguir o marido. Além da queixa, é possível verificar a culpa e o arrependimento que sente ao se referir às escolhas que tomou:

Mas também quem mandou? Quem mandou esquecer de ser uma profissional que nem o Léo? Ter uma carreira que nem ele? Viajar feito ela sempre quis? Não ter nunca que dizer, tô sem dinheiro pras comprar da casa. Quem mandou esquecer isso tudo e botar toda energia no grande sonho de criar uma família feliz, quem mandou? Quem mandou teimar num parto normal até o último momento? Quem mandou, quem mando, ah! Quem mandou?! Apertou os lábios ainda com mais força, querendo conter o grito que ela sabia inútil: SOCORRO! Respirou fundo. Não: já bastava o desabafo da última vez; justo aqui, neste mesmo bando, pensou (BOJUNGA, 2011, p. 153).

Todos os questionamentos tornam-se ainda maiores quando Paloma consegue, finalmente, refletir a respeito daquilo que conserva e daquilo que abandona. As tarefas domésticas continuam sendo feitas, mas muito bem descritas pelo narrador, “mecanicamente”:

Paloma se enfiou dentro dela mesma. Assim: fazia tudo que tinha que fazer; respondia (curto) tudo que perguntavam; se precisava sair, saía; se não precisava era só acabar de providenciar a rotina de todo dia e sentava pra conversar. Com ela mesma. Horas a fio. Meio que se assustava quando o Andrea Doria ou o Rodolfo chegavam. Prontamente se levantava e ia providenciar o almoço, o jantar, o lanche, pegar a toalha pro banho, a camisa lavada, a calça passada. Tudo mecanicamente, uma vez que o diálogo interior continuava: uma Paloma questionando, a outra aceitando; uma se enamorando do futuro, a outra querendo ficar no passado; uma se sentindo corajosa, a outra amedrontada demais (BOJUNGA, 2011, p. 225).

Rodolfo aparece para perturbá-la e reafirmar, como sempre, quem manda na casa. Segundo as palavras do narrador, sente-se afrontado ao ser mandado para a cozinha preparar o próprio jantar, afinal, passara a vida toda em posição, superior, de senhor, sendo servido pela serva:

Paloma continua ali, na poltrona de couro. De repente se sobressalta ouvindo a voz de Rodolfo: "não se janta nesta casa?". Em seguida, a luz se acende impondo a realidade do quarto, da janta, da vida. Rodolfo se aproxima:

– O que você tá fazendo aí no escuro?

–É verdade... - Protege a vista com a claridade da lâmpada do teto e ascende o abajur da mesinha ao lado. – Nem vi que já era noite. – Faz um gesto pedindo que ele apague a luz de cima.

–Você não tá se sentindo bem?

– Tô sem fome. Mas tem comida que sobrou do almoço. E tem a sopa que eu fiz ontem e você gostou. É só aquecer. – Se estranhou: o Rodolfo não tinha a menor intimidade e, muito menos, afinidade com o fogão: tinha habituado sempre a ser servido (BOJUNGA, 2011, p. 236-237).

O marido não perde a oportunidade de provocar a esposa, por meio de críticas e sarcasmo. Nota-se que ele a trata por *madame*, com o intuito de ironizar o período em que ela utiliza para refletir. Na perspectiva de Rodolfo, a esposa estar desocupada é um privilégio. O homem mostra-se, como esperado, intolerante e incompreensivo. Paloma descreve a solidão que sente, mesmo casada, e ele não percebe o verdadeiro motivo das reclamações. É válido lembrar que, assim como as mulheres de *Hotel Dulac*, Paloma também apresenta um quadro emocional de solidão, concluindo-se que não apenas as solteironas sofrem do mal. O casamento pode, muitas vezes, ser uma armadilha, já que a esposa não encontra companhia no próprio marido:

Senta na beira da cama e cruz os braços:

– *Madame* está emburrada?

– Não.

– Deprimida?

– Não.

– Está o quê, então?

– Sozinha.

– Sozinha, como?

– A dois.

– O quê?

– Solidão a dois: é a mais pesada de todas.

– *Madame* pode explicar melhor?

– Sozinha com a gente mesma até que é bom. Mas sozinha com o outro dói.

Ele suspira:

- Qual é a queixa desta vez?
- Desta vez, por quê? Queixa não faz parte do meu repertório. Ou faz?
- Se não faz, agora tá fazendo. Ou você não está se queixando de que, mesmo casada comigo, você se sente sozinha?
- Não é queixa, é só uma resposta a tua pergunta: me sinto sozinha, sim. Na tua companhia agora me sinto muito sozinha (BOJUNGA, 2011, p. 238).

A agressividade na fala de Rodolfo persiste e mistura-se com indignação ao notar que Paloma não se mostra mais dependente a ele. Ao dizer que será assim daquele momento em diante (tomará decisões sem consultá-lo), a personagem está rompendo com as amarras que a prendem ao projeto patriarcal de dominação masculina. A sociedade dos anos 2000 já aparenta ser pouco mais aberta para esse comportamento, no entanto, não é fácil para ela mostrar sua opinião perante Rodolfo, ainda adepto a comportamentos machistas:

– E... pode se saber por que que a *madame* está me acusando de lhe causar solidão? Não foi minha culpa se a *madame* perdeu a menina que ela queria tanto. Muito ao contrário: eu fiz tudo pra tentar salvar a minha filha... Acho que, se alguém tem que se sentir sozinho, esse alguém sou eu.

Paloma pareceu não perceber o salpico de agressividade em cada *madame*.

– Não é só por causa da perda da Betina que eu estou me sentindo tão sozinha. Mesmo porque eu pretendo adotar uma criança. – Franze a testa, pensativa. – Talvez até duas...

A surpresa da informação transmitida com tanta firmeza deixa o Rodolfo, a princípio, mudo. Quando retoma a fala, a primeira pergunta que faz é;

– Assim, é? Sem me consultar nem nada?

– É: assim, sim. *É*, não. *Vai ser...* daqui pra frente. – E cruza os braços também (BOJUNGA, 2011, p. 239).

Rodolfo permanece impondo sua visão, com fizera a vida toda. Paloma, desta vez, reage e discorda do que o marido diz. A personagem, aqui, encoraja-se e afirma que é, durante toda a vida, obrigada a aceitar opiniões com as quais não concorda, tudo em prol de uma vida feliz. Mas agora algo mudou:

– Se você tá querendo brincar comigo...

– Não tô, não.

– Então já vou te avisando: *não* vai ser assim, não. No passado eu te disse: não quero filho dos outros, o filho tem que ser meu. E você concordou.

– Não concordei: aceitei. Feito eu sempre acabei aceitando as tuas decisões. E a novidade é exatamente esta: não tô mais a fim de aceitar. Ou melhor, não tô mais a fim de aceitar decisões com as quais eu não concordo. E eu não concordo de que "filho tem que ser meu". De modo que é melhor você já ir se habituando com o fato de que eu vou adotar essa menina (BOJUNGA, 2011, p. 240).

Ganhar voz aqui – ao enfrentar o marido – como Paloma pontua, não é visto com bons olhos. Paloma está infringindo a norma de ser delicada e obediente. A falta de amor e a indiferença possibilitam a personagem realmente “enfrentar seus monstros” e libertar-se da vida que tanto a aflige. Ao realmente assumir-se submissa, Paloma consegue enxergar todos os danos que a devoção ao marido causou a ela durante todo este tempo:

– Já vinha pensando muito nisso. Nisso e na minha vida com você. Mas só hoje me senti com coragem de enfrentar tudo que a gente tem que enfrentar quando quer fazer valer as ideias que se tem. - Olha outra vez pra ele. - Enfrentar, sobretudo você.

– *Enfrentar!* ... Essa é boa; parece até que eu sou um monstro.

– Monstro nenhum: eu nunca poderia ter me apaixonado, casado e vivido quatorze anos com um monstro. Mas você se habituou demais (e eu assumo essa culpa, por ter sido sempre tão submissa a você), você se habituou demais a fazer prevalecer as *suas* ideias, o *seu* jeito de ver as coisas, a *sua* maneira de lidar com a vida. Só que o *meu* jeito é diferente; e o jeito do *seu* filho é diferente também (BOJUNGA, 2011, p. 241).

– Ah, não?

– Não, não, não!

– Não grite comigo!

– Mas você pode gritar à vontade; pode até usar um chicote, não é?

– E o que que você quer? Que eu fique impassível? Que eu não perca a cabeça com as maluquices que andam acontecendo nesta casa? Que eu ache engraçado você querer que eu prepare o jantar? E que você me participe, com a maior cara de pau, que vai trazer pra dentro da minha casa uma menina que a cidade toda já tá sabendo que trepa com qualquer um? (BOJUNGA, 2011, p. 244).

Rodolfo permanece irredutível e dono da razão. Não acha justo ter de preparar o jantar. O preconceito aqui fica evidente. Serviço doméstico não pode, nunca, ser realizado pelo homem. Mulher gritar, então! Muito menos. Paloma questiona-o quanto a isso: por que ele poder gritar, e até mesmo usar da violência para atingir seus objetivos, enquanto ela deve silenciar-se?

O resultado não podia ser outro. Considerada uma das formas de assédio moral mais antigas, Rodolfo utiliza-se do vocábulo “louca” para referir-se à Paloma e, quem sabe assim, conseguir dominá-la.

– Pra maluca basta uma: já temos você. E se você pensa que eu vou engolir a vergonha de abrigar aquela dupla aqui em casa, vai tirando o teu cavalinho da chuva: até onde eu saiba, maluquice não contagia, e eu continuou bom da cabeça. E se você me disser outra vez pra eu ir pra cozinha preparar o jantar depois de ter trabalhado o dia todo pra sustentar a casa, eu te digo: vá você! Porque eu vou pro bar do Ernestinho comer um bife a cavalo. Tchau-tchau. - E dá as costas (BOJUNGA, 2011, p. 245).

Com a falta de argumentos, Rodolfo tenta fugir, porém, pensando ainda estar com a razão. Na citação a seguir, Paloma deixa claro que teve de se moldar aos parâmetros estabelecidos por Rodolfo para viver a tão sonhada (e muito rara) vida feliz dos contos de fada. Ela mostra, abaixo, todo o domínio exercido por Rodolfo e a diferença nas posições do homem e da mulher. Rodolfo, por assumir a posição de privilegiado, tem total controle do dinheiro, assume as responsabilidades pelo trabalho, mas, ainda assim, deve ser consultado para quaisquer decisões a serem tomadas em casa. Ela, por sua vez, assume a posição marginalizada e fica incumbida apenas de administrar a casa, como uma empregada doméstica – recebendo ordens:

– [...] fazendo com que a minha família não passasse nenhuma necessidade.

– Certo: nunca passamos. E você sempre me explicou que o nosso conforto só era possível cada um fazendo a sua parte, isto é, você administrando as finanças (sem nunca me consultar pra absolutamente nada) e eu manejando o resto. Só que, pra *manejar o resto*, eu tive sempre que consultar você pra tudo. Certo? Eu não fui criada pra me tornar tão dependente. Mas me adaptei. Fui sempre tão apaixonada por você que fiz de mim gato-sapato pra me adaptar à dependência de você. E acho até que consegui. Durante vários anos. Mas as paixões esfriam com o tempo. A minha não foi exceção. E não é de hoje que eu comecei a me sentir sozinha na tua companhia. Um momento! Estou chegando ao fim. Você sempre *administrou* os teus negócios, tua vida. Eu me limitei a *manejar* a casa. Só que, agora, estou resolvida a *administrar* esta casa. Não se esqueça que o Leonardo abriu mão dela a meu favor. A casa me pertence. Se você quer continuar morando comigo e com o seu filho, a casa continua à sua disposição. Mas é bom *também* que você saiba que eu não vou mais tolerar outra das suas cenas de violência aqui dentro.

– E... só por curiosidade... nessa nova administração que *madame* quer introduzir na casa... quem é que paga as contas?

– Se você não quiser colaborar nas despesas da casa, Rodolfo, eu não vou fazer *isto* - indica com o polegar a pontinha do indicador – pra pressionar você. Como nunca fiz *isto* pra pressionar você em nada. E como não pretendo fazer *isto* pra ter você ao nosso lado (BOJUNGA, 2011, p. 248).

Nota-se que a preocupação de Rodolfo é apenas financeira. Ele afirma nunca ter deixado a família passar necessidade. Mas, no entanto, nunca se preocupou com a questão afetiva da esposa e do filho. Afinal, como visto no primeiro capítulo, esta não é a obrigação do homem tradicional, que deve se preocupar apenas com questões referentes ao sustento da família.

Rodolfo decide sair de casa e continua afirmando que a esposa está fora de si. Caminho mais curto para quem não aceita assumir a culpa. Paloma mostra-se surpresa com a decisão, porém mantém-se forte, ao afirmar que irá, sim, adotar Sabrina e, com ela, a avó Gracinha:

A expressão de interrogação acaba cansando: pede ajuda à voz:

– Você vai viajar?

– Vou. - Fecha a mala.

Quando a Paloma vê que ele já se dispõe a sair, pergunta:

– Posso saber pra onde?

– Pro Hotel da Estação. Você acaba de trazer a sua “perfilhada” Sabrina e a sua “adotada” Vó Gracinha. (Tanto pro *perfilhada* quanto pro *adotada* ele faz sinal de aspas no ar). Não estou a fim de conviver nem com uma nem com a outra. –Se ergue e, afinal, olha Pra Paloma:

– Então, minha cara, não me resta senão dizer: até mais ver. – E acompanha o gesto de despedida com uma expressão irônica. – No dia que você voltar a ser a Paloma que eu conheci...

– Mas a Paloma que você conheceu é exatamente esta que você está vendo agora. A outra, que veio depois, foi uma Paloma fabricada pra se ajustar a você...

A expressão de ironia some rapidamente da cara do Rodolfo.

– Nunca! Isso é que não! Eu nunca ia me casar com uma Paloma assim. E o queixo que se espicha pra Paloma mostra todo o desprezo que o *assim* merece (BOJUNGA, 2011, p. 270 - 271).

Cheio de si, afirmando não conhecer mais a esposa, ele parte. Paloma, por sua vez, reconhece que se moldou para caber no mundo fechado do esposo. Neste romance, é possível verificar que a mulher ainda consegue se libertar da opressão, por ser mais instruída e possuir uma casa própria, mas, em muitos casos, as mulheres padecem ao lado de maridos ignorantes que lhes roubam o direito de viver.

Paloma, ao decidir adotar Sabrina, tem em mente tirá-la da prostituição:

– Você topa fazer um trato comigo, Sabrina?

Sabrina ficou um pouquinho em guarda:

– Que é?

– Cada vez que você precisar de dinheiro pra comida ou pra outra coisa importante, em vez de ir procurar os trinta reais, ou aceitar quem te procura, seja lá fora, seja aqui dentro, você me avisa e eu te trago o dinheiro. Ou te mando pelo Andrea Doria. Feito agora. – Tirou da bolsa o dinheiro e botou em cima da mesa. – Você topa?

[...]

– Puxa! Acho até que to sonhando. Quer dizer que... se um deles vem pra cá...

– Você diz que ele bateu na porta errada, tá? (BOJUNGA, 2011, p. 222-223).

Com a ajuda de Paloma, Sabrina, como poucas meninas, recupera a chance de ter um futuro promissor. A gama de possibilidades fica, novamente, disponível para a protagonista que tanto sofreu com o preconceito e a discriminação da vizinhança.

A tradição patriarcal, tão prejudicial à vida das minorias, infelizmente, é verificada também no discurso das próprias mulheres, como foi o caso de dona Gracinha e como será observado no próximo tópico sobre a posição de Carrie a respeito das diferenças.

### **1.5. A reiteração dos padrões: o patriarcalismo sob a ótica feminina, em *Rubyfruit Jungle***

*Rubyfruit Jungle*, de Rita Mae Brown, é um romance que trata do processo de autofirmação feminino de maneira peculiar: a autora, assim como Bojunga, rompe com os padrões do heteronormativo e coloca uma mulher lésbica e adepta a uma vida sem rótulos como protagonista. Assim sendo, a obra deve ser analisada juntamente aos romances que representam a quebra da tradição, no segundo capítulo desta tese. Não, necessariamente!

Por pertencer ainda a um período um tanto obscuro de nossa história, *Rubyfruit Jungle* também será utilizado para analisarmos como as ideias que embasam o sistema patriarcal são propagadas. O que mais chama a atenção do leitor na obra em questão é a presença dos ideais heterossexistas e matrimoniais, seguidos à risca. Estão mais claros no discurso de Carrie, mãe e mulher respeitada na comunidade rural de Coffee Hollow, Pensilvânia. Contraditoriamente, temos então Molly Bolt, representante de um

*Bildungsroman* que foge de qualquer rótulo. O embate de Carrie e Molly é um dos principais aspectos da trama.

O livro contém inúmeras críticas ao projeto heterossexual e a necessidade de as pessoas precisarem, todas, estar padronizadas. Questões como a sexualidade de Molly são abertamente discutidas, com tom divertido, a fim de que se examine, assim como em *Sapato de salto*, preceitos que já não cabem mais à sociedade contemporânea. No entanto, neste item, enfocaremos o discurso de Carrie, representante da contraparte patriarcal. O que diz respeito à Molly Bolt será tratado no item 2.6.

A década em que o romance é escrito, 1970, pertence a um período de transição que se divide em seguir tanto o sistema heteronormativo quanto aderir às ideias novas presente nos Estudos de Gênero, surgidos a fim de propor novas possibilidades à formação de identidades. Por seguir a heteronormatividade, temos de lembrar que os grupos subalternos continuam sendo oprimidos por não terem espaço e serem invisibilizados na sociedade:

A sociedade heterossexual é a sociedade que não oprime apenas lésbicas e homossexuais, ela oprime muitos diferentes/outros, oprime todas as mulheres e muitas categorias de homens, todas e todos que estão na posição de serem dominadas(os). Para constituir uma diferença e controlá-la é um “ato de poder, uma vez que é essencialmente um ato normativo. Todos tentam mostrar o outro como diferente, mas nem todos conseguem ter sucesso a fazê-lo. Tem que ser socialmente dominante para se ter sucesso a fazê-lo” (WITTIG, 1992, p. 55).

Notamos que, nessa sociedade, o poder masculino continua imperando. Apenas a aqueles que o detêm estão permitidos assumir o controle. Em tese, como já observado, ao homem cabe o topo da sociedade, fazendo da mulher submissa. É normal vermos, então, integrantes do sexo masculino propagando normas que devem ser estritamente seguidas para que se mantenha a ordem social. Como afirma Morgan (1996, p. 217), “o patriarcado opera um tipo de prisão conceitual, produzindo e reproduzindo estruturas organizacionais em que predominam o sexo e os valores masculinos”. No entanto, é impressionante notar que, às vezes, mesmo de forma velada, mulheres também assumem essa posição de disseminar o certo e o errado, comungando da visão masculina construída pelo patriarcado. Pela ordem natural das coisas, o homem domina a mulher, logo pode controlá-la. Na relação mulher/lésbica, entretanto, quem controla é

a mulher e, nesse caso, é ela quem dita as regras. Esse é o caso de Carrie e Molly. A mãe, por se sentir amparada pela tradição, ganha forças e assume o papel de opressora perante a filha, que representa, aqui, uma minoria.

Molly é filha adotiva, mas não tem consciência disso, até que Carrie, após aborrecer-se com as atitudes da protagonista, abre o jogo de forma agressiva e autoritária:

– “Você me envergonhou na frente de todos os vizinhos e eu tenho uma ótima razão para mandá-la embora desta casa [...] Eu tenho novidades para você, sua merdinha, você acha que é tão inteligente. Você não é tão boa quanto pensa, e você também não é minha. E não quero você agora que eu sei quem você é. Quer saber quem você é, espertinha? Você é a bastarda de Ruby Drollinger, é isso que você é. Agora vamos ver como fica sua arrogância”.

– “Quem é Ruby Drollinger?”

– “Sua verdadeira mãe, e ela era uma vagabunda, tá me ouvindo, Miss Molly? Uma vadia imunda que se deitava com o cachorro se ele abanasse o rabo”.

– “Eu não ligo. Não faz diferença de onde eu venho. Estou aqui, não estou?”

– “Isso faz toda a diferença no mundo. Aqueles que nasceram fora dos laços matrimoniais são amaldiçoados como bastardos. Só para que você fique sabendo!”

– “Bem, você deveria se importar, sua imbecil. Apenas veja como vão longe todos os seus belos caminhos e como os livros a levam quando você sai e as pessoas descobrem que você é uma bastarda. E você age como uma. O sangue sempre fala mais alto e no seu caso ele grita! Cabeça-dura como a Ruby lá naquela floresta batendo uma pro idiota do Dewiler. Bastarda!”

Carrie estava vermelha no rosto e suas veias saltavam no pescoço. Ela parecia uma personagem de filme de terror e batia na mesa e me batia. Ela me agarrou pelos ombros e me sacudi como um cão chacoalha uma boneca.

– “Maldita, cadela de uma bastarda. Vivendo em minha casa, debaixo do meu teto. Você estaria morta no orfanato se eu não tivesse te tirado de lá e cuidado de você o tempo todo. Você vem aqui e come do bom e do melhor, tenha modos e endireite-se, garota, ou eu jogarei você de novo onde nunca deveria ter saído – a sarjeta” (BROWN, 1988, p. 7-8).<sup>60</sup>

<sup>60</sup> Cf. o original: *"You shamed me in front of all the neighbours and I've got a good mind to throw you outa this house [...] I got news for you, you little shitass, you think you're so smart. You ain't so fine as you think you are, and you ain't mine neither. And I don't want you now that I know what you're about. Wanna know who you are, smartypants? You're Ruby Drollinger's bastard, that's who you are. Now let's see you put your nose in the air".*

*"Who's Ruby Drollinger?"*

*"Your real mother, that's who and she was a slut, you hear me, Miss Molly? A common, dirty slut who'd lay with a dog if it shook its ass right".*

*"I don't care. It makes no difference where I come from. I'm here, ain't I?"*

*"It makes all difference in the world. Them that's born out of wedlock are cursed as bastards. So there".*

No diálogo é possível notar a diferença nas duas perspectivas: Carrie prende-se aos padrões e agride Molly, argumentando que, por ser filha de prostituta e por não ter sido concebida dentro do matrimônio, é bastarda. Nota-se que a fala de Carrie está carregada de preconceitos e de juízos de valor, típicas de uma sociedade patriarcal, na qual é necessário que estes rótulos se perpetuem, a fim de garantir o poder dos mais fortes. Carrie compara Molly à mãe biológica, ofendendo-a e, ainda, ameaça-a dizendo que precisa andar na linha para permanecer ali. A protagonista, por sua vez, não aceita as ofensas e não se demonstra preocupada, frente à Carrie, quanto ao fato de ter sido abandonada. O casamento, novamente, assume posição de destaque neste romance: a princípio como formador de família que é, conforme afala acima, e como veremos a seguir, com o status de ascensão/permanência social.

Carrie mostra-se também muito apegada aos princípios de separação dos sexos. Para ela, um corpo feminino deve assumir sua feminilidade e agir como menina. O mesmo vale para o sexo masculino, que deve se portar dentro das determinações estipuladas:

É extremamente comum escutarmos, desde a tenra idade, que meninos devem comportar-se de determinada maneira e meninas de outra; e que coisas de meninos, como brincadeiras e vestuário, não se encaixam no estereótipo de uma “menina comportada”. Inúmeros são os exemplos que poderíamos citar para demonstrar a dicotomia secular existente entre menino e menina, homem e mulher: rosa de menina e azul de menino; menina é delicada, sensível e expressa seus sentimentos e emoções e o menino deve ser forte, valente e nunca chorar; mulheres devem preservar sua imagem sendo recatadas e caseiras e os homens devem ser aventureiros, garanhões e, a todo tempo, comprovar sua masculinidade; a mulher deve fidelidade, dedicação e obediência ao marido, sendo uma boa esposa, mãe e dona de casa e o homem deve exercer a autoridade e ser o provedor do lar (SILVA, 2015, p. 53).

---

*"I don't care!"*

*"Well, you oughta care, you horse's ass. Just see how far all your pretty ways and books get you when you go out and people find out you're a bastard. And you act like one. Blood's thicker than water and yours tells. Bullheaded like Ruby and out there in the woods jerking off that Detwiler idiot. Bastard! "*  
*Carrie was red in the face and her veins were popping out of her neck. She looked like a one-woman horror movie and she was thumping the table and thumping me. She grabbed me by the shoulders and shook me like a dog shakes a doll. "Snot-nosed, bitch of a bastard. Living in my house, under my roof. You'd be dead in that orphanage if I hadn't gotten you out and nursed you rounded the clock. You come here and eat the good, keep me runnin' after straighten up, girl, or I'll throw your back where you came from – the gutter". (BROWN, 1988, p. 7-8).*

Com base nas imposições prévias, a mulher deve ser comportada, ter boas maneiras, ser delicada, entre outras. Carrie quer encaixar Molly nessa caixinha padronizada, na qual precisa apenas seguir a receita e ser feliz. Nota-se que as imposições de gênero estão presentes aqui. E Molly deve condicionar-se a elas.

No excerto abaixo, verificamos a diferença da vestimenta de Cheryl, estereótipo da menina perfeita, e Molly, a que foge/nega os padrões. Fica nítida, na fala da própria protagonista, a preferência de Carrie: para ela, Cheryl é uma verdadeira princesa.

Cheryl usava vestido, mesmo quando não precisava. Eu a odiava por isso, além disso, ela sempre estava puxando o saco dos adultos. Carrie a amava e dizia que parecia exatamente com a Shirley Temple e porque eu não era assim também ao invés de vagar pelo campo em calças rasgadas e camisetas sujas (BROWN, 1988, p. 30).<sup>61</sup>

Molly, ao perceber que a mãe se importa com questões de moda, roupa para menina, roupa para menino, vira a situação a seu favor: finge estar interessada na aparência para conseguir roupas mais caras:

No outono seguinte, quando Carrie levou-me a uma Lerner Shop para renovar o meu guarda-roupa, eu disse a ela que não queria blusas de dois dólares da Lerner. Ela não ficou brava como eu esperava. Na verdade, ela parecia satisfeita por eu estar interessada pela experiência. Isso deu a ela esperança quanto a minha feminilidade. Ela concordou que eu poderia comprar algumas coisas melhores de uma loja melhor (BROWN, 1988, p. 62).<sup>62</sup>

Dentro dessa perspectiva, a mãe adotiva exige cada vez mais que Molly se encaixe nos padrões de ser mulher: que não bata nos colegas, controle as emoções, seja doce e respeitosa. Carrie segue os preceitos patriarcais ao perpetuar as falas tradicionais na criação da filha. Para Carrie, Molly deve seguir a forma de agir de uma *lady*.

– “Ei você mocinha. Você não sabe brincar de forma educada, não? Não sabe agir como uma garota, de jeito nenhum. Você é uma

---

<sup>61</sup> Cf. o original: *Cheryl wore a dress, even when she didn't have to. I hated her for that, plus she was always sucking up to the adults. Carrie loved her and said she looked exactly like Shirley Temple and why didn't I look like that instead of roaming around the fields in torn pants and dirty teeshirts. (BROWN, 1988, p. 30).*

<sup>62</sup> Cf. o original: *The next fall, when Carrie took me to a Lerner Shop for my wardrobe, I told her I didn't want two-dollar blouses from Lerner's. She didn't get mad like I expected. In fact, she seemed pleased that I was taking an interest in my appearance. It gave her hope for my femininity. She agreed that I could buy a few good things from a better from a better store. (BROWN, 1988, p. 62).*

ignorante, isso que você é. Como você bate naquela doce criança? Como você pode fazer uma coisa dessas? Como eu vou aparecer na vizinhança agora? E você aprontando essas coisas logo depois da morte de Jenna. Você não tem noção do que é respeito. Deus sabe o que eu fiz para criá-la bem. Você não é minha filha. Você é selvagem, um animal selvagem” (BROWN, 1988, p. 32).<sup>63</sup>

Ao notar rejeição no comportamento de Molly, Carrie a compara com um animal. É possível observar que, ao evocar o nome de Deus, Carrie tenta eximir-se da culpa de ter uma filha assim, masculina, que age agressivamente. Esse discurso encontra-se totalmente amalgamado à tradição que impõe qual comportamento deve estar relacionado a cada gênero. No entanto, Molly sabe que a mãe não desiste fácil e, como punição, seria mantida em casa, em regime militar, a fim de que aprenda a se portar como mulher, já que é isso que é esperado pela sociedade, mesmo desconsiderando a real vontade do indivíduo:

Ela correu e ela me pegou por causa dessa ofensa além de outras centenas de delitos. Ela vai me fazer virar uma mocinha nesse verão, um programa de choque. Ela ia me manter em casa para me ensinar a agir corretamente, cozinhar, limpar e costurar e isso me assustou (BROWN, 1988, p. 33).<sup>64</sup>

Percebe-se que Carrie leva muito em sério a necessidade de cumprir tarefas domésticas, como cozinhar, limpar, costurar. Para ela, são princípios inevitáveis para se construir uma *lady*. Carrie não deseja nada mais do que a sociedade propõe: meninas nascem para serem damas e agirem como tal. Vale lembrar que ser *lady* necessita, também, estar acompanhada de um marido:

– “Eu não dou a mínima para a inteligência dela, ela não age naturalmente. Não é certo para uma garota correr com os meninos a qualquer hora. Ela sobe em árvores, desmonta os carros e pior ela manda e eles obedecem. Ela não quer aprender nada sobre formas de conseguir um marido. Inteligente como ela é, uma mulher não pode continuar neste mundo sem um marido. Nós não podemos enviar

---

<sup>63</sup> Cf. o original: *We got home and Carrie was hopping mad. Somehow, between my splitting Cheryl's lip and us walking home, she gathered the news. "You big-mouthed brat. Can't you play nice, can you? Can't act like a lady, no way. You're a heathen, that's what you are. You going up and hitting that sweet child. How could you do such a thing? How am I gonna show my face around here? And you doing such a thing so soon after Jenna's passed away. You got no sense of respect. God knows I've tried to bring you up right. You're not my child. You're wild, some wild animal.* (BROWN, 1988, p. 32).

<sup>64</sup> Cf. o original: *She ran on and she got me for this offense and that offense as well as one hundred trespasses. She's gonna make a lady out of me that summer, a crash program. She was going to keep me in the house to teach me to act right, cook, clean and sew and that scared me.* (BROWN, 1988, p. 33).

nossa filha para a escola dessa maneira. Devemos nos preocupar com os meninos. Eles sim ganharão o sustento. Você vai muito pelas ideias dela” (BROWN, 1988, p.39).<sup>65</sup>

A citação acima é bem rica no que concerne à propagação de ideais machistas e patriarcais. Primeiramente, Carrie, assim como Matilde faz com Sabrina, em *Sapato de salto*, menospreza as qualidades intelectuais de Molly, ao dizer que não importa o quão inteligente seja: não usa a inteligência a seu favor e, além disso, age como menino. Ações como subir em árvore e mandar nos meninos incomodam Carrie. Para ela, são desnecessárias, já que não são fatores positivos para se conquistar um marido – atitude essa super valorizada, por não haver outra opção a não ser o casamento. Nota-se a separação dos sexos aqui: meninas devem reservar-se ao casamento e agradar ao esposo enquanto meninos, sim, são dignos de preocupação, e devem ser enviados à universidade, pois ganharão a vida.

É contraditório dizer, mas, Carl, pai adotivo de Carrie, possui uma visão totalmente oposta à esposa – fato inesperado dentro de uma sociedade patriarcal. Para ele, não há necessidade de se “fabricar uma mulher”. A faculdade é importante e ele tem intenção, sim, de mandar a filha para lá.

A mãe sente-se ofendida e tenta eximir-se da responsabilidade de proporcionar um futuro digno à filha. Carl opõe-se novamente e discursa contra os preceitos machistas que ele segue, mostrando a ela que viveu sempre as funções domésticas, de boa mãe e esposa, mas no fundo, perdeu oportunidades frutíferas de se realizar fora dali:

– “Eu não sou mãe dela. Eu não sou mãe dela”. Carrie gritava. – “Ela não saiu de mim”. [...]

– “Mãe, pai, qual é a diferença, Cat? É como você se sente sobre a criança, não tem nada a ver com seu corpo. Molly é minha filha, e nem que seja a última coisa que eu faco, vou ver essa menina ter chances no mundo que nenhum de nós teve. Você quer que ela passe a vida como nós, sentada, sem poder ganhar dinheiro para um novo vestido ou um jantar em um restaurante? Você quer que ela viva uma vida como a sua - pratos, cozinha e nunca sair, exceto talvez para um filme uma vez por mês, se pudermos pagar? A menina tem um brilho diferente, Cat, então deixe-a viver! Ela vai para as grandes cidades e

---

<sup>65</sup> Cf. o original: *"I don't give a goddamn how brainy she is, she don't act natural. It ain't right for a girl to be running all around with the boys at all hours. She climbs trees, takes cars apart, and worse she tells them what to do and they listen to her. She don't want to learn none of the things to know to get a husband. Smart as she is, a woman can't get on in this world without a husband. We can't be sending no girl to school as it is. It's the boys we got to worry about. Them's the ones will be earning livings. You make too much of her head".* (BROWN, 1988, p. 39).

será alguém. Eu posso ver isso nela. Ela tem sonhos e ambição e ela é extremamente inteligente. Ninguém tirar vantagem dela. Tenha orgulho dela. Você tem uma filha para se orgulhar”.

– “Você me dá nojo. Ela sera alguém. Era so o que me faltava, Molly viajando para a cidade grande como Filadélfia e pensando que ela é melhor que o resto de nós. Ela já se acha e voce so piora a situação Ela vai para a faculdade em uma cidade grande e esquecera que voce exsite. Esse é o agradecimento que você receberá. Ela não se importa com ninguém além dela mesma, aquela fedelha. Ela é um animal selvagem, me trancou na adega. Você não mora aqui com ela todos os dias e para conhecê-la como eu. Ela é selvagem, eu lhe digo. E até onde ela vai chegar com toda sua inteligencia considerando seus antecedentes? Nós não somos pessoas que podemos mante-la em lugares chiques. Ela ficará envergonhada de nós. E ela é uma bastarda, vai se beneficiar. Você alimenta os sonhos da sua filha”. Ela bateu em ‘filha’ com tamanha colera que me fez estremecer (BROWN, 1988, p. 40-41).<sup>66</sup>

Carrie não perde a oportunidade de recriminar a filha e, novamente, compara-a a um animal selvagem, ou seja, minimiza as chances de Molly ser um ser humano digno de um destino promissor. Carl, por sua vez, já está decidido a apoiar a filha em um futuro diferente – no qual não tenha de se prender a homem nenhum para ter lugar na sociedade:

– “Cat, minha decisão está tomada. Molly terá sua chance querendo você ou não. Ela terá uma boa educação. Agora tem de aprender a conviver com isso, e não trancá-la nesta casa com você. Deixe-a correr pelo condado de Goddamn e deixe-a bater em Cheryl Spiegelglass. Eu nunca gostei daquela menina”.

– “Eu tenho uma coisa a lhe dizer, Carl Bolt. Nunca tivemos uma briga entre nós até que essa menina viesse morar debaixo de nosso teto. E nunca teríamos brigado assim se você tivesse me dado um bebê, mas você tinha sífilis, é isso que você tinha. Você não é apto

---

<sup>66</sup> Cf. o original: *"I am not her mother. I am not her mother". Carrie shrieked. "She didn't come from my body". [...] "Mother, father, what's the difference, Cat? It's how you feel about the child, it's got nothing to do with your body. Molly is my daughter, and if it's the last thing I do, I'm going to see that girl gets a chance in this world neither one of us had. You want her to spend her life like us, sitting back here in the sticks, can't even make enough money for a new dress or dinner in a restaurant? You want her to live a life like you—dishes, cooking, and never going out except maybe to a movie once a month if we can afford it? The child's got brightness in her, Cat, so let her be! She'll go to big cities and be somebody. I can see it in her. She's got dreams and ambition and she's smart as a whip. Nobody can pull one over on that kid. Be proud for her. You got a daughter to be proud of". "You turn my guts. She'll be somebody. That's all I need, Molly traipsing off to a big city like Philadelphia and thinking she's better than the rest of us. She's got high ways now. You make her worse. She'll go off to college and a big city and forget you ever lived. That's the thanks you'll get. She don't care for nobody but her own self, that kid. She's a savage animal, locked me in the cellar. You don't live here with her every day and see her like I do. She's wild I tell you. And how far's she gonna get with all her brains considering her background? We ain't people that can do her good in fancy places. She'll be ashamed of us. And she's a bastard to boot. You got pipe dreams for your daughter". She hit on "daughter" with such bile it made me shudder. (BROWN, 1988, p. 40-41).*

para ser pai de ninguém. Se eu pudesse ter tido o meu próprio bebê, tudo seria diferente. É tudo culpa sua e eu não vou esquecer”.

– “Minha decisão já está tomada”. A voz dele foi ficando suave com os sentimentos feridos (BROWN, 1988, p. 41-42).<sup>67</sup>

Dando continuidade aos ataques verbais, Carrie culpa Carl de não ter aptidão para ser pai, remetendo-nos, mais uma vez, a propagação de princípios patriarcais. Vê que não é obrigação do pai opinar na vida dos filhos. Ele deve preocupar-se com questões outras.

Em conversa com a filha, notamos que Carl é bastante aberto em relação às escolhas que ela faz. Eles conversam sobre a possibilidade de ela dirigir um filme e Carl encoraja-a para lutar por isso, já que não se encontram muitas mulheres no ramo:

– “Você daria uma boa advogada. Ninguém pode discutir com você que você já coloca cada um no seu devido lugar. Mas agora esse negócio de diretor, eu não sei. Você tem ir a Hollywood, não tem? Dizem que é um lugar ruim”.

– “Eu não sei. Os estúdios estão caindo aos pedaços, é a única coisa que sei. Parece que irá haver algumas inaugurações por lá - novas empresas e coisas do tipo. Mas eu tenho que ter habilidades primeiramente. Não há nenhuma mulher como diretora, então eu vou lutar com certeza e direito, bem, eu sei que tenho incentivo pra isso. Mas prefiro fazer filmes do que falar com um júri sonolento”.

– “Em seguida, faça filmes. Você só tem uma vida, então faça o que quiser”.

– “É assim que penso”.

– “E quanto a se casar?”

– “Eu nunca farei isso. Ponto final!”

– “Eu já imaginava. Você não combinaria com o outro lado de um avental, e cá entre nós, eu apostaria para ver você se curvar a qualquer um, especialmente um marido”.

– “Bem, não se preocupe porque isso nunca acontecerá. Além disso, por que devo comprar uma vaca quando consigo o leite de graça? Posso sair e trepar o quanto quiser”.

Ele riu (BROWN, 1988, p. 90).<sup>68</sup>

<sup>67</sup> Cf.o original: “*Cat, my mind is made up. Molly is having her chance whether you like it or not. She’s getting an education. Now you learn to live with it, and you’re not to lock her in this house with you. Let her run all over the whole Goddamn county and let her knock shit out of Cheryl Spiegelglass. I never liked that kid anyway.*” “*I have one thing to say to you, Carl Bolt. We’ve never had a fight between us until that child came under our roof. And we never would have a fight like this if you could have given me a baby, but you had syphilis, that’s what you had. You ain’t fit to be nobody’s father. If I could have had my own all this would be different. This is all your doing and I’ll never forget it.*” “*My mind’s made up.*” *His voice was soft with hurt feelings.* (BROWN, 1988, p. 41-42).

<sup>68</sup> Cf.o original: “*You’d make a good lawyer. Nobody can outtalk you, you mix ‘em up worse than a dog’s breakfast. But now this director business, I dunno. You gotta go to Hollywood, don’t you? That’s a bad place, they say.*”

“*I don’t know. The studios are falling apart, that much I know. Seems like there ought to be some openings somewhere—new companies and stuff. But I got to get the skills first. There aren’t any women*”

Observamos que conversam sobre casamento, mas Molly está convicta de que não deseja isso para sua vida. Em seu ponto de vista, não há necessidade de se casar, sendo que pode manter relações sexuais quando e com quem quiser. O ponto de vista inovador de Molly será analisado no segundo capítulo.

As divergências no modo de vida que Carrie impõe à filha, e a forma como Molly sente/quer viver, geram inúmeras discussões durante o romance. Possivelmente, uma das mais marcantes está relacionada à confirmação de que Molly é lésbica – fato este inimaginável, logo inaceitável, por Carrie. A descoberta acontece quando Molly é expulsa da faculdade graças a um namoro com a colega de quarto. Ao voltar, a protagonista é recebida pela mãe, já ciente do fato:

Minha mãe se sentava na cadeira verde almofadada quando atravessasse a porta. – “Você pode dar meia volta e sair. Eu sei tudo o que aconteceu lá em cima, a reitora me ligou. Dê meia volta e saia”.

– “Mãe, você só sabe o que eles lhe disseram”.

– “Eu sei que você está perdida, é isso que eu sei. Uma sapatona, eu criei uma sapatona, é apenas o que eu sei. Você é mais baixa do que os escolhedores de frutas sujas nos bosques, sabia?”

– “Mãe, você não entender nada. Por que não me deixa contar o meu lado?”

– “Eu não vou ouvir nada que você possa dizer. Você sempre foi má. Você nunca obedeceu às regras de ninguém – nem as minhas, nem as da escola, e agora você está desafiando as regras de Deus. Vá em frente e saia daqui. Eu não quero mais ver você. Por que diabos você ainda se preocupa em voltar aqui?”

– “Porque você é a única família que eu tenho. Onde mais eu iria?”

– “Isso é problema seu, espertinha. Você não terá amigos e você não terá família. Vamos ver o quão longe você irá, sua arrogante. Você achou que iria se misturar com os ricos. Você ainda acha que é esperta, não é mesmo? Mesmo sendo uma sapatona fedorenta, não balance seu rosto. Bem, espero viver para ver um dia você colocando o rabo entre as pernas. Eu vou rir muito da sua cara”.

– “Então é melhor viver para me ver morta”.

---

*directors, so I will have a fight for sure and law, well, I know I have a good shot at it. But I'd rather make movies than talk to some sleepy jury".*

*"Then make movies. You only got one life so do what you want".*

*That's how I figure it".*

*"What about gettin' married?"*

*"I'm never doing it. Period".*

*"I could see that coming. You wouldn't look too hot on the other side of an apron, and between us, it'd kill me to see you buckle under to anyone, especially a husband".*

*"Well, don't worry about it 'cause it'll never happen. Besides, why should I buy a cow when I get the milk for free? I can go out and screw anytime I damn well please".*

*He laughed. (BROWN, 1988, p. 90).*

Peguei a mala próximo à porta e saí noite fria adentro (BROWN, 1988, p. 136).<sup>69</sup>

Molly tenta se defender, mas Carrie não permite. Já influenciada pelo telefonema de Miss Marne, a personagem assume o ponto de vista conservador e ultrapassado, repleto de resquícios preconceituosos e, com palavras duras, humilha Molly, não possibilitando que mostre sua versão do ocorrido. Carrie exerce a função de algoz e expulsa a filha de casa sob o argumento de não aceitar ter criado uma filha fora dos padrões. A mãe considera que Molly tenha passado dos limites e, como nunca respeita ninguém, dessa vez, está desrespeitando as leis de Deus. Vê-se, aqui, mais uma forma de justificar preconceitos – a religião. Carrie, religiosa fervorosa, propaga um discurso de ódio, preso a ideais sexistas e não humanos, mas, ainda assim, pensa ter vantagem sobre os demais – tendo o direito de espalhar ofensas quando discordar de algo e considerá-lo fora da lei.

Molly busca viver em diferentes lugares até que é aprovada na faculdade de Nova York e, ao chegar ao último ano, decide fazer um documentário sobre a vida de Carrie como trabalho final. Ao voltar para casa, Carrie a recebe, porém continua não aceitando a orientação sexual da filha. Após inúmeras conversas, mãe e filha retomam um relacionamento sadio e Carrie adverte a filha para que arrume um marido que a sustente:

- “Quando você volta novamente?”
- “Não sei dizer. É difícil para eu conseguir dinheiro”.
- “Bem, não faz sentido que você queira mulheres. Nenhuma mulher vai te manter. Vai lá e case-se com um homem e ele irá mantê-la. Daí

---

<sup>69</sup> Cf.o original: *Mother was sitting in her green stuffed rocking chair when I walked through the door. "You can turn around and walk right out. I know everything that went on up there, the dean woman called me up. You just turn your ass around and get out".*

*"Mom, you only know what they told you".*

*"I know you let your ass run away with your head, that's what I know. A queer, I raised a queer, that's what I know. You're lower than them dirty fruit pickers in the groves, you know that?"*

*"Mom, you don't understand anything. Why don't you let me tell my side of it?"*

*"I don't wanna hear nothing you can say. You always were a bad one. You never obeyed nobody's rules – mine, the school's, and now you are defying God's rules. Go on and get outa here. I don't want you. Why the hell you even bother to come back here?"*

*"Because you're the only family I got. Where else am I gonna go?"*

*"That's your problem, smart-pants. You'll have no friends and you got no family. Let's see how far you get, you little snot-nose. You thought you'd go mix with the rich. And you still think you're dandy, don't you? Even being a stinking queer don't shake your face. Well, I hope I live to see the day you put your tail between your legs. I'll laugh right in your face.*

*"Then you'd better live to see me dead". I picked up my suitcase by the door and walked into the cool night air. (BROWN, 1988, p. 136).*

você terá dinheiro. E não irá se arrepender. Não há segurança em estar com outra mulher”.

– “Mas que inferno, você se casou com um homem e você continua sem dinheiro. E segurança – você estará segura apenas quando estiver morta” (BROWN, 1977, p. 240).<sup>70</sup>

A visão patriarcal ainda acompanha Carrie. Ao ouvir que o casamento lhe trará segurança, além do dinheiro, Molly, por sua vez, argumenta dizendo que, mesmo casando-se com um homem, seguindo o manual heterossexista, Carrie não teve dinheiro durante a vida e só terá segurança após morrer. Nota-se na resposta da menina uma pitada de sarcasmo ao relatar que a mãe mesmo sendo seguidora dos padrões heteronormativos não obtém sucesso em suas escolhas. A respeito de ter segurança no relacionamento com um homem e não com uma mulher, observamos que, para a mãe, apenas um homem pode se responsabilizar pelo sustento da família, já que essa é sua função, ao passo que duas mulheres vivendo juntas não teriam condições para se sustentarem. Molly é novamente irônica, pois afirma que segurança mesmo só é possível depois da morte, longe de quaisquer parceiros.

Desta maneira, é possível observar como o sistema patriarcal consegue aliados até mesmo dentre os oprimidos. Carrie é criada dentro de um sistema de normas universais que exaltam a mulher como “rainha do lar”, enquanto glorificam o homem por ser mais forte e mais inteligente. O comportamento da personagem condiz com o que Lage e Nader discorrem a respeito da necessidade da dominação masculina para o bom funcionamento do sistema. Como afirmam os autores: “legitimada pela ideologia patriarcal, institucionalizada e garantida por leis, a dominação masculina fez do espaço do lar um lócus privilegiado para a violência contra a mulher, tida como necessária para a manutenção da família e o bom funcionamento da sociedade” (LAGE E NADER, 2013, p. 286). É compreensível que, como vítima do sistema, seja oprimida e reflita ideais machistas no discurso. Afinal é ensinada (lê-se obrigada) a aceitar e repassar diversos tipos dessa opressão. Carrie representa o tipo de mulher que não concorda com

---

<sup>70</sup> Cf. o original: *When you coming back this way again?*

*Can't say. It's hard for me to get the money up.*

*Now see, it don't make sense for you to want women. No woman's gonna keep you. You go out there and marry some man and he'll keep you. You'll have money then. You'll be sorry. There's no security with a women.*

*Hell, you married a man and you didn't have money. And security – you're secure when you're dead* (BROWN, 1977, p. 240).

o feminismo por pensar que as coisas são como são e não há necessidade de mudança. No entanto, mulheres que propagam os valores patriarcais também são indispensáveis para a manutenção do patriarcado, corroborando o êxito de um sistema opressor que, mesmo indiretamente, continua vitimizando os seres abjetos.

Nas demais obras de nosso corpus deparamo-nos com esse discurso misógino e excludente. No próximo tópico, trataremos da questão do discurso de ódio e de atitudes mais violentas ocasionadas pela intolerância às distintas identidades de gênero surgidas. O tópico a seguir serve como ligação entre o discurso da tradição, que prima pelo preconceito, e o discurso da ruptura, que procura novos caminhos dentro do culturalmente instituído.

### **1.6. A perpetuação do discurso de ódio em *The Front Runner e Rubyfruit Jungle***

O sistema patriarcal, como visto acima, ganha forças por propagar verdades absolutas, negando a possibilidade de quaisquer questionamentos. É conveniente pensar dentro de uma matriz heterossexual, pois, padronizando vidas, fica mais fácil manter o controle. Como afirma Louro, no entanto, “ao classificar os sujeitos, toda sociedade estabelece divisões e atribui rótulos que pretendem fixar as identidades. Ela define, separa e, de formas sutis ou violentas, também distingue e discrimina” (LOURO, 2016, p. 15 - 16). Com base nesse pensamento, de identidades fixas e imutáveis, que nasce o discurso de ódio, hierarquizando posições e diminuindo o valor dos indivíduos, já que, a partir do momento em que o sujeito não se encaixa no padrão e foge às regras, é discriminado.

Por meio da linguagem preconceitos são produzidos e difundidos ao longo do tempo. Questões de raça e gênero, por exemplo, ocasionam diversos tipos de comentários pejorativos, considerando a supremacia de uma raça sobre a outra, ou de um gênero sobre o outro, como ponto de partida para imposição de ideais opressores. De acordo com Butler, palavras são suficientes para concretizar ações. Os atos de fala são performativos, ou seja, causam efeitos. Para a filósofa, “a linguagem é pensada ‘principalmente como agência - um ato com consequências’, um ato estendido, uma performance com efeitos. Isso é apenas uma abreviação. A linguagem é, afinal, ‘pensada em’, isto é, postulada ou constituída como ‘agência’” (BUTLER, 1997, p.

96).<sup>71</sup> Nas obras escolhidas para análise, é possível observar que trazem a linguagem do dominador como forma de ofensa aos dominados. Em nenhuma delas a “diferença” passa despercebida e isenta de ataques verbais carregados de preconceitos. Os discursos autoritários, misóginos, machistas, homofóbicos podem ser classificados como pertencentes ao *discurso de ódio*, descrito por Butler como sendo aquele responsável por ter poder de influenciar o outro sob o pretexto de estar carregando a verdade:

O discurso do ódio é uma espécie de discurso que age, mas também *refere-se* a um tipo de discurso que age, portanto, como item e objeto do discurso. Embora o discurso de ódio possa ser um dito popular que é uma espécie de ação ou um tipo de conduta, ele pode ser estabelecido como tal somente por meio de uma linguagem que descreva com autoridade esse ato para nós (BUTLER, 1997, p. 96).<sup>72</sup>

No entanto, esse tipo de discurso não é considerado discriminatório ou ofensivo até que a o sistema considere-o dessa forma. Ações sexistas não são legitimadas. Quem faz parte do poder, na maior parte das vezes, segue o discurso patriarcal, não levando em conta a contraparte em desvantagem:

Considerado como ação discriminatória, o discurso de ódio é uma questão para decisão nos tribunais, e assim “discurso de ódio” não é considerado carregado de ódio ou discriminatório até que os tribunais decidam que é. Não há nenhum discurso de ódio no sentido pleno desse termo até e a menos que haja um tribunal que decida que ele existe. Na verdade, a petição para chamar algo de discurso de ódio e argumentar que também é uma conduta, eficaz em seus efeitos, consequencial e significativamente privativo de direitos e liberdades, ainda não é suficiente para encerrar o caso. O caso é encerrado somente quando é “decidido” (BUTLER, 1997, p. 96).<sup>73</sup>

---

<sup>71</sup> Cf. o original: “Language is thought of ‘mostly as agency – an act with consequences’, an extended doing, a performance with effects. This is something short of a definition. Language is, after all, “thought of”, that is, posited or constituted as ‘agency’” (BUTLER, 1997, p. 96).

<sup>72</sup> Cf. o original: *Hate speech is a kind of speech that acts, but it is also referred to as a kind of speech that acts and, hence, as an item and object of discourse. Although hate speech may be a saying that is a kind of doing or a kind of conduct, it can be established as such only through a language that authoritatively describes this doing for us.* (BUTLER, 1997, p. 96).

<sup>73</sup> Cf. o original: *Considered as discriminatory action, hate speech is a matter for the courts to decide, and so “hate speech” is not deemed hateful or discriminatory until the courts decide that it is. There is no hate speech in the full sense of that term until and unless there is a court that decides that there is. Indeed, the petition to call something hate speech, and to argue that it is also conduct, efficacious in its effects, consequentially and significantly privative of rights and liberties, is not yet to have made the case. The case is made only when it is “decided”* (BUTLER, 1997, p. 96).

Em nossa análise, observamos vários casos de discurso de ódio velado no discurso da maioria, “protetora” dos valores morais da sociedade, mas, na verdade, esquece-se de considerar a liberdade do outro em fazer as próprias escolhas. Para ilustrar, nesta seção, utilizaremos as ações realizadas contra Harlan Brown e o amante, Billy Sive, em *The Front Runner*, os ataques sofridos por Molly Bolt e demais personagens, em *Rubyfruit Jungle*, no âmbito social. *Sapato de salto*, *Duas iguais* e *Hotel Dulac* possuem seções exclusivas para tratar esse tema.

As obras trabalhadas nesta seção apresentam como pontos de destaque a homossexualidade e a submissão/desvalorização feminina. Iniciemos pela primeira semelhança. Sabe-se que, desde o princípio, ser homossexual é sinônimo de fuga à regra para os patriarcalistas tradicionais. A respeito do vocábulo “homossexualidade”, Weeks afirma ter tido origem nos contextos políticos alemães, com a necessidade de uma reforma sexual, na qual a inclusão de leis a favor dos homossexuais exista:

Será, sem dúvida, uma surpresa para muitas pessoas saber que uma definição mais aguda de “heteressexualidade” como sendo a norma foi forçada precisamente pela tentativa de definir a “homossexualidade”, isto é, a forma “anormal” de sexualidade, mas os dados de que agora dispomos sugerem que foi exatamente isso que ocorreu. Os dois termos foram cunhados, ao que parece, pela mesma pessoa, Karl Kertbeny, um escritor austro-húngaro, e foram usados pela primeira vez publicamente, por ele, em 1869. O contexto no qual esses neologismos emergiram é importante: eles foram desenvolvidos em relação a uma tentativa anterior de colocar na pauta política da Alemanha a questão da reforma sexual, em particular, a revogação das leis antissodomitas. Eles eram parte de uma campanha embrionária, subsequentemente assumida pela disciplina da sexologia, então em desenvolvimento, de definir a *homossexualidade* como uma forma definitiva de sexualidade: como uma variante benigna, aos olhos dos reformadores, da potente mas imprecisa e mal definida noção de “sexualidade normal”(WEEKS, 2016, p. 61).

Apesar de, ainda no século XIX, haver uma tentativa de apagar o valor negativo do termo, percebemos que, hoje em dia, ao mesmo tempo em que alguns se solidarizam com a causa, há uma corrente contrária tentando, por meio do discurso de ódio, recriminar ainda mais as práticas homossexuais e culpabilizar os indivíduos dessa orientação sexual:

A maior visibilidade de *gays* e *lésbicas*, bem como a expressão pública dos movimentos sexuais, coloca, hoje, essas questões em

bases novas: por um lado, em determinados círculos, são abandonadas as formas de desprezo e de rejeição e incorporados alguns traços de comportamento, estilo de vida, moda, roupas ou adornos característicos dos grupos homossexuais; por outro lado, essa mesma visibilidade tem acirrado as manifestações antigays e antilésbicas, estimulando a organização de grupos hipermasculinos (geralmente violentos) e provocado um revigoramento de campanhas conservadoras de toda ordem (LOURO, 2016, p. 29).

O ativismo LGBTQI+ tem causado forte resistência da parte conservadora. Há uma ideia distorcida: qualquer reivindicação, a favor de melhores condições quanto à forma de viver de indivíduos *gays*, é uma ofensa à família tradicional. No entanto, Butler afirma que essa “ofensa” só é vista pela parte conservadora: “O enunciado que reivindica ou proclama identidade homossexual é interpretado como conduta ofensiva somente se reconhecermos que algo sobre o próprio discurso da homossexualidade no contexto da autodeterminação é perturbador” (BUTLER, 1997, p.121).<sup>74</sup> Em *The Front Runner*, é possível elucidarmos essa ideia da homossexualidade como afronta aos preceitos cristãos quando observamos Harlan Brown, o protagonista, criado por uma família seguidora dos padrões heteronormativos. O pai é bem severo, contribuindo para Harlan esconder a sexualidade durante um tempo. No início da narrativa é possível perceber a personagem principal procurando externalizar sua orientação sexual, mas é barrada pelo pai, que se mostra totalmente contra os indivíduos homossexuais:

Estava curioso para saber qual seria a atitude do meu pai em relação à homossexualidade. [...] Casualmente, eu mencionei que um dia vi um homossexual na Vilanova.

Ele relutou bastante para admitir que existam pessoas assim. Mas finalmente disse: – “Bem, Harlan, eles são minoria. Muito poucos. Graças a Deus, porque eles são pessoas pervertidas. O Senhor os lançará no fogo eterno”.

Insano? Eu estava louco? Eu só sabia de uma coisa. Talvez eu não estivesse tão louco agora, mas eu ficaria bem triste se continuasse reprimindo esses sentimentos (WARREN, 1996, p. 19).<sup>75</sup>

<sup>74</sup> Cf. o original: “The utterance which claims or proclaims homosexual identity is construed as offensive conduct only if we concede that something about the very speaking of homosexuality in the context of self-definition is disruptive” (BUTLER, 1997, p. 112).

<sup>75</sup> Cf. o original: *I was curious to know what my father’s attitude toward homosexuality would be. [...] Casually I mentioned one day that I had seen a queer at Villanova. He was very reluctant to admit that such people existed. But finally he said, “Well, Harlan, they’re very few. Very few. Thank God, for they are such twisted people. The Lord will cast them into the eternal fire”. Insane? Was I insane? I knew one thing. Maybe I wasn’t insane now, but I would be shortly if I kept repressing these feelings* (WARREN, 1996, p. 19).

Ao ignorar a existência do outro, o pai de Harlan representa a forma como a maioria age em relação às identidades dissidentes. É válido notar, também, o discurso do pai pautado em ideais religiosos: ao dizer que o Senhor os queimará no fogo do inferno, percebemos o caráter punitivo presente no discurso de ódio desta parcela religiosa.

A partir desse momento, Harlan tem claro para si que, caso assuma sua identidade, sofrerá resistência do próprio pai. Como sugere Butler, a homossexualidade no caso analisado, está diretamente relacionada à culpa – culpa de não se encaixar nos padrões e seguir as expectativas da família quanto ao comportamento sexual: “Essa transformação da homossexualidade em culpa e, portanto, na base do sentimento social, ocorre quando o medo do castigo parental se generaliza como o medo de perder o amor dos semelhantes” (BUTLER, 1997, p. 109).<sup>76</sup> A solução é, então, repreender os próprios sentimentos e não ofender a sociedade, já que, a constatação de assumir-se homossexual, é ofensiva:

Se a afirmação é conduta, e é uma conduta homossexual, então a afirmação de que se trata de um homossexual é interpretada como sendo homossexualmente a pessoa a quem, ou antes, de quem é proferido. A afirmação é, em certo sentido, não apenas um ato, mas uma forma de conduta, uma forma de discurso ritualista que exerce o poder de ser o que diz, não uma re-presentation de uma homossexualidade, mas um ato homossexual e, portanto, uma ofensa (BUTLER, 1997, p.121).<sup>77</sup>

Louro afirma que os homossexuais conscientes do risco de ofender a sociedade ainda continuam em desvantagem, pois, dentro do pensamento patriarcal, resta a eles apenas a rejeição:

As coisas se complicam ainda mais para aqueles e aquelas que se percebem com interesses ou desejos distintos da norma heterossexual. A esses restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação. A produção da heterossexualidade é acompanhada pela

---

<sup>76</sup> Cf.o original: *"This transformation of homosexuality into guilt and, therefore, into the basis of social feeling, takes place when the fear of parental punishment becomes generalized as the dread of losing the love of fellow men"* (BUTLER, 1997, p. 109).

<sup>77</sup> Cf.o original: *If the statement is conduct, and it is homosexual conduct, then the statement that one is a homosexual is construed as acting homosexually on the person to whom or before whom it is uttered. The statement is in some sense not only an act, but a form of conduct, a ritualistic form of speech that wields the power to be what it says, not a re-presentation of a homosexuality, but a homosexual act and, hence, an offense* (BUTLER, 1997, p. 112).

rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia (LOURO, 2016, p. 27).

Essa segregação é também observada em *The Rubyfruit Jungle*, quando Molly, ao questionar papéis sociais com a amiga Connie, percebe-se vítima de preconceito daquela em quem confia. Ao iniciar a conversa, Connie pergunta se Molly é homossexual e, ao ouvir a resposta afirmativa, reage de forma inesperada, trazendo a tona um discurso preconceituoso:

– “Mas acho que foi um grande choque. Coisas que nossas mães não nos contaram e tal. Eu sou quadrada ou talvez eu tenha medo. Eu não acho que você ou qualquer outra pessoa deve ser rotulada [...]. Todo esse tempo eu pensei que era progressista, intelectual [...] agora vejo que sou tão cheia de preconceitos quanto qualquer outro imbecil”

[...]

– “Ainda não terminei, Molly, não sei se continuaremos amigas. Penso nisso toda vez que vejo você. Vou pensar nisso toda vez que te olhar. Vou ficar nervosa e imaginar que você irá me estuprar ou coisa assim” (BROWN, 1988, p. 108).<sup>78</sup>

Ao se abrir com a colega, Molly espera compreensão, mas se surpreende ao perceber que Connie, apesar de se dizer liberal e progressista, a rejeita por considerá-la uma ameaça: como ela mesma diz, toda vez que pensar em Molly, ficará nervosa lembrando que poderá ser estuprada. Assim como o pai de Harlan, Connie reproduz preceitos homofóbicos que podem ser descritos como:

Pelo fato de as pessoas *gays* serem ritualmente evitadas em todos os aspectos da vida social, nossa desumanização através da evitação parece normativa e regular, partindo mesmo de outros homossexuais, pois se constitui em um processo imitativo. A evitação é a forma mais comum de homofobia e a mais fácil de ser executada (SCHULMAN, 2009, p. 74).

Trazendo a descrição acima para o âmbito feminino, as lésbicas também vivenciam a rejeição social. Segundo Rich (1993, p. 21), “a via da heterossexualidade compulsória, por meio da qual a experiência lésbica é percebida através de uma escala

---

<sup>78</sup> Cf.o original: *But this is a big jolt. Things your mother didn't tell you and all that, I guess. I'm square or maybe I'm scared. I don't think you or anyone else should wear a label [...] All this time I taught I was this progressive thinker, this budding intellectual [...] now I find out I'm as shot through with prejudice as the next asshole [...] I'm not through Molly, I don't know if I can be your friend anymore. I'll think about it every time I see you. I'll be nervous and wonder if you're going to rape me or something.* (BROWN, 1988, p. 108).

que parte do desviante ao odioso ou a ser simplesmente apresentada como invisível, poderia ser ilustrada a partir de muitos textos, além dos dois precedentes”. É válido lembrar que, apesar de ambas serem práticas homossexuais, as práticas *gays* e lésbicas não devem ser generalizadas e rotuladas na mesma categoria, pois cada uma tem suas características peculiares:

O modelo de homossexual que emergiu no século XIX tentou explicar mulheres e homens homossexuais nos mesmos termos, como se tivessem uma causa e características comuns. De fato, o modelo era extraordinariamente baseado na homossexualidade masculina e nunca foi diretamente aplicável às mulheres. Intelectuais lésbicas têm descrito as formas pelas quais relações íntimas entre mulheres fizeram parte de um *continuum* de relações próximas, sem que houvesse uma identidade lésbica distintiva claramente desenvolvida até este século (FADERMAN, 1980). Homens e mulheres podiam ser classificados pelo mesmo rótulo psicológico, mas suas histórias eram diferentes (VICINUS, 1989) (WEEKS, 2016, p. 68).

Dessa forma, verificamos, mais uma vez, a compulsoriedade de ser heterossexual constitui-se ainda como fonte de grande transtorno para homossexuais.

Os transtornos causados pela comunidade homossexual são incontáveis. Warren ilustra na narrativa como a sociedade dos anos 1970 não está preparada para lidar com o outro e prejudica a carreira profissional da protagonista ao classificá-la como *gay*. Harlan é, no início da narrativa, casado e treinador da equipe de atletismo da faculdade de Penn State. Por ser casado com uma mulher e ter constituído família, o protagonista está acima de qualquer suspeita. Até que é abordado por um aluno *gay* e o rejeita. A rejeição torna-se causa de seu desligamento da equipe:

Federman foi frio e direto. – “O menino disse que você mostrou-se sexualmente interessado por ele”.

Fui tomado pelo pânico, mas consegui manter meu semblante calmo.

– “Isso não é verdade”.

– “O boato chegou a alguns curadores e ex-alunos”, disse Federman. –

“Há uma forte pressão sobre mim. Não podemos ter esse tipo de escândalo. Estou certo de que você compreende minha posição”.

– “Mas isso é ridículo”, eu disse.

[...]

– “O melhor para a se fazer é você se demitir. Percebi que você parece cansado e tenso ultimamente. Você pode dizer que foi por razões de saúde” (WARREN, 1996, p. 30).<sup>79</sup>

<sup>79</sup> Cf. o original: *Federman was cold and brusque. "The boy says that you have shown sexual interest in him". I was seared with shock and panic, but I managed to keep a calm exterior. "That's simply not true".*

É notável, por meio da fala do diretor, que a intenção em afastar Harlan deve-se ao fato de evitar qualquer constrangimento para a empresa com relação a encobrir a presença de um funcionário homossexual. Nota-se que a questão vai além do compreensível, mas o protagonista não tem direito à defesa e lhe é solicitado que deixe a instituição - alegando problemas de saúde.

Assim acontece, conforme podemos observar abaixo. O treinador deixa o emprego e a universidade isenta-se de qualquer escândalo:

Não havia manchetes, a não ser: O TREINADOR DE PENN STATE PEDE DEMISSÃO POR MOTIVOS DE SAÚDE, e um bochico informal de que eu estava pensando em voltar a trabalhar no jornal. Mas o rumor logo se esvaiu e desapareceu. Muitas pessoas afirmavam não acreditar. 'Afinal, ele era casado, e tão másculo'. Mas a suposição permaneceu lá, adormecido na mente das pessoas (WARREN, 1996, p. 30-31).<sup>80</sup>

É interessante notar, também, Harlan utilizando-se da credibilidade por ser hétero para passar despercebido pela situação. Como afirma Weeks, a partir do momento em que a sexualidade começa a interessar à sociedade, os corpos deixam de ter privacidade quando se diz respeito às escolhas realizadas. Assim sendo, por ser uma figura pública, necessariamente, a vida sexual e pessoal de Harlan é comprometida pelo dever social de cumprir os padrões:

Estamos sugerindo que a sexualidade é modelada na junção de duas preocupações principais: com a nossa subjetividade (quem e o que somos) e com a sociedade (com a saúde, a prosperidade, o crescimento e o bem-estar da população com um todo). As duas estão intimamente conectadas, porque no centro de ambas está o corpo e suas potencialidades. Na medida em que a sociedade se tornou mais e mais preocupada com as vidas de seus membros - pelo bem da uniformidade moral; da prosperidade econômica; da segurança nacional ou da higiene e da saúde -, ela se tornou cada vez mais preocupada com o disciplinamento dos corpos e com a vida sexual dos indivíduos (WEEKS, 2016, p. 52).

---

*"The rumor has reached a few of the trustees and alumni," said Federman. "There is a heavy pressure on me. We can't have that kind of scandal. I'm sure you'll understand my position". "But this is ridiculous," I said. [...] "The best thing for you to do would be to resign. I've noticed that you look tired and strained lately. You can say that's for reasons of health". (WARREN, 1996, p. 30).*

<sup>80</sup> Cf. o original: *There were no headlines, except PENN STATE TRACK COACH RESIGNS FOR REASONS OF HEALTH, and a casual quote from me that I was thinking of going back to newspaper works. But the rumor washed gently through the track world and died out. A number of people said the didn't believe it. "After all, he was married, and he acted so masculine". But the thought stayed there, in the back of people's minds. (WARREN, 1996, p. 30-31).*

Harlan encontra-se realmente no dilema subjetividade *vs.* sociedade, resistindo por muito tempo, mas, subvertendo as normas, como será visto no segundo capítulo. É interessante notar o tom irônico do personagem ao observar os homens com determinados privilégios negados às mulheres. No excerto abaixo notamos que a continuidade da espécie depende, única e exclusivamente, do homem. O relacionamento homossexual seria, dessa maneira, uma traição à Nação:

A sociedade americana ainda tende a considerar o homem como portador de maiores responsabilidades do que a mulher. Um homem tem seus privilégios, mas ele também carrega seu fardo. Então, um homem que se recusa a fecundar a Miss America, que desperdiça seu sêmen entre as coxas de outro homem, é um traidor sexual que ameaça o futuro de uma sociedade (WARREN, 1996, p. 87-88).<sup>81</sup>

O protagonista, mesmo já tendo filhos, nega essa missão e subverte os conceitos, tornando-se, então, um traidor. Ao persistir em não se submeter ao sistema, Harlan continua sendo prejudicado. Após conseguir emprego em Prescott, o protagonista recebe a missão de treinar três atletas *gays*. Depois de muito relutar, aceita o desafio e tem sua vida mudada ao se apaixonar por um deles, Billy Sive. Tudo segue bem até que a imprensa descobre o romance e o escandaliza: “Todos nós tentamos ignorar os rumores. Mas vários pais começaram a pressionar Joe Prescott. Dois forçaram os filhos héteros a deixar o time, embora os meninos e Joe tentassem mostrar que eles estavam vendo pêlo em ovo” (WARREN, 1996, p. 150).<sup>82</sup> Mais uma vez, a sexualidade serve como parâmetro definidor de caráter. Observamos que a orientação sexual do treinador é motivo para que as pessoas sintam-se no direito de desconsiderar seu talento e julgá-lo apenas por uma escolha. A prática reguladora da heterossexualidade compulsória não livra ninguém de seu julgamento:

Observa-se não só que as ambiguidades e incoerências nas práticas heterossexual, homossexual e bissexual - e entre elas - são suprimidas e redescritas no interior da estrutura reificada do binário disjuntivo e assimétrico do masculino/feminino, mas que essas configurações

---

<sup>81</sup> Cf. o original: *American society still tends to regard a man as having a higher responsibility than a woman. A man has his privileges, but he also carries his burden. So a man who refuses to impregnate Miss America, who wastes his semen between another man's thighs, is a sexual traitor who threatens the very future of a society.* (WARREN, 1996, p. 87-88).

<sup>82</sup> Cf. o original: *"We all tried to ignore the rumors. But a number of parents started trying to pressure Joe Prescott. Two forced their straight boys to drop off the team, although the boys and Joe tried to show them that they were seeing ghosts under the bed".* (WARREN, 1996, p. 150).

culturais de confusão do gênero operam como lugares de intervenção, denúncia e deslocamento dessas reificações. Em outras palavras, a "unidade" do gênero é efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2015a, p. 67).

A família, como observado acima, é uma das instituições mais reguladoras no quesito gênero. Na maioria das vezes, os discursos de ódio e a violência têm início dentro do próprio lar. Harlan e Billy vivenciam isso quando todos tomam conhecimento do casamento deles. Harlan é interrogado por um tio distante que reaparece apenas com o intuito de resgatar a moral e o bom costume. Como pode ser observado a seguir, o termo utilizado para definir a situação é vergonha. Harlan quebra os padrões da sociedade tradicional e envergonha a família, ocasionando, até mesmo, um ataque nervoso na mãe:

Quando a imprensa informou sobre nosso casamento, começamos a receber contato de familiares ausentes há muito tempo. Recebi um telefonema de meu tio da Filadélfia, dizendo que minha mãe teve uma crise nervosa por conta da notícia. Ela estava no hospital. – “Não é suficiente que você tenha causado uma vergonha para a família?” Ele gritou no meu ouvido. – “Você tem que matar sua mãe?”  
 – “Eu não estou tentando matá-la”, eu disse. – “Ela está se matando”.  
 – “Você deve ser comunista”, disse meu tio. – “Você está tentando destruir a família americana” (WARREN, 1996, p. 208).<sup>83</sup>

O discurso do tio muito se assemelha aos conservadores que mantêm as aparências passando por cima de qualquer coisa. A mãe de Billy, mesmo distante, também reproduz esses mesmos ideais, tendo como maior argumento a necessidade de perpetuação da família:

– “Eu pensei em você muitas vezes”, disse Leida. – “Eu pensava: oh, ele deve estar crescido agora, talvez ele já esteja casado com uma linda garota. Finalmente, tentei entrar em contato com você, mas John havia se mudado. Não sabia de seu paradeiro até ver o jornal”. Ela parou. De repente, explodiu: – “Mas Billy, isso é um absurdo! Você nunca terá seus próprios filhos. Você não quer uma família, filhos?”

---

<sup>83</sup> Cf. o original: *When the press reported our marriage, we started hearing from long-absent relatives. I got a call from my uncle in Philadelphia, who told me that my mother had had a nervous breakdown as a result of the publicity. She was in a hospital. "Isn't it enough that you've brought such a shame on the family?" he shouted in my ear. "Do you have to kill your mother?" "I'm not trying to kill her," I said. "She's killing herself". "You must be a communist," said my uncle. "You're trying to destroy the American family" (WARREN, 1996, p. 208).*

Todo homem quer que sua linhagem continue” (WARREN, 1996, p. 210-211).<sup>84</sup>

Nota-se que, desde o início, a mãe traça um caminho idealizado, no qual o filho se case com uma moça bonita e tenha filhos. Nessa idealização, muito comum em qualquer lugar do mundo, a mãe tende a desconsiderar possíveis “desvios” e fecha os olhos a qualquer comportamento que não seja a favor da concretização do planejado.

O fanatismo contra homossexuais pode chegar a um ponto incontrollável. Depois de superarem inúmeros desafios, Billy tem a trajetória encerrada durante uma corrida, quando é baleado e não consegue sobreviver:

Lentamente, nos dois dias seguintes, enquanto a polícia canadense questionava o assassino de Billy, a história veio à tona. Como ele se tornou cada vez mais perturbado em nossa existência, como sua homossexualidade latente e reprimida o fez temer o amor, e odiar Billy. Como ele ficou obcecado pela ideia de matar Billy na pista, como ele finalmente decidiu que não havia um lugar melhor para cometer o crime do que durante as Olimpíadas (WARREN, 1996, p. 285).<sup>85</sup>

Pela descrição acima, podemos observar tanto Billy quanto o próprio assassino, como vítimas de um sistema opressor que, por muito ditar regras, gera apenas ódio e obsessão. O comportamento violento do assassino pode ser visto como uma forma de o indivíduo extravasar as angústias geradas durante uma vida de repressão e submissão. Nesse tipo de atitude, verificamos como o sistema heteronormativo é efetivo, pois, ao impor um padrão a ser adotado, gera ódio e frustração, além de incalculáveis danos psicológicos, quando há percepção de que fora burlado.

Billy paga com a vida por não se encaixar na norma e, assim, desagradar àqueles que, mesmo querendo fugir das imposições, vivem uma mentira ao não se assumirem. O assassino, com certeza adepto do mesmo pensamento do pai de Harlan, considera a

---

<sup>84</sup> Cf. o original: “I thought of you many times,” said Leida. “I thought... ‘oh, he’s grown up by now, maybe he’s married to some lovely girl already.’ Finally I tried to get in touch with you, but John had moved. I didn’t know your whereabouts until I saw the newspaper - “She paused. Suddenly she burst out, “But Billy, it’s so absurd! You’ll never have any children of your own this way. Don’t you want a family, children? Every man wants to see his family line go on”. (WARREN, 1996, p. 210-211).

<sup>85</sup> Cf. o original: *Slowly, in the next couple of days, as Canadian police questioned Billy's killer, the story came out. How he became increasingly disturbed at our existence, how his latent, repressed homosexuality made him fear love, and hate Billy. How he became obsessed with the idea of killing Billy on the track, how he finally decided there was no better place to do it than the Olympics.* (WARREN, 1996, p. 285).

punição aos homossexuais a melhor solução para o “problema”. No entanto, a gravidade da situação encontra-se no fato de ele mesmo sentir-se no direito de realizar essa punição, apenas confirmando ainda mais o status de abjeto das vidas que não importam para a sociedade tradicional.

Em *Rubyfruit Jungle*, os casos de homofobia ou de discurso de ódio não chegam ao extremo, porém, são merecedores do mesmo destaque. Assim como Harlan, Molly sofre no ambiente de trabalho e de estudo. Nesse caso, sofre duplamente: por ser mulher e por ser homossexual. Como observado na seção anterior, Carrie pensa que a filha não deve estudar por ser mulher. Temos aí o primeiro ponto. Além disso, ao entrar na faculdade, a protagonista é expulsa após ter o caso com a colega de quarto descoberto. O caso é levado à direção da instituição de ensino e Molly é repreendida pela diretora, reproduzindo nada mais nada menos do que o discurso de ódio próprio da tradição, afirmando a menina como uma aberração:

[...] – “É por isso que eu admiro a maneira como você ressurge de determinadas circunstâncias. Agora me conte sobre essa dificuldade que você tem em relação às meninas e à sua colega de quarto”.

– “Querida Marne, não tenho nenhum problema relacionado às meninas e estou apaixonada pela minha colega de quarto. Ela me faz feliz”.

[...]

– “Essa relação com Faye Raider é de natureza íntima? Nós transamos, sim, se é o que você quer saber”.

[...]

– “Você não acha isso uma aberração? Isso não a incomoda, minha querida? Afinal, não é normal” [...] (BROWN, 1977, p. 127-128).<sup>86</sup>

Ao confessar o relacionamento, notamos que a diretora julga a protagonista partindo do princípio de que esse tipo de relação não é normal. Como será visto no segundo capítulo, a forma como Molly lida com a situação é inusitada, pois, ao invés de submeter-se aos padrões, responde a ela mostrando ter total domínio da situação “eu sei que não é normal para as pessoas no mundo serem felizes, e eu sou feliz” (BROWN,

---

<sup>86</sup> Cf. o original: [...] *That’s why I admire the way you’re risen above your circumstances. Now tell me this difficulty you have in relating to girls and your roommate.*

*Dear Marne, I don’t have any problem relating to girls and I’m in love with my roommate. She makes me happy. [...] Is this relationship with Faye Raider of an, uh-intimate nature? We fuck, if that’s what you’re after. [...] Don’t you find that somewhat of an aberration? Doesn’t this disturb you, my dear? After all, it’s not normal [...].* (BROWN, 1977, p. 127-128).

1988, p. 127-128).<sup>87</sup> Não satisfeita, Ms. Marne continua o julgamento e, com o mesmo pensamento do assassino de Billy, vê-se no direito de punir a menina pelo comportamento desviante:

– “Talvez haja coisas escondidas em seu passado, segredos em seu inconsciente que a impedem de ter uma relação saudável com membros do sexo oposto [...] Já providenciei sua visita aos psiquiatras aqui três vezes por semana”

[...]

– “Querida Marne, por que você está pegando tão pesado para ser uma mãe enquanto você não é nem sequer casada?”

[...]

– “Estamos aqui para falar sobre você, não sobre mim. Eu tive muitas oportunidades. Eu decidi que uma carreira bem sucedida era mais importante para mim do que ser uma dona de casa. Muitas mulheres ambiciosas foram forçadas a essa segunda escolha na minha época” (BROWN, 1977, p. 127-128).<sup>88</sup>

Marne retoma a ideia de que a homossexualidade é uma patologia e deve ser tratada, por isso sugere psiquiatras, a fim de “consertar” os desvios de comportamento de Molly. A protagonista percebe que está sendo punida e reage de modo a mostrar que não aceita ser colocada dentro de um padrão que hostiliza, por exemplo, as mulheres. Em outra ocasião, Molly deixa isso claro ao afirmar que as mulheres têm vivido períodos difíceis desde sempre:

– “Molly, você pensou em concorrer para presidente do conselho estudantil no próximo ano?”

– “Eu já pensei nisso, mas parece que Gary Vogel tá no papo. Enfim, as meninas dificilmente são eleitas”.

– “Sim, as meninas têm grandes dificuldades no mundo, geralmente” (BROWN, 1988, p.85).<sup>89</sup>

---

<sup>87</sup> Cf.o original: [...] *I know it's not normal for people in world to be happy, and I'm happy. [...]* (BROWN, 1977, p. 127-128).

<sup>88</sup> Cf.o original: *Perhaps there are things hidden in your past, secrets in your unconscious that keep you from having a healthy relationship with members of the opposite sex. [...] I have arranged for you to see one of our psychiatrists here three times a week [...] Dear Marne, why are you pushing me so hard to be a mother and all that rot when you aren't even married? [...] We're here to discuss you, not me. I had plenty of opportunities. I decided a carrier was more important to me than being a homemaker. Many ambitious women were forced into that choice in my day.* (BROWN, 1977, p. 127-128).

<sup>89</sup> Cf.o original: *Molly have you thought about running for student council president next year? I've thought about it, but it look as though Gary Vogel has it in the bag. Anyway, girls have a hard time getting elected. Yes, girls have a hard time in the world, generally.* (BROWN, 1988, p.85).

A questão da desvalorização feminina pode ser vista, além de Molly, em outro episódio marcante no qual Holly, uma das amigas da protagonista, é assediada durante o trabalho, mas, por ser mulher e logo a parte mais fraca, sofre as consequências, perdendo o emprego:

O homem baixinho observou Holly, na verdade ele não tirava os olhos de seus seios perfeitos. Ela serviu primeiramente a esposa e, enquanto a senhora em cetim verde com os cabelos metálicos olhava para o invólucro de palha doce, o marido levantou a mão direita e acariciou o peito esquerdo de Holly. Ele devia estar de porre, pensei, esse cara só podia estar de porre. Holly deu um passo para trás para vê-lo com melhor, e ela cuidadosamente pegou a banana split em sua mão direita e esmagou na cabeça dele. [...]

– “O que significa isso?” Larry the Leech gritou, sua voz masculina se perdeu na histeria do momento.

[...]

– “Você está despedida, agora vá embora daqui. Desculpe, senhor, sinto muito!” (BROWN, 1977, p. 170-171)<sup>90</sup>

A desvalorização da mulher e a propagação do discurso machista são percebidas quando o patrão não dá direito de voz à funcionária e, ainda por cima, desculpa-se com o assediador. Casos como estes são comuns no nosso dia a dia. Milhares de mulheres são assediadas e culpabilizadas, como se fossem as reais causadoras da infração. Em *Sapato de salto*, Lygia Bojunga questiona esses valores invertidos por meio da personagem Sabrina. A análise será realizada no próximo capítulo.

No entanto, toda mudança social que vem ocorrendo ao longo do tempo, como, por exemplo, as conquistas femininas, representadas pela saída do âmbito privado para o público, interferem diretamente na construção da masculinidade. Hoje, ser homem não está mais ligado a ser chefe de família, considerando que a própria instituição também sofre modificações. O homem do século XXI deve saber lidar com o sucesso feminino e assumir papéis diversos que preencham a necessidade atual. Ser homem ou ser mulher não têm sido mais as únicas opções. Atualmente, a escolha por identidades de gênero dissidentes tem sido bem comum. Como afirma Weeks:

---

<sup>90</sup> Cf. o original: *The little man watched Holly, actually he never took his eyes off her perfect breasts. She served the wife first and as the lady imprisoned in green satin with her metallic hair peered at her sweetheart straw wrapper, the husband reached right up and fondled Holly's left breast. He's loaded I thought, this guy got to be loaded. Holly took a step back to view him more clearly, then she carefully put the banana split in her right hand and smashed on his head. [...] What's the meaning of this? Larry the Leech squawked, his affected masculine voice lost in the hysteria of the moment. [...] You're fired, now get outa here. I'm sorry, Sir, this is most unfortunate.* (BROWN, 1977, p. 170-171)

Cada vez mais, a homossexualidade se torna uma opção, uma escolha, a qual os indivíduos podem seguir de um modo que era impossível numa sociedade mais hierárquica e monolítica. A existência de um modo de vida *gay* dá oportunidade para as pessoas explorarem suas necessidades e seus desejos, sob formas que eram algumas vezes literalmente inimagináveis até bem pouco tempo. É por isso, obviamente, que a homossexualidade é vista, frequentemente, como uma ameaça para aqueles ligados ao *status quo* moral, estejam eles situados à esquerda ou à direita do espectro político. A existência de identidades lésbicas e *gays* positivas simboliza a pluralização cada vez mais crescente da vida social e a expansão da escolha individual que esta oferece. (WEEKS, 2016, p. 69).

Por meio da citação acima e de todo o exposto até aqui, percebemos que o mundo encontra-se binariamente dividido em dois polos ideológicos: os liberais e os conservadores. Apesar de estes novos caminhos estarem sendo abertos, percebemos, no mundo acadêmico, por exemplo, que a visão tradicional de gênero (privilegiando apenas masculino e feminino) ainda é fortemente disseminada em pesquisas contemporâneas. Infelizmente, em um ambiente em que as discussões deveriam estar livres de quaisquer amarras, observamos a perpetuação da visão patriarcal.

A fim de trilhar novos rumos e contribuir para a atualização de conceitos nesta área, iniciaremos o segundo capítulo discutindo as possibilidades de construção do gênero até então ocultadas pela heterossexualidade compulsória.

## CAPÍTULO 2

### FEMINILIDADES E MASCULINIDADES: REPRESENTAÇÕES OUTRAS

Conforme exposto no capítulo anterior, o padrão de gênero, em nossa sociedade, é historicamente marcado pela figura “do homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão” (LOURO, 2016, p. 15). As demais identidades, que não se inserem nestas características, não se encaixam no modelo padronizado que contém atributos masculinos e/ou femininos, são apenas outr@s “sujeitos sociais que se tornarão ‘marcados’, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência” (LOURO, 2016, p. 15). Neste espaço encontram-se as mulheres, os *gays*, as lésbicas, @s trans, @s intersexos e tod@s aquel@s que a norma dual e segregacionista não consegue legitimar como um corpo que importa.

Para Guacira Lopes Louro (2016, p. 14), “os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados”, no entanto, “pode ocorrer, além disso, que os desejos e as necessidades que alguém experimenta estejam em discordância com a aparência de seu corpo”. E, então, questionamos: como ficam as identidades desviantes? Qual o lugar do indivíduo que não se encaixa nessa instituição de gênero? A princípio, cabe a el@s algum lugar – muitas vezes inumano, ou humanamente impensável. Locais esses que limitam e excluem:

Estas atribuições ou interpelações alimentam aquele campo de discurso e poder que orchestra, delimita e sustenta aquilo que pode legitimamente ser descrito como "humano". Nós vemos isto mais claramente nos exemplos daqueles seres abjetos que não parecem apropriadamente generificados; é sua própria humanidade que se torna questionada. Na verdade, a construção de gênero atua através de meios excludentes, de forma que o humano é não apenas produzido sobre e contra o inumano, mas através de um conjunto de exclusões, de apagamentos radicais, os quais, estritamente falando, recusam a possibilidade de articulação cultural. Portanto, não é suficiente afirmar que os sujeitos humanos são construídos, pois a construção do humano é uma operação diferencial que produz o mais e o menos "humano", o inumano, o humanamente impensável. Esses locais excluídos vêm a limitar o "humano" com seu exterior constitutivo, e a assombrar aquelas fronteiras com a persistente possibilidade de sua perturbação e rearticulação (BUTLER, 2016, p. 161).

A partir da resposta, partimos para um dos objetivos principais deste trabalho: dar lugar para indivíduos e lhes proporcionar a visibilidade que merecem/necessitam, discutindo as modificações sofridas na sociedade contemporânea para que possam existir. Embasados em Butler, investigar como esses desvios da norma podem acontecer é crucial. Assim, consideramos que “algo ‘*queer*’ está no centro da noção de performatividade de gênero, uma ‘estranheza’ não é tão diferente dos desvios considerados pela iterabilidade de Derrida sobre a questão de o discurso ser citacional, mas que assume significados específicos e corporativos específicos na visão de Sedgwick” (BUTLER, 2016, p. 18).<sup>91</sup>

Com o intuito de avaliar eventuais quebras nos padrões de gênero, seguiremos aqui a proposta de Butler, com a teoria da performatividade. Por performatividade entendemos que não seja:

um “ato” singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas. E na medida em que adquire o status de ato no presente, ela oculta ou dissimula as convenções das quais ele é uma repetição. Além disso, esse ato não é primeiramente teatral; de fato, sua aparente teatralidade é produzida na medida em que sua historicidade permanece dissimulada (e, inversamente, sua teatralidade ganha uma certa inevitabilidade, dada a impossibilidade de uma plena revelação de sua historicidade). Na teoria do ato da fala, um ato performativo é aquela prática discursiva que efetua ou produz aquele o que ela nomeia. De acordo com o relato bíblico do performativo, isto é, “que se faça a luz”, parece que é em virtude *do poder do sujeito ou de sua vontade* que um fenômeno é trazido, ao nomeá-lo, à existência. Numa reformulação crítica do performativo, Derrida deixa claro que esse poder não é a função de uma vontade originadora, mas é sempre derivativo (BUTLER, 2016, p. 167).

Percebe-se que, nesta teoria, o gênero será discursivamente construído, levando em conta, por exemplo, a teoria dos atos de fala de Austin, na qual dizer é fazer. Bastam atitudes e discurso para que o efeito de gênero seja criado. Assim, não nos cabe julgar se determinada expressão de gênero está correta ou não. Temos apenas de compreender que, no mundo atual, existem e têm de ser incorporadas nas opções disponíveis:

---

<sup>91</sup> Cf. o original: “something ‘*queer*’ is at work at the heart of gender performativity, a queerness that is not so very different from the swerves taken by iterability in Derrida’s account of the speech act as citational, but that takes on specific embodied and social meanings in Sedgwick’s view” (BUTLER, 2016, p. 18).

nunca foi prescrito quais performances de gênero são certas, ou mais subversivas, e quais são erradas e reacionárias. O ponto é precisamente relaxar o controle coercivo das normas sobre a vida de gênero - o que não é o mesmo que transcender todas as normas - com o propósito de viver uma vida mais habitável (BUTLER, 2016, p.18).<sup>92</sup>

É dessa maneira que contribuiremos para formas de vidas mais habitáveis, isto é, com maiores possibilidades de existir. Essas vidas ganharão esse status, como dito, por meio da repetição constante de atos dentro de um contexto que forma um determinado gênero.

Ao contrário do capítulo anterior, não mencionaremos aqui apenas a configuração de uma feminilidade e de uma masculinidade – com caráter único e exclusivo de corpos femininos e masculinos, respectivamente. Daremos a elas formas plurais: feminilidades e masculinidades, sem, obrigatoriamente, estarem conectadas a corpos femininos ou masculinos. Como afirma Louro:

Por outro lado, na medida em que várias identidades – *gays*, lésbicas, *queers*, bissexuais, transexuais, travestis – emergem publicamente, elas também acabam por evidenciar, de forma muito concreta, a instabilidade e a fluidez das identidades sexuais (LOURO, 2016, p. 31).

Hoje, é possível dizer que, graças às conquistas políticas de grupos não-hegemônicos, a anatomia não é o único caminho e o sexo biológico não é, necessariamente, compatível com o gênero assumido pelo indivíduo, e nem a noção de gênero faz-se única. Sabe-se que a aceitação ainda não é uma constante na sociedade atual, pois:

Para os grupos conservadores, tudo isso parece muito subversivo e ameaça atingir e perverter, também, conceitos, valores e "modos de vida" ligados às identidades nacionais, étnicas, religiosas, de classe. Para os grupos que estão comprometidos com a mudança sexual também são colocados desafios, como lembra Weeks, na medida em que essas identidades de oposição acenam para o movimento constante (LOURO, 2016, p. 31).

---

<sup>92</sup> Cf. original: *never prescribed which gender performances were right, or more subversive, and which were wrong, and reactionary. The point was precisely to relax the coercive hold of norms on gendered life –which is not the same as transcending all norms – for the purposes of living a more liveable life* (BUTLER, 2016, p. 18).

Nota-se que, atualmente, devido ao caráter inovador dos novos termos relacionados às questões de gênero, faz-se necessário, antes de iniciarmos as análises, distinguir os que serão utilizados com frequência em nosso trabalho. Na perspectiva anterior, nos valíamos apenas do binarismo sexo/gênero, como se referindo à mesma coisa, já que eram correspondentes. Agora, não podemos mais correr o risco, pois não é em todos os casos que o sexo biológico é assumido e se refere, também, ao gênero do indivíduo. Segundo Galbiati temos:

Identidade de gênero: refere-se à forma como se pensa sobre seu próprio sexo/gênero; pensa-se em si como um homem (masculino) ou uma mulher (feminino) [...]

Identidade sexual: refere-se à forma como se pensa de si mesmo, em termos de quem somos atraídos sexualmente ou romanticamente; em especial se somos atraídos por pessoas do mesmo sexo ou não.

[...]

Por conseguinte, uma pessoa pode ter qualquer combinação de sexo (homem/mulher), gênero (masculino/feminino) e identidade sexual (hétero, bi, lésbico/*gay*) (GALBIATI, 2014, p. 55).

Baseado na explicação anterior, observa-se que um homem, nascido com todas as características que o classificam como sujeito do sexo masculino, pode, durante sua trajetória, assumir diferentes posturas. Como afirma Butler,

Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros devam permanecer em número de dois (BUTLER, 2015a, p. 26).

Seguindo a proposição de Butler (2016) de que “o gênero é performativo”, é possível fazer duas interpretações, a princípio, contrárias: “a primeira é que nós escolhemos nossos gêneros radicalmente; a segunda era que nós somos completamente determinados pelas normas de gênero” (BUTLER, 2016, p. 17).<sup>93</sup> Ao considerarmos que todo indivíduo é exposto a normas de gênero já instituídas, percebemos que a questão da escolha, como afirma Butler (2016) vem depois deste processo de performatividade. A autora considera que a “atribuição de gênero” (BUTLER, 2016, p.

<sup>93</sup> Cf. o original: “the first is that we radically choose our genders; the second was that we are utterly determined by gender norms” (BUTLER, 2016, p. 17)

17) é realizada antes mesmo de o indivíduo compreender como funcionam as normas de gênero e como nos definem.

Neste capítulo, analisaremos, dentro do corpus escolhido, as personagens que não se encaixam no perfil anterior, porque ou assumem uma identidade sexual que não é esclarecida pela heterossexualidade compulsória ou o conceito de homem/mulher não dá conta dos papéis de gênero que estão surgindo. Posto isto, verificaremos primeiramente maiores detalhes a respeito da teoria de gênero, por meio da leitura do trabalho de Judith Butler (1991; 2001; 2016), e, em seguida, analisaremos a configuração de masculinidade na contemporaneidade, com base na figura de Leonardo, de *Sapato de salto*. Nos próximos tópicos, trataremos das identidades gays e lésbicas: a começar pelo menino Andrea Doria, de *Sapato de salto*, ainda confuso em relação à identidade sexual, seguido de Harlan Brown, de *The Front Runner*, já ciente de sua orientação. Ao falar dos relacionamentos lésbicos, destacamos as figuras de Ana e Clara, de *Duas iguais*, que ainda se inserem dentro de uma sociedade patriarcal e têm dificuldades em assumir a relação, e de Molly Bolt, de *the Rubyfruit Jungle*, que se difere do caso anterior por não se importar com as normatizações e optar por viver uma sexualidade sem culpa e tabus. Em todos os casos, relacionaremos, também, os contextos em que se inserem aos casos de discriminação.

### **2.1. Ser mulher e/ou ser homem – o gênero segundo o desejo**

No capítulo anterior, ao tratarmos da tradição, estudamos o gênero e o sexo como categorias inseparáveis. É válido lembrar que, lá, existem práticas institucionais que obrigam o ser a definir-se como homem ou como mulher e assumir identidades de gênero dentro de uma chamada normalidade. Os indivíduos ditos desviantes não têm lugar nesse contexto dual e acabam por sofrer preconceitos e violências. O gênero fixo também é algo formado culturalmente e não possui traços de liberdade. De tal modo, faz-se necessário resistir às práticas de violência contra aqueles que não se adequam à norma.

Mesmo considerando, como afirma Louro (2016), que a sociedade tende a predeterminar as identidades e, com isso, preestabelecer a ordem social, sabemos que, atualmente, as discussões de gênero têm encontrado um espaço mais amplo e frutífero. A relação de poder homem/mulher vem perdendo força e categorias de gênero não se

prendem apenas em julgar um homem com qualidades masculinas e uma mulher com qualidades femininas. O par dual sexo-gênero torna-se obsoleto!

Se é possível falar de um “homem” com um atributo masculino e compreender esse atributo como um traço feliz mas acidental desse homem, também é possível falar de um “homem” com um atributo feminino, qualquer que seja, mas continuar a preservar a integridade do gênero. Porém, se dispensarmos a prioridade de “homem” e “mulher” como substâncias permanentes, não será mais possível subordinar traços dissonantes do gênero como características secundárias ou acidentais de uma ontologia do gênero que permanece fundamentalmente inata. Se a noção de substância permanente é uma construção fictícia, produzida pela ordenação compulsória de atributos em sequências de gênero coerentes, então o gênero como substância, a viabilidade de *homem* e *mulher* como substantivos, se vê questionado pelo jogo dissonante de atributos que não se conformam aos modelos sequenciais ou causais de inteligibilidade (BUTLER, 2015a, p. 55).

Não é mais possível falar de homem apenas com atributo masculino. O feminino é também possibilidade. Butler propõe que a utilização dos termos "homem" e "mulher" não seja tão estanque. Há fluidez no uso dessas marcações. Por ser, desta vez, performativo, o gênero é compreendido como forma de construção de uma identidade e não mais imposto por práticas reguladoras:

O *gênero* não é mais um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. Consequentemente, o gênero mostra ser *performativo* no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da identidade que supostamente é (BUTLER, 2015a, p. 56).

Segundo Butler, não se nasce homem, ou mulher. Ao se identificar o sexo do bebê, uma das horas mais esperadas pelos pais, a sociedade dita o destino daquele pequeno ser. É por meio da constatação “É menino!” ou “É menina!” que se traça uma trajetória de como o indivíduo deve se portar pelo resto da vida. Se o sexo biológico for masculino, este tem o dever de ser o provedor da família, não demonstrar fraqueza publicamente, dentre outros padrões socialmente estabelecidos. Já no caso da mulher, esta deve permanecer discretamente no cenário privado, condizendo com seu papel de boa mãe e esposa. Butler discute sobre a prática médica de “nomear” o bebê, retirando-o da esfera “neutra” e normatizando sua existência:

Consideramos a interpelação médica que, apesar da emergência recente das ecografias, transforma uma criança, de um ser “neutro” em um “ele” ou em uma “ela”: nessa nomeação, a garota *torna-se* uma garota, ela é trazida para o domínio da linguagem e do parentesco através da interpelação do gênero. Mas esse *tornar-se garota* da garota não termina ali; pelo contrário, essa interpelação fundante é reiterada por várias autoridades, e ao longo de vários intervalos de tempo, para reforçar ou contestar esse efeito naturalizado. A nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma (BUTLER, 2016, p. 161).

Isso se aplica apenas à concepção de gênero tradicional. Na contemporaneidade, apesar de a prática ser comum em hospitais diversos, há a possibilidade de não rotular a criança, deixando para que, quando crescer, decida qual caminho tomar. De acordo com a autora,

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um corpo masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino (BUTLER, 2015a, p. 26).

Conforme a citação, a construção de gênero não se liga à biologia, mas sim a cultura. É agora algo dado socialmente. A diferença de gênero é criada a partir de um construto social no qual há diferenciação do masculino e do feminino, pois a ideia é que este é “construído sugere certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável” (BUTLER, 2015a, p. 28). Por adquirir caráter cultural, o gênero independe do sexo e torna-se categoria flutuante,

podendo fazer combinações antes inimagináveis, tais como: atribuir qualidades masculinas a um corpo feminino e vice-versa. Com tal abertura é possível explicar como se forma a identidade das personagens de nosso corpus.

O gênero é, então, conquistado por meio do discurso. Afirmar-se mulher ou homem, segundo Butler, não é redundante, pois, como visto acima, agora temos a possibilidade de um corpo masculino assumir a identidade de mulher, por exemplo. No primeiro caso, temos um indivíduo cisgênero, que é aquele cuja identidade de gênero condiz com o sexo biológico e a identidade sexual. No segundo, surgem os indivíduos transgêneros, nos quais o sexo biológico e a identidade de gênero não se encaixam com a identidade sexual atribuída ao nascimento. Em nossos romances, temos apenas uma evidência (implícita) de personagem trans em *The Front Runner*. Por este motivo, a temática trans não será profundamente abordada neste trabalho. A respeito da construção do gênero pelo discurso, podemos afirmar que:

O enunciado “eu me sinto uma mulher”, proferido por uma mulher, ou “eu me sinto um homem”, dito por um homem, supõe que em nenhum dos casos essa afirmação é absurdamente redundante. Embora possa parecer não problemático *ser* de uma dada anatomia (apesar de termos de considerar adiante as muitas dificuldades dessa proposta), considera-se a experiência de uma disposição psíquica ou identidade cultural de gênero como uma realização ou conquista (BUTLER, 2015a, p. 51).

Butler, ao descrever a matriz heterossexual, vai ao encontro do pensamento de Rich (1993), e aborda a questão da hierarquia imposta por este modelo dominante:

A relação binária entre cultura e natureza promove uma relação de hierarquia em que a cultura “impõe” significado livremente à natureza, transformando-a, conseqüentemente, num Outro a ser apropriado para seu uso ilimitado, salvaguardando a idealidade do significante e a estrutura de significação conforme o modelo de dominação (BUTLER, 2015a, p. 74).

Para Butler, a matriz heterossexual resulta de uma lógica imaginária na qual identificação e desejo se excluem mutuamente, já que, obrigatoriamente, o indivíduo deve assumir seu gênero biológico (cisgênero) e desejar alguém oposto a si:

A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre o “feminino” e o “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos

expressivos de “macho” e de “fêmea”. A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam existir – isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”. Nesse caso, “decorrer” seria uma relação política de direito instituído pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade (BUTLER, 2015a, p. 44).

No entanto, a heterossexualização não tem ligação com a noção empregada por Rich, pois enquanto Rich discute apenas o poder do homem sobre todos e todas, marginalizando lésbicas e submetendo as(os) outras(os) à inferioridade, Butler questiona a heteronormatividade, apesar de saber existente e concordar, em certo ponto, com Rich. A diferença estaria, para Butler, no problematizar de Rich sobre posições dos gêneros, colocando as relações amorosas dos sujeitos de mesmo sexo no patamar de relacionamentos heterossexuais. Segundo Rich, a mulher lésbica tem sofrido inúmeros preconceitos, se assumida:

Se ela não se disfarça, a lésbica enfrenta discriminação quando procura aluguel ou, então, perseguição e violência nas ruas. Mesmo dentro de instituições influenciadas pelo feminismo lésbicas assumidas são demitidas e outras são persuadidas a ficar “no armário”. Abrigar-se no semelhante – assimilação para aquelas que, assim, o conseguem – é a mais passiva e debilitante das respostas à repressão política, à insegurança econômica e à renovada “temporada de caça” da diferença (RICH, 1993, p. 20).

Rich afirma notar, assim, que há não uma escolha pela heterossexualidade, mas sim uma imposição, na qual os corpos são sujeitos a aceitar aquilo que lhes é oferecido como forma de verdade absoluta. Conforme ela mesma afirma, a heterossexualidade “pode não ser uma ‘preferência’, mas algo que tem sido imposto, administrado, organizado, propagandeado e mantido por força, o que é um passo imenso a tomar se você se considera livremente heterossexual ‘de modo inato’” (RICH, 1993, p. 22). Em outras palavras, não há opção de escolha fora da matriz heterossexual.

Neste tópico, perceberemos que a heterossexualidade, embasada na noção da dualidade sexo-gênero, não é a única forma de relacionamento possível e encontraremos outro fator influente na construção do gênero: o desejo. Já que gênero e sexo não são obrigatoriamente iguais, é por meio do desejo que o ser humano consegue identificar o possível parceiro:

A opinião de Wittig é corroborada pelo discurso popular sobre a identidade de gênero, que emprega acriticamente a atribuição inflexional de “ser” para gêneros e “sexualidades”. Quando não problematizadas, as afirmações “ser” mulher e “ser” heterossexual seriam sintomáticas dessa metafísica das substâncias do gênero. Tanto no caso de “homens” como no de “mulheres”, tal afirmação tende a subordinar a noção de gênero àquela de identidade, e a levar à conclusão de que uma pessoa *é* um gênero e o *é* em virtude de seu sexo, de seu sentimento psíquico do eu, e das diferentes expressões desse eu psíquico, a mais notável delas sendo a do desejo sexual (BUTLER, 2015a, p. 51).

Notamos que Wittig destaca o desejo sexual como a forma mais notável de expressão do eu. É por meio dele que o ser adquire identidade de gênero. É necessário pontuar que somos criados, ainda no ponto de vista binário, dentro de uma cultura heterossexual, na qual o desejo sexual é treinado para se afeiçoar ao sexo oposto. Como afirma Butler:

A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. O ato de diferenciar os dois momentos oposicionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um de seus termos, da coerência interna respectiva do sexo, do gênero e do desejo. O deslocamento estratégico dessa relação binária e da metafísica da substância em que ela se baseia pressupõe que a produção das categorias de feminino e masculino, mulher e homem, ocorra igualmente no interior da estrutura binária (BUTLER, 2015a, p. 53).

A regulação mostra-se, desde pequenos, com todo um trabalho realizado, por exemplo, para que o menino direcione seus desejos às meninas e vice-versa. Segundo Louro, é assim que homens e mulheres são feitos:

As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas (LOURO, 2016, p. 9).

Como verificado em Louro, hoje esse prazeres, mesmo que de forma velada, já estão mais abrangentes. A sociedade muda, barreiras são transplantadas e, com isso, noções tradicionais são subvertidas e substituídas:

Se as transformações sociais que construíam novas formas de relacionamento e estilos de vida já se mostravam, nos anos 1960, profundas e perturbadoras, elas se acelerariam ainda mais, nas décadas seguintes, passando a intervir em setores que haviam sido, por muito tempo, considerados imutáveis, trans-históricos e universais. As novas tecnologias reprodutivas, as possibilidades de transgredir categorias e fronteiras sexuais, as articulações corpo-máquina a cada dia desestabilizam antigas certezas; implodem noções tradicionais de tempo, de espaço, de “realidade”; subvertem as formas de gerar, de nascer, de crescer, de amar ou de morrer (LOURO, 2016, p. 10).

De acordo com Butler, essas “novas formas de amar” fazem parte de uma sexualidade, agora, construída, não mais naturalizada, como no sistema anterior, e, nesse caso, torna possível outros arranjos de desejo, como é o caso do desejo homossexual e bissexual. Não há, nesta visão, supremacia heterossexista. O desejo vai além do poder instituído pela sexualidade normativa:

A emergência de uma sexualidade construída (não determinada) nesses termos, nos contextos lésbico, bissexual e heterossexual, *não* constitui, portanto, um sinal de identificação masculina num sentido reducionista. Não se trata de nenhum projeto fracassado de criticar o falocentrismo ou a hegemonia heterossexual, como se as críticas políticas tivessem o poder de desfazer efetivamente a construção cultural da sexualidade das críticas feministas. Se a sexualidade é construída culturalmente no interior das relações de poder existentes, então a postulação de uma sexualidade normativa que esteja “antes”, “fora” ou “além” do poder constitui uma impossibilidade cultural e um sonho politicamente impraticável, que adia a tarefa concreta e contemporânea de repensar as possibilidades subversivas da sexualidade e da identidade nos próprios termos do poder (BUTLER, 2015a, p. 65).

Apesar não ser mais necessário o império da heterossexualidade, a sociedade em que vivemos, infelizmente, ainda permanece misógina e homofóbica, com tradições arraigadas ao princípio da heterossexualidade compulsória. Gambetti em uma análise de situações típicas na realidade da Turquia, afirma que a “homossexualidade é temida na Turquia, mais do que o ateísmo ou o alcoolismo. A norma hegemônica heterossexual estigmatiza as identidades lésbicas, gays, bissexuais e trans como perversões da natureza humana, doenças que precisam ser curadas ou, na melhor das hipóteses, como formas de pecados” (GAMBETTI, 2016, p. 38).<sup>94</sup> A situação não se difere de outros

---

<sup>94</sup> Cf. o original: *"homosexuality is dreaded across the board in Turkey, more than atheism or alcoholism". The hegemonic heterosexual norm stigmatizes lesbian, gay, bisexual, and trans identities as*

lugares do mundo, nos quais os discursos de ódio crescem a cada dia contra minorias de gênero. Neste caso, verificamos o que Butler considera uma violação dos direitos de viver uma vida humana decente (habitável, como proposto anteriormente). Como afirma Gambetti (p. 36), a violência reduz o ser humano em objeto, ou ainda segundo Butler, abjeto – conceito discutido em outro momento.

A construção do gênero, no pensamento butleriano, baseia-se na contradição entre o livre-arbítrio e o determinismo, já que a escolha entre feminino e masculino segue uma compulsão cultural – construída por meio de performances. Performatividade, para a filósofa, a partir de estudos da obra de Austin, pode ser vista como social, pode ser contestada e determinada pelo linguístico. Como afirma Austin: “dizer é fazer”. É por meio do discurso que o indivíduo forma a identidade. Nascer com o sexo biológico masculino não significa nada se o então “homem” faz-se mulher por meio da fala e das atitudes. Conforme afirma Rajagopalan:

“o termo ‘*performativo*’ que Austin continua a empregar passa a designar algo que define todo e qualquer enunciado e, conseqüentemente, passa a definir a própria linguagem”, ou seja, a antiga relação entre constativo e performativo se desfaz e, a partir de então, o performativo designa aquilo que é criado, dentro de determinada situação, por meio da enunciação (RAJAGOPALAN, 1990, p. 226).

Nota-se pela citação anterior que não há mais diferença entre constativo e performativo. O último passa agora a representar tudo o que pode ser criado dentro de uma ocasião. É assim o caso do gênero: criado a partir de enunciações e ações, pode ser modificado a cada situação.

Nesse ponto estabelece-se um diálogo entre a teoria austiniana e a teoria butleriana, na qual a linguagem é responsável não apenas pela criação de coisas, mas também pela criação de sentidos, ou de categorias, como a de gênero, por exemplo. A performance está diretamente ligada à construção do gênero, já que:

No gênero como performativo, o que se repete deve ser o mesmo, mas não pode nunca ser idêntico. [...] Gênero passa a ser, assim, uma repetição de normas que já não retornam mais a um gênero original – como a cadeia de significantes, em Derrida, não retorna a um

---

*perversions of human nature, sicknesses that need to be cured or, at best, sins*" (GAMBETTI, 2016, p. 38),

significado original – mas se dá pela repetição de normas que podem ser transgredidas, imitadas, *parodiadas*, explicitando a arbitrariedade do par sexo/gênero (RODRIGUES, 2005, p. 153).

Butler distingue o gênero entre performado e performativo. O gênero performado refere-se ao “assumir” de um gênero e, com isso, apresentar-se como tal. É como se estivéssemos atuando. Já o gênero performativo difere-se deste, no sentido da necessidade de produzir efeitos para existir. A forma de andar e falar pode nos definir como homens e mulheres (performado), mas, quando é performativo, o ser homem, ou ser mulher, tem de ser criado e recriado a todo instante, com todas as nossas inconsistências. Assim sendo, ninguém é homem ou mulher desde o início, como dito antes, pois se constroem socialmente.

É com base nessa perspectiva que analisaremos nossas personagens neste capítulo: desconstituídos de quaisquer rótulos e/ou nomenclaturas. Verificaremos como se dá a construção das identidades de gênero ditas *desviantes*, como o *gay* e a *lésbica*. Mas antes, porém, será traçado um perfil da masculinidade em contextos atuais.

## **2.2. A desconstrução de padrões hegemônicos e a reconstrução de lugares masculinos, em *Sapato de salto***

Assim como o papel da mulher é alterado ao longo do tempo, o do homem também não permanece estável. Há uma mudança geral na estruturação familiar. A partir do século XVIII, novos papéis de gênero masculinos e femininos surgem. Há uma descategorização do que é ser homem:

Basicamente, o que parece ter acontecido é que a transformação na vida familiar, a partir do século XVIII, e as marcadas distinções entre os papéis sociais e sexuais masculinos e femininos associadas com isso tiveram o efeito de aumentar a estigmatização dos homens que não se conformassem prontamente aos papéis sociais e sexuais deles esperados. Aqueles que rompessem com as expectativas sociais do que era considerado ser um homem eram categorizados como não sendo homens de verdade, o que Marcel Proust, no início do século XX, chamou de *homme-femme* (“homem-mulher”). As atitudes em relação às mulheres eram significativamente diferentes, refletindo a sua subordinação social e sexual e a expectativa de que elas não poderiam ser autonomamente sexuais (WEEKS, 2016, p. 66).

Nota-se na citação anterior que a não aceitação daquilo que é novo gera o preconceito. Desde o século XVIII, condutas afeminadas são julgadas como negativas e ridicularizadas na sociedade. Em *Sapato de salto*, Lygia Bojunga coloca-nos frente a uma personagem masculina que muito assemelha seu comportamento ao que se espera, dentro da visão patriarcal, de uma mulher. No entanto, na obra, não é verificada nenhuma cena de intolerância direcionada a ele: o que nos leva a pensar que esse comportamento, hoje em dia, é cada vez mais frequente e passível de aprovação.

Leonardo apresenta alguns atributos que fogem do padrão de gênero masculino proposto no sistema tradicional. O relacionamento com a irmã e o sobrinho demonstra, desde o início, que, mesmo sem assumir a identidade de gênero como homem, deixa transparecer, nas atitudes, marcas femininas. Por isso, é um legítimo representante do homem que não se prende às correntes patriarcais e tem maior abertura para se colocar perante a sociedade.

Na transição do século XIX para o XX, mesmo após os homens vitorianos, no século XIX, apropriarem-se da masculinidade como traço representativo, e exclusivo, da condição masculina, tem-se início a primeira crise da masculinidade. O contato com a natureza, de extrema importância na formação da identidade masculina, insere o homem no mundo selvagem: o jovem assume-se homem e considera-se socialmente macho. O modelo tradicional de masculinidade proposto por Laqueur, estritamente conectado à virilidade, encontra-se obsoleto para o esperado em finais do século XX, segundo afirma Badinter:

se a masculinidade se ensina e se constrói, não há dúvida de que ela pode mudar. No século XVIII, um homem digno desse nome podia chorar em público e ter vertigens; no final do século XIX, não o pode mais, sob pena de comprometer sua dignidade masculina. O que se construiu pode, portanto, ser demolido para ser novamente construído (BADINTER, 1993, p. 29).

Como se pode observar, a masculinidade é algo construído de acordo com os padrões da sociedade em que se insere. Nesse período, o poder masculino é colocado em xeque e o homem passa por momentos de ruptura, porém sem saber ao certo qual caminho seguir. Nesse momento de transição, há tanto a necessidade de marcar a heterossexualidade, valor que o acompanha desde o princípio, quanto é preciso

incorporar novos elementos, talvez mais sutis, à própria formação. O homem encontra-se, enfim, em uma batalha interna, entre o novo e o velho. Como afirma Santos:

O modo de produção expressa-se pela luta e por uma interação entre o novo, que domina, e o velho. O novo procura impor-se por toda parte, porém sem poder realizar isso completamente. O velho é o modo de produção anterior, mais ou menos penetrado pelas formas sociais e pelas técnicas que correspondem ao modo de produção novo, mas sempre comandado pelo modo de produção novo. Daí chamar-se a esse modo de produção ‘atual’, em plena existência, um modo de produção puro: ele não se realiza completamente em parte alguma (SANTOS, 2014, p. 28).

Sendo assim, como observado anteriormente, a masculinidade deixa de ser um adjetivo exclusivo ao homem “macho” e torna-se uma categoria encontrada, também, em mulheres. Ou então, a feminilidade pode ser aplicada ao homem. O que importa agora é o grau em que é apresentada. Segundo Connell (2005), o corpo masculino sempre foi disciplinado para seguir o caminho da heterossexualidade e, nenhuma falha poderia ser aceita nessa trajetória. No entanto, essas relações de poder perdem a força:

As *relações de poder* mostram a evidência mais visível de tendências da crise: um colapso histórico da legitimidade do poder patriarcal e um movimento global pela emancipação das mulheres. Isto é preenchido por uma contradição subjacente entre a desigualdade entre mulheres e homens, por um lado, e pelas lógicas universalizadoras das estruturas estatais modernas e da relação de mercado, por outro (CONNELL, 2005, p. 85).<sup>95</sup>

Com o colapso do poder patriarcal, novas lutas surgem e, assim, novos corpos começam a clamar por reconhecimento. Como afirma Butler, no prefácio de *Bodies that Matter*:

meu propósito é chegar a uma compreensão de como aquilo que foi excluído ou desterrado da esfera propriamente dita do “sexo” – entendendo que essa esfera se afirma mediante um imperativo que impõe a heterossexualidade – poderia ser produzido como um retorno perturbador, não somente como uma oposição *imaginária* que produz uma falha inevitável na aplicação da lei, senão como uma

---

<sup>95</sup> Cf. o original: *Power relations show the most visible evidence of crisis tendencies: a historic collapse of the legitimacy of patriarchal power, and a global movement for the emancipation of women. This is filled by and underlying contradiction between the inequality of women and men, on the one hand, and the universalizing logics of modern state structures and market relation, on the other.* (CONNELL, 2005, p. 85).

desorganização capacitadora, como a ocasião de rearticular radicalmente o horizonte simbólico no qual há corpos que importam mais que outros (BUTLER, 2004, p. 49).

Infelizmente, ao seguir a risca os padrões impostos pela heterossexualidade, os corpos têm sim, pesos diferentes – o que significa que uns importam mais do que os outros. Nessa linha não é aceitável que exista nada fora do corpo feminino – destinado à maternidade – e do corpo masculino – destinado à guerra. A normalidade dá-se pelo modo de ser essencialmente feminino ou essencialmente masculino. Considerando que o masculino é feito para a guerra, nota-se que, dentro dos padrões heteronormativos, vale mais. É, então, a partir da normalização da heterossexualidade, que surge o arranjo biopolítico no qual a superioridade masculina impera sobre a feminina.

A partir dessas relações de poder, historicamente construídas, surge o ideal feminista de desnaturalizar as diferenças biológicas entre homens e mulheres. Com o surgimento da pesquisa de Judith Butler, inovações começam a aparecer nas questões de gênero. Lembrando que, para ela, gênero não é reflexo do sexo biológico, mas sim de construtos sociais de determinada comunidade. Como a própria autora afirma:

No lugar de uma sexualidade com “identidade masculina”, em que o masculino atua como causa e significado irreduzível dessa sexualidade, nós podemos desenvolver uma noção de sexualidade construída em termos das relações fálicas de poder, as quais reestruturariam e redistribuiriam as possibilidades desse falicismo por meio, precisamente, da operação subversiva das “identificações” que são inevitáveis no campo de poder da sexualidade (BUTLER, 2015a, p. 65).

O modelo de masculinidade a ser seguido é alterado e baseia-se, então, na possibilidade de um homem demonstrar sentimentos e emoções, na troca da agressividade pela sensibilidade, na colaboração à esposa nas atividades domésticas, incluindo a criação dos filhos, no exercício de profissões antes consideradas femininas, dentre outras mudanças. De acordo com Louro (2016, p. 9), “de modo especial, as profundas transformações que, nas últimas décadas, vêm afetando múltiplas dimensões da vida de mulheres e de homens e alterando as concepções, as práticas e as identidades sexuais teriam de ser levadas em consideração”, nota-se que o homem tem mais liberdade para expressar-se emocionalmente, por exemplo, pois por muito tempo foi preciso disfarçar sentimentos, a fim de não perder lugar dentro do grupo pertencente.

Em *Pedagogias da sexualidade*, Louro (2016) afirma haver um projeto para “fazer” meninos e meninas – com base no que é aceitável. Dentro deste projeto o “homem ‘de verdade’, nesse caso, deveria ser ponderado, provavelmente contido na expressão de seus sentimentos. Conseqüentemente, podemos supor que a expressão de emoções e o arrebatamento seriam considerados, em contraponto, características femininas” (LOURO, 2016, p. 22), o que explica a excessiva preocupação dos pais em criar meninos “robôs” programados para oprimir a emoção e descarregar a raiva quando contrariados:

Alguns estudiosos afirmam que são comuns, entre rapazes e homens, em muitas sociedades, os tabus sobre a expressão de sentimentos, o culto a uma espécie de “insensibilidade” ou dureza. Nas suas relações de amizade, podem ser acentuadas a camaradagem e a lealdade; no entanto, são mais ou menos frequentes os obstáculos culturais à intimidade à troca de confidências entre eles (KIM-MEL MESSENER, 1992). Certamente esses não devem ser considerados “atributos” masculinos (o que seria próprio de uma argumentação essencialista), e na verdade, inúmeras situações atestam laços muito estreitos de amizade entre meninos, rapazes e homens adultos (MORREL, 1994) (LOURO, 2016, p. 22 - 23).

Os aspectos rígidos mencionados acima não são encontrados no comportamento de Leonardo, que se mostra totalmente o inverso da figura tradicional e abissal de Rodolfo. Leonardo é visto pelo sobrinho, Andrea Doria (tema do próximo tópico), como alguém confiável, pois não apresenta o discurso preconceituoso do pai. Desta forma, é possível verificar que o discurso misógino e machista de Rodolfo perde o significado diante dos novos padrões construídos por Bojunga. O discurso de Leonardo, por sua vez, é pautado na sensibilidade e na emoção, o que não permite que ele assuma apenas a identidade masculina. A personagem apenas nega o modelo tradicional, como pode ser observado em:

– [...] e, à medida que ele foi crescendo e esse gosto aumentando, mais foi aumentando também o conflito com o Rodolfo, que cismou porque cismou que o menino, em vez de dançar, tem que fazer esporte, tem que jogar futebol.  
 – Na certa ele acha que chutar bola vai curar a delicadeza dos gestos e do andar do Andrea...  
 Paloma perguntou devagar:  
 –Você acha uma delicadeza... delicada demais?  
 Leonardo deu de ombros:

– Depende de com quem a gente compara: comigo? Com você? Com o Rodolfo? Se comparar com o Rodolfo, é capaz de achar que sim... (BOJUNGA, 2011, p. 78).

Nota-se na fala de Leonardo que ele mesmo se considera delicado, em comparação ao jeito rústico de Rodolfo. Percebe-se, também, que tem consciência de que expor meninos a atividades tidas como masculinas não é o suficiente para que se forme uma identidade masculina padrão. Segundo Leonardo, cada um age de acordo com suas necessidades – e a forma de agir de Andrea não o incomoda em nada.

Leonardo também apresenta atitudes consideradas tradicionalmente femininas, tais como demonstrar interesse por fofocas, demonstrar carinho pela irmã, e chorar, conforme citações a seguir:

– Dizem que todo e qualquer figurão aqui da cidade e dos arredores resolveu aprender a dançar.

Leonardo caiu na gargalhada.

– Conta mais! Tô adorando essa fofoca (BOJUNGA, 2011, p. 79).

– Acho que na minha próxima vinda vou tomar umas aulas com a Inês pra assuntar esse mistério. Xi! A lua já vai alta e eu tenho algumas horas de estrada pela frente. – Acaricia com ternura a barriga da Paloma (BOJUNGA, 2011, p. 80).

– Daqui a pouco você se acha de novo - ele acabou dizendo.

Ela não se mexeu.

– Você tá chorando é?

Ela foi levantando a cabeça devagar:

– Você esqueceu que o chorão da família *sempre* foi você? – Se olharam. Ela suspirou: – Tá vendo? É só eu continuar desabafando que essa tua lágrima presa vai despencar (BOJUNGA, 2011, p. 83).

Nos três episódios, é possível observar que Leonardo não se coloca dentro de uma crise da masculinidade, na qual teme que seu lugar seja roubado por uma mulher. Pelo contrário, ele simplesmente se assume como um homem sensível, e a qualidade tida como feminina não afeta sua masculinidade em nenhum aspecto. Como afirma Silva:

Masculinidade e feminilidade, assim, são encontradas em todas as pessoas, mas em formas e graus diferentes. Ela começa com a percepção de que se pertence a um sexo e não a outro, onde o núcleo da identidade de gênero dá a convicção de que a atribuição do seu sexo foi correta (SILVA, 2006, p. 123).

A identidade sexual do homem dominador também muda: agora pode atuar como dominado ou mesmo assumir identidades alternativas como homossexual, bissexual ou transexual – estando na fronteira com o feminino, como afirma Butler. Os pensamentos sobre gênero tomam outro rumo e, seres, antes considerados patológicos (como *gays*, lésbicas, transexuais) por não se encaixarem na essência feminina ou masculina, ganham visibilidade e tem seus problemas questionados. Ao trazer o conceito de abjeto à tona, Butler consegue incluir inúmeros corpos que, até então, ficam à margem da sociedade, simplesmente por não fazerem parte de um padrão social instituído que hierarquiza identidades. Para Butler (2004, p. 161), o ser abjeto não “se restringe de modo algum a sexo e a heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante.’” Em outras palavras, a teoria de Butler vem nos mostrar que todo corpo importa e deve se tornar socialmente visível, independente de classe, gênero ou raça.

### **2.3. Crise e rejeição: a homofobia em contexto familiar, em *Sapato de salto***

Dando continuidade à análise da construção de novas identidades de gênero, trataremos agora da identidade *gay*. Com base na heteronormatividade, a existência desta categoria é nula, visto que não há a possibilidade de dois iguais manterem um relacionamento, criando, assim, o status de abjeto a qualquer ser que se encaixe neste modelo. Como observado a seguir, a caracterização do sujeito está diretamente ligada à identificação com o sexo e dependendo da escolha, há possibilidade de se encaixar no domínio do abjeto:

A formação de um sujeito exige uma identificação com o fantasma normativo do sexo: essa identificação ocorre através de um repúdio que produz um domínio de abjeção, um repúdio sem o qual o sujeito não pode emergir. Trata-se de um repúdio que cria a valência da “abjeção” – e seu *status* para o sujeito – como um espectro ameaçador. Além disso, a materialização de um dado sexo diz respeito, centralmente, à *regulação de práticas identificatórias*, de forma que a identificação com a abjeção do sexo será persistentemente negada. E, contudo, essa abjeção negada ameaçará denunciar as presunções autofundantes do sujeito sexuado, fundado como está aquele sujeito num repúdio cujas consequências não pode plenamente controlar (BUTLER, 2016, p. 156).

O sujeito sexuado deve manter-se atento às regras de identificação e seguir as normas que lhe forem apresentadas. No entanto, a partir da teoria da desconstrução do gênero, proposta por Butler, sexo e gênero não precisam mais estar alinhados. A identidade de gênero pode estar em desacordo com o sexo biológico, desde que seja levado em consideração o desejo. Desta maneira, os indivíduos que “desviam” dos padrões, heteronormativos, burlam, também, o sistema da heterossexualidade compulsória, a fim de subverter um sistema categórico que não lhes deixa outra escolha:

A ficção linguística do “sexo”, argumenta ela, é uma categoria produzida e disseminada pelo sistema da heterossexualidade compulsória, num esforço para restringir a produção de identidades em conformidade com o eixo do desejo heterossexual. Em alguns de seus trabalhos, tanto a homossexualidade masculina como a feminina, assim como outras posições independentes do contrato heterossexual, facultam tanto a subversão como a proliferação da categoria do sexo [...] Somente o “invertido”, classificação médica invocada por Freud para “o homossexual”, deixa de “atingir” a norma genital [...] Aliás, a noção de desenvolvimento só pode ser lida como uma normalização dentro da matriz heterossexual (BUTLER, 2015a, p. 59).

Mesmo estando no século XXI, ao tocar no assunto “sexualidade”, notamos várias reações descontentes, reforçando a ideia de que o tema é ainda um tabu. Falar sobre relacionamento heterossexual já causa constrangimento, quando se trata de homossexualidade, então, os ânimos ficam exaltados. A homossexualidade, que remonta à Antiguidade, ainda é um tópico pouco discutido na sociedade contemporânea. Os ativistas têm conseguido maior visibilidade à causa, porém, na maioria das vezes, prefere-se o silêncio ao embate de opiniões contrárias. Ainda é preciso caminhar muito para que haja verdadeira aceitação dessas novas identidades:

Tal como existem diferentes maneiras de se falar sobre a sexualidade, existem também diferentes maneiras de não se falar em sexualidade; desta forma, os diferentes silêncios produzem diferentes sentidos, e calar configura-se também como uma maneira de produzir um determinado saber (não menos comprometido) sobre a sexualidade (ALÓS, 2011, p. 201).

É justamente esse silêncio que autoras como Lygia Bojunga querem quebrar. Como já observado nas análises anteriores, a escritora não poupa esforços para denunciar práticas de preconceito e violência contra sujeitos marginalizados por modelos fixos e duais. Ao criar a personagem Andrea Doria, Bojunga discute, dentro

ainda do universo de crianças e jovens, verdades e imposições que tornam um adolescente de 14 anos cada vez mais confuso e inseguro. A aceitação de uma identidade sexual não legitimada conduz Andrea a uma crise identitária: a dúvida entre se assumir ou não. Louro discute os riscos causados àqueles que se assumem: “aqueles e aquelas que se reconhecem nesse lugar, ‘assumir’ a condição de homossexual ou de bissexual é um ato político e, nas atuais condições, um ato que ainda pode cobrar o alto preço da estigmatização” (LOURO, 2016, p. 30-31). Para ela, o ato de reconhecer-se como dissidente é político, mas está diretamente ligado a estigmatizações e preconceitos. Andrea paga caro simplesmente por se encontrar em fase de questionamento:

– Pois é, essa é a primeira vez que eu experimento ter um caso com alguém. Eu não sabia como é que era. Calhou que fosse com o Joel. Mas, às vezes, eu fico pensando que podia ter calhado com uma mulher, e aí? Eu quero dizer assim: se uma mulher mais velha (o Joel é seis anos mais velho que eu, sabia?) tivesse me pegado, feito o Joel me pegou pra gente... transar... aí como é que ficava? Eu não era mais *gay*?

– Bom, Andrea, acho que tudo ia depender da tua reação, dos teus sentimentos... Se a gente experimenta e não gosta, não se sente feliz com a experiência (BOJUNGA, 2011, p. 194).

A confiança depositada no tio Leonardo permite que Andrea demonstre a causa de sua crise. Para Andrea, a questão de ser *gay* está ligada com o fato de ter sido esta sua primeira relação sexual. A personagem ainda não tem os limites da sexualidade estabelecidos, pois, conforme observado, mostra-se em dúvida se teria o mesmo comportamento caso houvesse se relacionado com uma mulher.

Andrea questiona, na verdade, a forma como um homem se torna *gay*. E, em sua teoria, conclui que se tornou *gay* graças à experiência que teve com Joel. Ou seja, no mesmo pensamento de Beauvoir (1970) de que “não se nasce mulher, torna-se”, Andrea acaba considerando a possibilidade de que ninguém nasce homossexual, mas, como afirmam Madlener e Dinis, torna-se ao longo da vida:

Pode-se compreender esta afirmação no sentido de que a homossexualidade deve ser de certa forma aprendida, pois sua vivência exige uma série de condutas e códigos que são modificados com o decorrer do tempo e de acordo com o local, da mesma forma que acontece com a heterossexualidade. Esta aprendizagem pode ocorrer de forma harmônica – muito difícil, em virtude da sociedade

em que vivemos – ou de forma conflituosa. Pois, assim como ser homem ou mulher exige atitudes muitas vezes impostas e não aceitas sem resistência, desejar outra pessoa do mesmo sexo biológico exige uma série de atitudes pré-formatadas, de maneira explícita ou não, em uma sociedade como a nossa (MADLENER E DINIS, 2007, p. 55).

Conforme o exposto, nota-se que, desejar alguém do mesmo sexo biológico, exige que uma série de normas sejam seguidas, a fim de que se obtenha sucesso. Dentre esses códigos de conduta, encontra-se o perfil aceitável do *gay* na sociedade contemporânea: o discreto, o enrustido – aquele que não demonstra questões de sua intimidade em público:

De modo geral, salvo raras exceções, o/a homossexual admitido/a é aquele ou aquela que disfarça sua condição, “o/a enrustido”. De acordo com a concepção liberal de que a sexualidade é uma questão absolutamente privada, alguns se permitem aceitar “outras” identidades ou práticas sexuais desde que permaneçam no segredo e sejam vividas plenas na intimidade. O que efetivamente incomoda é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não heterossexuais. Revistas, moda, bares, filmes, música, literatura, enfim todas as formas de expressão social que tornam visíveis as sexualidades não legitimadas são alvo de críticas, mais ou menos intensas, ou são motivo de escândalo (LOURO, 2016, p. 29).

Essa forma enrustida gera a expressão popular “ficar/sair do armário”, na qual é possível observar o caráter misterioso e discreto do homossexual. Proveniente da expressão americana, “*to have all your skeletons in your closet*”, significa manter escondido tudo o que não tem a rubrica da sociedade, inclusive a sexualidade “desviante”, não ofendendo os heterossexuais com sua escolha:

Richard Johnson (1996, p. 176), seguindo Eve Sedgwick, fala do closet (essa forma escondida e “enrustida” de viver a sexualidade não hegemônica) entendendo-o como “uma epistemologia”, ou seja, como um “modo de organizar o conhecimento/ignorância”. Analisando como essa epistemologia tem marcado nossas concepções de sexualidade, ele se refere ao conjunto de oposições binárias com que operamos, especialmente nas escolas, e cita os seguintes pares: “homossexual/heterossexual; feminino/masculino; privado/público; segredo/revelação; ignorância/conhecimento; inocência/iniciação” (LOURO, 2016, p. 30).

Dentro do “aceitável socialmente”, o *gay* escandaloso (ou pejorativamente chamado de “bicha louca”) não tem lugar. É visto de forma negativa e evitado em

ambientes públicos. Esse rótulo encaixa-se no que Britzman (1996, p. 80) classifica como um dos “mitos da homossexualidade”. Segundo ela, existe uma “obsessão com a sexualidade normalizante, através de discursos que descrevem a situação homossexual como desviante” – isso só é possível graças o desejo inigualável de manter/garantir a perpetuação da heteronormatividade. Como afirma Louro:

[...] podemos compreender porque as identidades sexuais “alternativas”, mesmo quando excluídas ou negadas, permanecem ativas (e necessárias): elas se constituem numa referência para a identidade heterossexual; diante delas e em contraposição a elas a identidade hegemônica se declara e se sustenta (LOURO, 2016, p. 31).

Assim sendo, os homossexuais permanecem negados e representam perigo de contágio aos heterossexuais, uma vez que as relações são vistas como instáveis visando apenas o prazer imediato. Nota-se que alguns teóricos colocam a sexualidade como mito, conforme observado a seguir:

Segundo a autora o primeiro mito relaciona-se com a aceitação da heterossexualidade como “normal” e “natural”, vinculando-se à ideia de que informações sobre vivências com pessoas homossexuais poderia “contagiar” os heterossexuais. O segundo mito assume que os/as jovens não têm maturidade para assumir sua homossexualidade, sendo, portanto, ainda passíveis de “regeneração”. E o terceiro mito pressupõe que as identidades sexuais são construídas de forma privada e particular, “impedindo que concebamos a sexualidade como sendo definida no espaço social mais amplo, através de categorias e fronteiras sociais. A sexualidade não é constituída apenas de um conjunto de ações individuais específicas” (BRITZMAN, 1996, p. 80) (MADLENER E DINIS, 2007, p. 55).

É possível verificar que, de acordo com os mitos, Andrea ainda não pode se reconhecer como *gay*, por estar em período de transição e passível de “regeneração”. Dentro do pensamento preconceituoso de que a homossexualidade é falta de vergonha e/ou forma de chamar a atenção, podemos dizer que nossa personagem sofre na pele a ignorância do pai que, por falta de conhecimento, considera a orientação sexual do filho como sendo uma “frescura”:

Naquele mesmo dia o Rodolfo chegou em casa possesso: tinham visto o Andrea Doria e o Joel saindo juntos da biblioteca e sumindo lá pros lados do rio; já andava na boca do povo que "o meu filho é a paixão daquele veado!". Foi só o Andrea Doria chegar em casa pra cena

começar: o Rodolfo acusando o filho de envergonhar ele na cidade; a Paloma querendo interceder; o Rodolfo responsabilizando as ideias dela por "meu filho estar indo por esse caminho"; o Andrea Doria defendendo a Paloma; a discussão esquentando; o Andrea Doria acabando por se exasperar e dizer: o Joel tem razão: você é um patriarca moralista e preconceituoso. Pronto! A frase pomposa do Joel foi a última gota: o Rodolfo pegou o chicote que usava quando saía a cavalo e, diante dos protestos horrorizados de Paloma, aplicou duas ou três chibatadas no Andrea Doria, exclamando, exaltado:

– Pra você deixar de ser um fresco! (primeira chibatada); pra aprender a ser homem! (segunda chibatada; na terceira, a Paloma se meteu no meio, e, se não é o Andrea Doria empurrar ela, tinha sobrado pra ela também. Rodolfo atirou o chicote longe e saiu batendo a porta. Quando voltou não se trocou nenhuma palavra dentro de casa. No dia seguinte, o Andrea Doria evitou se encontrar com o pai, e a Paloma passou o dia entregue ao papo com ela mesma (BOJUNGA, 2011, p. 226-227).

Nota-se no trecho acima que Rodolfo sente-se no direito de punir o filho e, com as próprias mãos, corrigir esse “desvio de caráter”. Literalmente, com as próprias mãos, Rodolfo espanca o adolescente pensando ser esta a opção correta para que deixe de gostar de homem. Verificamos neste comportamento o que Foucault apresenta em *História da sexualidade I* (1988): a repressão da homossexualidade por meio da violência. Andrea, na descrição de Foucault, é visto como o perverso que merece ser punido por manter relações com outro homem. No período de escrita do livro de Foucault, acontece a patologização da homossexualidade, ou a psiquiatrização dos prazeres diversos, na qual a polícia ganha o direito de internar todos os que agem ilicitamente. Infelizmente, na atualidade, comportamentos como os de Rodolfo são deflagrados todos os dias. O quadro de não aceitação do relacionamento homossexual é chamado de homofobia e está mais presente na sociedade do que imaginamos:

A homofobia funciona como mais um importante obstáculo à expressão de intimidade entre homens. É preciso ser cauteloso e manter a camaradagem dentro de seus limites, empregando apenas gestos e comportamentos autorizados para o “macho” (LOURO, 2016, p. 28).

Como se não bastasse ter de aceitar insultos e violência fora de casa, Andrea sofre a homofobia familiar: não é aceito pelo próprio pai. Como afirma Schulman:

As especificidades e dimensões da homofobia familiar são amplas. Elas podem variar desde pequenos desrespeitos a graus variados de exclusão, chegando a ataques brutais que deformam a vida da pessoa

*gay*, ou até a crueldades diretas e indiretas que literalmente acabam com a existência daquela pessoa (SCHULMAN, 2009, p. 70).

Pela cena descrita anteriormente, verificamos que a opressão que Andrea suporta já está em grau avançado. Rodolfo, pai de Andrea, fora analisado no primeiro capítulo e podemos concluir que todo o comportamento está pautado nas raízes do sistema patriarcal. Rodolfo não pode aceitar o filho e passar por cima de seu caráter de “macho”. Na verdade, Rodolfo não pode falhar no projeto de produção de um filho-homem. E para isso, segue à risca a receita de como criar um varão:

[...] a “produção do menino” era um projeto amplo, integral, que se desdobrava em inúmeras situações e que tinha como alvo uma determinada forma de masculinidade. Era uma masculinidade dura, forjada no esporte, na competição e numa violência consentida. [...] Nas escolas, segundo ele [CORRIGAN, 1991,] (p. 210), os corpos “são ensinados, disciplinados, medidos, avaliados, examinados, aprovados (ou não), categorizados, magoados, coagidos, consentidos..”. (LOURO, 2016, p. 17).

Nesta perspectiva tradicional, é válido destacar a importância da disciplina no sucesso de formação de um homem: não importa o desejo, vê-se que o poder obtido pela categorização do gênero masculino é imenso. E para Rodolfo, o projeto não pode ser perdido.

O que Rodolfo faz é apenas reiterar os preceitos da heterossexualidade compulsória que, como vimos, diferencia o feminino do masculino de acordo com o desejo – que deve ser sempre pelo oposto. No entanto, esse desejo não é considerado, quando direcionado a alguém do mesmo sexo:

A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero com uma relação binária em que o termo masculino diferencie-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. O ato de diferenciar os dois momentos oposicionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um de seus termos, da coerência interna respectiva do sexo, do gênero e do desejo (BUTLER, 2015a, p. 53).

Em *Sapato de salto*, é possível perceber que a heterossexualidade compulsória não é seguida na relação amorosa entre Andrea Doria e Joel. Como visto anteriormente,

Andrea traz, em sua identidade, uma “masculinidade subordinada”<sup>96</sup> (em relação ao grupo heterossexual representado pelo pai), que não se fecha na heteronormatividade compulsória – como, por exemplo, não aceita ter de abdicar da dança, algo que lhe encanta, para se “esfalfar atrás d'uma bola” (BOJUNGA, 2011, p. 61):

- Seguinte: a coisa que eu mais gosto na vida é dançar.
- Apareceu no olho da tia Inês o tal risinho que gostava de aparecer por lá.
- E vai daí?...
- E vai daí que eu queria dançar com você. Quer dizer... não é nada não, viu, é só pra você ir me dando uma orientação e dizendo se eu sou ou não bom de pé... Eu sonho ser dançarino e...
- Como é mesmo o teu nome?
- An-dre-a Do-ri-a.
- Mas que dança você sonha dançar? Clássica, contemporânea, samba, salsa, gafieira, rock, o que que você quer?
- Eu quero *dançar*, ponto (BOJUNGA, 2011, p. 45).

Dentro da perspectiva desconstrucionista do gênero, o homem pode se identificar com o gênero masculino e, mesmo assim, relacionar-se afetivamente com outros homens – fugindo das matrizes heteronormativas impostas. Lygia Bojunga destaca exatamente esta postura ao incluir Andrea Doria. O adolescente é humilhado e rejeitado pelo pai, conforme analisamos acima, por ter atitudes diferentes de um homem padrão. Andrea não se encaixa na masculinidade hegemônica, pois opta pela dança ao invés do futebol. Além disso, mantém um relacionamento com outro rapaz e reitera sua crise, dizendo não saber se é *gay* ou homem: “– Ano passado eu andei brigando com uns garotos lá da escola. Eles me chamaram de *gay*. – Meio que encolheu o ombro. – Eu sei lá se eu sou *gay* ou sou o quê. Vai ver eu sou: eu nunca gostei de nenhuma menina...” (BOJUNGA, 2011, p. 193). Além de verificar, no trecho selecionado, que Andrea encontra-se confuso, verificamos, novamente, casos de homofobia. Desta vez, na escola e com a reação positiva do próprio Andrea, que não se importa com

---

<sup>96</sup> Conforme Costa (1998, p. 178) "Connell propõe quatro padrões principais de masculinidade que ele acredita estarem vigentes na ordem de gênero do Ocidente: a hegemônica, a subordinada, a cúmplice e a marginalizada. A masculinidade hegemônica seria aquela ligada à legitimidade do patriarcado, que garante a dominação dos homens e a subordinação das mulheres. A masculinidade subordinada diz respeito à dominância e subordinação entre grupos de homens, como é o caso da dominação dos homens heterossexuais e a subordinação dos homens homossexuais. A masculinidade cúmplice se define pela conexão com o projeto de masculinidade hegemônica, mas sem a completa incorporação desse projeto. São masculinidades cúmplices porque percebem e desfrutam de algumas vantagens do patriarcado sem, no entanto, defenderem publicamente essa posição. Enfim, a masculinidade marginalizada se refere a relações entre as masculinidades e classes ou grupos étnicos dominantes e subordinados. É uma masculinidade que está marginalizada devido à condição subordinada de classe ou raça"

nomeações. De acordo com o livro *Pedagogias da Sexualidade*, o ambiente escolar é o mais nocivo para aceitação da homossexualidade. O local é propenso para a ridicularização do diferente, tudo pautado em leis. Como afirma Louro:

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância (LOURO, 2016, p. 30).

Nota-se que acontece exatamente o oposto do que deveria: o lugar de conhecimento e educação, onde os indivíduos necessitariam sair com o mínimo de formação crítica e respeito pelo outro, é responsável pela perpetuação do discurso da ignorância e da negação. Muito dificilmente, um aluno se sentirá seguro quanto aos “desvios” de sexualidade no ambiente escolar. O diferente sempre sofre humilhações: “meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem” (LOURO, 2016, p. 28). Não há normas de punição para tais atitudes. Geralmente, existe mesmo a negação da prática. Louro, citando McLaren, conclui que, embasado na heterossexualidade compulsória, existe um *apartheid sexual* na escola. Em outras palavras, uma segregação permitida, pois, como verificado, o comportamento homossexual pode ser prejudicial e contagioso:

Consentida e ensinada na escola, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse “contagiosa”, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade. O resultado é, muitas vezes, o que Peter McLaren (1995) chamou de um *apartheid sexual*, isto é, uma segregação que é promovida tanto por aqueles que querem se agastar dos/das homossexuais como pelos/as próprios/as (LOURO, 2016, p. 29).

A resistência na aceitação de meninos com “comportamentos afeminados” pode ser vista em pequenos detalhes, como no caso de Andrea. A paixão pela dança é explícita, incomodando aos representantes da direita que exigem um comportamento

adequado do menino. Na verdade, só conseguem fazer com que ele tenha aversão ao futebol: “Eu não curto jogar bola... Eu só gosto de dançar... – E virando pro Leonardo: – Mas a mamãe disse que você também nunca curtiu futebol; e você não é *gay*, não é?” (BOJUNGA, 2011, p. 193). Como se pode observar, Andrea questiona o tio a respeito do gosto por futebol. Para ele, o fato de Leonardo não gostar de futebol, não significa que deva se assumir *gay*. Infelizmente, não é essa a postura encontrada na sociedade em geral.

A partir daí Andrea conscientiza-se sobre o próprio corpo. Ao perceber que uma força de poder exerce sobre ele, ditando-lhe as regras de como deve proceder, Andrea, imediatamente, reivindica o corpo contra essa força:

Historicamente, os sujeitos tornam-se conscientes de seus corpos na medida em que há um investimento disciplinar sobre eles. Quando o poder é exercido sobre nosso corpo, "emerge inevitavelmente a reivindicação do próprio corpo contra o poder". Buscamos, todos, formas de resposta, de resistência, de transformação ou de subversão para as imposições e os investimentos disciplinares feitos sobre nossos corpos (LOURO, 2016, p. 23).

Na citação em que afirma gostar de dançar, transcrita a seguir, o menino resiste às normas de gênero, tem de gostar de futebol, e procura subverter a normatização, mostrando que é capaz de ganhar a vida por meio da dança, o seu dom:

– [...] Mas eu vou trabalhar pra isso, viu, tio Léo? Tô resolvido! Tem gente que resolve que vai ganhar a vida no computador, tem uns que resolvem que vão descolar a grana jogando futebol, outro resolve que vai ser médico. Outro, arquiteto, todos achando que ganhar um monte de dinheiro é o máximo; mas eu quero é dançar. Acho que dançar bem é a coisa mais linda que tem. Deixa meu pai falar. Deixa o Joel falar. Um dia desses eu não vou mais ligar pro que eles falam [...] (BOJUNGA, 2011, p.184).

Nota-se que Andrea não aceita a imposição de ter de se encaixar em um contexto fixo para afirmar sua masculinidade. Quanto a isso, a personagem mostra-se extremamente decidida, uma vez que assume, perante o pai, a vontade de dançar e seguir carreira.

– Pai, é o seguinte, você vai ter que aceitar, essa minha coisa é muito forte: eu tenho que dançar, eu quero dançar! Eu sei que ainda é cedo

para sair aqui da cidade e ir pr'um centro grande, pr'um lugar que tenha curso, que tenha tudo pra gente aprender a dançar; e eu sei também muito bem que você não vai bancar nenhum curso de dança nem... Peraí pai, perai, deixa eu acabar de falar, não começa já a ficar nervoso, eu só tô tentando explicar que eu não posso mudar, cada um é o que é, e eu resolvi que é a dança que eu quero... calma aí, pai! Me dá uma chance pra conversar com você, mal eu começo a contar um troço e você já vem com esse negócio de que eu tenho mais é que jogar futebol: quantas vezes eu preciso te dizer que eu não gosto de me esfalfar atrás d'uma bola, eu gosto é de dançar! Mas eu não quero mais ficar dançando sozinho, pô! eu preciso treinar com alguém que saque movimento corporal melhor do que eu!... Não tô gritando, não tô gritando, só tô falando explicado, eu preciso de uma parceira, ou de um parceiro, só que... parceiro de dança pai, parceiro de dança... Ah! Esquece. Não adianta querer conversar com você (BOJUNGA, 2011, p. 61-62).

No excerto, notamos a sobreposição das vozes de Rodolfo e Andrea. Aqui podemos nos certificar da riqueza da obra de Bojunga que trás, em um pequeno diálogo, aspectos referentes tanto à tradição quanto à ruptura. Notamos a agressividade de Rodolfo contraposta à clareza de Andrea. No entanto, infelizmente, o menino não consegue modificar o pensamento abissal do pai.

Em relação à sexualidade, porém, Andrea ainda se encontra confuso, graças à instabilidade da relação com Joel. Por ser o primeiro relacionamento, Andrea enfatiza muito coisas que, para Joel, seis anos mais velho, não tem tanta importância.

– O Joel também tem má vontade com a dança?  
 – É diferente do meu pai, mas tem. O meu pai fica danado da vida porque acha que querer ser bailarino é coisa de *gay*. – Lançou um olhar enviesado para o Leonardo. – Você conhece o meu pai, não é, você conhece. O Joel é diferente: ele não tá ligando a mínima pra essa história de ser *gay*. Ele é um intelectual. Vive de livro na mão. Então ele diz que, em vez de querer dançar, eu tinha mais é que querer ler pra sair dessa ignorância em que eu vivo. – Não consegue disfarçar um tom de mágoa [...] (BOJUNGA, 2011, p. 185).

Observamos que, pela fala de Andrea, Joel é intelectual e exige que ele seja também. Isso incomoda o menino que se aborrece por não comungar das mesmas ideias do companheiro. Em outro momento, podemos verificar que Joel também exerce domínio psicológico sobre Andrea, agindo propositalmente e brincando com seus sentimentos:

– [...] Ele faz de propósito pra me chatear. E depois, numa outra hora, ele aparece com a cara mais limpa do mundo, feito coisa que ele

nunca marcou encontro nenhum, e vai logo dizendo no meu ouvido que me adora, que eu sou bonito demais, que ele nunca vai me largar, que mais tarde a gente vai casar, feito agora se faz de homem com homem. – Silenciou.

Leonardo ficou aguardando. Não queria precipitar em nenhum comentário: a delicadeza do Andrea Doria não morava só nos gestos e nos traços fisionômicos perfeitos: morava também nos sentimentos e nas reações que ele tinha. Qualquer comentário pouco feliz podia desajudar ainda mais o menino (BOJUNGA, 2011, p. 185).

Ao contrário de Joel, Andrea nutre sentimentos sinceros e deseja ser correspondido. Sobre a relação dos dois é válido lembrar que:

Em nossa cultura, a manifestação de afetividade entre meninos e homens é alvo de uma vigilância muito mais intensa do que entre meninas e mulheres. De modo especial, as expressões físicas de amizade e de afeto entre homens são controladas, quase impedidas, em muitas situações sociais. Evidentemente elas são claramente codificadas e, como qualquer outra prática social, estão em contínua transformação (LOURO, 2016, p. 27).

Como afirmado por Louro, a “amizade” entre meninos sempre necessita vigilância. Na obra, o papel de vigilante fica a critério de Rodolfo. O pai de Andrea faz de tudo para encontrar o casal e, em seguida, descontar toda a raiva no filho. A cena já descrita na página 135 é contada sob o ponto de vista de Paloma que, por sinal, difere muito, como já analisado, do marido. Todo ódio que Rodolfo coloca no tratamento com o filho é amenizado pelo comportamento sensato e amoroso de Paloma. A mãe preocupa-se sim com a questão da sexualidade, mas no sentido de querer proteger o filho e não privá-lo de viver as próprias experiências. Como exemplo, verificamos a citação abaixo:

– Que garota simpática, não é?  
 – Muito!  
 – Achei uma delícia o jeito que ela olha pro Andrea Doria: encantada!  
 – E, de certa forma, o Andrea também se encantou por ela.  
 – Ah, é? Mas então...  
 – Não, não: não é por aí, não. Parece que a menina tem um talento extraordinário pra dançar, você sabe que o que mais fascina o Andrea Doria é ver alguém dançando do jeito que ele gostaria de dançar (BOJUNGA, 2011, p. 154).

Paloma, em conversa com Léo, fala do interesse de Andrea por Sabrina. No entanto, está ciente de que ele a admira por querer ser igual a ela e não por ter algum

desejo que possa mudar sua orientação sexual. Infelizmente, pessoas como Paloma e Leonardo são raras, mas, elas existem e fazem a diferença, pois, hoje em dia, o que impera é a intolerância – a não compreensão e o julgamento excessivo das opções alheias.

Desta maneira, finalizamos a análise da personagem *gay* em descoberta e partimos para uma já assumida. Em *The Front Runner*, as questões da sexualidade perpassam o âmbito familiar e influenciam o trabalho. As consequências são também um pouco maiores. Concluímos, então, que na contemporaneidade os assuntos referentes à construção de identidades dissidentes têm aumentado, porém ainda não suficientemente para erradicar o pensamento heteronormativo, pois ainda notamos a existência de inúmeros grupos que reproduzem o discurso de ódio culpabilizando quem na verdade é vítima do sistema.

Infelizmente, ao mesmo tempo em que os grupos LGBTQI+ ganham visibilidade e oportunidade de mostrar quem são, o discurso de ódio, como visto no capítulo anterior, inculcado em padrões dominantes do que é legitimado ou não, é espalhado na velocidade da luz. No entanto, na literatura, encontramos uma possibilidade de repercutir a necessidade de darmos espaço a vozes antes silenciadas. Vejamos como Patricia Nell Warren contribui para a visibilização dessas vozes ao quebrar com padrões heteronormativos que, há anos, ditam regras cruéis a serem seguidas.

#### **2.4. A quebra de estereótipos de gênero, em *The Front Runner***

A questão da homossexualidade iniciada por Lygia Bojunga na seção anterior é aprofundada por Patricia Nell Warren que, ao invés de mostrar um indivíduo confuso em relação à identidade, coloca Harlan Brown como protagonista da própria história e responsável pelas escolhas que faz. Ao passo em que Andrea Doria está iniciando a vida sexual e descobrindo-se homossexual, Harlan já se autodenomina como pertencente ao grupo e assume, politicamente, todas as implicações de ser *gay*:

Então, em 1963, enquanto ainda estava em Villanova, comecei a fazer pequenas incursões em um pequeno canto subterrâneo da sociedade americana onde aprendi que essas necessidades seriam supridas. E aprendi algumas coisas imediatamente. A palavra certa para os meus sentimentos não era “*queer*”, mas “*gay*”. E a palavra certa para mim,

com meu maneirismo masculino natural e meu desejo por outros homens desse tipo, era "gay masculino" (WARREN, 1996, p. 20).<sup>97</sup>

A homossexualidade é tratada por Warren de maneira clara, porém irônica, sempre trazendo uma crítica à sociedade americana. A autora mostra a trajetória de Harlan Brown, desde o início, quando percebe que os próprios estímulos da sociedade heterossexista levam-no a optar por não aceitar a imposição de um modo de vida heterossexual, subvertendo esses padrões:

E corrida. Para meu pai, correr quase fazia parte de sua religião. "Corredores", ele costumava dizer para mim, "esses são os homens de verdade. O beisebol é para crianças e o futebol é um negócio insensato. A corrida exige mais esforço e mais disciplina do que qualquer outro esporte".

Ironicamente, então, foi meu pai bom, grande, hétero, que me ensinou a adorar no altar da masculinidade. Enquanto o estereótipo se mantinha, eu deveria ter tido um pai medroso, uma mãe feroz e castradora, um crescido perturbado e tímido com as meninas. Esse não foi o caso. Meu pai, com estranha variação de seu puritanismo em outras áreas, não tinha objeção às meninas. Ele disse que fazia parte de ser um homem de verdade. Já na escola primária, descobri que a parte sexual da minha natureza era poderosa e insistente (WARREN, 1996, p. 13).<sup>98</sup>

Por meio da influência do pai, Harlan alimenta a paixão pela corrida. Ao observarmos a citação anterior, notamos que o próprio pai diz o que pertence ao universo masculino e o que não pode ser considerado digno de um homem. As memórias do protagonista ecoam no cotidiano, lembrando-o da paixão infantil nutrida pelos esportes – considerado, socialmente, algo masculino:

Eu nasci na Filadélfia em 14 de agosto de 1935. Meu pai era fanático por corrida. E, entre as minhas primeiras lembranças, recordo de ser

---

<sup>97</sup> Cf. o original: *So in 1963, while still at Villanova I started making little forays into a tiny, underground corner of American society where I had learned these needs would be met. And I learned a few things right away. The right word for my feelings was not "queer", but "gay". And the right word for me, with my natural male mannerism and my desire for other such men, was "macho gay".* (WARREN, 1996, p. 20).

<sup>98</sup> Cf. o original: *And running. For my father, running was almost part of his religion. "Runners," he used to say to me, "those are the real men. Baseball is for babies and football is a brainless business. Running takes more effort and more discipline than any other sports". Ironically, then, it was my fine, big, straight, father who taught me to worship at the altar of manhood. Whereas the stereotype had its way, I should have had a milquetoast father, a fierce and castrating mother, an grown up disturbed and shy with girls. That was not the case at all. My father, at odd variance with his puritanism in other areas, had no objection to girls. He said it was part of being a real man. Already in grade school, I discovered that sexual part of my nature was powerful and insistant.* (WARREN, 1996, p. 13).

levado para as pistas. Ele me segurava para que eu pudesse ver acima das multidões, nas figuras distantes e adequadas dos homens em calções e calças soltas. "Olhe lá", ele dizia, "olhe como eles são bons, meu filho".

Meu pai, Michael Brown, era um homem alto, grisalho, meio inglês, meio escocês, que possuía uma pequena gráfica lá na Filadélfia [...]

Ele era um homem rigoroso, mas tão caloroso e alegre, que eu o adorava. Minha mãe não era tão próxima a mim (WARREN, 1996, p. 12).<sup>99</sup>

Verifica-se na figura do pai de Harlan o homem conservador, um tanto parecido como Rodolfo. Esse conservadorismo contribui na tentativa de Harlan fugir dos padrões heterossexuais e buscar algo que lhe satisfaça independente de se encaixar nas normas. Dentro de casa, o discurso proferido pelo pai, a respeito da superioridade masculina, representa a maioria que considera ser necessário exaltar o homem para diminuir a mulher, lembrando bem os modelos patriarcais que estudamos no primeiro capítulo, como pode ser verificado a seguir:

Na verdade, meus sentimentos por ele se tornaram tão fortes que me pergunto agora por que não os compreendi corretamente. Talvez fosse porque eu tivesse sido mal instruído quanto a essas coisas. Meu pai havia me ensinado o que ele considerava necessário que eu soubesse sobre meninas. Mas ele nunca me disse que tais sentimentos poderiam existir entre dois homens. Até onde eu soubesse, não havia nenhum nome para o que eu sentia. Mas, instintivamente, percebi que esses sentimentos deveriam ser escondidos de todos, até mesmo do Chris, ou de mim mesmo (WARREN, 1996, p. 14).<sup>100</sup>

O fato de saber “lidar com mulheres” nada mais é do que a tradição, passada de geração em geração. Assim como fora ensinado, o pai transmite a Harlan a ideia de que o desejo sexual deve estar relacionado à mulher, e, dessa forma, ao ver-se atraído por outro homem, o protagonista sente-se confuso e não sabe como proceder em relação aos

---

<sup>99</sup> Cf.o original: *I was born in Philadelphia on August 14, 1935. My father was a track nut, and among my earliest memories is being taken to meets. He'd hold me up so I could see over the crowd at the distant, fitting figures of men in shorts and singlets. "Look there," he'd say, "look how fine they are, my boy". My father, Michael Brown, was a big, strapping man, half-English, half-Scot, who owned a small printing plant there in Philadelphia. [...] He was a strict man, but also so warm and merry, and I adored him. My mother was less close to me.* (WARREN, 1996, p. 12).

<sup>100</sup> Cf.o original: *In fact, my feelings for him became so strong that I wonder now why I didn't understand them correctly. Perhaps it was because I was so poorly educated about these things. My father had told me what he thought I needed to know about girls. But he had never told me such feelings could exist between two males. As far as I knew, there was no name for what I felt. But instinctively I realized that these feelings were something to be hidden from everyone, even from Chris, even from myself.* (WARREN, 1996, p. 14).

sentimentos. A passagem acima mencionada refere-se à primeira experiência (homo)sexual de Harlan. Nela podemos verificar que as imposições sociais oferecem apenas uma alternativa ao casal: esconder o que sentem e seguir em frente.

Conforme proposto pela heterossexualidade compulsória, o indivíduo deve naturalmente aceitar a correlação entre sexo e gênero que lhe é dada. No entanto, Louro questiona até que ponto essa imposição é natural. Em que sentido Harlan e as demais personagens homossexuais de nosso corpus, da literatura, e da vida em si, devem seguir algo que a natureza lhes presenteou?

Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós mulheres e homens, possuímos "naturalmente". Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo "dado" pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais (LOURO, 2016, p. 11)

Harlan, por exemplo, recusa-se a viver dessa forma. Mas, no entanto, em alguns momentos da narrativa observamos que a pressão social é maior do que sua própria vontade. Como exemplo, retomamos o relacionamento com Chris – um “amigo” de infância. Após a família de Chris tomar conhecimento da possível relação entre os garotos, eles buscam outro local para viver com medo de que a relação se concretizasse: “no dia seguinte eles fecharam a barraca e retornaram para Nova Jersey. Eu corri sozinho pela floresta aquele dia. Eu teria chorado amargamente, mas meu pai havia me ensinado que chorar não é coisa de homem de verdade” (WARREN, 1996, p. 15).<sup>101</sup> Essa fuga é prevista na sociedade que tende a desviar daquilo que a tradição não prevê. Socialmente, a relação entre Harlan e Chris é ilegível, já que os corpos não fariam sentido. Fugir da biologia corresponde a não ser reconhecido culturalmente. Reconhecemos nessa postura resquícios da heterossexualidade compulsória, na qual, segundo Louro:

---

<sup>101</sup> Cf.o original: *The next day his family closed up their cabin and returned to New Jersey. I ran alone in the woods that day. I would have cried bitterly, but my father had taught me that real men don't cry* (WARREN, 1996, p. 15).

[...] nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é – ou – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2016, p. 11).

No que concerne à questão de como Harlan é criado, não há dúvidas de que ele não poderia sair de dentro da possibilidade de expressar seus desejos fora do socialmente esperado. Em outras palavras, ele é ensinado a ser homem e assumir essa identidade dentro do meio em que vive. Todas as citações anteriores (vide, por exemplo, quando cita que o pai não havia lhe ensinado a chorar, por não ser “coisa de homem”) mostram como o pai de Harlan traça um caminho para que o filho seja exatamente aquilo que foi programado. Louro discorre a respeito dessa necessidade de criarmos “homens” e “mulheres” seguindo uma única receita. Para a autora, além da família, a escola também contribui muito para o cumprimento dessas normas:

O investimento mais profundo, contudo, o investimento de base da escolarização se dirigia para o que era substantivo: para a formação de homens e mulheres “de verdade”. Em que consistia isso? Existiam (e, sem dúvida, existem) algumas referências e critérios para discernir e decidir o quanto cada menino ou menina, cada adolescente e jovem estava se aproximando ou se afastando da “norma” desejada. Por isso, possivelmente, as marcas mais permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado, mas sim se referem a situações do dia a dia [...] As marcas que nos fazem lembrar, ainda hoje, dessas instituições têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual (LOURO, 2016, p. 18).

Assim sendo, as identidades sociais são sim influenciadas por uma forma de pensar que há muito vem se tornando obsoleta. Como é o caso de Harlan: o plano não sai como o esperado.

Apesar de não adotar os “trejeitos femininos” (como forma de mexer as mãos, jeito de falar, ou de rir, forma de se sentar), típicos na caracterização de *gays* e *drags*, Harlan assume-se *gay*, mesmo que isso ainda lhe traga certa confusão mental:

O que mais me incomodava era o fato de que não via em mim os maneirismos que a sociedade dizia ser marca dos homossexuais. Eu sabia sobre “*queer*”, ou achei que soubesse. *Queers* eram dançarinos de balé, decoradores de interiores e atores. Eles eram afeminados, lindos, reviraram as mãos, reviraram os braços e conversaram em voz alta quase sem fôlego (WARREN, 1996, p. 17).<sup>102</sup>

A confusão do protagonista é compreendida quando percebemos que tudo aquilo antes aprendido caía por terra. O sentimento antes inominado é agora reconhecido e a homossexualidade ganha sentido na vida de Harlan. Apesar disso, a figura do pai ainda está presente nos julgamentos e todos os cargos que consegue imaginar são masculinos, deixando-o atordoado:

Na verdade, eu me sentia muito confortável com eles. Foi em 1962, quando, no o primeiro ano de treinamento em Villanova, finalmente precisei confessar a mim mesmo que meus sentimentos tinham um home: homossexualidade. É difícil mensurar o sofrimento que senti. Tudo que fui ensinado me fazia ver a situação da pior forma possível. Os corredores são homens, meu pai havia dito. Um marinheiro é homem, disseram as forças armadas. Um treinador é homem. Pelo amor de Deus, até os repórteres eram homens. Os repórteres que conheci eram um bando de atrevidos (WARREN, 1996, p. 17).<sup>103</sup>

Percebemos que mesmo indiretamente, Harlan assume uma posição política. Ser homossexual nos anos 1960 é um desafio à sociedade. Como afirma Weeks:

Não são muitas as pessoas que podemos ouvir afirmando “eu sou heterossexual”, porque esse é o grande pressuposto. Mas dizer “eu sou *gay*” ou “eu sou lésbica” significa fazer uma declaração sobre

---

<sup>102</sup> Cf.o original: *What puzzled me most was that I couldn't see in myself the mannerisms that societ said were the mark of homosexuals. I knew about "queers", or thought I did. Queers were ballet dancers, interior decorators and actors. They were effeminate, pretty, fluttered their hands, wiggled their rears and talked in high, breathless voices.* (WARREN, 1996, p. 17).

<sup>103</sup> Cf.o original: *In fact, I felt too comfortable with them. It was in 1962, that first year of coaching at Villanov, that I finally had to confess to myself that my feelings had a name: homosexuality. It's hard to convey the intensity of the suffering I felt. Everything in my upbringing made me see myself in the worst possible light. Runners are men, my father had said. A marine is a man, the armed forces had said. A coach is a man. For chrissake, even reporters were men. The reporters I knew were a raunchy, whoring bunch.* (WARREN, 1996, p. 17).

pertencimento, significa assumir uma posição específica em relação aos códigos sociais dominantes (WEEKS, 2016, p. 69).

A relação subversiva de Harlan contra os códigos morais vigentes na sociedade pode ser notada no romance por meio da forma irônica como ele trata a questão de manter a homossexualidade escondida, quando na verdade o a atração entre sujeitos do mesmo sexo é mais comum do que aparenta:

O corpo masculino é bom para ser admirado somente quando está condicionado, por causa da musculação. Então, é a sociedade americana – possivelmente mais. Mas todo mundo continua fingindo que os esportes são o santuário do homem heterossexual vestido. De vez em quando, alguém é corajoso o suficiente para sugerir a verdade, como Jim Bouton fez Ball Four, e ele rapidamente é visto como inimigo do esporte. A homossexualidade é o grande esqueleto no armário do atletismo americano (WARREN, 1996, p. 18).<sup>104</sup>

Como afirma Harlan, o culto à beleza do corpo masculino por outros homens é visto como algo “normal” dentro do esporte – já que todos são muito bem resolvidos quanto à própria masculinidade. No entanto, qualquer fuga aos princípios é banida do meio esportivo. É interessante notar que o protagonista compara os casos escondidos de homossexualidade dentro do atletismo com os esqueletos escondidos dentro do armário (visto no tópico anterior). Com isso Harlan, ironicamente, tenta mostrar que a homossexualidade existe, sim. Mas é necessário que seja mantida em segredo.

Harlan mostra-se bastante questionador dos efeitos que a falta de conhecimento podem causar na sociedade. É interessante notar que Warren nos coloca frente a uma personagem que não só procura outros caminhos além da heteronormatividade, mas os questiona de forma a tentar buscar maior reflexão do próprio leitor sobre o assunto. O excerto abaixo mostra Harlan questionando de que maneira o ódio contra a homossexualidade está enraizado na sociedade americana:

Às vezes eu me perguntava se aquele ódio americano peculiar sobre a homossexualidade não é resultado disso ser tão enraizado, tão silenciado e não reconhecido, ainda tão difundido, em nossa história. Na escola, somos ensinados as características vitorianas da história.

---

<sup>104</sup>Cf.o original: *A man's body is good to look at only when the is conditioned, because of the muscling. So it's American society - possibly more. But everybody goes on pretending that sports are the bunting draped sanctuary of the straight American he-man. Once in a while somebody is brave enough to hint at the truth, as Jim Bouton did Ball Four, and he quickly gets shouted down as an enemy of sport. Homosexuality is the great skeleton in the closet of American athletics* (WARREN, 1996, p. 18).

No entanto, muito dessa história inicial são homens sozinhos uns com os outros nos confins do continente (WARREN, 1996, p. 6).<sup>105</sup>

A indagação de Harlan faz sentido se pensarmos que, na maioria das vezes, os homens procuram firmar sua masculinidade, evitando situações que coloquem em cheque a virilidade de ser hétero. No entanto, grande parte dessas atividades é realizada em ambientes exclusivamente masculinos. Indo ao encontro da opinião de Harlan, Louro afirma que esses grupos masculinos fechados continuam existindo, apesar de a homofobia estar crescendo a cada dia:

Embora a homofobia seja muitas vezes evidente em nossa sociedade, isso não impede que, em inúmeras situações e em distintas idades, meninos e homens constituam grupos extremamente “fechados” e os vivam de forma muito intensa. Equipes de futebol; parcerias de acampamentos, caçadas e pescarias; rodas de chope ou de jogos de carta e bilhar se constituem, frequentemente, em redutos exclusivamente masculinos nos quais a presença de mulheres não é admitida (LOURO, 2016, p. 28).

A persistência em provar a masculinidade, ou a virilidade, leva homens a serem competitivos. Uma das formas de mostrar essa competição é por meio dos esportes:

A competição, no entanto, que é frequentemente enfatizada na formação masculina, parece dificultar que meninos e jovens “se abram” com seus colegas, expondo dificuldades e fraquezas. Para um garoto (mais do que para uma garota), tornar-se um adulto bem-sucedido implica vencer, ser o melhor ou, pelo menos, ser “muito bom” em alguma área. O caminho mais óbvio, para muitos, é o esporte (no caso brasileiro, o futebol), usualmente também agregado como um interesse masculino “obrigatório”. Para construir um corpo vitorioso no esporte, colocam-se em ação técnicas, exercícios, adestramentos, disputas, enfrentamentos (LOURO, 2016, p. 22 - 23).

A necessidade em ser bom em algo, mostrar alguma habilidade, principalmente no futebol – para os brasileiros – permite que meninos passem, muitas vezes, por cima de alguns princípios, apenas para cumprirem as regras da sociedade. Warren mais uma vez subverte esses padrões competitivos e coloca no centro do esporte um homossexual que

---

<sup>105</sup> Cf.o original: *Sometimes I wondered if that peculiar American hatred of homosexuality isn't result of its being so rooted, so silent and unacknowledged, yet so pervasive, in our history. In school we are taught the Victorian properties of this history. Yet much of that early history is men alone with each other out on the reaches of the continent* (WARREN, 1996, p. 6).

ao invés de propagar ideais competitivos, tende a contribuir para o crescimento do outro como ser humano.

Apesar de homossexual, Harlan gosta de esportes, destaca-se no atletismo e, mesmo depois de ser injustamente desligado da equipe de Penn State, o protagonista segue uma vida normal liderando a equipe de atletismo de Prescott College. Como visto no primeiro capítulo, a obra de Warren serve como denúncia de inúmeros casos de discurso de ódio. Além dos já analisados, podemos citar a expulsão dos atletas *gays*, Billy, Vince e Jacques, de outra equipe de atletismo, após o treinador Lindquist tê-los encontrado em um encontro amoroso. Da mesma forma como Harlan foi expulso de Penn State, os alunos não têm outra chance:

– “Inimigos do esporte, é isso que vocês são”, Jacques disse. – “Fora daqui, para o fogo. Não há vestígios de Sodoma e Gomorra em minha equipe”.

Billy e Vince estavam rindo, chocados, até as lágrimas caírem. Possivelmente, eles estavam histéricos por causa da pressão e da fadiga (WARREN, 1996, p. 6).<sup>106</sup>

Nota-se na fala do ex-treinador, reproduzida por Jacques, que casos de homossexualidade não são bem quistos na universidade. É interessante perceber que, apesar de expulsos, os atletas não concordam com a forma como são tratados e questionam as “regras” que nem mesmo existem no regulamento da instituição: “– ‘Nós temos o direito de correr,’ ele disse. – ‘Nós não estamos incomodando ninguém. Não há nenhuma regra no AAU ou na NCAA sobre o sexo da pessoa com quem você irá dormir’” (WARREN, 1996, p. 6).<sup>107</sup> É nítido que os adolescentes não consideram errado a atitude, uma vez que não estão incomodando ninguém. No entanto, não é assim que a sociedade vê. O ato, na sociedade heteronormativa, é agravado pelo fato de ter acontecido dentro da escola – local, como já vimos, em que ideais opressores tendem a se sobressair até mesmo sobre as escolhas pessoais.

O que diferencia Warren dos demais é o fato de a autora quebrar com as expectativas e propor uma subversão no estereótipo do atleta. Quando os três alunos procuram Harlan Brown, a intenção é que sejam acolhidos na equipe pela capacidade

<sup>106</sup> Cf.o original: *"Enemies uff sport, dot is vot you are," Jacques said. "Away wid you, to de fire. Der vill be no Sodom und Gomorrah on my skvad". Billy and Vince were laughing, chocking, till the tears came. Possibly they were a little hysterical from pressure and fatigue* (WARREN, 1996, p. 6).

<sup>107</sup> Cf.o original: *"We have a right to run," he said. "We weren't bothering anybody. There's nothing in the AAU rules or the NCAA rules about the sex of the person you sleep with".* (WARREN, 1996, p. 6).

que têm como corredores, não pelo fato de serem homossexuais ou algo assim. Como pode ser visto no excerto abaixo, Harlan é considerado uma das últimas tentativas de contribuir para o sucesso dos três:

Fiz uma última tentativa de levantar a guarda. –“O que faz você pensar que irei compreender? O que faz você pensar que não darei um grande sermão sobre a moralidade e a pureza do menino americano?”  
 –“Meu pai disse que você poderia entender”, disse Billy.  
 – “Quem é seu pai?”  
 – “John Sive”.  
 Eu balancei minha cabeça. – “Desculpe, não conheço por nome”.  
 – “Ele é um advogado ativista *gay*”, disse Billy implacavelmente.  
 – “Ele está trabalhando no caso da Suprema Corte que desafia as leis de sodomia. Nós contamos a ele o que aconteceu e que provavelmente não faríamos mais parte de algum time em lugar nenhum, e ele disse para tentarmos Harlan Brown em Prescott” (WARREN, 1996, p.7).<sup>108</sup>

Ao colocar um advogado homossexual Warren, mais uma vez, quebra estereótipos de que certas profissões têm de ser ocupadas por homens ou por mulheres. O fato de John, pai de Billy, ser um ativista *gay*, mostra outra forma de criação familiar que se difere, e muito, da de Harlan. Quando a relação entre treinador e atletas se estreita, o protagonista questiona como o pai de Billy pôde seguir a carreira sem sofrer nenhum tipo de ameaça. Billy argumenta que o pai é sempre muito discreto no que concerne à vida profissional, não deixando transparecer a homossexualidade. No entanto, o atleta se orgulha de ter sido cuidado pelo pai e pelo companheiro, já que havia sido abandonado pela mãe:

– “Então seu pai é *gay*”.  
 – “Minha mãe o deixou quando eu tinha nove meses de idade. Ela me abandonou. Ele se casou com um *gay* depois disso e os dois me criaram”.  
 – “Como seu pai conseguiu manter a carreira na lei e viver abertamente com um *gay*?”, perguntei.  
 – “Bem, [...] Nenhum dos colegas de trabalho de meu pai jamais imaginou que Frances é um homem. Ele é esbelto como a Marilyn Monroe” [...] (WARREN, 1996, p. 55-56).<sup>109</sup>

<sup>108</sup> Cf.o original: *I made one last attempt to put up a front. "What makes you think I'll understand? What makes you think I won't give you a big lecture on the morality and purity of the American boy?" "My father said you might understand," said Billy. "Who's your father?" "John Sive". I shook my head. "Sorry, don't know the name". "He's a gay activist lawyer," said Billy implacably. "He's working on the Supreme Court case that challenges the sodomy laws. We told him what happened and that we might not be able to make a team anywhere, and he said to try Harlan Brown at Prescott".* (WARREN, 1996, p. 7).

<sup>109</sup> Cf.o original: *"So your father is gay".*

Warren mais uma vez sai a frente ao mostrar a possibilidade de uma família homossexual criar uma criança em plena década 1970, fugindo dos ideais patriarcais de que isso possa ser uma aberração. Nas palavras do próprio Billy, “para mim, o verdadeiro trauma foi aprender sobre o mundo heterossexual. Compreende o que eu digo?” (WARREN, 1996, p. 56),<sup>110</sup> podemos notar que os valores se invertem e ele considera traumático aprender noções de um mundo heterossexual e opressor. O atleta não só é criado com ideais libertários, nos quais todos têm o direito à igualdade, como também os propaga. Como vimos no primeiro capítulo, a mãe de Billy não aceita a orientação sexual do filho por estar presa ao ideal tradicional de que a espécie deve ser preservada e continuar o próprio curso de reprodução. No entanto, Billy argumenta que “-‘Há muitas crianças por aí,” ele disse. -‘Nós estamos ajudando a manter o crescimento da população em zero por cento’” (WARREN, 1996, p. 211),<sup>111</sup> ou seja, ao contrário do que todos pensam, ser homossexual pode trazer benefícios para a população no geral. A visão da mãe de Billy assemelha-se muito às noções primitivas que a atividade sexual deve estar diretamente ligada à ideia de procriação, como afirma Weeks em: “porém, todas as formas de atividade sexual que não fossem procriativas eram olhadas como pecaminosas, fossem elas solitárias, entre homens e mulheres, homens e homens, homens e animais (WEEKS, 2016, p. 65). O status de o relacionamento homossexual ser pecaminoso, infelizmente, é ainda vigente em nossa sociedade. No entanto, Billy, sabiamente, refuta essa ideia.

Assim como Rita Mae Brown, Patricia Warren também questiona o status do casamento homossexual dentro da sociedade heteronormativa. Ao contrário de Molly Bolt, por exemplo, Harlan e Billy mostram-se adeptos ao casamento e, mesmo com toda resistência que sofrem, concretizam o amor que sentem um pelo outro por meio do matrimônio. O conceito de matrimônio difere-se um pouco do esperado, mas, no entanto, pode ser considerado mais humano do que os casamentos forçados que,

---

*"My mother left him when I was about nine months old. She abandoned me. He married a gay after that, and the two of them raised me".*

*"How did your father manage to hold onto his law career and live openly with a gay?", I asked.*

*"Well," [...] None of my father's business colleagues ever suspected Frances was a male. He looked like a very slender Marilyn Monroe [...]" (WARREN, 1996, p. 55-56).*

<sup>110</sup> Cf.o original: *"to me, the real trauma was learning about the heterosexual world. Know what I mean?" (WARREN, 1996, p. 56).*

<sup>111</sup>Cf.o original: *"There are too many children anyway," he said. "We're helping the world toward zero population growth" (WARREN, 1996, p. 211)*

conforme estudamos, não consideravam qualquer forma de afeto entre homens e mulheres no início dos tempos:

Nosso conceito de cerimônia de casamento de modo algum se assemelha ao conceito hétero, embora tomássemos emprestado um par de recursos e descaradamente usávamos em nosso favor. Depois de conversar e analisar, Billy percebeu que não via o casamento como um ritual, um sacramento, mais do que ele. Foi por isso que ele finalmente conseguiu se doar de todo o coração.

Nós a consideramos a cerimônia como uma declaração pública e formal do nosso amor um pelo outro, de nossa crença na beleza e no valor deste amor, da nossa intenção de vivermos abertamente, de nossas rejeições da heterossexualidade (WARREN, 1996, p. 200).<sup>112</sup>

De acordo com o protagonista, a rejeição dos princípios heterossexistas cria uma nova conceituação de matrimônio, levando em conta a pureza dos sentimentos independente do sexo das partes envolvidas. Retomando os ensinamentos de Buda, Warren traz a tona o conceito de amor como sendo a única lei:

Então, Billy e eu, sentados lado a lado, lemos nossos pequenos votos. Consistiam simplesmente em citações, cada um de nós alternando. Em voz suave, Billy leu os ensinamentos de Buda. "Há apenas uma lei", disse ele, "e há apenas um amor. Apenas o amor pode conquistar a morte". Então li a Bíblia, e, principalmente, o *Cântico dos Cânticos* (WARREN, 1996, p. 201).<sup>113</sup>

Ao colocar o amor acima de tudo, até mesmo das regras impostas socialmente, Warren propõe uma nova perspectiva, na qual a crença na beleza do ser humano é maior do que qualquer preconceito que possa existir.

Butler, em sua teoria, coloca o ser humano sempre em primeiro plano, independente de qualquer rotulação que possa ter adquirido na sociedade em que está inserido. Para a filósofa, é necessário que haja ativismo político a fim de criarmos uma rede de solidariedade e, assim, conseguirmos eliminar qualquer tipo de diferença que

---

<sup>112</sup> Cf.o original: *Our concept of a marriage ceremony in no way resembled the straight concept, although we did borrow a couple of features and brazenly put them to our own uses. After we did a lot of talking and analyzing, Billy realized that I did not see marriage as a ritual, a sacrament, any more than he did. This was why he was finally able to give in wholeheartedly. We saw it simply as a formal public declaration of our love for each other, of our belief in the beauty and worth of this love, of our intention to live together openly, of our rejections of heterosexuality* (WARREN, 1996, p. 200).

<sup>113</sup> Cf.o original: *Then, Billy and I, sitting side by side, read our little service. It consisted simply of quotes, each of us alternationg. In his soft voice, Billy read from the teachings of Buddha. "There is only one law," he said, "and there is only one love. Only love can conquer death". Then I read from the Bible, mostly the Song of Songs* (WARREN, 1996, p. 201).

hierarquize a sociedade. Essas redes de solidariedade são formas de colaborarmos para darmos possibilidades de vida àqueles que têm seus direitos diminuídos ou muitas vezes negados. Em *The Front Runner*, é possível observar que Warren já inicia um movimento em favor da criação dessas redes. A solidariedade é algo cultivado pelas personagens de Prescott, como pode ser observado em:

Com Vince e Billy trabalhando pesado, o programa de estudos *gays* transformou-se em serviço de aconselhamento, que foi o primeiro do tipo em um campus americano. Em 1971 e 1972, alguns pequenos programas como esse surgiram em grandes universidades, bem como em “bares *gays*”, tolerados pela administração, onde jovens *gays* podiam se encontrar, conversar e ser elas mesmas. Mas nosso programa em Prescott era algo único, e surgiu do atletismo (WARREN, 1996, p. 194).<sup>114</sup>

Ao criar possibilidades, por meio dos grupos de estudos *gays*, para a comunidade homossexual se fortalecer socialmente, Warren mostra a importância de apoiarmos a causa. Com o intuito de ouvir o que esses sujeitos têm a dizer, podemos perceber que muita coisa pode ser mudada, muita vida pode ser salva.

A autora também trabalha a questão da polarização dos indivíduos em equipe *gay* e equipe hétero. Seguindo o mesmo pensamento de Butler, de não hierarquizar ou rotular o ser humano, Warren dá poderes para que Harlan opte por não criar divisões e, assim, mostre que a orientação sexual não deve ser utilizada como forma de exclusão:

Sempre tive medo de que a equipe de pista do time se dividisse em “esquadrão *gay*” e em “esquadrão hétero”, sem comunicação ou cooperação entre ambos. [...] Então resolvemos esse problema ao estabelecer uma regra segundo a qual as preferências de sexo não deveriam ser mencionadas na prática da pista, no vestiário ou em qualquer outro lugar onde a equipe era um grupo. Só na minha casa às segundas e quintas-feiras mencionávamos essas coisas (WARREN, 1996, p.135).<sup>115</sup>

<sup>114</sup> Cf.o original: *With Vince and Billy working on it, the gay studies program grew into a counseling service that was the first of its kind on an American campus. Back in 1971 and 1972, a few tiny programs like this had sprung up at big universities, as well as administration-condoned "gay lounges" where the gay kids could meet, talk and be themselves. But our program at Prescott was something unique, and it grew out of athletics* (WARREN, 1996, p. 194).

<sup>115</sup> Cf.o original: *"I was always mortally afraid of te track team split ting up into the "gay squad" and the "straight squad," with no communication or cooperation between the two. [...] So we solved this problem by establishing a rule that sex preferences were not to be mentioned at track practice, in the dressing room or anywhere else where the team was as a group. Only in my house on Mondays and Thursdays did we mention these things* (WARREN, 1996, p. 135).

Ao proibir que as preferências sexuais fossem expostas, Harlan resolve o problema e mostra que a divisão não é importante quando se trata de um grupo.

Mesmo com uma abordagem inovadora do tema, sem preconceitos por parte das personagens centrais, Warren ilustra a forma como a sociedade trata os indivíduos homossexuais. Em umas dessas passagens, podemos observar a repercussão gerada quando o público descobre sobre o possível casamento entre Billy e Harlan. Primeiramente, durante a entrevista para uma revista, Harlan é questionado a respeito do tipo de relacionamento que mantém com Billy:

- “Ei, essa história dos boatos é um pouco cansativa”, disse Billy.
- “É verdade?” perguntou Mc Gill.
- “Não gosto da frase ‘relacionamento sexual’”, eu disse. “Por que você não diz que Billy e eu estamos apaixonados? Você pode me citar ao afirmar isso” (WARREN, 1996, p. 156).<sup>116</sup>

Ao utilizar “relacionamento sexual”, Mc Gill emprega uma perspectiva pejorativa para definir a relação entre ambos e Harlan o corrige dizendo que eles mantêm uma relação amorosa. A ideia pejorativa de que o contato entre dois homens não pode ser sério vem da Antiguidade, quando a homossexualidade era considerada apenas uma forma de iniciar o jovem na vida sexual, sem qualquer laço afetivo:

Não obstante, as atividades homossexuais entre homens ocorriam de fato. Quanto elas aconteciam, eram usualmente entre um adulto ativo e um adolescente passivo. Comumente, o adulto masculino também tinha relações sexuais com mulheres. O garoto, desde que adotasse um papel ativo na vida adulta, não sofria nenhuma perda de *status* ou de virilidade. Pelo contrário, na medida em que o papel fosse ativo, a atividade homossexual poderia ser vista como um sinal de virilidade. Mas o mesmo não era verdade para aqueles que mantinham um papel passivo na vida adulta: eles eram estigmatizados e, frequentemente, maltratados (WEEKS, 2016, p. 65 - 66)

Como podemos observar, a relação entre dois homens era utilizada para verificar a virilidade dos garotos. No entanto, não é dessa forma que Harlan e Billy avaliam o relacionamento que têm. Pudemos notar um pouco acima que eles dão nova significação ao casamento, justamente por sentirem algo diferente um pelo outro.

---

<sup>116</sup> Cf.o original: "Hey, uh, your thing about the rumor mill is kind of tiresome," said Billy. "Is it true?" asked Mc Gill. "I don't like that phrase 'sexual relationship'," I said. "Why don't you say that Billy and I are in love? You can quote me on that" (WARREN, 1996, p. 156).

Mesmo assim, a sociedade não compreende dessa forma. A repercussão da matéria é muito mal recebida pelo público, que generaliza toda a equipe do *Prescott College* como sendo um gueto *gay*:

Alguns dias depois, o *National Intelligencer* estava em todas as lojas de revistas de supermercados em todo o país [...]

O título: ATLETA E TREINADOR ASSUMEM RELACIONAMENTO HOMOSSEXUAL. O artigo citou Vince e Jacques como membros do pequeno gueto *gay* de Prescott e também mencionou o pai de Billy. Mas focava em Billy e eu, por causa do fato chocante (para os héteros) de que eu era mais velho e além de ser professor de Billy. Esse golpe da publicidade gerou uma série de repercussões muito desagradáveis para nós (WARREN, 1996, p. 159).<sup>117</sup>

É interessante notar que, no excerto acima, a matéria é classificada como chocante para o público, mas Warren deixa bem marcado: para o público hétero. Ou seja, todo tipo de inconveniência e discurso de ódio parte apenas daquele que se incomoda com o fato de o diferente estar ganhando espaço. Ainda sobre o discurso de ódio, a notícia gera não apenas a rejeição do público quanto à equipe, mas também ações concretas, como ameaças. De acordo com o excerto abaixo, é possível verificar que grupos radicais tendem a impor seus pensamentos tentando banir os indivíduos dissidentes:

Primeiramente Billy e eu começamos a receber cartas de todo o país [...] Elas diziam que deveríamos ser mortos. Pela primeira vez fiquei perturbado com o pensamento de que alguém poderia tentar prejudicar qualquer um de nós, ou até mesmo ambos. Também começamos a receber chamadas telefônicas ameaçadoras. Falavam sobre bombas e sequestros. A polícia investigou as chamadas com uma curiosa falta de entusiasmo (WARREN, 1996, p. 159).<sup>118</sup>

É válido ressaltar que Warren coloca até mesmo a forma como a polícia trata o caso: com desprezo. Essa atitude acontece em delegacias do mundo todo, diariamente,

<sup>117</sup> Cf.o original: *A couple of days later the National Intelligencer was on all the supermarket magazine racks across the country [...] The headline: STAR ATHLETE AND COACH ADMIT TO HOMOSEXUAL RELATIONSHIP. The article paid due attention to Vince and Jacques to the little gay ghetto at Prescott and even to Billy's father. But it dwelled on Billy and me, because of the shocking (to the straight) fact that I was older and Billy's teacher. This blast of publicity had a number of very unpleasant repercussions for us* (WARREN, 1996, p. 159).

<sup>118</sup> Cf.o original: *First Billy and I started getting letters from all over the country [...] They said we should be dead. For the first time it hit me that someone might try to harm either or both of us. We also started getting threatening phone calls. They talked about bombs and kidnapping. The police investigated the calls ith a curious lack of enthusiasm* (WARREN, 1996, p. 159).

quando, retomando a ideia apresentada no primeiro capítulo, a vítima torna-se o culpado, justamente por não contar com a normatividade para lhe defender.

Após pequenas mostras de como Patricia Nell Warren quebra com o estereótipo de gênero esperado para a sociedade dos anos 1970, chegamos ao ápice da narrativa: o casamento de Billy e Harlan:

Billy e eu nos casamos no domingo, dia 8 de maio. Poucos héteros puderam compreender o desejo dos *gays* por dignidade e estabilidade. Não consigo explicar o que essa cerimônia significou para nós dois. A primeira vez que me casei, foi porque fui obrigado, e estava atordoado com algo que eu não estava preparado. Com Billy, foi um daqueles momentos de sonho no qual ele estaria na frente, correndo livre, tentando levar uma vida normal (WARREN, 1996, p. 200).<sup>119</sup>

Na descrição é possível observar pontos-chaves: o primeiro é a questão da não compreensão dos héteros sobre a causa *gay* e a segunda sobre o casamento anterior de Harlan. Partindo do princípio da patologização do relacionamento *gay*, com a possibilidade do casamento, podemos verificar um novo discurso se instaurando:

Precisamente do mesmo modo que o explosivo surgimento da liberação *gay* nos Estados Unidos, em 1969, desenvolveu-se a partir de redes de comunidades bem estabelecidas, dando início, então, a algo distintamente novo, assim também as mudanças do final do século XIX colocaram o discurso da homossexualidade num novo patamar. A homossexualidade tornou-se uma categoria científica e sociológica, classificando a perversidade sexual de um novo modo, e isso teve, inevitavelmente, desde então, seus efeitos na prática médica e legal, construindo a ideia de uma natureza distintiva e, talvez, de uma natureza exclusivamente homossexual (WEEKS, 2016, p. 67)

Assim sendo, podemos notar que o romance encena a realidade, dando lugar a uma classe até então muito estigmatizada. O casamento entre Harlan e Billy pode ser considerado um ganho para a comunidade, pois eles conseguem lutar por seus direitos, apesar de tantos empecilhos. Sobre o segundo ponto tratado no excerto da obra, é relevante mencionar que Harlan, no princípio da narrativa, casa-se com uma mulher e

---

<sup>119</sup> Cf.o original: *Billy and I were married on Sunday, May 8. Few straights can comprehend the gay's hunger for dignity and stability. I can't begin to explain what that ceremony meant to us both. The first time I got married, it was because I had to, in a daze, to something I was fitted for. For Billy, it was one of those dreamed-of moments when he was going to be out front, running free, attempting to lead a normal life* (WARREN, 1996, p. 200).

tem dois filhos. O casamento não ganha visibilidade no romance, pois acontece no momento em que Harlan ainda deseja esconder seus sentimentos, mas é quebrado juntamente com o desejo que o protagonista tem de trilhar novos caminhos, não dando assim nenhuma relevância ao longo da obra. Como Harlan mesmo afirma – o casamento acontece apenas como forma de concretizar as normas sociais.

Após o casamento, como visto no primeiro capítulo, Billy é assassinado por um radical fanático e Harlan segue a vida com o sonho de ter um filho de Billy. O desejo é concretizado quando Betsy, uma amiga lésbica, aceita ser barriga de aluguel na inseminação artificial. Os dois iniciam uma vida juntos, com o intuito de cuidar da criança. Cada um mantém sua vida sexual fora da relação familiar – que como Vince pontua “Será algo novo. Um tipo de família completamente nova” (WARREN, 1996, p. 308).<sup>120</sup> Todo ódio e preconceito disseminados ao longo da narrativa encerram-se com o nascimento de uma nova vida e, de certa forma, de novas possibilidades para se construir um futuro longe de ideais opressores.

Terminada esta análise, permaneçamos ainda dissertando sobre a homossexualidade, no entanto, agora, feminina. Vejamos como Cíntia Moscovich subverte padrões em *Duas Iguais*.

## 2.5. Passividade e subversão, em *Duas iguais*

Com o intuito de contribuir para a quebra do silenciamento da visão da mulher na literatura, Cíntia Moscovich propõe, em *Duas iguais* (2004), um questionamento sobre a construção da identidade feminina lésbica dentro de um contexto patriarcal, cujo conservadorismo e repressão são agravados por se tratar de um dos tempos mais obscuros da história brasileira: a Ditadura Militar. A escritora insere, na narrativa, personagens representantes de identidades minoritárias – mulher e lésbica – que fogem à tradição binária do gênero. Desta maneira, a protagonista Clara, juntamente à companheira Ana, reivindicam o direito de expressar a sexualidade sem interferência de imposições já estabelecidas socialmente:

O gênero não é uma simples categoria analítica; ele é, como as intelectuais feministas têm crescentemente argumentado, uma relação de poder. Assim, padrões de sexualidade feminina, são,

<sup>120</sup> Cf.o original: “That’ll be something new. A whole new kind of family” (WARREN, 1996, p. 308).

inescapavelmente, um produto do poder dos homens para definir o que é necessário e desejável - um poder historicamente enraizado (WEEKS, 2016, p. 56).

Nesta relação de poder, o homem apodera-se do corpo feminino e sente-se no direito de forçá-la a viver sob regras. Moscovich, ao dar a voz às personagens femininas, mostra, mesmo com toda a dominação masculina, que as mulheres podem ser donas do próprio corpo, livres de convenções. Como afirma Weeks:

Ainda que a dominação masculina permaneça uma característica central da sociedade moderna, é importante lembrar que as mulheres têm sido ativas participantes na modelação de sua própria definição de necessidade. Além do feminismo, as práticas cotidianas da vida têm oferecido espaços para as mulheres determinarem suas próprias vidas. Têm se ampliado, a partir do século XIX, os espaços aceitáveis, para incluir não apenas o prazer no casamento, mas também formas relativamente respeitáveis de comportamento não procriativo. Os padrões de privilégio sexual masculino não foram totalmente rompidos, mas há, agora, abundantes evidências de que tal privilégio não é inevitável nem imutável (WEEKS, 2016, p. 58).

A questão da sexualidade é abordada no romance no momento em que Clara e a amiga Ana se apaixonam e têm de enfrentar toda a sociedade, cheia de regras e preconceitos, a fim de, simplesmente, poderem viver um caso de amor. Como ela mesma afirma, no início da narrativa, “as palavras e as sentenças, desta forma, no máximo podem flutuar acima do que quero – ou do que pretendia – dizer. Eu queria contar uma história de amor” (MOSCOVICH, 2004, p. 11). A partir do comentário de Clara, é possível perceber que o objetivo não fora alcançado. A intervenção da família, o preconceito dos colegas de classe, dentre outros, corroboram o fracasso do relacionamento. Reforça-se aqui a ideia de que o corpo feminino é propriedade do sistema patriarcal e deve permanecer disponível a ele:

Beauvoir assevera que o corpo feminino é marcado no interior do discurso masculinista, pelo qual o corpo masculino, em sua fusão com o universal, permanece não marcado. Irigaray sugere claramente que tanto o marcador como o marcado são mantidos no interior de um modo masculinista de significação, no qual o corpo feminino é como que "separado" do domínio do significável (BUTLER, 2015a, p. 36).

Clara e Ana não aceitam a imposição. No entanto, após perceberem que há algo diferente na amizade, ambas vivenciam o novo e mostram-se aflitas e confusas em relação a como agir:

– “E agora, o que é que a gente vai fazer?”

Como é que eu ia saber? Ainda mais que ela me olhava com a dureza de quem espera uma resposta. Não uma resposta qualquer, mas uma resposta positiva, afirmativa, definitiva, taxativa. [...] E agora, lá estava Aninha, me encarando de verde e de pavor, esperando que eu solucionasse o dilema, como se dilemas se solucionassem com palavras e como se o fato de ela ter perguntado primeiro me tornasse a dona de todas as respostas (MOSCOVICH, 2004, p. 15).

Nota-se que não há resposta para solucionar o problema. Ana e Clara devem ser vistas, então, como sujeitos donos de seus corpos e responsáveis por suas escolhas, já que:

A sexualidade ocidental, com suas normas de diferenciação sexual, monogamia, heterossexualidade e (em alguns períodos, pelo menos) respeitabilidade, tem sido tanto questionada e solapada quanto triunfantemente reafirmada pelo conhecimento de outras culturas, outros corpos e outras sexualidades (WEEKS, 2016, p. 59).

Observamos, dessa forma, que as identidades estão ficando cada vez mais abertas, dando lugar a novos conceitos, fora da heterossexualidade. Clara tem consciência de que, ao assumirem essa nova identidade sexual, estão, na verdade, travando uma guerra íntima. E precisam vencer muitas batalhas a fim de concretizarem o desejo de ficarem juntas:

Mergulhada na montanha de livros, olhava minha amiga e tentava não pensar. Sabia que estávamos travando, nós, nossa guerra particular e íntima, muito íntima. Lembrei-me do meu pai. O pai de Aninha também pensaria alguma coisa pouco edificante a meu respeito? Nunca soube (MOSCOVICH, 2004, p. 33).

A narrativa é contada sob a perspectiva memorialista de Clara, que já aos quarenta anos, conta os fatos acontecidos durante a adolescência:

Nós ainda não sabíamos, ou, para usar as palavras de Aninha, ainda não nos havíamos dado conta de quem éramos. Só muito mais tarde, quando saímos do colégio para enfrentar a faculdade, casar, ter filhos, essa coisa toda, nos demos conta de quem éramos. Não que fôssemos grande coisa: o que nos fazia diferentes do resto da humanidade era a

constante lembrança de quem havíamos sido (MOSCOVICH, 2004, p. 23).

Na citação, conseguimos observar que, depois de tudo o que aconteceu, puderam compreender o ocorrido. É necessário que ambas vivam separadamente para refletirem sobre as imposições sociais e culturais de gênero. Podemos notar, também, um tom inerte na descrição de Clara: mesmo com toda paixão, permanece separada da amada, de certo modo, submetendo-se às normas sociais. Falaremos sobre este comportamento adiante.

Conforme pontuado anteriormente, o contexto no qual a narrativa está inserida é típico de uma sociedade opressora e intolerante. Clara, por exemplo, é de família judia, seguidora das tradições hebraico-cristãs, e vive com os pais e os irmãos. Percebe-se que, dentro da própria casa, a hierarquia está presente:

Meu pai havia me acordado muito cedo. O movimento da casa iniciara com um cheiro bom de café. Adivinhei que a mãe estava na cozinha, que meus irmãos já haviam se levantado e que estavam à mesa. O pai tomaria seu lugar num instante, de frente para a porta, vindo, ainda sem gravata, com a camisa engomada, o colarinho armado por barbatanas, o jornal debaixo braço (MOSCOVICH, 2004, p. 19-20).

Nesta típica cena de uma família comum, é possível averiguar como são distribuídos os papéis de gênero: a mãe, como rainha do lar, prepara o café, os meninos, aprendizes de varão, estão acomodados à mesa, e, possivelmente, aguardam a mãe servi-los, e o pai, figura central e mais importante do sistema, já toma seu lugar, fixo e privilegiado, junto aos demais: “o pai tinha primazia no jornal. De resto, em tudo na nossa vida” (MOSCOVICH, 2004, p. 20). Analisando por esta situação, não é difícil compreender a forma como Clara é tratada quando os pais “desconfiam” do seu “desvio de sexualidade”.

Clara é criada dentro dos parâmetros exigidos na sociedade hierárquica e heteronormativa. O pai da protagonista possui uma empresa e, como previsto, deseja que o primogênito assuma o controle. No entanto, como podemos verificar abaixo, ele não tem “a sorte” de ser agraciado com um varão, ficando a mercê de duas soluções: criar a filha para sucedê-lo ou, na melhor das hipóteses, casá-la com um homem competente que ganhará como dote uma participação na empresa, seguindo, então,

como visto anteriormente, o protocolo instituído para a realização de um bom casamento:

Logo namoravam, logo noivaram, logo casaram. logo minha mãe engravidara do sucessor na construtora – o primeiro filho seria um menino, Deus não ia recusar-lhe essa virtude. Nasceu-lhes uma menina. Ele, pasmo que a Providência lhe houvesse negado um varão, não se deu por achado: chamou a filha de Clara, homenageando uma misteriosa tia falecida. E decretou que a primogênita iria sucedê-lo na construtora. Melhor: casando-se a menina Clara, podia destinar ao genro uma participação na empresa. Por quê não?

E talvez porque pouco me agradassem as imposições talvez porque minhas habilidades motoras não chegassem à sofisticação de traçar uma reta à mão livre [...] talvez, talvez, talvez, eu me resolvi pela faculdade de jornalismo.

– “Jornalismo?” – perguntou-me o ser mais atônito e decepcionado sobre a face do globo (MOSCOVICH, 2004, p. 105).

Verificamos no excerto a insatisfação de Clara com a situação: ela afirma não gostar de imposições, mostrando, aqui, uma das formas de resistência contra o sistema. A protagonista também tem em mente a profissão que deseja seguir: jornalismo. Mais um ponto a favor de seu caráter revolucionário – não é comum, à época em que vivem (1970) haver mulheres bem sucedidas na carreira. O pai, assim como Carrie e Matilde, mostra-se contrário à escolha da filha, perpetuando o discurso tradicional. No entanto, em determinada cena, encoraja-a a ser a melhor naquilo que fizer.

É necessário, agora, fazer uma ressalva a respeito do comportamento tradicional da mãe de Clara. Após a morte do pai, Clara observa a conduta da mãe e afirma “a passividade da mãe me incomodava” (MOSCOVICH, 2004, p. 75), permitindo-nos concluir que, para Clara, é difícil ficar imóvel frente às situações que a desafiam:

Por que, então minha mãe purgara em silêncio? Alguma expressão, uma lágrima, uma reação que a integrasse ao mundo dos vivos, qualquer coisa teria sido preferível àquele rosto imbecilizado e monótono. [...] ainda assim, minha mãe se manteve alheia de si e do mundo” (MOSCOVICH, 2004, p. 77).

No entanto, podemos dizer que não é bem assim que acontece com Clara. Ela não gosta da passividade da mãe justamente porque se identifica com isso. Nas próximas cenas, verificaremos que, ao mesmo tempo em que Clara se assume transgressora, hesita em sair da zona de conforto e ser, assim, excluída. Conforme

comentado anteriormente, ela aceita a determinação da sociedade, por exemplo, e, a não ser às escondidas, não fica com seu grande amor. Logo veremos outras situações em que o comportamento de Clara oscila entre subversivo e tradicional.

Ainda sobre a criação de Clara, é válido lembrar que a personagem não se adéqua aos padrões femininos exigidos. Ao contrário da mãe, dedicada à família, a protagonista aprende o básico para conseguir viver sozinha. Na citação abaixo, verificamos a forma como a personagem lida com o fato de não ter habilidades culinárias, nem mesmo as básicas:

Entre nós, ainda que hoje beiremos os quarenta, há quem não saiba fritar um ovo. Para dizer a verdade, não vou dizer a verdade porque não saber fritar um ovo ainda é sinal de vergonha. O fato é que hoje só como ovos mexidos (MOSCOVICH, 2004, p. 25).

A isso se deve o fato de a família tê-la criada sob constante proteção. Abaixo notamos que tanto ela quanto Ana são pertencentes de um grupo social abastado, já que têm tudo o que é necessário para viver bem:

Para nós, tão tenros de existência, a vida prática era muitíssimo fácil. Por isso, por vivermos tempos de paz e de prosperidade, era difícil entender o que havia acontecido antes de nós. Tudo estava pronto e era bom. Tínhamos famílias, carros, casas, escolas e a promessa de um lindo futuro. Não havia sinal externo de que a vida era perigosa, só o testemunho encharcado de dor e carregado de sotaque dos parentes mais velhos [...] (MOSCOVICH, 2004, p. 23).

Clara considera-se acima de qualquer perigo. Para ela, até o momento, a vida não reserva surpresas desagradáveis. No entanto, essa situação é alterada quando decide levar o relacionamento homossexual adiante. Nos excertos abaixo, verificamos a forma como as duas se declaram e concretizam a relação:

– “Clara, eu te adoro. Não posso resistir”.  
Compreendi. Na palma no meu coração. Sem nem mesmo pensar, devolvi.  
– “Eu também”.  
Ela aproveitou o segundo de susto que tomei com minha afirmativa e covardemente disparou:  
– “E agora, o que é que a gente vai fazer?” (MOSCOVICH, 2004, p. 35).

Me olhou comprido, me olhou verde. Com a ponta do dedo indicador, desenhou o contorno do meu rosto, espalmado ali a mão. Senti o leve contato, percebi que tentava me trazer para perto dela. Minha amiga se aproximava e – me beijaria. Não ofereci qualquer resistência. Por que resistiria? Fechei os olhos e senti seu cheiro, o cheiro abençoado que jamais havia sentido assim tão perto. Me delicieei com a respiração, o hálito muito próximo do meu rosto (MOSCOVICH, 2004, p. 36).

No início, Clara e Ana mantêm o relacionamento em segredo. Porém, devido à proximidade das duas, todos começam a notar:

– “Clara, nós vamos nos esconder?”

Uma nova fase se instalara. Tínhamos sido delatadas. Os colegas, percebendo o que não podíamos esconder, começaram a falar. A falar, a observar e a rir. Por que riam de nós? Nós é que ríamos do mundo, o riso era prerrogativa nossa, minha e de Aninha. Com que direito eles se apropriavam de nosso instrumento de domar o mundo? Por que eles queriam nos domar? O que nós havíamos feito? Nós não éramos donas de nossas vidas, íamos aprendendo ou, vá lá, íamos nos dando conta (MOSCOVICH, 2004, p. 46).

Destacamos, nesta citação, o preconceito que o casal sofre na escola. É válido lembrar que já discutimos a respeito da hostilização dos diferentes no ambiente escolar. Neste caso, assim como Andrea Doria, elas são alvo de piadas e chacotas:

Talvez ele tivesse razão. Colégio era lugar de estudos. Nos recreios, saíamos a nos procurar dentro do desespero. Até que um dia, no pátio da escola, escutamos em alto e bom som:

– “Qual de vocês é o homem?”

Era Beatriz Levi, a autora da maldade. Beatriz Levi, a burra, a tansa, a pobre coitada ocluda que, eu acreditava, nunca ia ser nada na vida. Aproximei-me da menina: como assim, o que ela queria dizer com aquilo? Nenhuma de nós era homem, nenhuma de nós, ela estava escutando direito? Nenhuma de nós. Repetia dentro de mim a sentença (MOSCOVICH, 2004, p. 45).

No início elas não se importam com os comentários, porém, aumentam e começam a influenciar o relacionamento familiar das personagens:

Com Ana iniciei minha vida e bem posso dizer que, comigo, iniciou a dela. Não nos perturbavam os comentários dos colegas. Sim, nós havíamos sumido do mundo, todos viam, todos falavam. Meu pai se tornara agressivo. Dizia que eu andava em más companhias. Ele não sabia de nada, ninguém lhe dissera nada e nem mesmo presenciara a cena que o pai de Aninha havia presenciado e que detonara o processo, aquele, o de dar-se conta. Meu pai intuía e isso, lição antiga,

era uma forma de saber. Aprendi que era suficiente para meu pai. Aprendi que ele nunca acharia engraçadas minhas ironias. Aprendi que meu pai sabia que a filha dele estava apaixonada por outra mulher. Decidi que meu pai teria de conviver com a ideia e sabia, mais do que tudo, que ele jamais iria perguntar coisa alguma. Ele não perguntava o que já sabia e também sabia que duas meninas não suportariam uma situação clandestina por muito tempo (MOSCOVICH, 2004, p. 42).

O pai de Clara mostra-se bem incomodado com a situação e tenta, de alguma forma, evitar o contato da filha com Ana:

Quando as aulas reiniciaram, ficamos sabendo que nossas turmas não seriam as mesmas. Não estaria na mesma sala de aula de Aninha e todos os nossos esforços para que estivéssemos juntas foram inúteis. A diretora foi inflexível: meu pai dera a ordem, alegando que meu rendimento já não era o mesmo e que, se eu quisesse ser responsável pelo jornal, esse era o preço (MOSCOVICH, 2004, p. 44).

Clara sente-se muito chateada com a situação, porém não chega a afrontar o pai. Apenas questiona sua identidade, mesmo sem compreender, ainda, o que está passando:

A cada dia, meu suplício aumentava. Olhava meu pai atrás dos jornais. Por quê, pai? Por que éramos a exceção? Por que eu era duplamente a exceção? Não era isso a desgraça, meu pai? Lésbica. Me olhava no espelho e não enxergava a lésbica ali. Eu queria Aninha, eu não queria nenhuma outra mulher, me desesperava. Mil vezes pensei que teria preferido que os homens de ternos escuros tivessem vindo para me dar sumiço (MOSCOVICH, 2004, p. 47).

Clara encontra-se em processo de aceitação. Assim como Andrea Doria, ainda se questiona sobre a real possibilidade de assumir-se como lésbica. Fato que reafirma esse período de conflito é a questão do casamento. A princípio, a protagonista assevera nunca ter tido coragem de assumir que casamento não fazia parte dos seus planos: “nunca tivera coragem de declarar que casamento era minha última intenção sobre a face da Terra” (MOSCOVICH, 2004, p. 107). Nesta situação, encontramos mais um momento em que a personagem hesita em subverter as normas e rende-se ao casamento:

finalmente, os acordes da marcha nupcial trovejaram pela sinagoga. Clara ergueu o queixo, arrumou o buquê entre as mãos. Deu um passo, o primeiro. Os convidados levantaram-se, provocando um pequeno tumulto. Vítor a esperava junto ao pátio coberto de flores; esperava

com a satisfação de quem espera aquela que será sua esposa (MOSCOVICH, 2004, p. 124).

O casamento com Vitor representa a anulação das vontades de Clara. Ela cede à pressão da família, a fim de não ser excluída, e casa-se com o homem perfeito para gerenciar a empresa do pai.

Desta forma, verificamos que a identidade da protagonista está, ainda, em formação. Porém, mesmo após o casamento, continua pensando em Ana e, em alguns momentos, trai o marido para satisfazer o desejo sexual. Portanto, podemos dizer que Clara, se incomoda com os princípios patriarcais, porém, concomitantemente, acaba por perpetuá-los quando se submete aos padrões para agradar à família.

## **2.6. A subversão de padrões heteronormativos, em *Rubyfruit Jungle***

Ao mesmo tempo em que Rita Mae Brown discute a construção da identidade lésbica, a escritora difere-se da perspectiva de Cíntia Moscovich, pois insere uma personagem totalmente despreendida de padrões heteronormativos. Dessa forma, ao não se submeter às imposições de gênero, Molly sofre menos do que Clara no que diz respeito à aceitação da sociedade quanto à sexualidade.

Ao trabalhar a questão de Molly, Brown ilustra como a forma de agir de meninos e meninas deve ser diferente. Na obra, a protagonista assume uma feminilidade tradicionalmente considerada como masculina, não aceita os padrões misóginos segundo os quais, por exemplo, não pode exercer a função de um médico, nem mesmo em uma brincadeira, pelo simples fato de ser mulher:

Uma vez Cheryl quis brincar de enfermeira e colocamos lenços em nossas cabeças. Leroy era o paciente e nós o pintamos com iodo para que ele parecesse ferido. Uma enfermeira, eu não queria ser a enfermeira. Se eu fosse algo, eu ia ser o médico e dar as ordens. Rasguei meu lenço e disse a Cheryl que eu era o novo médico na cidade. Seu rosto enrubeceu. –“Você não pode ser um médico. Apenas os meninos podem ser médicos. Leroy será o médico”.

–“Você é uma bosta, Spiegelglass, Leroy é mais idiota do que eu. Eu tenho que ser o médico porque eu sou inteligente e ser uma menina não importa”.

–“Vamos ver. Você acha que pode fazer o que os meninos fazem, mas você vai ser uma enfermeira, não há dúvidas. Não tem nada a ver com

inteligência, inteligência não importa. O que importa é se você é um menino ou uma menina” (BROWN, 1988, p. 31).<sup>121</sup>

Nota-se que, desde criança, Molly questiona a masculinidade imposta como única e exclusiva. Para ela existem masculinidades múltiplas que se interligam e se constroem a partir do exame minucioso sobre atribuições inerentes ao ser homem. Na pesquisa sobre masculinidades, Breines e Connell consideram as próprias formas de “ser homem” contraditórias. Os críticos concluem que:

A masculinidade hegemônica foi entendida como o padrão de prática (isto é, já pronta, não apenas um conjunto de expectativas de papel ou uma identidade) que permitiu a continuidade da dominação dos homens sobre as mulheres. A masculinidade hegemônica não foi distinta de outras masculinidades, especialmente masculinidades subordinadas. Não assumimos as masculinidades hegemônicas como normais no sentido estatístico; apenas uma minoria de homens pode representá-lo. Mas foi certamente normativa. Encarna a atual forma mais honrada de ser um homem (CONNELL, 2005, p. 832).<sup>122</sup>

Da mesma forma, há mulheres que apresentam atitudes mais masculinizadas e, nem por isso, deixam de exercer funções sociais femininas. Molly, abandonada pela mãe biológica e rejeitada pela mãe adotiva, não se encaixa no papel feminino tradicional. A protagonista deixa a feminilidade de lado e opta por enfatizar, em determinadas situações, a masculinidade que existe em si, deixando Carrie, a mãe adotiva, conforme já verificamos no primeiro capítulo, descontente.

Molly, ao contrário de Clara, fala abertamente sobre a sexualidade e não se importa com os rótulos criados pela sociedade. No entanto, o primo da protagonista, Leroy, ainda se encontra muito vinculado às imposições sociais. Durante uma de suas

---

<sup>121</sup> Cf.o original: *One time Cheryl decided to play nurse and we put napkins on our heads. Leroy was the patient and we painted him with iodine so he'd look wounded. A nurse, I wasn't gonna be no nurse. If I was gonna be something I was gonna be the doctor and give orders. I tore off my napkin, and told Cheryl I was the new doctor in town. Her face corroded. "You can't be a doctor. Only boys can be doctors. Leroy's got to be the doctor". "You're full of shit, Spiegelglass, Leroy's dumber than I am. I got to be the doctor because I'm the smart one and being a girl don't matter". "You'll see. You think you can do what boys do but you're going to be a nurse, no two ways about it. It doesn't matter about brains, brains don't count. What counts is whether you're a boy or a girl"* (BROWN, 1988, p. 31).

<sup>122</sup> Cf.o original: *Hegemonic masculinity was understood as the pattern of practice (i.e., things done, not just a set of role expectations or an identity) that allowed men's dominance over women to continue. Hegemonic masculinity was distinguished from other masculinities, especially subordinated masculinities. Hegemonic masculinity was not assumed to be normal in the statistical sense; only a minority of men might enact it. But it was certainly normative. It embodied the currently most honored way of being a man* (CONNELL, 2005, p. 832).

conversas, Molly deixa claro que, para ela, não importa se ele se autodenomina *queer* ou não, ele será antes e acima de tudo, Leroy:

- “Você acha que sou *queer*?”
- “Eu acho que você é Lery Denman, é o que eu acho. Eu não dou a mínima para o que você faz, você continua sendo Leroy” (BROWN, 1988, p. 67).<sup>123</sup>
- “Eu acho que amei a Leota, mas foi um bom tempo atrás”.
- “Tá vendo, eu disse que você era *queer*”.
- “Vá se ferrar. Por que você tem que rotular tudo?” (BROWN, 1988, p. 67).<sup>124</sup>

A protagonista mostra-se irritada quando o primo a classifica como *queer*, pois, como observado, para ela, classificações sociais não interessam e não têm significado. Em outro episódio é possível observar tanto a questão de não aceitar rótulos quanto a de lutar contra a opressão masculina sobre a feminina:

- [...]“A escola é estúpida. Não há nada que eles possam me ensinar. Eu quero ganhar dinheiro e comprar um Bonneville Triumph como o do Craig's”.
- “Eu também, e eu pintaria a minha de vermelho maçã do amor”.
- “Você não pode ter um. As meninas não podem ter motocicletas”.
- “Vá se ferrar, Leroy. Vou comprar um tanque do exército se quiser e fugir de qualquer um que me diga que não posso ter isso”.
- Leroy inclinou a cabeça e olhou para mim.
- “Você sabe, eu acho que você é *queer*”.
- “E se eu for, exceto que não tenho certeza do que você quer dizer com isso”.
- “Quero dizer, você não é natural, é o que quero dizer. É hora de você começar a se preocupar com seu cabelo e fazer coisas que garotas fazem”.
- “Desde quando você diz o que eu tenho de fazer, seu bundão? [...] Como é que você está de repente está tão interessado em me transformar em menininha?” (BROWN, 1988, p. 62-63).<sup>125</sup>

<sup>123</sup> Cf. o original: *Do you think I'm a queer? I think your are Leroy Denman, that's what I think. I don't give a flying fuck what you do you're still Leroy* (BROWN, 1988, p. 67).

<sup>124</sup> Cf. o original: *I think I loved Leota, but that was a long time ago. See, I told you you were queer. Fuck off. Why have you got to label everything?* (BROWN, 1988, p. 67).

<sup>125</sup> Cf. o original: “[...] *School's stupid. There's nothing they can teach me. I want to make money and buy me a Bonneville Triumph like Craig's.*

*"Me too, and I'd paint mine candy apple red.*

*You can't have one. Girls can't have motorcycles.*

*Fucky you, Leroy. I'll buy an army tank if I want to and run over anyone who tells me I can't have it.*

*Leroy cocked his slicked head and looked at me. "You know, I think you're a queer.*

*So what if I am, except I'm not real sure what you mean by that.*

Na citação anterior, é possível observar o desejo de Molly em buscar novas oportunidades, passando por cima das amarras sociais que prendem a mulher ao âmbito do desconhecimento e, ao mesmo tempo, a perpetuação do discurso machista na fala de Leroy, ao afirmar que a prima é apenas uma menina. Segundo Sayão (2003), “no campo da educação, os ambientes educacionais têm sido considerados importantes vetores de reprodução das hierarquias centradas no gênero”. Ou seja, a hierarquização mantém-se até mesmo no contexto em que deveria abrir portas.

Sobre a dominação masculina sobre a feminina, Bordieu afirma que para que esta tenha efeito é necessária a incorporação do discurso do dominante, coloque dentro da lógica cartesiana na posição de inferioridade:

Para que a dominação simbólica funcione, é preciso que os dominados tenham incorporado as estruturas segundo as quais os dominantes percebem que a submissão não é um ato da consciência, suscetível de ser compreendido dentro de uma lógica das limitações ou dentro da lógica do consentimento, alternativa “cartesiana” que só existe quando a gente se situa dentro da lógica da consciência (BOURDIEU, 1995, p. 36).

Pode-se perceber que, com Molly, esse discurso não tem valor, justamente por ela se colocar em um patamar superior. Por outro lado, é isso que acontece, por exemplo, com sua mãe, Carrie. Conforme explicitado no primeiro capítulo, Carrie incorpora o discurso do dominador.

Ainda no âmbito de imposições sociais, Brown também menciona a questão do casamento e Molly apresenta uma visão bem negativa em relação a isso. Para ela, não há necessidade de assumir a instituição, pois não concorda com a ideia de fazer algo não autêntico, apenas porque outras pessoas consideram isto essencial para realizar-se na vida:

– “O que você quer dizer, bastarda? Qual a diferença entre você e eu se você não é filha da Carrie e do Carl?”

---

*I mean you ain't natural, that's what I mean. It's time you started worrying about your hair and doing those things that girls are supposed to.*

*Since when are you telling me what to do, lardass? [...] How come you're all of a sudden so interested in my being a lady" (BROWN, 1988, p. 62-63).*

- “Isso significa que sua mãe, Jenna, foi casada com Ep quando ela teve você e minha mãe, quem quer que seja, não era casada com meu pai, quem quer que seja. Isso é exatamente o que eu quero dizer–.
- “Bem, Molly, o que significa ser casado?”
- “É um pedaço de papel, é tudo o que posso imaginar. Algumas pessoas nem precisam ficar na frente do pastor, então não é religião. Você pode ir ao tribunal e se inscrever como Uncle Ep se inscreveu para o Corpo de Fuzileiros Navais. Então você ouve as palavras sobre você e você assina este pedaço de papel e você é casado”.
- “Nós podemos nos casar?”
- “Claro, mas temos que ter idade, pelo menos quinze ou dezesseis”.
- “São apenas mais quatro anos, Molly. Vamos nos casar”.
- “Leroy, não queremos nos casar. Estamos juntos o tempo todo. É besteira nos casarmos. Além disso, nunca vou querer me casar”.
- “Todo mundo se casa. É algo que você precisa fazer, como morrer”.
- “Eu não quer fazer”.
- “Eu não sei, Molly, você está levando uma vida difícil. Você diz que quer ser médica ou algo assim. Daí você diz que não vai se casar. – “Você tem que fazer algumas coisas que todo mundo faz ou as pessoas não vão gostar de você”.
- “Não me importo se eles gostam de mim ou não. Todos são estúpidos, é o que eu acho. Eu me importo se eu gosto de mim, com isso eu realmente me importo” (BROWN, 1988, p. 36).<sup>126</sup>

Ao contrário de Molly, Leroy classifica o casamento como um estágio necessário à trajetória humana. No entanto, nota-se que ele apenas repete o discurso da tradição. Molly, em outra ocasião, mostra-se adepta ao casamento entre mulheres, mais uma vez, mostrando-se contrária às normas sociais que, segundo ela, não sabe por quem foram instituídas:

---

<sup>126</sup> Cf. o original: *"What does it mean, bastard? What's the difference between you and me if you ain't Carrie and Carl's?"*

*"It means that your mother, Jenna, was married to Ep when she had you and my mother, whoever she is, wasn't married to my dad, whoever he is. That's exactly what it means".*

*"Well, hell Molly, what's being married?"*

*"It's a piece of paper, that's all I can figure. Some people don't even have to stand in front of a preacher, so it ain't religion. You can go on down to the courthouse and sign up like Uncle Ep signed up for the Marine Corps. Then you hear words said over you and you both sign this piece of paper and you're married".*

*"Could we get married?"*

*"Sure, but we got to be old, fifteen or sixteen, at least".*

*"That's only four more years, Molly. Let's get married".*

*"Leroy, we don't need to get married. We're together all the time. It's silly to get married. Besides I'm never gettin' married".*

*"Everybody gets married. It's something you have to do, like dying".*

*"I ain't doin' it".*

*"I don't know, Molly, you're headin' for a hard life. You say you're gonna be a doctor or something great. Then you say you won't get married. You have to do some of the things everybody does or people don't like you".*

*"I don't care whether they like me or not. Everybody is stupid, that's what I think. I care if I like me, that's what I truly care about" (BROWN, 1988, p. 36)*

Na segunda-feira, depois da escola, Leroy, Leota e eu estávamos caminhando para casa. Eu dei a Leroy uma moeda de dez centavos e disse-lhe para ir à frente da Sra. Hershener pegar um sorvete. Ele não reclamou, pois seu estômago sempre vem em primeiro lugar.

– “Leota, você pensou em se casar?”

– “Sim, vou me casar e ter seis filhos e usar um avental como minha mãe, e meu marido será bonito”.

– “Com quem você vai se casar?”

– “Ainda não sei”.

– “Por que você não se casa comigo? Eu não sou bonito, mas eu sou bonita”.

– “Meninas não podem se casar”.

– “Quem disse?”

– “É uma regra”.

– “É uma regra idiota. De qualquer forma, você gosta de mim. Já é melhor do que ninguém, não é?”

– “Eu gosto de você mais do que ninguém”.

– “Eu gosto muito de você, mas ainda acho que meninas não podem se casar”.

– “Olha, se quisermos nos casar, podemos nos casar. Não importa o que os outros digam. Além disso, Leroy e eu estaremos fugindo para sermos atores famosos. Teremos muito dinheiro e roupas e poderemos fazer o que quisermos. Ninguém ousa dizer o que você deve fazer quando você é famoso. Não é muito melhor do que ficar aqui sentada com um avental?”

– “Sim”.

– “Bom. Então vamos nos beijar como no cinema e nós ficaremos noivas” (BROWN, 1988, p. 49).<sup>127</sup>

Para Molly, o casamento de mulheres pode, sim, acontecer, pois não importa o parceiro. O que importa é o amor entre o casal. Butler (2003), no artigo “O parentesco é

<sup>127</sup> Cf. o original: *Next Monday after school Leroy, Leota, and I were walking home. I gave Leroy a dime and told him to go on ahead to Mrs. Hershener's for an ice cream. He offered no resistance as his stomach always came first.*

*“Leota, you thought about getting married?”*

*“Yeah, I'll get married and have six children and wear an apron like my mother, only my husband will be handsome”.*

*“Who you gonna marry?”*

*“I don't know yet”.*

*“Why don't you marry me? I'm not handsome, but I'm pretty”.*

*“Girls can't get married”.*

*“Says who?”*

*“It's a rule”.*

*“It's a dumb rule. Anyway, you like me better than anybody, don't you? I like you better than anybody”.*

*“I like you best, but I still think girls can't get married”.*

*“Look, if we want to get married, we can get married. It don't matter what anybody says. Besides Leroy and I are running away to be famous actors. We'll have lots of money and clothes and we can do what we want. Nobody dares tell you what to do if you're famous. Now ain't that a lot better than sitting around here with an apron on?”*

*“Yes”.*

*“Good. Then let's kiss like in the movies and we'll be engaged” (BROWN, 1988, p. 49).*

sempre tido como heterossexual?”, questiona o status do casamento homossexual na sociedade e conclui que qualquer opinião sobre o assunto deve ser considerada dentro dos riscos políticos de se criar uma realidade mais complexa. Segundo Butler (2003, p. 221), “tais conexões [casamentos homossexuais ou *gays*], evidentemente, sofrem incontáveis questionamentos que assumem diferentes formas no âmbito local e internacional”. No entanto, ainda há muito que lutar para que o status de união seja reconhecido na sociedade. Como pode se ver na citação abaixo, nos Estados Unidos é possível notar uma abertura para a aceitação de relacionamentos não baseados na família nuclear heterossexual:

De um lado, várias abordagens sociológicas permitem mostrar que, nos Estados Unidos, existem e persistem relações de parentesco que não se enquadram no modelo de família nuclear e que se baseiam em relações biológicas e não-biológicas, ultrapassando o alcance das concepções jurídicas atuais e funcionando de acordo com regras não formalizáveis (BUTLER, 2003, p. 221).

Butler discorre ainda que, mesmo com a tendência para a legalização, o casamento *gay* interfere nas questões heterossexuais e precisa ser legitimado pelo Estado, como pode ser observado a seguir:

O casamento *gay* obviamente interfere nos investimentos profundos e permanentes não só da própria dupla heterossexual, mas também na questão de quais formas de relacionamento devem ser legitimadas pelo Estado. [...] Ser legitimado pelo Estado é aceitar os termos de legitimação oferecidos e descobrir que o senso público e reconhecível da personalidade é fundamentalmente dependente do léxico dessa legitimação (BUTLER, 2003, p. 226).

O tema, assim como comentado por Leota, gera muita polêmica na sociedade, por conta da resistência de grupos que consideram a união entre iguais uma afronta aos demais. Um dos principais pontos que pesa contra a legalização do casamento é a questão da formação da família, ou seja, de uma possível adoção, pois, aos olhos dos preconceituosos, isso vai contra os princípios religiosos de formação familiar:

Independente de nosso próprio ponto de vista sobre o casamento *gay*, existe uma clara demanda para que aqueles que se dedicam aos estudos de sexualidade respondam aos argumentos majoritariamente homofóbicos que têm sido levantados contra as propostas de casamento *gay*. Muitos desses argumentos não são alimentados por

sentimentos homofóbicos, mas frequentemente partem do medo quanto às relações reprodutivas – se são naturais ou “artificiais” e sobre o que acontece com a criança, figura martirizada de um obstinado progressismo social (BUTLER, 2003, p. 232).

O interessante é que, mesmo de forma curta e sucinta, Brown já questiona o direito do casamento *gay* na década de 1970, mostrando-se bem a frente de seu tempo. Nota-se que, apesar de a protagonista transgredir com as normas sociais, outras personagens permanecem ligadas ao padrão, na maioria das vezes, por comodismo, ou medo de mudar. Ao longo da narrativa é possível perceber a persistência de Leota a respeito da necessidade do casamento heterossexual. Quando Molly reencontra Leota, ambas retomam a questão discutida anos atrás e a personagem reitera sua opinião, como pode ser observado abaixo:

- [...] “Não entendo tudo, uma menina bonita como você. Você poderia ter vários homens. Você tem mais opções do que eu tive aqui neste lugar”.
- “Eu pensei que você tivesse dito que ama seu marido”.
- “Eu amo o meu marido. Amo meus filhos. É para isto que uma mulher é feita. É só você viver em uma cidade grande e ser bem educada - você poderia se casar com um médico ou um advogado ou mesmo com alguém no TV”.
- “Leota, nunca me casarei”.
- “Você é louca. Uma mulher tem que se casar. O que acontecerá quando você tiver cinquenta anos? Você tem que envelhecer com alguém. Você vai se arrepender”.
- [...]
- “Cristo, você tem vinte e quatro anos e está preocupada em quando chegar aos cinquenta? Isso não faz sentido–.
- “Faz todo o sentido do mundo. Eu tenho que pensar em segurança. Eu tenho que economizar nosso dinheiro e planejar com antecedência a educação das crianças e nossa aposentadoria” (BROWN, 1977, p. 219-220).

Ao contrário de Molly, Leota insiste em perpetuar o ideal da tradição ao repetir a ideia de as mulheres serem feitas para casar, principalmente aquelas possuidoras de beleza singular, como é o caso da protagonista. Em “os salários dos homens deveriam proporcionar o suporte econômico que mantinha uma família e que possibilitava que os filhos fossem alimentados e se tornassem adultos trabalhadores”. (SCOTT, 1993, p. 456), Scott explica exatamente o pensamento adotado por Leota. A personagem afirma a necessidade do casamento como garantia de um futuro promissor, no qual fica

subentendido a segurança de mulher e dos filhos, caso o marido venha a faltar. Essa ideia de casamento como sendo uma forma de negócio é descrita abaixo por Bourdieu:

é na lógica da economia de trocas simbólicas – e, mais precisamente, na construção social das relações de parentesco e do casamento, em que se determina às mulheres seu estatuto social de objeto de troca, definidos segundo os interesses masculinos, e destinados assim a contribuir para a reprodução do capital simbólico dos homens –, que reside a explicação do primado concedido à masculinidade nas taxonomias culturais (BOURDIEU, 2007, p. 56).

Como pode ser notado, a mulher nada mais é do que uma moeda de troca: sai da proteção do pai e passa aos cuidados do marido. Leota, por sua vez, assume essa posição ao submeter-se à instituição, aceitando até mesmo uma noção equivocada sobre o amor. Molly, diferentemente disso, mostra-se despreocupada e julga a atitude da amiga como sendo desnecessária.

Ao longo da trajetória, Molly depara-se com diversos tipos de preconceitos enraizados no discurso machista, misógino e homofóbico. Outro exemplo disso é o relacionamento que tem com Carolyn: ambas têm namorados, Larry e Clark, porém mantêm um caso amoroso às escondidas. Carolyn não admite ser chamada de lésbica, pois considera suas atitudes femininas, portanto, isentas de qualquer desconfiança:

- “Molly, você não vai contar, vai? Quero dizer, podemos realmente nos meter em confusão”.
- “Não, não vou contar, mas odeio mentir. Parece bastante impossível que alguém pergunte uma coisa dessas, então a barra tá limpa”.
- “Odeio mentir também, mas as pessoas vão dizer que somos lésbicas”.
- “Não somos?”
- “Não, simplesmente nos amamos, só isso. As lésbicas se parecem com homens e são feias. Não somos assim”.
- “Nós não nos parecemos homens, mas quando as mulheres fazem amor é comumente rotulado como lesbianismo, então é melhor você aprender a não se encolher quando ouvir a palavra” (BROWN, 1977, p. 103-104).<sup>128</sup>

<sup>128</sup>Cf. o original: *Molly, you won't tell will you? I mean we could really get in trouble.*

*No, I'm not telling but I hate lying. It seems pretty impossible that anyone would ask such a thing, so the coast is clear.*

*I hate to lie too, but people will say we're lesbians.*

*Aren't we?*

*No, we just love each other, that's all. Lesbians look like men and are ugly. We're not like that.*

*We don't look like men, but when women make love it's commonly labeled lesbianism so you'd better learn not to cringe when you hear the word (BROWN, 1977, p. 103-104).*

Carolyn reproduz em sua fala o ideal perpetuado de que toda lésbica segue o padrão masculino, ou seja, é feia, utiliza roupas masculinas, corta o cabelo como homem, tem voz grossa e atitudes masculinas, popularmente e pejorativamente chamadas de “sapatonas”. Para ela, não assumir esse perfil a mantém livre de ser rotulada como lésbica. Molly, ao contrário, afirma por meio da tradição, que a relação entre mulheres é rotulada lésbica.

Butler (2003) discorre a respeito das nomenclaturas utilizadas culturalmente para se referir às lésbicas. As duas formas que podemos utilizar no contexto de fala de Carolyn e Molly são *butch* e *femme*, conforme verificamos a seguir:

Nos contextos lésbicos, a “identificação” com a masculinidade manifestada na identidade *butch* não é uma simples simulação do retorno do lesbianismo aos termos da heterossexualidade. Como explicou uma lésbica *femme*, ela gosta que os garotos sejam garotas, significando que “ser garota” contextualiza e ressignifica “masculinidade” numa identidade *butch*. Como resultado, essa masculinidade, se é que podemos assim chamá-la é sempre salientada em contraste com o “corpo feminino”, culturalmente inteligível. É precisamente essa justaposição dissonante e a tensão sexual gerada por sua transgressão que constituem o objeto de desejo (BUTLER, 2003, p. 177)

Ao dizer que não é masculina, Carolyn “assume” então a identidade lésbica *femme*. Assim sendo, a *femme* seria a lésbica mais frágil, assumindo o papel cultural da mulher. Molly, por ter atitude mais decidida, pode ser considerada *butch*. Em conversa com Connie, uma das amigas de Molly, do colegial, Carolyn mantém a ideia de que não é lésbica, porém Molly pode ser vista como, já que apresenta comportamento masculino, fora dos padrões:

- “Claro que não. Ninguém sabe além de você. Você sabe o que aconteceria se tivesse vazado”.
- “Sim, todos te chamariam de *queer*, o que você é, suponho”.
- “Connie! Carolyn gritou. Não somos *queer*. Como você pode dizer isso? Sou muito feminina, como você pode me chamar de *queer*? Talvez Molly, afinal ela joga tênis e pode jogar futebol mais rápido que Clark, mas não eu”.
- [...]
- “O que o tênis de Molly tem a ver com isso? Connie estava cada vez mais confusa”.
- “Sabe, as lésbicas são masculinas e atléticas. Quero dizer, Molly é bonita e tudo mais, mas ela é uma atleta melhor do que a maioria dos meninos que vão a escola, e além disso ela não age como uma garota,

sabia? Não sou assim. Eu simplesmente amo Molly. Isso não me torna *queer*” (BROWN, 1977, p. 106).<sup>129</sup>

Ao afirmar que Molly tem ótimo desempenho esportivo, Carolyn a coloca no patamar masculino, já que, como visto, para ela, ser lésbica é sinônimo de ser masculina. Carolyn insiste em, mesmo dentro da homossexualidade, inserir padrões heterossexuais, como é o caso da diferenciação entre masculino e feminino. Butler refuta a classificação dos corpos, principalmente dentro do contexto *gay*, como pode ser visto abaixo:

A “presença” das assim chamadas convenções heterossexuais nos contextos homossexuais bem como a proliferação de discursos especificamente *gays* da diferença sexual, como no caso de *butch* e *femme* como identidades históricas de estilo sexual, não pode ser explicada como a representação quimérica de identidades originalmente heterossexuais. E tampouco elas podem ser compreendidas como a insistência perniciosa de construtos heterossexistas na sexualidade e na identidade *gays*. A repetição de construtos heterossexuais nas culturas sexuais *gay* e hétero bem pode representar o lugar inevitável da desnaturalização e mobilização das categorias de gênero (BUTLER, 2015, a p. 66-67).

A persistência em rotular corpos em masculino e feminino representa uma desnaturalização das categorias de gênero e coloca o *gay* como sendo uma cópia do hétero, obrigando-o a, ainda dentro de uma categoria distinta, seguir padrões impostos pela heterossexualidade compulsória:

A repetição de construtos heterossexuais em estruturas não heterossexuais salienta o *status* cabalmente construído do assim chamado heterossexual original. Assim, o *gay* é para o hétero não o que uma cópia é para o original, mas, em vez disso, o que uma cópia é para uma cópia. A repetição imitativa do “original” revela que o original nada mais é do que uma paródia da *ideia* do natural e do original (BUTLER, 2015a, p. 66-67).

---

<sup>129</sup> Cf. o original: “Of course not. Nobody knows but you. You know what would happen if it leaked out”. Yeah, everybody would call you queer, which you are, I suppose. Connie! Carolyn shrieked. We are not queer. How can you say that? I’m very feminine, how can you call me a queer? Maybe Molly, after all she plays tennis and can throw a football as far as Clark, but not me. [...] What does Molly’s tennis have to do with it? Connie was becoming increasingly confused. You know, lesbians are boyish and athletic. I mean Molly’s pretty and all that but she’s a better athlete than most of the boys that go to this school, and besides she doesn’t act like a girl, you know? I’m not like that at all. I just love Molly. That doesn’t make me a queer (BROWN, 1977, p. 106).

Molly foge a todas essas categorizações, conforme análise realizada até aqui. Isso pode ser comprovado ao observarmos que, ainda em diálogo com a amiga Connie, questionando o porquê das rotulações, como afirma Galbiati (2013, p. 58), verificamos no trecho a seguir “o estilo (não muito usual para a época) cortante, sarcástico e bem humorístico de Rita Mae Brown ao tratar da homossexualidade feminina no processo da maior busca pela identidade”:

- “Você acha que você é *queer*?”
- “Oh, ótimo, você também. Então agora eu uso este rótulo ‘*Queer*’ embutido em meu peito. Ou eu sempre poderia tatuar um ‘L’ vermelho na minha testa. Por que todo mundo tem que colocar a gente numa caixa e nomear a tampa? Não sei o que sou - polimorfa e perversa. Merda. Eu nem sei se sou branco. Eu sou eu. É tudo o que sou e tudo o que quero ser. Preciso ser algo? Connie olhou para suas mãos e franziu as sobrancelhas. “Vamos, Connie, o que se passa em sua cabeça?”
- “Não, a gente não tem de ser nada. Desculpe ter perguntado se você é ‘*queer*’” (BROWN, 1988, p. 108).<sup>130</sup>

Molly reafirma preocupar-se apenas com a questão de ser ela mesma, independente da orientação sexual. A forma como a protagonista vive é considerada inaquada na visão de Connie. A amiga afirma não poder mais confiar em Molly, já que ela não se encaixa nos padrões patriarcais. Apesar disso, a protagonista segue normalmente, mesmo após sofrer com o afastamento e preconceito de Connie, como visto no primeiro capítulo.

A respeito do vocábulo *queer*, traduzido como “estranho” para o português, já utilizado em outros momentos neste trabalho, é necessário lembrar que, a princípio, é considerado uma forma pejorativa e ofensiva de se dirigir a qualquer indivíduo homossexual. No entanto, o termo, apropriado por alguns grupos, passou a “afirmar o caráter desestabilizador de seus modos de vida e negar o processo de normalização de suas vivências sexuais e afetivas” (RODRIGUES, 2010, p. 34). É com essa carga

---

<sup>130</sup> Cf. o original: “Do you think you’re queer “Oh great, you too. So now I wear this label ‘Queer’ emblazoned across my chest. Or I could always carve a scarlet ‘L’ on my forehead. Why does everyone have to put you in a box and nail the lid on it? I don’t know what I am - polymorphous and perverse. *Shit*. I don’t even know if I’m white. I’m me. That’s all I am and all I want to be. Do I have to be something?” Connie looked down at her hands and her eyebrows wrinkled over her eyes. “Come on, Connie, what’s on your mind?” “No, you don’t have to be anything. I’m sorry. I asked you if you were a queer (BROWN, 1988, p. 108).

política de subverter conceitos cristalizados e ressignificar uma forma de vida, fora dos padrões heterossexuais, que a noção de *queer* é utilizada por Molly.

Dessa forma, como afirma Galbiati (2013, p. 61) “a heroína não trilha o caminho tradicional de aprendizagem feminino, quebrando, portanto as expectativas que a sociedade tem em relação à mulher”. A protagonista então, apesar de se autodenominar *queer*, tem consciência de pertencer a esse grupo e, por ele, reivindica lugares na sociedade tradicional.

## ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

As questões de gênero continuam sendo discutidas. Já estamos no século XXI, entretanto, a ideia de que um indivíduo deve construir a orientação sexual na plena consonância entre sexo biológico e gênero ainda é uma constante no pensamento de grande parte da sociedade. Ser homem ou ser mulher implica inúmeras imposições sociais a serem seguidas. A noção de que o binarismo sexo/gênero impera na construção da identidade de gênero está há anos difundida no pensamento patriarcal. Como afirma Weeks, além de impor apenas duas opções a serem seguidas, macho ou fêmea, essa tradição perpetuada no sistema sexo/gênero como fonte de verdade absoluta, dita regras de como homens e mulheres devem se comportar dentro da sociedade padrão:

Historicamente, somos herdeiros da tradição absolutista. Ela supõe que as forças perturbadoras do sexo podem ser controladas apenas por uma moralidade muito cristalinamente definida, uma moralidade inscrita em instituições sociais: o casamento, heterossexualidade, a vida familiar e a monogamia (WEEKS, 2016, p. 74).

De acordo com o exposto, a noção de moral está atrelada à ideia de seguir a ordem e cumprir as regras, realizando-se os estágios propostos pela tradição, como, por exemplo, casar-se dentro dos preceitos da heterossexualidade compulsória. É interessante notar que, dentro dessa teoria, os ideais heterormativos, que parecem naturais e inerentes ao ser, são na verdade impostos. O indivíduo não tem direito de escolha dentro de um sistema excludente que força a existência de apenas duas identidades de gênero possíveis: a masculina ou a feminina, conforme observamos abaixo:

A despeito de todas as oscilações, contradições e fragilidades que marcam esse investimento cultural, a sociedade busca, intencionalmente, através de múltiplas estratégias e táticas, “fixar” uma identidade masculina ou feminina “normal” e duradoura. Esse intento articula, então, as identidades de gênero “normais” a um único modelo de identidade sexual: a identidade heterossexual (LOURO, 2016, p. 25).

É na vontade de repensar esse cenário repleto de resquícios misóginos, machistas e homofóbicos herdado das gerações antepassadas que surgiu a tese deste trabalho. Pensamos que, na atualidade, o binarismo sexo-gênero não dá mais conta de

suprir a diversa demanda de orientações sexuais a que temos acesso. Então, como explicar a uma criança que o amiguinho não gosta de jogar futebol, mas prefere dançar? Como abordar a soberania masculina no que se refere a melhores qualidades de vida, sendo que as mulheres são tão humanas quanto os homens? De que maneira iniciar uma conversa sobre a possibilidade de famílias homossexuais adotarem crianças que têm sido diariamente abandonadas por casais heterossexuais? Por que desconsiderar a existência de um homossexual pautando-se apenas na orientação sexual? Estes questionamentos, dentre outros, sugerem uma mudança ocorrendo na teoria de gênero e essa precisa ser atualizada, para conseguir inserir no rol de existências, vidas antes relegadas à exclusão, pois:

É fácil concluir que nesses processos de reconhecimento de identidades inscreve-se, ao mesmo tempo, a atribuição de diferenças tudo isso implica a instituição de desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias, e está, sem dúvida, estreitamente imbricado com as redes de poder que circulam numa sociedade. O reconhecimento do “outro”, daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos (LOURO, 2016, p. 15).

Ao se colocar o homem, branco, heterossexual e de classe média alta acima de outras vidas, como as mulheres (brancas ou negras), os homens (negros) e os homossexuais, cria-se a hierarquização social base para a repercussão de preconceitos sem fundamentos concretos, baseados apenas em uma estereotipação do masculino como sendo superior. Como podemos observar abaixo, tudo gira em torno do masculino:

A linguagem da sexualidade parece ser avassaladoramente masculina. A metáfora usada para descrever a sexualidade como uma força incansável parece ser derivada de suposições sobre a experiência sexual masculina [...] De fato, os sexólogos frequentemente perpetuaram uma tradição antiga, que via as mulheres como "o sexo", como se seus corpos estivessem saturados de sexualidade que nem havia necessidade de conceptualizá-la. Mas é difícil evitar a sensação de que, em seus escritos e talvez também em nossa consciência social, o modelo de sexualidade é o masculino. Os homens são os agentes sexuais ativos; as mulheres, por causa de seus corpos altamente sexualizados, ou apesar disso, eram vistas como meramente reativas, “despertadas para a vida” pelos homens (WEEKS, 2016, p. 41).

A linguagem masculina, detentora do poder, está presente no nosso dia a dia. No entanto, como faríamos a proposta na mudança de pensamento desses ideais de modo a sensibilizar o leitor com a dor do outro? A resposta é simples: por meio da literatura. O fazer literário das autoras escolhidas para compor nosso corpus é capaz de modificar a visão do leitor sobre determinado assunto, graças ao teor irônico e questionador com que cada uma delas constrói seu texto. A linguagem masculina, com teor preconceituoso, por exemplo, foi encontrada no corpus selecionado para esta análise. No entanto, a ideia não é perpetuar essa linguagem, pelo contrário, é mostrar que somos capazes de libertar indivíduos até então estigmatizados dos resquícios desse discurso patriarcal e obsoleto.

A imposição do discurso machista, segundo o qual a mulher é incapaz de realizar quaisquer atos por ser inferior ao homem, está presente nas obras *Rubyfruit Jungle*, *Hotel Dulac*, *Sapato de salto* e *Duas iguais*. Seguindo a noção de que o homem é o centro do universo, temos a figura de Rodolfo, em *Sapato de salto*. Para a personagem, o mundo oferece apenas duas opções de gênero: ser homem ou ser mulher. Com base nisso, Rodolfo sente-se no direito de oprimir mulher e filho, por serem ambos inferiores a ele. Paloma sofre com as imposições do marido, já que é mulher e lhe deve obediência. O filho, Andrea Doria, em processo de construção da identidade *gay*, sofre com a não aceitação do pai que, a todo instante, utiliza-se de discurso e atitudes violentas para reverter a situação e manter a dignidade do filho homem.

Em *Rubyfruit Jungle* e *Duas iguais* foi possível observar a negação de direitos femininos no que concerne à profissão adotada pela mulher. A perpetuação do discurso tradicional de que mulher deve ficar em casa, provendo o conforto familiar e priorizando as vidas do marido e dos filhos está presente nas obras. Tanto a protagonista Molly quanto Clara, de ambos os romances, mostram-se interessadas em atuar nas áreas do saber tradicionalmente tidas como masculinas. Foi possível observarmos todo o discurso que pauta a impossibilidade de elas assumirem a posição de jornalistas, embasado na noção de que a mulher deve se curvar ao homem, não ocupando seu espaço no âmbito público. As protagonistas transgridem as regras ao conseguirem os empregos e se mostrarem competentes independentemente do gênero que possuem.

Já em *Sapato de salto* a submissão da mulher acontece em grau um pouco mais elevado – as personagens femininas sofrem desde assédios morais, como é o caso de Paloma, até o suicídio provocado pela ideia de não se encaixar nas normas, representado

por Maristela. Nesta obra, *Bojunga* questiona os papéis socialmente construídos que colocam a mulher em desvantagem. Considerada pela crítica como literatura para crianças e jovens, a autora consegue na obra fazer com que o leitor reflita a situação de seres cujos direitos foram negados, por não fazerem juz ao padrão. Adentrar o universo infantil, por meio da personagem Sabrina, é esperar encontrar um mundo de fantasias. Mas não é o que acontece. A protagonista mirim é triplamente vítima da sociedade patriarcal ao ser abandonada pela mãe, sem condições de lhe criar, depois ao ser estuprada pelo pai adotivo, como forma de manter seu sustento na casa e, por fim, ter de optar pela prostituição, a fim de ter seu sustento e da avó garantidos. O mesmo acontece com as demais personagens femininas: a avó, dona Gracinha, enlouquece com o abandono do marido. Inês, a tia de Sabrina, vê na prostituição a única saída e, por fim, Paloma, casa-se por amor e se submete às vontades do marido, pois precisa seguir as regras e manter-se abaixo dele na hierarquia social.

Os ideais machistas também são questionados na obra de Anita Brookner. Para problematizar a posição da mulher na sociedade dos anos 1970, a escritora insere a protagonista, Edith, a princípio, muito ligada à tradição e a ideia de que o casamento é a melhor opção para mulheres de bem. O casamento como instituição social é um dos principais tópicos de Brookner. Ela mostra, dentro da perspectiva de várias personagens femininas, as vantagens e desvantagens da instituição e, com certa ironia, tenta desconstruir a visão idealizada do casamento como a melhor opção para as mulheres.

Edith e Paloma podem ser equiparadas no que diz respeito à subversão do sistema opressor na medida em que, cada uma a sua maneira e dentro de suas possibilidades, mostra ser possível viver normalmente sem a necessidade da figura masculina como centro norteador de suas vidas.

Por fim, observamos o discurso machista também proferido por mulheres. Rita Mae Brown mostra que até mesmo dentro dos oprimidos há a possibilidade de se encontrar alguém utilizando do discurso do opressor a fim de perpetuar os ideais da tradição. Nesse contexto, analisamos a personagem Carrie, mãe de Molly, que, ao invés de incentivar a filha a não se submeter ao padrão imposto, faz exatamente o contrário ao tentar impor cada vez mais regras para que a filha não se sobressaia como mulher.

Ao mesmo tempo em que as escritoras mostram a possibilidade de o discurso tradicional, baseado no binômio sexo/gênero, estar presente na sociedade contemporânea, também criam meios para que indivíduos até então deixados de lado

possam existir e mostrar suas vidas merecedoras de atenção assim como àquelas sempre no topo da hierarquia. Como afirma Butler, houve uma mudança na perspectiva dual e sexo e gênero não precisam mais estar alinhados para construir um sujeito digno da existência. Para a filósofa:

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável, em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo (BUTLER, 2015a, p. 26).

Conforme observamos, a biologia deixa de ser o destino. O gênero passa a ser construído culturalmente, abrindo maiores possibilidades de existência. Novas formas de feminilidades e/ou masculinidades são aceitas e deixam de ser exclusivas de corpos feminino e/ou masculinos, respectivamente. Butler questiona até que ponto os corpos já nascem com determinado gênero e devem responder, como forma de identificação, a que gênero pertencem:

Haverá “um” gênero que as pessoas *possuem*, conforme se diz, ou é o gênero um atributo essencial do que se diz que a pessoa é, como implica a pergunta “Qual é o seu gênero?” Quando as teóricas feministas afirmam que o gênero é uma interpretação cultural do sexo, ou que o gênero é construído culturalmente, qual é o modo ou mecanismo dessa construção? Se o gênero é construído, poderia sê-lo diferentemente, ou sua característica de construção implica alguma forma de determinismo social que exclui a possibilidade de agência ou transformação? (BUTLER, 2015a, p. 28).

É a partir dessa proposição de Butler, de que o binarismo sexo/gênero é desconstruído, a fim de que o sexo seja culturalmente interpretado que pautamos nossa pesquisa. Somente a partir dessa visão podemos incluir na análise as personagens homossexuais que não se encaixam na dualidade homem ou mulher.

Dessa forma, no segundo capítulo da tese optamos por analisar as personagens que só puderam ser visibilizadas graças à teoria de Butler e demais teóricas que lutaram pela inclusão das vidas até então abjetas. Dentro dos cinco romances selecionados foi possível encontrar representantes dessas novas categorias de gênero. Conforme afirma

Louro, a tendência sempre foi de que os grupos centrais representassem as margens, falando por elas:

Distintas e divergentes representações podem, pois, circular e produzir efeitos sociais. Algumas delas, contudo, ganham uma visibilidade e uma força tão grandes que deixam de ser percebidas como representações e são tomadas como sendo a realidade. Os grupos sociais que ocupam as posições centrais, “normais” (de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião, etc.) têm possibilidade não apenas de representar a si mesmos, mas também de representar os outros. Eles falam por si e também falam pelos "outros" (e sobre os outros); apresentam como padrão sua própria estética, sua ética ou sua ciência e arrogam-se o direito de representar grupos (LOURO, 2016, p. 16).

No entanto, nossas escritoras fogem à regra e possibilitam uma nova forma de ouvirmos às histórias: por meio da voz das próprias personagens vivenciando contextos excludentes. Ou seja, ao invés de sermos apresentados às questões de homossexualidade sob o viés do homem patriarcal, por exemplo, verificamos uma subversão de valores e a história nos é contada por aqueles cuja autoridade de fala nos descreve suas dores e anseios sem julgamentos de valores.

Dentro dessa nova perspectiva de gênero, encontramos personagens que transcendem às noções de masculinidade, de feminilidade e aquelas que não se encaixam nos padrões heteronormativos impostos. Em *Sapato de salto* verificamos que a mulher, ao conquistar o espaço público, intimida o homem, que perde lugar e é obrigado a reestruturar suas obrigações com base na nova versão do homem na contemporaneidade. Nesse viés, temos a personagem Leonardo, diferente de Rodolfo. Leonardo representa o homem sensível que não se envergonha de, por exemplo, chorar em público, interessar-se por questões de culinária, dentre outras formas de pensamento que, na tradição, fariam parte do repertório feminino. Essa personagem nos mostra ser possível, para um homem, dosar masculinidade e feminilidade e, ainda assim, não perder o status de homem. A contraparte também existe em nossas obras. Em *Rubyfruit Jungle* é possível observar a protagonista Molly, ao subverter os padrões, evitando ao máximo agir como uma mulher tradicional e procurando, de qualquer maneira, desvincular-se da imagem da mulher sensível e incapaz. Em várias passagens da narrativa, suas ações são comparadas a de meninos. A protagonista, dessa forma, questiona a todo instante as imposições que diminuem as mulheres.

*Rubyfruit Jungle*, *Sapato de salto*, *Duas Iguais* e *The Front Runner* assemelham-se também no que se diz respeito à representatividade homossexual. No primeiro romance, apesar de Molly não se rotular como lésbica, Rita Mae Brown insere personagens homossexuais para questionar a sociedade vigente. Por meio de Molly e Leroy, por exemplo, é possível notar como a identidade *gay* vem, vagarosamente, rompendo os padrões há tanto tempo edificados e, felizmente, abrem espaço para a representação de novos ideais.

*Sapato de salto*, além de tratar da identidade masculina, tradicional ou não, e da feminina, por meio da personagem Andrea Doria mostra a realidade de um adolescente que se identifica com sujeitos do mesmo sexo, mas ainda encontra-se confuso entre os padrões impostos e aqueles que realmente deseja viver. Como observado, as indagações de Andrea fazem com que o leitor compartilhe as angústias do menino, tendo a possibilidade de estar junto a ele nesta busca identitária.

Diferentemente do romance anterior, em *The Front Runner*, Patricia Nell Warren traz questionamentos mais diretos a respeito do direito de ser *gay* em uma sociedade heteronormativa. A todo instante a personagem Harlan Brown ironiza a sociedade americana por criar estereótipos de gênero masculino a serem seguidos e, ao mesmo tempo, burlar o sistema ao omitir a existência de casos que fogem do padrão. O protagonista, ao mesmo tempo em que consegue se sobressair das amarras heterossexuais, é atingido ainda pelo discurso de ódio da sociedade não preparada para lidar com relacionamentos *gays*. Ao retratar a morte de Billy, parceiro do protagonista, Warren procura mostrar como os corpos abjetos viram vítimas do discurso homofóbico e, ainda assim, não passam de estatísticas dentro de um sistema que não se compadece com o outro.

Em *Duas iguais*, Cíntia Moscovich insere a narrativa de um casal de mulheres apaixonadas e tenta subverter as amarras sociais. Ana e Clara, apesar de lutarem contra as normas para ficarem juntas, terminam sucumbidas pelas obrigações sociais – uma viaja para estudar fora e a outra se casa com o pretendente escolhido pela família. Apesar de fracassarem no objetivo de permanecerem juntas, as personagens são sim subversivas, pois, dentro das possibilidades, fazem o necessário para não se submeterem aos ideais impostos. No entanto, Moscovich é menos sarcástica do que Brown que, por exemplo, tem em Molly uma verdadeira transgressora de regras.

Ao longo de todas as histórias, notamos a presença do discurso de ódio ferindo os direitos de os sujeitos serem quem são. Esse discurso foi analisado juntamente aos acontecimentos que mais chamaram a atenção durante a leitura dos textos. Notamos, por exemplo, que está presente, sutilmente, no contexto familiar tanto de Andrea Doria, quanto de Ana e Clara; nas oposições ao trabalho de Harlan Brown e de Clara e Molly. E faz-se de modo trágico na morte de Billy.

Desta maneira, concluímos, com base no pensamento de Butler, que, antes de qualquer rótulo, vidas importam e devem ser vividas com os mesmos direitos e os mesmos deveres. Hoje, não é mais possível considerarmos uma identidade fixa. A necessidade de outros corpos falarem exige que transitemos em grande pluralidade de lugares, antes escondidos:

Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural (LOURO, 2016, p. 12).

A afirmação de Louro, a respeito do caráter transitório das identidades, pode ser relacionada ao pensamento de Butler a respeito da performatividade do gênero. De acordo com a performatividade, o gênero se faz dentro de um contínuo de ações que acontece repetidamente. É essa repetição que possibilita a existência de identidades plurais. O ser humano pode então assumir o gênero de acordo com a necessidade em que se encontra.

Sendo assim, quais vidas importam dentro de um contexto tão amplo? Segundo Butler, esse questionamento tem sido frequente nas sociedades contemporâneas: “as questões de quem pode ser reconhecido, e cujas vidas são consideradas habitáveis, obviamente pertencem a muitas populações contemporâneas” (BUTLER, 2018, p. 21, no prelo).<sup>131</sup> Atrevo-me a responder dizendo que todas as vidas importam. Antes de assumirmos nosso papel de gênero, como homens, mulheres, *gays*, *lésbicas*, etc., somos seres humanos e devemos ser tratados como tal.

---

<sup>131</sup>Cf. o original: “*the questions of who can be recognized, and whose lives are considered livable, obviously pertains to many contemporary populations*” (BUTLER, 2018, p. 21, no prelo).

Como foi possível observar nos romances analisados, as autoras escolhidas para esta discussão tentam modificar o pensamento tradicional de superioridade. Cabe a cada um de nós fazermos nossa parte e lutarmos pela possibilidade de que outras vidas sejam vividas dignamente. Finalizando com a citação de Butler (2018, p. 14, no prelo),<sup>132</sup> “nenhum de nós é suficiente sozinho. Temos de viver em um mundo social que afirma e aborda a nossa insuficiência como indivíduos para proporcionar todas as condições que precisamos para viver e viver bem”, ressaltamos que é nosso dever romper discursos de ódio e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, na qual todos possam ter o direito de ser quem são, ressignificando identidades, independentemente de rótulos que obscurecem o desejo de ser quem realmente são.

---

<sup>132</sup>Cf. o original: “*none of us are sufficient on our own. We have to live in a social world that affirms and addresses our insufficiency as individuals to provide all the conditions we require to live, and to live well*” (BUTLER, 2018, p. 14, no prelo)

## BIBLIOGRAFIA

ALÓS, A. P. *Prolegomena queer: gênero e sexualidade nos estudos literários. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Linguagens em diálogo*. n 42, 2011, p. 199-217.

\_\_\_\_\_. *A letras, o corpo e o desejo: masculinidades subversivas no romance latino-americano*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2012.

AUSTIN, J.L. *How to do things with words*. Cambridge: Harvard University Press, 1975.

AWKWARD, M. *Negotiating Difference: Race, Gender and the Politics of Positionality*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

AZEVEDO, V. L. R.. Tradição e ruptura em autores brasileiros contemporâneos. Cadernos de Letras da UFF. Rio de Janeiro: 2008. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo17.pdf>. Acesso em: 30 de junho de 2013, às 17h30.

BADINTER, E. *Um amor conquistado: os mitos do amor materno*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

\_\_\_\_\_. *XY: sobre a Identidade Masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARRETO, M. P. S. L. Patriarcalismo e feminismo: Uma retrospectiva histórica. Revista Ártemis, n. 1, 2004.

BEAUVOIR, S. Fatos e mitos. In: *O segundo sexo*. Paris: Gallimard, 1970. v. 1.

\_\_\_\_\_. A experiência vivida. In: *O segundo sexo*. Paris: Gallimard, 1967. v. 2.

BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Memória e Sociedade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1989.

\_\_\_\_\_. *A Dominação Masculina*. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.

\_\_\_\_\_. *A Distinção: Crítica social do julgamento*. Trad. Daniela Kern; Guilherme. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOJUNGA, L. *Sapato de salto*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2011.

BREINES, I.; CONNELL, R.; EDIE, I. *Male Roles, Masculinities and Violence*. Paris: UNESCO, 2000.

BRITZMAN, D. O que é esta coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, , jan./jun. 1996, p. 71-96.

BROD, H. (Org.) *The Making of Masculinities: the New Men's Studies*. Boston: Allen and Unwin, 1987.

BROOKNER, A. *Hotel du Lac*. Great Britain: Butler & Tanner Ltd, Frome and London, 1984.

\_\_\_\_\_. *Hotel do Lago*. Trad. Donaldson Garschagen. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

BROWN, R. M. *Rubyfruit Jungle*. New York: Bantam Books, 1988.

BUTLER, J. *Bodies That Matters: On the Discursive Limits of Sex*. New York: Routledge, 1993.

\_\_\_\_\_. *Excitable Speech: A Politics of the Performative*. Great Britain: Routledge, 1997.

\_\_\_\_\_. O parentesco é sempre tido como heterossexual?. Cad. Pagu [online], n.21. 2003. p. 219-260. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332003000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000200010&lng=en&nrm=iso). Acesso: 10 jan 2017.

\_\_\_\_\_. *Undoing gender*. Great Britain: Routledge, 2004

\_\_\_\_\_. Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig, Foucault In: BENHABIB, S. & COLLIN, F. Teorias da diferença dos sexos. In: HIRATA, H. *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora da UNESP, 2009, p. 59-66.

\_\_\_\_\_. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.

\_\_\_\_\_. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015b.

\_\_\_\_\_. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In LOURO, G.L. *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p.151-172.

\_\_\_\_\_. Rethinking Vulnerability and Resistance. In: BUTLER, J.; GAMBETTI, Z.; SABSAY. L. (Orgs.) *Vulnerability in Resistance*. USA: Duke University Press, 2016.

BUTLER, J.; GAMBETTI, Z.; SABSAY. L. Introduction. In\_\_\_\_\_. *Vulnerability in Resistance*. USA: Duke University Press, 2016.

\_\_\_\_\_. Bodies That Still Matter. In: NIGRO, C.M.; CHATAGNIER, J.C.; FERNANDES, E.; LARANJA, M. R.R. (Orgs.) *Corpos que (se) importam: refletindo questões de gênero na literatura e em outros saberes*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018 (no prelo)

CHATAGNIER, J.C. *O gênero em questão: crítica e formação nos Bildungsromane The Secret Life of Bees, de Sue Monk Kidd, e Sapato de salto, de Lygia Bojunga*. 2014.

186 f. Dissertação(mestrado em Teoria da Literatura). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Unesp, São José do Rio Preto, 2014.

COSTA, R. G. De clonagens e de paternidades: as encruzilhadas do gênero. *Cadernos Pagu* (11), 1998, p.157-199.

CONNELL, R.W.; MESSERSCHMIDT, J.W. (2005). "Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept". *Gender & Society*. Singapore: SAGE Publications.

DALCASTAGNÈ, R. "A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004". *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n.º 26. Brasília, julho-dezembro de 2005, p. 13-71.

DINIZ, G.; SANTOS, L.. Donas de casa: classes diferentes, experiências desiguais. *Revista Psicologia Clínica*. Vol. 23, n. 3, Rio de Janeiro, 2011.

DIPIERO, T. *Why Men Aren't*. Durham and London, Duke UP, 2002.

DUMONT, Louis. The individual as an impediment to sociological comparison and Indian history. In: *Religion, politics and history*. Paris, 1970, p. 133-150.

ESCAPLES, E. A. (Org.). *Transformações & Invariâncias: Diversidade Sexual*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

FELMAN, S. *What Does a Woman Want?: Reading and Sexual Difference*. London: The Johns Hopkins University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. *Writing and Madness*. California: Standford University Press, 2003.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: A Vontade de Saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

GALBIATI, M. A. *Reverendo o gênero: a representação da mulher no Bildungsroman feminino contemporâneo*. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista. Instituto de Letras, Biociências e Ciências Exatas. São José do Rio Preto. 2013.

GAMBETTI, Z. Risking Oneself and One's Identity. In: BUTLER, J.; GAMBETTI, Z.; SABSAY, L. (Orgs.) *Vulnerability in Resistance*. USA: Duke University Press, 2016.

GARCIA, S. M. .Conhecer os Homens a Partir do Gênero e para além do Gênero. In RILHA, M.; RIDENTI, U.S G., e MEDRADO, B. (Org.). *Homens e Masculinidades: outras Palavras*. São Paulo: UNESP, 1998.

HALBERSTAM, J. Female Masculinity. In RIVKIN, J.; RYAN, M. (Orgs.) *Literary Theory: An Anthology*. 2 ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

HEILBORN, M. L. Gênero: um olhar estruturalista. In: PEDRO, J. M.; GROSSI, M.P. (Orgs.) *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006, p. 43 – 56.

\_\_\_\_\_. “Gênero e hierarquia: a costela de Adão revisitada”. *Estudos Feministas*, 2000, p. 40 – 82.

\_\_\_\_\_. “De que gênero estamos falando? In: Sexualidade, Gênero e Sociedade ano 1, nº 2 CEPESC/IMS/UERJ, 1994.

HOLLANDA, H. B. Introdução. In: \_\_\_\_ *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

\_\_\_\_\_. Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: uma primeira avaliação. In: KAUFMAN, M.; BROD, H. (Org.). *Theorizing Masculinities*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994.

KIMMEL, M. (Org.) *The Gendered Society*. New York & Oxford: Oxford University Press, 2000.

LACAN, J, *O Seminário, livro 18, De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LACLAU, E. Discurso, Hegemonía y Política. Consideraciones sobre la Crisis del Marxismo In: CAMPO, J.L.M. (Org.). *Los Nuevos Procesos Sociales y la Teoría Política Contemporanea*. México: Siglo XXI, 1985.

\_\_\_\_\_. *New Reflections on the Revolution of Our Time*. London: Verso, 1990.

\_\_\_\_\_. A política e os limites da modernidade. In: HOLLANDA, H.B. (Org.) *Pós-modernismo e política*. São Paulo: Rocco, 1992.

\_\_\_\_\_. Power and Representation, In: POSTER, M. (Org.) *Politics, Theory, and Contemporary Culture*. New York: Columbia University, 1993.

\_\_\_\_\_. Universalismo, particularismo e a questão da identidade. Traduzido por Joanildo A. Burity. *Revista Novos Rumos*, São Paulo, ano 8, n. 21, 1993.

\_\_\_\_\_. Sobre los nombres de Dios. In: \_\_\_\_\_. *Misticismo, retórica y política*. Buenos Aires: FCE, 2002.

\_\_\_\_\_; MOUFFE, C. *Hegemonia y estrategia socialista: hacia una radicalización de la democracia*. Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2004.

LAGE, L; NADER, M.B. Da legitimação à condenação social. In: PINSKY, C.B.; PEDRO, J.M (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

LAKOFF, R. Linguagem e lugar da mulher. In: OSTERMAN, A. C.; FONTANA. B. *Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

LAQUEUR, T. *Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos Gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LARANJA, M.R.R. *Identidade marginal na literatura para crianças e jovens: as personagens de Lygia Bojunga*. 2009. 122 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Unesp, São José do Rio Preto, 2009.

LENTCRICCHIA, F. & MCLAUGHLIN, T. *Critical Terms for Literary Studies*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

LESSA, A. O feminismo-lesbiano de Wittig. *Revista Ártemis*, v. 7, p. 93 -100, dez. 2007.

LESSING, D. *The Golden Notebook*. New York: Banam, 1977.

LISBOA, M.R.Z. Masculinidade: as críticas ao modelo dominantes e seus impasses. In: PEDRO, J. M.; GROSSI, M.P. (Orgs.) *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006, p. 131 - 138

LOURO, G. L. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

\_\_\_\_\_. “Pedagogias da Sexualidade”. In: LOURO, G.L. *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 7 - 34.

MACKINNON, C. *Feminist, Marxism, Method and the State: An Agenda for Theory*, Signs, 7, 1982.

MADLENER, F.; DINIS, N.F. A homossexualidade e a perspectiva foucaultiana. *Rev. Dep. Psicol.*, UFF [online]. vol.19, n.1, 2007, p.49-60. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232007000100004>. Acesso em: 28 de Ago 2017.

MISKOLCI, R. A teoria *queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normatização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

MITCHEL, J.; ROSE, J. Women, Class and Sexual Difference”. “History Workshop” , 1982, p. 125-135

MOREIRA, N.M.B. *A condição feminina revisitada: Julia Lopes de Almeida e Kate Chopin*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 29-73.

MORGAN, G. *Imagens das Organizações*. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

MOSCOVICH, C. *Duas iguais*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MOUFFE, C. Feminismo, cidadania e política democrática radical. *Debate feminista*. São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1999, p. 29-47.

NIGRO, C. M. C.; CHATAGNIER, J.C. *Literatura e gênero*. São José do Rio Preto: Editora HN, 2015.

NIGRO, C.M.C. A literatura que abriga mulheres. In: BORGES, L. *Tessituras literárias: cultura, identidade e outras artes*. São Paulo: Mercado de Letras, 2017.

NIGRO, C. M. C.; CHATAGNIER, J.C. ; LARANJA, M. R. R. . O estupro sob a ótica feminina: violência e gênero na literatura.. *Revista Afluentes*, v. 2, 2017, p. 141-159.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 9 - 41, 2000.

NYE, A. *Teoria feminista e as filosofias do homem*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

\_\_\_\_\_. Diversidad cultural y cosmopolitismo. *Nueva Sociedad*. n. 155. Mai/Jun.1998, p. 23-36.

\_\_\_\_\_. Modernidad - Mundo e Identidades. *Estudios sobre las culturas contemporaneas*. Jul. v.3. n.5. Colima: Universidad de Colima, 1997. p. 97-108.

PAETCHER, C. *Being Boys, Being Girls: Learning Masculinities and Femininities*. New York: Opening University Press, 2007.

PEDRO, J. M.; GROSSI, M.P. (Orgs.) *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006.

PINTO, J. P. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. *D.E.L.T.A.*, v. 23, n. 1, p. 1 -27, 2007.

\_\_\_\_\_. Estilizações de gênero em discurso sobre a linguagem. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) -IEL, Unicamp, Campinas, 2002.

PISCITELLI, A. Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas feministas. In: AGUIAR, N. (Org.) *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências e perspectivas das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 51 - 65.

PRECIADO, B. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N1 edições, 2014.

RAJAGOPALAN, K. Dos dizeres diversos em torno do fazer. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 6, n.2, 1990.

RICH, A. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. In: GELP, Barbara C. & GELP, A. (ed.). *Adrienne Rich's Poetry and Prose*. New York/London: W.W. Norton & Company, 1993.

RODRIGUES, C. Butler e a desconstrução do gênero. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 179 - 183, abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a12v13n1.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2012, 14:16.

RODRIGUES, H.J.A. *Pensando minorias sexuais e de gênero sob a perspectiva das políticas públicas e de subjetivação*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

RORTY, R. "Nineteenth-Century Idealism and Twentieth-Century Textualism". *The Monist*, v. 64, Issue 2, April. 1981.

RUBIN, G. The traffic in women: notes on the 'political economy' of sex. In: REITER, R. (Org.). *Toward an anthropology of women*. New York: Monthly Review, 1975, p. 157- 210.

SALIH, S. & BUTLER, J. *The Judith Butler Reader*. UK: Blackwell Publishing Ltd, 2010

SANTOS, B. S. *Entre Prospero e Caliban: Colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade*. In: RAMALHO, M.H., RIBEIRO, A.S., (Org.) Porto: Edições Afrontamento, 2001, p. 23-85. Disponível em:< <http://www.boaventuradesousasantos.pt/pages/pt/artigos-em-revistas-cientificas.php>> Acesso em: 30 de maio de 2012, às 12h35.

\_\_\_\_\_. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira, *Tempo Social*, v. 5, p. 31-52, 1993, Disponível em: <<http://www.boaventuradesousasantos.pt/pages/pt/artigos-em-revistas-cientificas.php>> Acesso em: 30 de maio de 2012, às 12h28.

\_\_\_\_\_. *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto: Edições Afrontamento: 1988.

\_\_\_\_\_. A Construção Multicultural da Igualdade e da Diferença. *Oficina do CES*. n. 135. Publicação seriada do Centro de Estudos Sociais. Praça D. Dinis. Colégio São Jerónimo, Coimbra, 1999. Disponível em: < <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/135/135.pdf>> . Acesso em: 30 de setembro de 2012, às 14h58.

\_\_\_\_\_. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 7 ed. Porto: Afrontamento, 1999.

\_\_\_\_\_; NUNES A. Para ampliar o cânone do reconhecimento da diferença e da igualdade. In: SANTOS, B. S. (Org.) *Reconhecer para Libertar, os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Porto: Afrontamento, 2004, p. 20 -44.

\_\_\_\_\_. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos estudos CEBRAP*, (79), 2007, p. 71-94. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>. Acesso em: 10 de agosto de 2015, às 1h28.

SANTOS, M. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SAYÃO, D. T. *Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu*. Perspectiva. Florianópolis, v.21, n.01, jan./jun.2003, p. 121-149.

SCHULMAN, S. Familial homophobia: an experience in search of recognition. In: *Ties that Bind: Familial Homophobia and Its Consequences*. New York: The New Press, 2009.

SCOTT, J. Gender: a useful category of historical analyses. *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press. 1989.

SILVA, A.D. Ser homem, ser mulher: as reflexões acerca do entendimento de gênero. In: *Mãe/mulher atrás das grades: a realidade imposta pelo cárcere à família monoparental feminina* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 51-100.

SILVA, D. N. *Brahma Kumaris: a construção performativa de identidades de gênero*. 2005. 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - IEL, Unicamp, Campinas, 2

SILVA, S. G. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 26(1), 2006, p. 118-131

SISCAR, M. A desconstrução de Jacques Derrida. In: NONNICI, T.; ZOLIN, L.O. *Teoria Literária: abordagens, histórias e tendências contemporâneas*. 1ed. Maringá: Ed. da Universidade Estadual de Maringá, 2003.

SPIVAK, G. Quem reivindica alteridade? In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 187-205.

\_\_\_\_\_. Can the subaltern speak? In: WILLIAMS, P.; CHRISMAN, L. (Orgs.). *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory: A Reader*, Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1993.

WARREN, P.N. *The Front Runner*. California: Wildcat Press, 1996.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In LOURO, G.L. *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 35-82.

WITTIG, M. The Category of Sex. *Feminist Issues*; v. 2, n.2, 1992, p. 63-68.

\_\_\_\_\_. One is not born a woman. ABELOVE, H. (org.) *The Lesbian and Gay Studies Reader*. New York: Routledge, 1993.

\_\_\_\_\_. *The Straight Mind: and other essays*. Boston: Beacon Press, 1992.

WOOLF, V. *A Room of One's Own*. Harmondsworth: Penguin Books, 1975.

XAVIER, E. *Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

ZOLIN, L. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. *Ipotesi, Juiz de Fora*, v. 13, n. 2, p. 105 - 116, jul./dez. 2009.

**TERMO DE REPRODUÇÃO XEROGRÁFICA**

Autorizo a reprodução xerográfica do presente Trabalho de Conclusão, na íntegra ou em partes, para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 8 de março de 2018.

---

Assinatura do autor